

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**NATHALIA CAVALCANTI DA SILVA**

**“EU VIVO NA FLORESTA/EU TENHO OS MEUS ENSINOS”:** AS EXPERIÊNCIAS  
COM AS *PLANTAS PROFESSORAS* ENTRE O PADRINHO SEBASTIÃO MOTA DE  
MELO E SUAS COMPANHEIRAS E COMPANHEIROS NO SANTO DAIME

**Recife  
2022**

NATHALIA CAVALCANTI DA SILVA

**“EU VIVO NA FLORESTA/EU TENHO OS MEUS ENSINOS”**: AS EXPERIÊNCIAS  
COM AS *PLANTAS PROFESSORAS* ENTRE O PADRINHO SEBASTIÃO MOTA DE  
MELO E SUAS COMPANHEIRAS E COMPANHEIROS NO SANTO DAIME

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof.º Dr. Alexandre Simão de Freitas

Recife  
2022

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Anáise de Santana Santos, CRB-4/2329

S586e

Silva, Nathalia Cavalcanti da.

“Eu vivo na floresta/Eu tenho os meus ensinos”: as experiências com as *Plantas Professoras* entre o Padrinho Sebastião Mota de Melo e suas companheiras e companheiros no Santo Daime / Nathalia Cavalcanti da Silva. – Recife, 2022.

232 f.: il.

Orientador: Alexandre Simão de Freitas.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2022.

Inclui Referências.

1. Santo Daime – Santa Maria. 2. Plantas professoras. 3. Historiografia não-formal da educação. I. Freitas, Alexandre Simão de. (Orientador). II. Título.

370 (23. ed.)

UFPE (CE2022-100)

**NATHALIA CAVALCANTI DA SILVA**

**“EU VIVO NA FLORESTA/EU TENHO OS MEUS ENSINOS”: AS EXPERIÊNCIAS  
COM AS *PLANTAS PROFESSORAS* ENTRE O PADRINHO SEBASTIÃO MOTA DE  
MELO E SUAS COMPANHEIRAS E COMPANHEIROS NO SANTO DAIME**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 26/09/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Betânia Barbosa Albuquerque (Examinadora Externa)  
Universidade Estadual do Pará

---

Prof. Dr. Silas Carlos Rocha da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Prof. Dr. Cleiton Barros Nunes (Examinador Externo)  
Universidade de Pernambuco

---

Prof. Dr. Aurino Ferreira Lima (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

*Ao meu pai, Romeu Cavalcanti (in memoriam),  
por me ensinar que as maiores fortalezas da vida se constroem através do amor.*

*À minha flor-do-amanhã, João Romeu,  
que tal qual as Plantas professoras, nunca me deixa ser a mesma.  
Sempre me direcionando para versões melhores de mim  
através da cura pela esperança e pelo afeto.*

## AGRADECIMENTOS

Os cinco anos dedicados ao doutoramento me colocaram em constantes quebras de expectativas. Foi uma intensa oportunidade de experienciar um fazer e refazer de mim, sobretudo na arte de si-encontrar ao si-perder. Muito além da pesquisa ou da docência, fazer as pazes com o que me compõe foi ímpar e instigante para notar, por brechas, meu lugar no mundo. Seja em sua pequenice ou força.

Pela seguridade da materialidade para sobreviver neste mundo de caos e crise política como estudante de pós-graduação, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo financiamento da pesquisa através de bolsa de estudos.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE na figura de suas e seus docentes, funcionárias/os e estudantes.

Agradeço ainda às alunas, alunos e alunas do curso de Pedagogia da UFPE pela oportunidade de vivenciar os dois semestres de Estágio Docência junto a pessoas tão sensíveis, corajosas e potentes ao campo educacional.

Ao grupo de pesquisa coordenado pela professora Adriana Maria Paulo da Silva, por me ensinar de diversas formas sobre meu lugar. Agradeço a Allan pela amizade sincera. Com carinho, eternamente agradecida por ter sido orientada por alguém tão competente como Adriana, a quem eu devo muitos dos saberes que me compõem como historiadora, professora e mulher. Pela maturidade em entender sempre as palavras que vinham do meu coração. Obrigada, professora!

Ao grupo de pesquisa Oficina de Pensamento Poéticas do Cuidado e Ontologias da Resistência, coordenado pelo professor Alexandre Freitas. Pela receptividade, pelo interesse na escuta, pelo apoio e, sobretudo, pela energética afetuosa, política e instigante.

À banca examinadora de qualificação e de defesa pelos aceites, a honra da presença e as contribuições que, efetivamente, fazem parte da construção desta pesquisa. As colocações feitas com tanta sensibilidade, assertividade e carinho. Reafirmo minha admiração e inspiração em docentes que buscam relações repousadas em empatia, afeto, amizade, cuidado e ética, sobretudo em um ambiente tradicionalmente hostil como o acadêmico. Assim, agradeço às professoras e professores: Aurino Lima, Ana Cláudia Ribeiro, Cleiton Barros, Silas Rocha e Maria Betânia Albuquerque. Em especial, grata pela disponibilidade da professora Maria Betânia em se deslocar de sua cidade para nos dar o privilégio de sua presença, abraço e aula presencial.

Toda gratidão às muitas irmandades daimistas visitadas e frequentadas neste período. De todo coração, agradeço particularmente, a oportunidade dos trabalhos vividos no Céu Encantado e no Céu de São Lourenço da Mata, por onde eu aprendi muito dos sentidos contidos nos pilares da Harmonia, do Amor, da Verdade, da Justiça, da Paz e da União.

Grata às pessoas, seres e ao sacerdócio presente no Ilé Omi Àṣẹ̀ Ìyálòdè: a Pai Thiago, Mãe Elaine e a todes com quem partilho uma relação de irmandade.

Em especial, o vivido no Acre e Amazonas ganhou lugar privilegiado de gratidão. Grata à quem me recepcionou e preocupou-se em articular minhas estadias: Juliano, Sivaldo, Thálita, Agarrube, Gil e Nataly. Agradeço a recepção das Madrinhas, Padrinhos, companheiras e companheiros antigos do Padrinho Sebastião tão somente para me contarem suas histórias, mas principalmente pelos abraços, pelas rezas, pelos cafés, medicinas compartilhadas e os espaços frutíferos de alegrias proseadas; risos largos, saberes intensos e de narrativas sinceras e singelas das quais eu nunca serei capaz de esquecer. Em especial, eternamente grata às pessoas de grande coração que dispuseram o aconchego de seus lares para eu poder conseguir desfrutar da experiência em campo: a Madrinha Marinez, Padrinho Feliciano, Padrinho Adriano (*in memoriam*), Tonha, Padrinho Valdete e a Madrinha Dodô.

Ser bem-agradecida é reverenciar presenças em minha vida. A palavra que melhor consigo encontrar para definir a relação de orientação que construí com o professor Alexandre durante esse período é acolhimento. Desde a ideia do projeto, até o encorajamento da ida ao campo, a paciência na leitura pormenorizada, as provocações precisas, as aulas geradoras de êxtase e emoções indescritíveis. Por sempre me receber com grande sorriso, sobretudo, dentro de um espaço que comumente invisibiliza e leva a crença de que a pesquisa é um trabalho incompatível com a maternidade e tudo o que dela decorre. Sabendo que cuidar de uma criança é algo que não cabe no lattes, agradeço pela sensibilidade em compreender meus espaços, tempos, angústias e demandas. Tendo aprendido pela episteme Yorùbá que Orí é o portal que carregamos na cabeça, agradeço pela ajuda em sustentar a minha. A orí-ent-ação vivida não se reduziu ao espaço da desta pesquisa, mas como parte atuante e desdobrada em muitos propósitos que carrego na vida. Gratidão eterna, professor!

Agradeço à minha mãe - maior rede de apoio que tenho na vida -, por todos os carinhos e amor empregados em atos, transferidos e alargados pela relação única com meu filho. Por sempre acreditar em mim e ser tão orgulhosa das nossas conquistas. Muitas e muitas vezes, somente seu coração é capaz de entender e agir empaticamente pelo meu lugar. Te amo, mainha!

À minha sobrinha, Heloísa, por ser agência transformadora singular em nossas vidas. O tanto que ensina é inestimável. É um presente te acompanhar aqui e agora. Te amo!

Grata às minhas irmãs queridas e tão amadas, Gabrielle e Gabriella. Por serem certeza de irmandade, de construções de saberes e valores. Os nossos caminhos serão sempre compartilhados como conjuntos e saber que tenho vocês perto traz conforto e convicção de que nunca estarei só. Obrigada por saberem ser irmãs.

Viver ganhou sons e tons diferentes desde que reencontrei o coração de quem veio a construir um lar e uma família comigo. Agradeço ao meu companheiro de vida, Douglas, pelo amor em sustentabilidade, em abraços e, principalmente, em cuidados. Ter você do lado é certeza de que consigo e saber que tenho para onde voltar sempre. Obrigada por ser morada, por se fazer de amor, por ser quem mais vibra de emoção com minhas conquistas e, principalmente, por exercer uma paternidade responsável e consciente. Te amo demais!

À minha enteada Maria Clara, por carregar e nos presentear com o dom de uma sabedoria tão ímpar. Por me apresentar tantas oportunidades de aprender ao ensinar, pelo equilíbrio que direciona tudo e todos e por ser potência de cura. Amo você, pequena!

No ano cortante de 2020, em meio ao contexto que nos colocou inflexões profundas, vivi a passagem do meu pai ao mundo espiritual. E sou eternamente grata pelo presente de poder desfrutar com tanto amor de sua presença ao nosso lado no último mês de vida. Poder atravessar este momento de despedida com tanto cuidado e carinho nos refez, levando-a a ser leve, linda e saudosa. A quem eu dedico este trabalho foi minha filosofia natal e a estrela que não para de brilhar em nossos corações. Reaparece com ensinamentos por memórias, em orações, e palavras vindas pelos ventos astrais para nos auxiliar, proteger e acalmar. Te amo, meu painho. Este resultado aqui é somente uma das coisas que você me ensinou e as *Plantas* deram prova: a trabalhar no viver para SER.

Neste mesmo ano, dias depois de vivenciar esta despedida, experienciei o encontro mais importante, mais vivente, mais brilhoso e intenso da vida: me tornei mãe. Parir João Romeu foi trazer ao mundo quem é minha eterna e inesgotável fonte luz. Meu raio de sol e a mais forte inspiração para todas as coisas. A vida foi outra. Este trabalho foi outro. Este amor tão potente trouxe a graça de mudar o foco de tudo. Ensina-me, a seu tempo, aquilo que preciso saber sobre esperar neste lugar. Te amo ainda sem conseguir decifrar por palavras tudo o que você me leva a sentir.

As amigadas foram fontes incessantes de estímulo, fé e ajuda durante esse período. Perto ou longe fisicamente, envolvidos ou não com o campo de pesquisa, pude contar com corações que vibraram com minhas conquistas, com os avanços e se dispuseram a ouvir sobre

tantos passados nesse tempo. Agradeço à Olivia e Fred, minhas queridas preciosidades desde a graduação. Ao meu querido Lúcio, por ser pensamento e voz que ressoa em mim. Nossas singularidades nos complementam e podemos reconhecer nosso laço pelo fato de que, mesmo para lados distintos, ainda nos procuramos pela e para amizade. Obrigada pelo carinho, amor e por vocês!

Nas encruzilhadas femininas da vida e do Daime, agradeço à Cibele. Você foi floresta em flor pra mim nesse período, minha irmã. Pelos ensinamentos, acolhimento, torcida, apoio, escuta ativa e ações empreendidas com tanto amor. Te agradeço pelo seu coração de cumadre junto ao meu e aos nossos. Encontro de amor nos une e nos firma em nossas missões que se revelam sempre lado a lado. Amo você!

Este que fora por incontáveis vezes um espaço de angústia, de frustração e desânimo, também levou-me a um processo imanente das experiências de cura. Aprendi a apreciar e valorizar o sabor e o dissabor contido em cada momento. Atravessar essa batalha foi se deixar atravessar por ela em espiral de deixar morrer e fazer viver o que me impulsionava e irradiava. Foi saber com quem ando. Do lado de cá e de lá, confio e agradeço à minha *banda*.

Agradeço ao Sol, a Lua, as Estrelas, a Floresta, ao Vento, a Terra, as Águas, ao Fogo e a tudo e a todos que compõem a cosmologia a qual acredito e vivo.

Agradeço ao Mestre Irineu e ao Padrinho Sebastião pela oportunidade de encontrá-los. Pelo amor que me ensinam e por todas as coisas que trouxeram ao mundo.

Às minhas eternas professoras, mestras e condutoras *Plantas*, que não cansam de me mostrar que sem folha não há vida, não há caminho e não há nada.

*“Eu estou aqui  
Naturalmente vim  
Naturalmente sigo  
Para ser feliz*

*Quem está aqui  
Naturalmente veio  
Naturalmente segue  
Sem ter arroteio*

*Salve aqui na mata  
Quem aqui chegou  
Salve quem ordena  
E salve quem chamou*

*Este é o tempo  
Da sabedoria  
Estou aprendendo  
O que eu não sabia*

*O que eu não sabia  
A natureza tem  
Deus está vivendo  
Vamos viver também”.*

*(Padrinho Alfredo Gregório de Melo, O Cruzeirozinho,  
Hino 146 - Naturalmente)*

## RESUMO

A religião do Santo Daime nasce da ressignificação ritualística em torno do uso da bebida indígena amazônica nomeada diversamente como *Yajé*, *Mariri*, *Nixipae*, *Caape* ou *Ayahuasca*. A beberagem em questão, utilizada por diversas populações da região amazônica, é feita através de duas plantas: o cipó *Banisteriopsiscaapi*, e a folha *Psychotriaviridis* e água, os quais, dentro da doutrina religiosa foram renomeados como *Jagube* (cipó) e *Chacrona* ou *Rainha* (folha). Nesse contexto, a problemática dessa Tese questiona como, entre os anos de 1970 e 1980, um dos principais líderes do Daime, Sebastião Mota de Melo, o “Padrinho Sebastião” e suas seguidoras e seguidores articularam um conjunto complexo de saberes que tem como foco as experiências formativas que centralizam o Santo Daime enquanto veículo vital de processos educativos. Buscou-se, assim, analisar as aprendizagens na vida dos sujeitos afetados por essa experiência. Teoricamente agenciamos o debate em torno da *epistemologia ayahuasqueira* (ALBUQUERQUE, 2011), desdobrando-a para pensar, do ponto de vista histórico-educacional, possíveis contribuições do Santo Daime para a elucidação de aspectos sensíveis da formação do humano em conexão com as chamadas *Plantas professoras*. A metodologia de caráter historiográfico articulou pressupostos oriundos da micro-história italiana (REVEL, 1998; GINZBURG, 1989, 2006 e 2008), envolvendo pesquisa bibliográfica com fontes documentais e história oral para a construção de narrativas produzidas na interface com as fontes escritas. O tratamento analítico dos dados seguiu algumas recomendações propostas por Thompson (2002), Bosi (1995 e 2003) e Meihy (1996). Como resultado, as narrativas compiladas acerca do trabalho desenvolvido pelo Padrinho Sebastião, ao integrar e articular diversas linhas religiosas e espirituais, através do uso das chamadas *Plantas professoras*, desdobrou uma nova forma de olhar e se relacionar consigo, com o outro e com o mundo por meio do estabelecimento de práticas formativas peculiares que desde então vem fornecendo sentido à vida de inúmeras pessoas. As *Plantas professoras* são apreendidas, portanto, enquanto elementos catalisadores e condutores de uma experiência espiritual e de vida comunal ancorada em processos sutis de educação e formação do humano cunhados no tempo que, situados para além dos muros escolares e dos processos pedagógicos cognitivos, amplia consideravelmente nossa visão da educação. As conclusões elucidam aspectos que evidenciam a urgência de repensarmos a produção de conhecimento historiográfico para além dos espaços e dimensões tradicionalmente privilegiados, defendendo que a produção de conhecimento pode ocorrer em relações sensíveis com outros sujeitos e outros mundos como aqueles revelados pelas *Plantas professoras*.

**Palavras-chave:** Santo Daime. Santa Maria. Plantas professoras. Historiografia não-formal da educação.

## SUMMARY

The Santo Daime religion is born from the ritualistic resignification around the use of the indigenous Amazonian drink, variously named as Yajé, Mariri, Nixipae, Caape or Ayahuasca. The drink in question, used by different populations in the Amazon region, is made from two plants: the Banisteriopsiscaapi vine, and the Psychotriavidis leaf and water, which, within the religious doctrine, were renamed Jagube (vine) and Chacrona or Rainha (leaf). In this context, the problem of this thesis questions how, between the 1970s and 1980s, one of the main Daime leaders, Sebastião Mota de Melo, “Padrinho Sebastião” and his followers articulated a complex set of knowledge that focuses on the formative experiences that centralize Santo Daime as a vital vehicle for educational processes. Thus, we sought to analyze the learning in the lives of subjects affected by this experience. Theoretically, we organize the debate around ayahuasqueira epistemology (ALBUQUERQUE, 2011), unfolding it to think, from a historical-educational point of view, possible contributions of Santo Daime to the elucidation of sensitive aspects of human formation in connection with the so-called Plants teachers. The historiographical methodology articulated assumptions from Italian micro-history (REVEL, 1998; GINZBURG, 1989, 2006 and 2008), involving bibliographic research with documentary sources and oral history for the construction of narratives produced in the interface with written sources. The analytical treatment of the data followed some recommendations proposed by Thompson (2002), Bosi (1995 and 2003) and Meihy (1996). As a result, the narratives compiled about the work developed by Padrinho Sebastião, by integrating and articulating different religious and spiritual lines, through the use of the so-called Teacher Plants, unfolded a new way of looking at and relating to oneself, to the other and to the world. through the establishment of peculiar training practices that since then have been providing meaning to the lives of countless people. The Teacher Plants are therefore apprehended as catalysts and conductors of a spiritual experience and communal life anchored in subtle processes of human education and formation coined in time which, situated beyond school walls and cognitive pedagogical processes, considerably expands our vision of education. The conclusions elucidate aspects that show the urgency of rethinking the production of historiographical knowledge beyond the traditionally privileged spaces and dimensions, defending that the production of knowledge can occur in sensitive relationships with other subjects and other worlds such as those revealed by the Teacher Plants.

**Keywords:** Santo Daime. Santa Maria. Teaching Plants. Non-formal historiography of education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	<b>Sede do <i>Centro Pronto Socorro Espiritual Raimundo Irineu Serra</i>, ao lado da Colônia Cinco Mil, em Rio Branco - AC. Foto registrada em maio de 2019.</b>	<b>60</b>
<b>Figura 2</b>	<b>Maurílio Reis e viajantes na Colônia Cinco Mil, em 1975.</b>	<b>77</b>
<b>Figura 3</b>	<b>Seu Severino Pessoa no momento da entrevista, na varanda da casa da Madrinha Rita, na Vila Céu do Mapiá – Pauini/AM, em junho de 2019.</b>	<b>80</b>
<b>Figura 4</b>	<b>Da esquerda para a direita: Marinêz Silva, Sônia Palhares, Alex Polari, Padrinho Sebastião, Verônica Manns e Cristina Santos - Colônia Cinco Mil/AC, 1983.</b>	<b>90</b>
<b>Figura 5</b>	<b>Da esquerda pra direita: Maria Sebastiana, Padrinho Sebastião e Cristina Santos, em 1983, na Colônia Cinco Mil/AC, durante a visita da comitiva citada pela narradora.</b>	<b>91</b>
<b>Figura 6</b>	<b>Ilustração da carta enviada por Maria Cristina de Moraes às crianças de Mauá - RJ, em 1989.</b>	<b>93</b>
<b>Figura 7</b>	<b>Capa do livro escrito e ilustrado pela professora Maria Cristina, cuja imagem foi inspirada na carta enviada em 1989 da floresta, retratando a colheita de arroz.</b>	<b>95</b>
<b>Figura 8</b>	<b>Adriano Grione em seu Reinado.</b>	<b>96</b>
<b>Figura 9</b>	<b>Sebastião, Madrinha Rita (à direita) e grupo em frente à Igreja Cinco Mil – 1983</b>	<b>99</b>
<b>Figura 10</b>	<b>Imagens da internet relacionadas à representação da Santa Maria no Santo Daime. Olhando atentamente, vemos à esquerda da imagem uma representação do Mestre Irineu.</b>	<b>110</b>
<b>Figura 11</b>	<b>Imagens da internet relacionadas à representação da Santa Maria no Santo Daime.</b>	<b>110</b>
<b>Figura 12</b>	<b>Manchete destacando a descoberta do plantio de cannabis na Colônia Cinco Mil, jornal <i>O Rio Branco</i> de 2 de outubro de 1981.</b>	<b>118</b>
<b>Figura 13</b>	<b>Matéria relatando a descoberta do plantio de <i>cannabis</i> na Colônia Cinco Mil.</b>	<b>119</b>
<b>Figura 14</b>	<b>Matéria relatando a descoberta do plantio de <i>cannabis</i> na Colônia Cinco Mil.</b>	<b>120</b>

<b>Figura 15</b>	<b>Matéria relatando a descoberta do plantio de cannabis na Colônia Cinco Mil.</b>	121
<b>Figura 16</b>	<b>Imagens do depoimento prestado pelo Padrinho Sebastião às autoridades policiais, em Rio Branco, ano de 1984. Na segunda foto, ao fundo, podemos ver membros da comunidade, como Vera Fróes. Na terceira foto, um de seus filhos depondo, Alfredo Gregório.</b>	123
<b>Figura 17</b>	<b>Visita do CONFEM ao Mapiá - 1986 Trabalho na igreja com a presença de Domingues Bernardes e a equipe do CONFEM e dos fardados Paulo Roberto, Pad. Alfredo e Alex Polari.</b>	127
<b>Figura 18</b>	<b>Imagens retiradas do documentário <i>Daime Santa Maria</i>, de Noilton Nunes e Gigi Abreu, em 1982.</b>	128/129
<b>Figura 19</b>	<b>Da esquerda para direita: Padrinho Sebastião, Padrinho Alfredo, Alex Polari e Paulo Roberto, 1987.</b>	134
<b>Figura 20</b>	<b>Fotos da entrada da igreja da Colônia Cinco Mil com destaque para a frase “Hei de Vencer”.</b>	135/136
<b>Figura 21</b>	<b>Entrada da casa do Padrinho Wilson na Colônia Cinco Mil.</b>	136
<b>Figura 22</b>	<b>Padrinho Wilson segurando uma imagem do Mestre Irineu e uma garrafa de Daime na entrada de sua casa.</b>	137
<b>Figura 23</b>	<b>Da esquerda para direita: Luis Fernando, Paulo Roberto, Padrinho Sebastião, Francisco Chagas, Vera Froes, Daniel Lopes, 1985.</b>	146
<b>Figura 24</b>	<b>Padrinho Sebastião, fardado, segurando uma garrafa de Daime.</b>	147
<b>Figura 25</b>	<b><i>Casa de Estrela</i>, Céu do Mapiá - AM, 2019.</b>	156
<b>Figura 26</b>	<b>Trabalho de Estrela no Mapiá - 1988 Participantes: Regina, Madrinha Julia, Alex Polari, Lucio Mortimer (mesa) e MarInes, Izabel, Maria Eugenia, Gilda e Sr. Eduardo (Pad. Eduardo), José Mendonça e Nilton Caparelli.</b>	157
<b>Figura 27</b>	<b>Trabalho de Estrela no Mapiá - 1988 Trabalho de Estrela. Madrinha Rita, Daide, Padrinho Alfredo e Padrinho Sebastião na mesa.</b>	157
<b>Figura 28</b>	<b>Imagens da gira mencionada por Maria Alice Freire com a Mãe Baixinha, no Céu do Mapiá, em 1989.</b>	167/168
<b>Figura 29</b>	<b>Mãe Baixinha e, ao fundo, Maria Alice Freire.</b>	168

<b>Figura 30</b>	<b>Da esquerda para direita: Clara Iura, Padrinho Sebastião, Vera Fróes, Zé Milton, Padrinho Alfredo, Paulo Roberto e crianças, 1988.</b>	<b>176</b>
<b>Figura 31</b>	<b>O Conselho Internacional das 13 avós Nativas. Clara e Maria Alice são as primeiras à esquerda, respectivamente.</b>	<b>179</b>
<b>Figura 32</b>	<b>Agarrube Mota de Melo no momento da entrevista, em maio de 2019.</b>	<b>189</b>
<b>Figura 33</b>	<b>Madrinha Maria Brilhante durante a entrevista na sua residência, na Vila Céu do Mapiá/AM, em maio de 2019.</b>	<b>190</b>
<b>Figura 34</b>	<b>Padrinho Nonato no momento da entrevista, na sala da sua residência, Colônia Cinco Mil - Rio Branco/AC, em maio de 2019.</b>	<b>198</b>
<b>Figura 35</b>	<b>Marinez Silva no momento da entrevista, no quintal da sua residência, Rio Branco/AC, em maio de 2019.</b>	<b>202</b>
<b>Figura 36</b>	<b>Vista aérea da Vila Céu do Mapiá, 2017</b>	<b>211</b>
<b>Figura 37</b>	<b>Vista de satélite da Vila Céu do Mapiá, 2005.</b>	<b>212</b>

## **LISTA DE QUADROS**

<b>QUADRO 1</b>	<b>Levantamento Bibliográfico BDTD</b>	<b>25</b>
-----------------	----------------------------------------	-----------

## **LISTA DE SIGLAS**

CICLU – Alto Santo	Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – Alto Santo
CEFLURIS	Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra
ICEFLU	Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
ANPED	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	19
1.1	Uma entre muitas escolas: os diálogos com o campo histórico-educacional	23
1.2	Em meio ao cientificismo: “o Daime é meu professor/Ele está de olho, ele está de olho, ele está de olho... Na minha mudança”	32
1.3	O desafio do tempo vivido no espaço da narrativa	37
<b>2</b>	<b>A VOZ QUE CLAMOU: DO DESERTO À FLORESTA: “Nasci na mata, nela me criei”</b>	40
2.1	A embriologia de uma vida espiritual: o contato com o Sagrado pelas escrituras bíblicas e com os espíritos	41
2.2	A cura de um curandeiro: o encontro com o Daime e o Mestre Irineu	54
2.3	“Aqui estou dizendo/Aqui estou cantando/Eu digo para todos/E os hinos estão ensinando”	61
2.4	Sou Eu São João: <i>O Justiceiro</i>	67
<b>3</b>	<b>“TEM NESTE MUNDO/UM BELO DOM CHAMANDO TODOS/ PARA O BEM VIVER”</b>	74
3.1	“Eu ia de viagem/Encontrei o meu Padrinho/Ele me abraçou/Nunca mais andei sozinho”	75
3.2	O brilho falso da <i>pirita</i> : em busca de uma <i>sociedade alternativa</i>	81
3.3	“Eu não estou interessado em nenhuma teoria”: delírio da experiência com coisas reais	87
3.4	“Toda estrela que dou é uma graduação”	97
<b>4</b>	<b>SANTA MARIA QUE REVELOU SEGREDO: “Eu vou contar uma bela história/Da plantinha que mais tem amor/Ela era bem pequenina/Padrinho viu e abençoou”</b>	100
4.1	“Linda flor tu me levastes para ao alto do astral. Para eu ver todos os seres deste Poder Divinal” - <i>A revelação</i>	101
4.2	“Vamos cachimbando para ter a santa luz” – <i>A consagração</i>	105
4.3	“A pérola da história é essa: é o Daime com Santa Maria!”	117
4.4	“Não descobre esse segredo só olhando pra garrafa”	124

4.4.1	<i>”Todo mundo está/De olho nela/Porque ela cura e ela liberta”</i>	127
4.4.2	<i>“Neste jardim/Tem as plantas do saber/Quem quiser vem conhecer/Aprender a se iluminar”</i>	130
<b>5</b>	<b>“SOU LUZ, DOU LUZ E FAÇO TUDO ILUMINAR”</b>	148
5.1	“Meu Mestre me cure, meu Mestre me olhe”	150
5.2	“Reinado do Sol venha nos curar/Santo Daime e Umbanda para trabalhar/Jagube, Rainha, homem, fogo e água/Sol, lua, estrela para se firmar”	152
5.2.1	<i>“Para sempre, para sempre/Amigo do meu irmão/Que ele é a minha luz/ Nesse mundo de ilusão”</i>	142
5.2.2.1	<u><i>“A estrela que não brilha/ Ela não pode iluminar”</i></u>	156
5.2.3	<i>“Com São Miguel, meu arcanjo protetor/Eu tenho força de passar em toda prova/Vou confiando pois estou com meu Senhor/Que ao vencedor prometeu a vida nova”</i>	160
5.2.4	<i>“Esta linha de Umbanda/Da Floresta até o mar/Esta viva no meu ser/ Assim como os Orixás”</i>	164
5.3	“Quando tu estiver doente que o Daime for tomar/Te lembra do Ser Divino que tu tomou para te curar”	180
5.3.1	<i>“Do mesmo jeito que ele me curou, ela também me curou e me cura”</i>	183
5.3.2	<i>“Eu invoco meu Mestre quando me acho doente”</i>	185
5.3.3	<i>“Curo tudo, expulso tudo”</i>	189
5.3.4	<i>“A linha de Arrochim é linha de curador/Eu curo é para servir com o poder do criador”</i>	195
5.4	“Eu brilho na floresta porque ela me pertence”	204
<b>6</b>	<b>“É CHEGADO O TEMPO DE AMPLIAR A CIÊNCIA SOBRE O QUE É SER FELIZ” OU CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	216
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	220
<b>8</b>	<b>ANEXOS</b>	232

## 1. INTRODUÇÃO

A inserção no curso de Doutorado do Programa e Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGE/UFPE), em 2017, fora inicialmente realizada na Linha de pesquisa em Teoria e História da Educação. O projeto intitulado *O trabalho docente em Pernambuco: uma análise das cartas enviadas pelos trabalhadores ao governador Miguel Arraes no período redemocratização (1986-1990 1994-1998)* visava aprofundar a pesquisa desenvolvida no mestrado, analisando, dessa vez, as cartas enviadas entre trabalhadores do setor educacional e o governador Miguel Arraes durante o seu segundo e terceiro mandato no estado de Pernambuco. Seguíamos, então, as trilhas da História Social (THOMPSON, 1987) em diálogo com a noção de comunicação tática (CERTEAU, 1994), a fim de apreender continuidades e descontinuidades na prática da comunicação por cartas face às políticas educacionais no período da redemocratização. Compreender o uso das cartas e seus possíveis impactos na esfera governamental constituía, assim, uma tentativa de compreender as percepções a respeito do funcionamento do poder por parte da população missivista.

Contudo, no segundo semestre de 2017, no decorrer da disciplina obrigatória *Seminários em Teoria e Metodologia da Pesquisa em Educação II*, ofertada pelo PPGE/UFPE, fui percebendo algo se movimentando na esfera do *feeling*, a ativação de um desejo de abordar, no plano acadêmico, uma experiência formativa profunda ancorada em uma conexão existencial com o Santo Daime. O disparador dessa percepção foi o artigo, tematizado na disciplina, da pesquisadora Maria Betânia Barbosa Albuquerque (2014), *Epistemologia da ayahuasca e a dissolução das fronteiras Natureza/cultura da ciência moderna*. O texto tocou-me particularmente, abrindo a possibilidade de pensar aspectos da História da Educação por meio do diálogo com esta experiência.

Resolvi então assumir a compreensão de que não é possível sustentar uma cisão entre o ofício de pesquisar e toda a carga de vida que trazemos em nós, que se tornam fatores determinantes dentro das nossas escolhas acadêmicas e profissionais. Passei então a delimitar um novo foco de problematização, o uso das *Plantas professoras*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Ao longo do trabalho não utilizamos termos como “alteradores” de consciência, “alucinógenos” ou “psicoativos”. Preferimos fazer uso das nomenclaturas ayahuasqueiras de “expansores”, “reveladores” de consciência ou mesmo das “plantas professoras”, visto que estamos em concordância e defesa de que estes elementos não devem ser reduzidos a explicações simplistas pautadas na concepção de que alteram ou alucinam coisa alguma, mas de que também são caminhos (não convencionais, é sabido) para um processo de ensino e aprendizagem tão legítimos quanto os comumente e hegemonicamente considerados enquanto esclarecedores.

Mais especificamente, passei a buscar elementos para apreender a *ayahuasca* enquanto um potente veículo de aprendizagem, focalizando a abordagem protagonista dessa bebida como sujeito de conhecimento e de como seus saberes são mediados pelo contato com a experiência individual e coletiva de seu uso (ALBUQUERQUE, 2011). Por quase um ano, deixei maturar esse desejo de pesquisa que também fora intuído de forma mediúnica em um trabalho espiritual, no qual em um momento de êxtase, como num sopro polinizador de um beija-flor, enxerguei as possibilidades imanentes desse que seria meu novo projeto de pesquisa.

\*\*\*

Papai trouxe um conhecimento espiritual do berço. Um conhecimento para a pessoa não ter dúvida nem da carne e nem do espírito. Mas foi com o Daime que ele acabou de confirmar todos esses ensinamentos que ele já vinha batalhando com seus próprios conhecimentos. Desde as primeiras visões da infância ele já manifestava uma compreensão da vida e da natureza criadora agindo na natureza humana. Concluiria dizendo que ele foi um excelente professor tanto na dimensão material quanto na espiritual. (ALFREDO MELO apud ALVERGA, 1998, p.11)

Essas palavras foram ditas por Alfredo Gregório de Melo, atual presidente da *Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal Patrono Sebastião Mota de Melo* (ICEFLU), tendo por sede a comunidade Vila Céu do Mapiá, no Amazonas. Nelas deparamos com uma reflexão acerca do magistério de seu pai, fundador desta instituição e um dos principais líderes da religião do Santo Daime: Sebastião Mota de Melo, intercessor e junto às *Plantas*, um dos sujeitos centrais desta Tese de doutorado.

Mas antes de expor nossos objetivos consideramos necessária uma apresentação da doutrina do Santo Daime, na qual repousa a vida e a obra desde líder espiritual, eixo dessa investigação situada dentro da Linha de pesquisa em Educação e Espiritualidade. Entre os muitos saberes e práticas dos habitantes ancestrais das regiões denominadas *América*, um dos saberes mais resistentes às investidas coloniais foi o uso das plantas enquanto veículo privilegiado de conexão com o divino e as forças do cosmos. A religião do Santo Daime nasceu, enquanto marco de ressignificação ritualística, justamente do uso da bebida indígena nomeada diversamente de *Yajé*, *Mariri*, *Nixipae*, *Caape* ou, como é mais conhecida, *Ayahuasca*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> O termo deriva do dialeto quéchua que une o significado de *aya* (alma, espírito) e *huasca* (corda, cipó): cipó dos espíritos ou cipó das almas. A beberagem em questão, utilizada por diversas tribos da região amazônica, é feita através de duas plantas: o cipó *Banisteriopsiscaapie* a folha *Psychotriaviridis*. Esses elementos, dentro da

Durante o chamado *Ciclo da Borracha*, ocorrido entre o final do século XIX e início do século XX, no Acre e no Amazonas, expandiram-se as denominadas *religiões ayahuasqueiras*, ampliando o uso das plantas sagradas para além dos contextos tradicionais indígenas, incorporando novos sujeitos e práticas. Os novos usos da beberagem tiveram, como pioneiro, o Santo Daime fundado já nos anos de 1930 por Raimundo Irineu Serra, em Rio Branco, estado do Acre. Filho de ex-escravos que passou a ser chamado de Padrinho e, posteriormente, de Mestre Irineu, que chegara ao Acre, em 1912, aos vinte anos de idade levado à região em busca das oportunidades de trabalho dentro da atividade de extração do látex. Tendo obtido conhecimento a respeito da bebida indígena através de ayahuasqueiros peruanos (LABATE, 2000), ao fazer o uso do chá, ele escutou uma voz que lhe passou a instrução de se resguardar na floresta por oito dias, alimentando-se apenas de macaxeira insossa e tomando a bebida.

Ao longo dessa vivência, o seringueiro entrou em um processo denominado de *miração* – termo derivado da palavra espanhola *mirar*, referente ao ato de ver –, com um ser feminino denominada de *Clara* ou *Rainha da Floresta*, associada à figura cristã de Nossa Senhora da Conceição, a qual lhe entregou os desígnios pelos quais, a partir daquele dado momento, Raimundo Irineu deveria seguir e executar a fundação de uma doutrina religiosa denominada como Daime. O termo *Daime* é uma alusão ao verbo “dar”, uma vez que se acredita na potencialidade que a experiência carrega, concedendo transformações profundas e intensas àqueles que rogam às forças que a conduz: “dai-me amor”, “dai-me luz”, “dai-me sabedoria”.

O contexto de desenvolvimento dessa nova linha religiosa na região acreana esteve também demarcado pela ausência das práticas da medicina convencional na localidade, portanto, firmado nas práticas do curandeirismo popular, cuja história se construiu com base em episódios de perseguição por parte do governo Getulista, em curso na época, e de escolhas táticas por parte de seu fundador para conseguir resistir e legitimar sua própria prática<sup>3</sup>.

Assim como em outras religiões ayahuasqueiras surgidas posteriormente, a *União do Vegetal* e a *Barquinha*, o Santo Daime é organizado em função de princípios que almejam a aprendizagem por meio do autoconhecimento e da autotransformação. Esse processo é mediado pelo contato com o que se acredita ser um *Ser Divino* presente no chá, bem como

---

doutrina religiosa, foram renomeados como *Jagube* (cipó) e *Chacrona* ou *Rainha* (folha) (ALBUQUERQUE, 2011).

<sup>3</sup> Após o processo vivenciado por Irineu, formou-se um grupo em volta dos trabalhos espirituais e de seu líder, tendo sido estabelecidos os princípios e bases doutrinárias que deveriam ser seguidos, indo desde o formato das vestes, ao modelo ritualístico de culto e às atribuições de seus membros para com a prática espiritual e religiosa.

pelos demais elementos ritualísticos, sobretudo os hinos e hinários concebidos como condutores de mensagens divinas a serem vivenciadas pelos participantes da experiência.

Data da década de 1960 o início do processo de expansão do Daime no Acre, com a formação de novos núcleos e comunidades. Uma das mais notáveis foi a liderada pelo também seringueiro Sebastião Mota de Melo: o *Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra* (CEFLURIS). Essa instituição foi responsável por reunir os seguidores do amazonense Sebastião Mota de Melo, nascido em 07 de outubro de 1920 na região conhecida como Alto Juruá, localizada no município de Eirunepé. A sua vida até os primeiros contatos com a doutrina do Santo Daime foi circundada por vivências espirituais desde a infância quando tinha visões e sonhos proféticos (ALVERGA, 1998). Já adulto, casado e com filhos, Sebastião Mota de Melo desenvolveu as práticas de reza e de cura bastante populares na região amazônica.

Após o adoecimento psíquico de sua mãe, ele partiu em busca por um tratamento espiritual indo ao encontro de um curandeiro e rezador da região chamado de Mestre Osvaldo. Nesse momento, Sebastião entrou em contato com as referências doutrinárias do Espiritismo Kardecista, sob o qual não só conseguiu desenvolver suas habilidades mediúnicas, como permitiu assimilar princípios morais que o seguiram por toda sua vida (MORTIMER, 2000). Nessa trilha, através dos “ensinamentos mediados por guias espirituais, Sebastião aprendeu a realizar *trabalhos de banca espírita* que cumpriam papel importante numa Amazônia desassistida de atendimentos médicos e espirituais” (ALBUQUERQUE, 2021, p. 73).

No contato com os guias espirituais teria sido recomendado que ele deveria seguir para o Acre, onde se encontrou com o Mestre Irineu. O contato se deu no contexto de busca da cura de uma doença marcada pela picada de um besouro, e que o fazia sofrer cotidianamente sem conseguir se alimentar normalmente. Sebastião passou pela experiência de uma cirurgia espiritual, da qual não só saiu curado como alterou profundamente suas crenças.

Anos após essa experiência, Sebastião Mota de Melo daria início às suas próprias atividades espirituais com aqueles que, mais tarde, seriam seus primeiros fiéis na sede de uma comunidade gerida pela força motriz da religião do Santo Daime: as *Plantas professoras*. O então Padrinho Sebastião formaria ainda outros dois espaços: o Rio do Ouro e a Vila Céu do Mapiá, no Amazonas. Esta última seguindo em funcionamento até os dias atuais, sendo a sede da instituição religiosa de seus seguidores espalhados por todo o mundo, com centenas de igrejas afiliadas.

Com base nesses indicativos e nas próprias vivências da autora deste texto com o Santo Daime, a presente pesquisa assumiu como problemática as experiências formativas

movidas pela convivência dos fundadores e membros destas comunidades com o Padrinho Sebastião e as *Plantas* que realizam a mediação dessa relação. Mais diretamente, questionamos: *Como a trajetória histórico-existencial do Padrinho Sebastião, e suas relações com as medicinas da floresta, impactou na formação da comunidade que ele fundou?* Em outros termos: *Quais processos sócio-históricos agenciaram as experiências vividas com as Plantas professoras e quais os impactos na formação espiritual e existencial das pessoas que estiveram na fundação e desenvolvimento das comunidades criadas pelo Padrinho Sebastião?*

Para responder a essa questão de pesquisa, traçamos como objetivo geral analisar as experiências formativas que envolveram/envolvem a vida dos membros da religião do Santo Daime mediante o contato e a convivência com um de seus principais líderes, Sebastião Mota de Melo e as Plantas professoras, entre os anos de 1970 e 1980, no Acre e Amazonas. De forma específica:

- a) Construir uma narrativa sobre a vida de Sebastião Mota de Melo e seus seguidores, focalizando, sobretudo, suas trajetórias existenciais após a entrada no Santo Daime;
- b) Compreender de que maneira as *Plantas professoras* atuaram na vida individual e coletiva dessas pessoas mediante construção e manutenção das comunidades que fundaram no Acre e Amazonas durante o regime militar;
- c) Analisar por quais caminhos o Santo Daime e a Santa Maria construíram suas *didáticas* a respeito dos princípios, usos e saberes espirituais, bem como suas implicações histórico-educacionais;
- d) Apresentar, analiticamente, as narrativas decorridas dos encontros entre essas pessoas em meio à floresta amazônica, evidenciando os agenciamentos de *cura e iluminação* protagonizados pelas *Plantas professoras*.

### 1.1 Uma entre muitas escolas: os diálogos com o campo histórico-educacional

Por volta das décadas de 1980 e 1990, é sabido que o campo historiográfico sofreu transformações impactantes nos fazeres dessa ciência. O ponto de inflexão se deu com a chamada História Cultural, sendo esse movimento um dos investimentos intelectuais emergidos a partir da 3ª geração da *Escola dos Annales*. Fonseca (2008), dentre outros,

analisou os efeitos desse movimento na História da Educação desde a escolha das fontes, a introdução de novos conceitos e a própria forma de interpretação dos fenômenos, incluindo “a história da leitura e dos impressos” (FONSECA, 2008, p. 61). Outro elemento importante desse processo foi o alargamento dos fenômenos históricos analisados que deixaram de ser pensados unicamente a partir de suas relações com o universo escolar. Como consequência, antigos “objetos” foram renovados e novos “objetos” despontaram no campo de problematização da História da Educação, descortinando “dimensões ainda pouco exploradas, fora da escola e da escolarização, bem como a imposição corajosa de novos olhares sobre essa que é uma dimensão já tradicional” (FONSECA, 2008, p. 72).

Embora não seja um objetivo desse trabalho realizar um estado da arte sobre as pesquisas em História da Educação e sua relação com temas que extrapolam a centralidade dos espaços escolares, cabe ressaltar que, se tomarmos como base as publicações dos últimos 17 anos – entre 2000 e 2017 – das reuniões promovidas pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no Grupo de Trabalho História da Educação<sup>4</sup>, percebe-se claramente um déficit de pesquisas que façam a interlocução com outros sujeitos e outros modos de aprender e ensinar no campo acadêmico brasileiro. Das 279 pesquisas identificadas, 270 delas focalizam temáticas relativas aos espaços escolares e os sujeitos que o constituem (professores e alunos). Apenas 09 trabalhos abordam outras práticas, espaços e sujeitos. Entre estes, circulam temas relativos às fotografias, associações religiosas, impressos sobre a juventude, representação e educação no seio familiar e as implicações da violência.

Reiteramos que não trazemos essa observação como um diagnóstico absoluto sobre as abordagens atuais no âmbito da História da Educação, no Brasil, até porque acessamos somente uma fonte de pesquisa, mas, tratando-se do principal e maior encontro nacional de pesquisadores na área é, no mínimo, sintomático o modo como os interesses dos pesquisadores ainda diz pouco acerca dos processos não formais e/ou não escolarizados de aprendizagem.

Pela ausência de publicações satisfatórias dentro do campo historiográfico-educacional sobre o tema específico dessa Tese, fomos levadas a alargar nosso aparato bibliográfico. Os campos de pesquisa que se debruçam sobre a *ayahuasca* e as *Plantas professoras*, em seus diversos usos ritualísticos e religiosos, estão situados sobretudo na Antropologia e na Sociologia, bem como em algumas áreas de conhecimento localizadas no campo da Saúde,

---

<sup>4</sup> O critério usado para a definição desses 17 anos foi a disponibilidade online das publicações, acessadas através do website da Associação. Informamos que o banco de dados o qual integraria os trabalhos da 33ª Reunião, em 2010, não pôde ser acessado por indisponibilidade do próprio site. Fonte: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>. Acessado em 18 de set. de 2019.

como a Psicologia e a Farmacologia. O mapeamento dessas pesquisas foi realizado no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação, entre os anos de 2019 e 2022 (ver Quadro 01).

**Quadro I – Levantamento Bibliográfica BDTD**

<b>Descritores</b>	<b>Total de pesquisas</b>	<b>Teses</b>	<b>Dissertações</b>
Ayahuasca	104	30	74
Ayahuasca e Santo Daime	42	13	29
Ayahuasca e Educação	3	0	3
Santo Daime	68	19	49
Santo Daime e Educação	3	1	4

Nesse âmbito, a *ayahuasca* e seus diversos usos conta com um número considerável de pesquisas. Um levantamento exaustivo configuraria, ele mesmo, um trabalho de tese, mas podemos destacar algumas circularidades temáticas entre as teses e dissertações e livros publicados: os vários usos do chá (MACRAE, 1992) (ALVERGA, 1984) (LUZ, 2002) (METZNER, 2002) (ALMEIDA, 2002); o papel de Raimundo Irineu Serra na sistematização da doutrina do Santo Daime (GOULART, 1996); o uso do chá em vertentes ritualísticas xamânicas urbanas (LABATE, 2000, 2002, 2004 e 2008) e religiosas (FERNANDES, 1986) (ÚJO, 1999) (CEMIN 2001, 2002) (COUTO, 2002) (GABRICH, 2005) (GOULART 2005 e 2006); seu uso terapêutico (MCKENNA, 2004) (PELAEZ, 2002) (LABATE, 2009); e a intercessão entre seu uso terapêutico e religioso (LIRA, 2016).

Delimitando precisamente o Santo Daime, as pesquisas também abordam variadas temáticas: as biografias e as obras dos seus principais líderes, como Raimundo Irineu Serra (MOREIRA, MACRAE, 2011), Luiz Mendes (MENDONÇA, 2019) e Padrinho Sebastião (ALBUQUERQUE, 2021); relatos de experiência de seus membros e a elaboração de um enredo sobre a construção doutrinária da religião (ALVERGA, 1992) (MÓRTIMER, 2000 e 2001); o perfil psicológico de seus membros (OLIVEIRA, 2015); a presença de outras linhas religiosas, como a Umbanda (GUIMARÃES, 1992) (RUSSO JR. 2015) (ROCHA, 2021); a natureza de seus elementos ritualísticos, como os hinos (REHEN, 2007); e o uso de outras plantas de poder dentro da doutrina daimista (FERREIRA JR., 2016) (ROCHA, 2016).

Tratando-se de relações educacionais e pedagógicas, destacamos que pouco foi encontrado até o momento quando comparado com outras abordagens e enfoques epistêmicos. Nesse sentido, é possível aproximar nosso desejo de investigação das pesquisas desenvolvidas

por Mara Rosane Coelho Teixeira (2004), *Em roda dos meninos: um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá/AM – 2003*, cujo objeto foram os saberes movidos pela experiência infantil com a vivência religiosa do Daime, buscando-se compreender os valores, sentidos e significados para as crianças que vivem imersas na comunidade da Vila Céu do Mapiá.

Vale destacar ainda a dissertação de Lucas Kastrup Fonseca Rehen (2007), *Recebido e ofertado: a natureza dos hinos na religião do Santo Daime*, que realizou um estudo antropológico sobre o lugar da música e dos hinos na religião daimista e a atuação destes nos rituais. Na mesma direção, José Erivan Bezerra de Oliveira (2008), em *Santo Daime – o professor dos professores: a transmissão do conhecimento através dos hinos*, analisou como os hinos têm se constituído em um transmissor de conhecimento dentro da religião, a partir dos conceitos de memória social e performance. A pesquisa de Ludmila Marinho Castro (2014), em *O Santo Daime como catalisador das relações e do estilo e vida dos moradores de uma Ecovila de Viçosa – MG*, discutiu as práticas construídas por moradores de uma Ecovila.

Em “*A escritura de quem não sabe ler*” - *transmissão de conhecimentos no Santo Daime*, Manuell Victor Pessoa Bezerra (2016) analisou, por sua vez, o processo de expansão religiosa promovida por Sebastião Mota de Melo, focando a transmissão de conhecimentos do Santo Daime na igreja *Céu da Arquinha*, no Rio Grande do Norte.

A coletânea *Santo Daime e Educação: narrativas, diálogos e experiências* (2018), organizada por Ana Paula Kahmann Maria Betânia Barbosa Albuquerque Éder da Silva Silveira, traz um importante levantamento de pesquisas e temáticas de maneira mais específica sobre a interface entre a religião e a educação não escolar, constituindo um marco bastante contributivo ao campo de pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, indicamos nossa aproximação efetiva com o trabalho sistemático de pesquisa desenvolvido pela professora Maria Betânia Barbosa Albuquerque, iniciado através de uma discussão bibliográfica sobre o Santo Daime (2007), e que trouxe à baila a discussão de uma agenda de investigação sobre a *epistemologia ayahuasqueira* (2006; 2011; 2016), desdobrando análises sutis sobre a Educação e os princípios formativos do Santo Daime.

Além das pesquisas citadas acima, recentemente, a professora Maria Betânia Barbosa Albuquerque publicou uma importante contribuição aos estudos que se debruçam sobre a figura do Padrinho Sebastião. *Sabenças do Padrinho* (2021) elucida um levantamento a respeito da biografia formativa do Padrinho Sebastião e seu exímio caráter professoral nas diversas esferas que atuou: líder religioso, feitor de Daime, filósofo, rezador, curandeiro,

pescador, caçador, seringueiro, mateiro, construtor, parteiro, educador, músico e médium. A obra traça ainda uma análise contundente sobre como sua cosmovisão filósofo-educacional baseada numa *florestofia* cunhada na experiência e na oralidade, tornou-se possível.<sup>5</sup>

Na mesma direção, em sua pesquisa de pós-doutoramento, intitulada *Epistemologia e saberes da Ayahuasca* (2011), Albuquerque passou a delimitar reflexões inovadoras que consideramos centrais não só para a construção desta Tese, mas que coloca em evidência aspectos teórico-metodológicos vitais para a compreensão do fenômeno de estudo. Fundamentada nos conceitos produzidos pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, Albuquerque (2011) critica o desenvolvimento da ciência moderna e indaga a respeito do deslocamento do sujeito de saber privilegiado por sua racionalidade epistêmica: os seres humanos. Essa crítica permite pensar as condições de possibilidade de outros sujeitos de saber como, por exemplo, as plantas, sobretudo das chamadas *Plantas professoras*.

Desse modo, a pesquisadora praticamente inaugurou um novo campo de análise voltado aos usos formativos da *ayahuasca*, problematizando seus sentidos e suas implicações educativas, buscando uma compreensão dos saberes mediados pelo uso da beberagem, a fim de explicitar as bases epistemológicas de suas práticas, ao mesmo tempo em que aponta para uma possível modalidade de educação imanente ao uso das *Plantas professoras*. Mas, de acordo com a própria pesquisadora, não se trata de questionar a ciência ou sua validade, mas de refletir sobre a “soberania epistêmica” que a circunda e define, principalmente na construção dos sujeitos, práticas ou espaços caracterizados como fundantes dos saberes.

Isso é importante na medida em que os processos de exclusão epistêmica também denotam os rastros políticos e econômicos do colonialismo e da subordinação tecnocapitalista. Nos termos de Albuquerque (2011), o fim do colonialismo político não marcou seu encerramento nas relações sociais, as quais ainda encontram refletidas dentro das próprias instituições, bloqueando a emergência de “outros mundos possíveis” também dentro e fora da ciência e da educação. Uma aprendizagem que favoreça o acesso a esses *outros mundos* exige

---

<sup>5</sup> A centralidade da figura do Padrinho Sebastião - pelo carisma empregado na memória de seus seguidores (me incluo nesta visão) - também configurou o objetivo inicial desta pesquisa. Algo transformado em minha vivência em campo pela condução da fala dos narradores e pelas *mirações* conduzidas pelas *Plantas*, como abordarei adiante. Desse modo, destaco a complementariedade entre o presente trabalho e as pesquisas recentes da professora Maria Betânia Albuquerque. Primeiramente, por serem pesquisas que buscam repensar a produção de conhecimento historiográfico para além dos espaços, sujeitos e dimensões tradicionalmente privilegiados pelo campo especializado. Segundo, na tessitura dos saberes que focalizam tornar visíveis as teias agenciadas pelas *Plantas professoras* e a singularidade de suas experiências formativas. Contudo, o livro *Sabenças do Padrinho* (2021), nos chegou enquanto a pesquisa já estava em sua fase de análise. Por esse motivo, não há referências dele em nosso trabalho, mas não podemos deixar de citá-lo aqui pelo nível de proximidade.

romper a bolha em que vivemos, inclusive nas universidades, através de uma crítica radical ao exclusivismo epistemológico ocidental baseado em uma espécie danosa de *razão indolente*.

Essa forma de racionalidade além de não ter abertura para experiências fora de sua zona de hierarquização, recusa sistematicamente a existência de outros saberes situados fora das fronteiras e barreiras epistêmicas delineadas pela ciência moderna. Por esse motivo, Albuquerque (2011) fincou seu trabalho de pesquisa na chamada *sociologia das ausências* de Boaventura de Souza Santos, a fim de transformar as práticas vistas como inexistentes em existentes e, mais precisamente, “tornar esses saberes presentes, sobretudo no âmbito da educação onde eles constituem um campo de silêncio, evidenciando, com isso, sua credibilidade como lógica interpretativa de mundo” (p. 37)<sup>6</sup>. Como resultado dessa tomada de posição, ela passou a situar e delinear uma epistemologia radicada nas experiências e práticas do Sul que considera, além das questões de validação do conhecimento, suas implicações éticas e políticas.

[Assim] quando estamos a conhecer, seja qual for o sentido do conhecimento – posto que é possível conhecer por meio de diferentes experiências como, por exemplo, a experiência de tomar ayahuasca – conhecemos sempre a partir de um envolvimento com o mundo, uma maneira de estarmos no mundo, de interferimos e sermos interferidos por ele. O resgate da ontologia, nesse sentido, induz a um repensar o próprio conceito de epistemologia de modo a contribuir para a invenção de epistemologias outras, necessariamente, associadas a outras ontologias (ALBUQUERQUE, 2011, pp. 62-63)

Para Albuquerque (2011), a superação da *monocultura do saber* implica uma relação de interconhecimentos, ou seja, não se trata de uma anulação ou desaparecimento da ciência moderna, mas da sua re colocação em novas configurações a partir de uma interação com saberes distintos, considerando suas validações não somente no campo das representações, mas de forma pragmática. Em outros termos, trata-se de compreender o que o saber *faz* ao ser usado, tendo como norte o fato de que “olhar para as consequências do conhecimento é a melhor maneira, também, de ver o que é esse conhecimento” (p. 75). A *ayahuasca* e, por conseguinte, os sujeitos que se envolvem em suas práticas ritualísticas ou religiosas agiria então enquanto um mediador da sociologia das emergências e apontaria uma nova constelação de saberes.

---

<sup>6</sup> Esta forma de entender as experiências que envolvem o uso das *Plantas professoras*, explica, vai de encontro ao que o professor Boaventura de Souza Santos discute conceitualmente em *Epistemologias do Sul*, de onde escreve a respeito da necessidade de uma sociologia transgressora (ALBUQUERQUE, 2011).

Dessa ótica, a reflexão sobre as práticas do Daime, no contexto de uma epistemologia ayahuasqueira, contribui para questionar a dicotomia entre natureza e cultura, uma vez que aquelas práticas nos reposicionam em uma ontologia que não só admite a existência de entidades espirituais (sobrenaturais), como indica uma teia ativa de relações estabelecidas entre a natureza, os objetos, os animais, as plantas e os seres humanos vivos ou não.

A perspectiva de que as relações sociais e históricas são restritas aos entes humanos não é endossada por essa epistemologia, uma vez que a utilização das plantas seria uma tecnologia usada para potencializar e mediar o trânsito entre diferentes seres. Esse tipo de posicionamento se estende aos próprios termos que identificam as práticas ayahuasqueiras, por exemplo, ao se utilizar definições como psicoativos, drogas ou alucinógenos, obstrui-se a singularidade das experiências proporcionadas pelas *Plantas professoras*, o que deixa evidente o “desencontro epistemológico entre a ciência moderna e seus conceitos e a ciência ameríndia” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 213). Mais: uma vez que a História da Educação permanece fincada na percepção de que a cultura é algo que se transmite apenas entre humanos, a epistemologia ayahuasqueira levanta uma questão radical sobre o esquecimento ativo de outras formas de aprendizagem. Pois, assumir os pressupostos da epistemologia ayahuasqueira significa admitir a interação entre fontes de conhecimento que acoplam sujeitos humanos e não-humanos.

Na epistemologia da ayahuasca o que há, portanto, é uma constelação de sujeitos do conhecimento e, portanto, uma ecologia de sujeitos de saberes. Há, aqui, um híbrido entre as comunidades indígenas e não indígenas, que usam esta bebida em espaços religiosos ou não, que descobriram a planta e criaram formas de usos com diferentes significados. Se a planta é ela própria uma subjetividade, o seu compartilhar pelos humanos dá origem a uma constelação de subjetividades na medida em que é reconhecida por homens e mulheres em suas virtualidades para ampliar a consciência e gerar conhecimentos. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 222)

Além do entendimento sobre a existência de outras racionalidades e outros critérios de compreensão do mundo para além das definições ocidentais, conceber as plantas como produtoras de saberes implica pensar a sua interação com os próprios sujeitos. Esse elemento nos leva a pensar nosso próprio fenômeno de estudo enquanto situado no tempo e no espaço, visto que as circunstâncias históricas de contato com a bebida é também uma das condições centrais estreitamente ligadas aos processos de aprendizagem, pois estaríamos lidando com “uma co-professora”, isto é, “alguém que ensina com”. A planta realmente “só ensina na medida em que é, efetivamente, atualizada no ser humano. Ela precisa de um humano para a

descobrir e precisa, também, de um humano para se revelar” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 222).

Nessa perspectiva, do ponto de vista metodológico, a presente Tese articula os questionamentos dos objetos e métodos historiográficos, no âmbito da História Cultural, sobretudo nas vertentes que dialogam com a Antropologia<sup>7</sup>, reunindo traços característicos de *anarquia epistemológica*, e assim distanciando-se das abordagens de cunho macrossocial ainda dominantes na historiografia educacional. A intenção é clara: “dar à experiência dos atores sociais uma significação e uma importância frente ao jogo das estruturas e à eficácia dos processos sociais maciços, anônimos, inconscientes, que por muito tempo pareceram ser os únicos a chamar a atenção dos pesquisadores” (REVEL, 1998, p. 11).

Contudo, o alvo não é construir uma nova oposição macro-micro, mas elevar o entendimento de que uma dada realidade não é a mesma dependendo da escala de observação a qual se realiza sua análise. Na verdade, toda realidade se configura pela diversidade dos modos de fazer que lhe são imanentes. A propósito dessa mudança de escala, Revel (1998) nos fala que a microanálise não estaria resumida por uma ideia confrontada entre aumentar ou diminuir o espaço de observação, mas, antes em “modificar sua forma e sua trama” ou “em transformar o conteúdo da representação” (p. 20). Por essa razão, seu princípio metodológico não estaria situado na escolha de um recorte de escala particular, mas dentro da própria variação. O que muda, portanto, é a possibilidade de uma análise diferente do social, enriquecendo nosso conhecimento acerca do real pela multiplicidade das experiências abordadas<sup>8</sup>.

Dentro dessa vertente metodológica, chamo a atenção para a obra desenvolvida por Carlo Ginzburg, cujas proposições fundamentais são encontradas no texto *Raízes de um paradigma indiciário* (1989). Ginzburg elabora um paradigma indiciário enquanto modelo epistemológico nas ciências humanas a partir de pontos que se cruzam e se complementam. Em primeiro lugar, o método desenvolvido no final do século XIX pelo historiador da arte Giovanni Morelli, baseada no exame de indícios presentes nas obras de arte imperceptíveis para a maioria de seus estudiosos, fugindo ao que se constituía como marco caracterizante do artista; em segundo lugar, o nexa desse caminho com as formas de investigação criminal do personagem de Conan Doyle, Sherlock Holmes; e, por fim, a possível influência que tal método exerceu sobre a psicanálise freudiana, identificada por meio de uma conexão

<sup>7</sup> Sobre esse quesito ver LEVI (1985, 1989) e GINZBURG (1976, 1986, 2006).

<sup>8</sup> Nos termos de Revel (1998), isso permite escapar das explicações simplistas, duais ou opostas, como “força/fraqueza, autoridade/resistência, centro/periferia”, deslocando “a análise para fenômenos de circulação, de negociação, de apropriação em todos os níveis” (p. 29).

documental. Articulando esses pontos, defende-se que “nos três casos, pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (GINZBURG, 1989, p. 150).

Ginzburg ressalta ainda o método venatório oriundo dos caçadores, presentes desde os tempos primordiais, quando exerciam a leitura das pistas deixadas pelos animais, relacionando esse saber aos textos divinatórios mesopotâmicos, e acompanhando as transformações ocorridas a partir do advento da escrita e as transformações ocorridas no interior das formações disciplinares a partir do período clássico grego, o que permite ao pesquisador problematizar a dimensão semiótica inscrita em todo processo de conhecimento do real. O historiador condensa sua reflexão indiciária no fazer historiográfico por meio de uma analogia com o saber médico.

Mesmo que o historiador não possa deixar de se referir, explícita ou implicitamente, a séries de fenômenos comparáveis, a sua estratégia cognoscitiva assim como os seus códigos expressivos permanecem intrinsecamente individualizantes (mesmo que o indivíduo seja um grupo social ou uma sociedade inteira). Nesse sentido, o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural. (GINZBURG, 1989, p. 156-157)

Ginzburg ensina que é necessário ir além daquilo que mais nos chama atenção, do que seria mais vistoso, mais marcante. Ao escavar as sinuosidades dos textos que escolhe para lançar sua interpretação, Ginzburg (1989) recompõe cenários por meio não somente de documentos triviais, guiando-se por produções mais prosaicas como cartas e fábulas, sempre em busca de rastros deixados, involuntariamente, por quem as produziu. Esse tipo de operação historiográfica constrói a interpretação a partir da conexão de *links* que, aparentemente, poderiam ser vistos como desconexos, seja por uma distância no tempo e/ou no espaço, ou pela própria relevância atribuída aos mesmos na seletividade dos pesquisadores. As *migalhas* e os *retalhos* se constituem como partes e pistas de explicações densas e mais complexas.

De algum modo, esse também foi o percurso trilhado por essa investigação, a fim de fornecer visibilidade a práticas e experiências de educação com as *Plantas professoras*, pensando espaços, conhecimentos e sujeitos outros em formação na trama educativa. Com isso, metodologicamente, buscamos refletir e analisar sem inferir visões anacrônicas, a respeito de um alargamento da perspectiva ameríndia em um contexto contínuo que foge – como outrora às lógicas colonizadoras – aos modos homogêneos de significação. A ideia é

pensar experiências educativas consideradas mais amplamente aqui como *não formais*, por hora, ainda negligenciadas pela História da Educação. Para daí contribuir com uma reflexão histórica sobre âmbitos esquecidos ou ocultados da formação humana, alargando as implicações e o sentido de existência do acontecimento que está no eixo de nossa análise. Para tanto, mobilizamos enquanto fontes documentais produções narrativas divididas entre fontes orais e escritas.

1.2 Em meio ao cientificismo: “o Daime é meu professor/ Ele está de olho, ele está de olho, ele está de olho... Na minha mudança”

No propósito da elaboração das fontes orais, foi necessária uma imersão dentro do campo de pesquisa, trilhando os preceitos da História Oral, precisamente, enquanto técnica para a elaboração de fontes históricas<sup>9</sup>. Justificamos essa escolha metodológica pela via das potencialidades das narrativas em poder explicitar aspectos que não teríamos acesso apenas em documentos escritos (GINZBURG, 1989, p. 10). O trabalho com a memória vigente nos depoimentos, contudo, não foi vislumbrado enquanto resgate ao passado, mas como construção no presente suscetível a lembranças e esquecimentos (BOSI, 1995). Portanto, trata-se de uma aproximação a experiências vividas no passado, mas pensadas e relatadas no presente, e depois “transformada em fonte escrita” (MEIHY, 1998, p. 52), cabendo à pesquisadora-historiadora que se valeu dessas fontes, interpretar as lembranças e os esquecimentos de quem narrava, focalizando-se os rastros e as marcas do fato histórico a partir do cotidiano dos sujeitos, como reflete Ecléa Bosi:

Insisto nos termos *narrativas* e *oralidade*. Ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando *na própria voz* o fluxo circular que a memória abre o presente para o passado e este para o presente. Eu diria que a expressão oral da memória de vida tem a ver mais com música o que com o discurso escrito. (BOSI, 2003, p. 45, grifos da autora)

Meihy (1996) indicou alguns pontos operativos observados, pela pesquisadora, no trato com os depoimentos: a escolha criteriosa dos depoentes, o tipo da entrevista e o tratamento aos documentos. Com base nesses indicativos, passei 67 dias, entre os meses de maio e julho de 2019, em uma convivência diária dentro do campo de pesquisa no propósito de construção documental das fontes orais. O horizonte para a entrada no campo foi traçado

---

<sup>9</sup> Para a explicação dos encaminhamentos desse passo da pesquisa, seguimos algumas das instruções propostas por Paul Thompson (1992), Ecléa Bosi (1995 e 2003) e José Carlos Meihy (1996), evidenciando quais dessas proposições foram válidas ao objeto.

com base em três pilares espaciais pelos quais o próprio Sebastião Mota de Melo fincou suas relações e experiências com seus seguidores. O primeiro deles foi a *Colônia Cinco Mil*, localizada no município de Rio Branco, estado do Acre, onde foi fundada a primeira instância da sua comunidade e onde ainda residem alguns antigos moradores. O segundo foi o município de *Boca do Acre*, estado do Amazonas, em que também residem antigos membros da religião, atualmente, dirigentes de Igrejas e Centros. Por fim, ao lado de Boca do Acre, na cidade de Pauini, numa distância média de oito horas de canoa, localiza-se a última morada de Sebastião Mota de Melo e seus companheiros e companheiras, a *Vila Céu do Mapiá*, fundada em 1983, na cabeceira do Igarapé Mapiá, a última localidade de sua comunidade e que funciona até a presente data, sendo também sede mundial da instituição a qual fundou, em 1974.

Além disso, esse é o local em que reside grande parte das pessoas mais antigas da religião, constituindo-se enquanto principal referência doutrinária aos demais seguidores. Mas, nos três âmbitos, seguimos as orientações de Bosi (2003) para a realização das entrevistas, colhendo o máximo de informações sobre o tema. De início, e antes da imersão, o mapeamento dos entrevistados foi pensado tendo por base os sujeitos com os quais se tinha conhecimento prévio através da vivência dentro do próprio meio religioso. No entanto, uma surpresa se constituiu logo na chegada ao campo, alargando o universo das entrevistas. Isso porque travamos contatos com sujeitos de quem não tínhamos sequer conhecimento sobre sua existência e que estiveram no início da construção das comunidades abordadas na pesquisa.

Essa exploração inicial serviu também para um reconhecimento mútuo, já que o ato de se abrir à atividade de entrevista só é bem realizada se houver um consentimento e uma entrega sincera por ambas as partes. Mais especificamente, as entrevistas realizadas abordaram os conhecimentos que os sujeitos tinham com relação a Sebastião Mota de Melo. As perguntas também versavam sobre a construção das comunidades por ele criadas. Pedi para que eles e elas me contassem as histórias de sua formação, e segui questionando sobre os ensinamentos e os diálogos traçados junto ao líder. A percepção nas primeiras entrevistas foi de sequências narrativas contadas de forma muito curta, regradas e semelhantes em muitos pontos. Muitos dos entrevistados também afirmaram não se lembrar com precisão do que fora dito e vivido.

Em dado momento, um dos narradores ampliou-me a visão quando falou que não sabia “falar do Padrinho”, mas “do que tinha aprendido com ele”. Essa perspectiva acabou por ser intensificada pela *força* nas sessões espirituais no encaminhamento sobre a ligação das pessoas não somente com o líder religioso, mas com a centralidade da força que movia

àquelas relações: as *Plantas professoras*. A frase me foi falada por Adriano Grione momentos depois de eu ter apresentado meu objetivo, enquanto pesquisadora educacional, em Boca do Acre, ainda nos primeiros dias em campo e, a partir da conexão entre o falado durante o dia e o *mirado* e repensado nas noites de trabalhos, os diálogos com os narradores mudaram de sentido.

Nesse ponto, a prática reformulou a abordagem. Redirecionei as entrevistas para que os sujeitos passassem a contar suas próprias histórias de vida: como chegaram até o Santo Daime e, particularmente, às comunidades. Aparentemente, havia sido retirado o foco da figura do Padrinho Sebastião. Não obstante, ao falarem de si mesmos e de suas trajetórias no Santo Daime, a figura de Sebastião Mota de Melo emergiu em toda a sua força e pertinência. Foi assim que fui entrando em contato com aquilo que estávamos buscando: a relação dessas pessoas com os ensinamentos das *Plantas* e do Padrinho Sebastião tal como vividas no seu cotidiano, fosse através dos hinos, das palavras contidas em seu *Evangelho* ou da sua própria presença.

O ofício de campo me levou à compreensão de que “não basta que o historiador retome a linguagem dos atores que estuda, mas que faça dela o indício de um trabalho ao mesmo tempo mais amplo e mais profundo: o de construção de identidades sociais plurais e plásticas que se opera por meio de uma rede cerrada de relações” (REVEL, 1998, p. 25). Constatei uma alteração das primeiras entrevistas para as últimas, as quais, gradativamente, se adensavam.

Com base nesses primeiros contatos, tracei dois caminhos. Primeiro, entrevistei os sujeitos com os quais eu já tinha algum conhecimento prévio, sabia de onde eram, como chegaram ao Daime, sobre seus hinários e os lugares que ocuparam dentro da comunidade.

Em seguida, entrevistei aqueles que conhecemos no próprio campo. Aqui, as entrevistas versavam com perguntas de base a respeito de onde vinham, sobre a vida antes de conhecerem a doutrina, como a conheceram, como decidiram se mudar para a comunidade, que função ocuparam, se possuíam hinários e sobre as experiências de aprendizagem.

Nos dois grupos de entrevistados existiram situações em que os sujeitos conduziram sua própria fala de forma fluida, e isso foi respeitado por quem estava do outro lado ouvindo e aprendendo, sobretudo por ter a noção de que os sujeitos da pesquisa eram eles e elas.

Como critérios de análise foram levados em consideração, tanto no ato da elaboração documental quanto na análise das categorias, o posicionamento e as funções assumidas pelos sujeitos dentro das comunidades, assim como o fato de serem nativos da região do Acre e

Amazonas ou não. Esses pontos marcaram não só a diversidade das histórias, mas os modos em que essas categorias impactaram a formação cultural e social das comunidades.

Enfatizo ainda que, para além das entrevistas, procurei estar atenta aos modos de presentificação dos sujeitos no campo de pesquisa, acompanhando cotidianamente e participando ativamente de todas as suas atividades religiosas, o que me fez enxergar mais de perto nossos próprios objetivos de pesquisa e por quais caminhos eles poderiam se concretizar. Sempre mantendo como nosso horizonte de percepção das práticas que o objetivo de pesquisa era a compreensão das relações formativas desenvolvidas por e entre os sujeitos, mas que estes se encontravam reconhecidamente enquanto aprendizes e orientados pelas *Plantas*.

Devo recordar também a hospitalidade e recepção de muitos dos narradores dessa pesquisa e sua concordância em contribuir teve seu ponto crucial no momento que era mencionado o fato da orientação da Tese ser realizada por alguém que também partilha experiências com as *Plantas professoras*. O compartilhamento da experiência facilitou a vontade de falar sobre ela. Foi assim que narradores e ouvinte participaram “de uma aventura comum”, provando, ao final, “um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; os narradores, pelo justo orgulho de terem um passado tão digno de lembrar quanto o as pessoas ditas importantes” (BOSI, 2003, p. 61). Ambos saíram transformados.

Foram realizadas 22 entrevistas, sendo 11 mulheres e 11 homens, na faixa etária, majoritariamente, entre 60 e 80 anos. A média das narrativas foi de 1h30 (uma hora e trinta minutos). Todas feitas mediante autorização via Termo de Consentimento Esclarecido (ANEXO I), sendo também mencionada a possibilidade de entrevista anônima, deliberada por eles, algo não ocorrido. Os recursos utilizados foram o registro por áudios e, nas primeiras entrevistas, também por vídeo.

Entretanto, foi percebido certo constrangimento com a câmera e, quando da ausência dela, a narrativa acontecia de forma mais natural. Isso marcou o levantamento dos dados, pois, por escolha minha, as últimas entrevistas foram feitas somente com o gravador de áudio. Os dados foram transcritos, compondo a base documental das entrevistas. Também foram consultadas entrevistas publicadas online, assim como o documentário *Daime Santa Maria*, encontrado na plataforma *Youtube*. Operamos ainda com relatos escritos de membros antigos sobre suas experiências encontrados em *websites* de igrejas, fotografias disponibilizadas pelos narradores ou publicadas online, recortes de jornais que retratavam episódios que envolviam questões da comunidade compuseram a formação de um arquivo auxiliar da pesquisa.

Para a análise dos dados, além das pesquisas que se aproximam com nossa temática, mobilizamos as obras de Vera Frões Fernandes (1986), Alex Polari de Alverga (1992, 1995, 1998) e Lúcio Mortimer (2000 e 2018) que elaboraram importantes narrativas de membros da doutrina e que nos ajudaram como referência no tratamento adequado das fontes. Essas obras apresentam a história de formação das comunidades do Santo Daime, com uma seleção de episódios que evidenciam traços da vida e do cotidiano de seus membros, sendo assim ferramentas importantes para compreensão do contexto em que vivem e pensam.

Contamos também com as transcrições das palestras e conversas registradas no *Evangelho Segundo Sebastião Mota* (1998), cuidadosamente organizado e publicado por um de seus seguidores, o ex-guerrilheiro Alex Polari de Alverga. Anunciado enquanto *Evangelho do Terceiro Milênio* (ALVERGA, 1998, p. 20), a obra tem como pano de fundo das transcrições as primeiras horas da madrugada, quando o líder religioso contava suas histórias aos seguidores enquanto todos se preparavam para o trabalho comunal<sup>10</sup>.

Outro elemento documental analisado foram os hinos e hinários da doutrina, além dos hinários das pessoas que entrevistamos. Essa escolha metodológica ocorreu mediante a experiência de campo. Identificados como um dos principais mecanismos pelo qual tanto a religião constrói e mobiliza seus saberes, o hinário também é uma das fontes que marcam de forma afetiva e poética a narrativa de suas vidas, condensando a experiência de quem os recebeu e de como estes conhecimentos continuam ensinando aqueles que têm contato ritualístico com esse material, uma síntese do que se ensina e de como se aprende.

Por fim, retomando Maria Betânia Albuquerque, destacamos uma dimensão que gostaríamos de fincar como elemento vivo da prática metodológica que permitiu a construção dessa Tese. Para Albuquerque (2011), quando estudamos uma experiência como o Daime, devido aos limites colocados pela ciência moderna, é preciso delimitar os critérios que serão condutores da investigação no âmbito da própria experiência. Isso porque “a epistemologia da ayahuasca é uma epistemologia pragmática cuja evidência justifica-se na ecologia entre ciência e experiência, sendo a pergunta mais significativa a que diz respeito ao que esses conhecimentos *fazem*, ou quais seus efeitos sobre o mundo. Aqui, a dimensão da prática sobressai à dimensão puramente teórica” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 228 – 229).

---

<sup>10</sup> Podemos citar aqui alguns tópicos os quais o autor dividiu por temas, como: A Cura com o Mestre Irineu; Histórias do Mestre; A Justiça de Deus é Paz; Nicodemus e o Renascimento; Palavras de um Seringueiro do Amazonas; O que é ser um Homem, Prazer e sofrimento na Miração; As Mulheres estão mais avançadas; Recomendações aos que iniciam a jornada, entre outros, etc. Temas esses que abrem uma possibilidade de compreender a fala de Sebastião Mota de Melo por suas próprias palavras, sentimentos e concepções; e como a prática e a experiência com o Santo Daime significou ou ressignificou outros saberes presentes em suas práticas religiosas, além das falas poderem ser recorridas de forma associativa aos relatos orais dos sujeitos entrevistados.

Tentamos então seguir por esse caminho, desdobrando uma prática de pesquisa guiada por uma metodologia calcada também no uso das *Plantas professoras*. Logo, não postulamos uma objetividade neutra, isto é, que cinde a pesquisadora e os membros do campo de pesquisa. Compreendo que o fato de ser *fardada* da doutrina religiosa que me propus estudar poderia ser visto como um empecilho, mas, defendendo exatamente que foi o contrário a situação vivida ao longo da investigação. Foi, de fato, um vetor facilitador tanto na aproximação com os sujeitos, na colaboração deles, como na compreensão efetiva dos seus relatos. Procurando, assim, um distanciamento do nosso olhar ao que segue à objetivação da epistemologia ocidental moderna.

### 1.3 O desafio do tempo vivido no espaço da narrativa

A Tese foi organizada em cinco capítulos. Após essa Introdução, no capítulo intitulado *A voz que clamou do deserto à floresta: “nasci na mata, nela me criei”*, apresento a construção de uma narrativa calcada na trajetória formativo-existencial do Padrinho Sebastião. Situada entre vida e obra, essa construção buscou atender para a sua formação como trabalhador e líder espiritual do Daimé, mobilizando tanto suas palavras quanto as histórias daqueles que conviveram com ele. Além dos livros biográficos de membros antigos da doutrina fizeram parte das nossas fontes o hinário – *O Justiceiro* - as transcrições de suas preleções na obra *O Evangelho Segundo Sebastião Mota* e os relatos colhidos nas entrevistas.

No capítulo seguinte, *“Tem neste mundo um belo Dom/ Chamando todos para o bem-viver”*, prossegue a construção narrativa da trajetória do Padrinho Sebastião, focalizando, inicialmente, as narrativas que contam o encontro acontecido entre a população local de daimistas que iniciava os trabalhos espirituais junto ao Padrinho Sebastião e os diversos viajantes estradeiros do mundo inteiro que chegaram até o Acre e o Amazonas mobilizados pelas ideias contraculturais em voga naquela época. Através do que nos foi contado, exploramos quais princípios estiveram na constituição das bases da comunidade pelo agenciamento das *medicinas sagradas* e da religião no novo cotidiano que surgia para aquelas pessoas.

Em *Santa Maria que revelou segredo: “Eu vou contar uma bela história/ Da plantinha que mais tem amor/ Ela era bem pequenina/ Padrinho viu e abençoou”*, focalizamos a história de uma das *Plantas professoras* utilizadas pioneiramente na religião daimista, ocorrida dentro desse novo contexto: a *cannabis sativa* que vem sendo popularizada no mundo inteiro nos últimos séculos seja em seu caráter recreativo, medicinal, espiritual ou

religioso. A intenção é abordar a história de *revelação* e da *consagração* para o seu uso em caráter estritamente espiritual, tendo como ponto de partida o contato do Padrinho Sebastião com sua flor, denominada por ele de *Santa Maria* e de como esse encontro se desdobrou em outras histórias de vida. Deparamo-nos, então, com o caráter formativo presente na união entre Santo Daime e Santa Maria – encarados como complementariedade - responsável pela transformação da trajetória de diversas pessoas da comunidade em meio às situações de repressão na época.

O quinto e último capítulo da Tese, “*Sou luz, dou luz e faço tudo iluminar*”, apresenta os novos caminhos litúrgicos do Daime, trazendo o elemento que consideramos central na compreensão das ramificações do caráter formativo agenciado pelas *Plantas* e que estão, implícita ou expressamente, presentes em todos os capítulos anteriores: as experiências de cura. Nesse âmbito, destacamos sua ligação com a Umbanda a partir de experiências vividas pelo Padrinho Sebastião como *médium*; a chegada de membros daimistas coligados a essa religião; o desdobramento de experiências de cura que adquiriram grande importância na religião, transformando-se em trabalhos espirituais; e como esses elementos tiveram um impacto na ampliação do que seria o caráter caritativo presente no Daime. Esse elemento encontra-se nos símbolos, nos hinos, nos formatos de trabalho e no objetivo do *ser/viver-daimista*.

Mas é preciso assumir que a agência de sentido e formação daquilo que buscamos compreender e interpretar ao longo de todo trabalho coloca o próprio Padrinho Sebastião (assumidamente, que fique claro), ele mesmo, sujeito fruto dessa relação com as *Plantas professoras*, notadamente pelas experiências *guiadas* e muito descritas por ele experienciadas na condução da vida de muitos. Bem como a atribuição feita pelas tantas outras pessoas e seres que o colocaram como articulador seminal desses saberes.

Em outros termos, não defendemos a figura do Padrinho Sebastião como central, mas enquanto facilitador, articulador, visto que toda sua trajetória existencial esteve coligada ao mundo espiritual e, ao encontrar-se com o Daime, as *Plantas* passaram a assumir essa condução, como ele mesmo tentou ao longo de toda sua passagem neste planeta dizer, cantar e falar.

Ao final, esperamos deixar claro o argumento central defendido nessa Tese de que o Santo Daime, tal como demonstram as narrativas acerca do trabalho desenvolvida pelo Padrinho Sebastião, ao integrar e articular diversas linhas religiosas e espirituais, proporciona através do uso das chamadas *Plantas professoras* uma nova forma de olhar e se relacionar consigo, com o outro e com o mundo por meio do estabelecimento de práticas formativas

peculiares que dão sentido à vida de inúmeras pessoas. Nessa direção, o contato com as *Plantas professoras* pensadas enquanto elementos catalisadores e condutores de uma experiência espiritual e de vida comunal também parecem apontar para a existência de processos sutis de educação e formação do humano cunhados no tempo que, situados para além dos muros escolares e dos processos pedagógicos cognitivos, amplia consideravelmente nossa visão da educação.

A experiência de pesquisa permite afirmar que quem conviveu com o Padrinho Sebastião e suas *Plantas professoras* vivenciou não apenas cura e iluminação individual, mas também foi movido por uma formação comunitária que tocou e permanece tocando a existência. Um dos efeitos mais visíveis e potentes destacados por inúmeras pessoas foi a expansão do seu entendimento acerca de um curso “naturalizado” da vida, simultaneamente nos aspectos do *Ter* e do *Ser*, exprimindo uma forma significativa de olhar que segue na contramão aos elementos que configuram nosso mundo globalizado e capitalizado. Encontrar sentido e condução à própria vida (e a vida de muitos outros) pela conectividade com seres não-humanos pode ser encarado como um campo fecundo à História da Educação e, talvez, para outras linhas de pesquisa educacional focadas na compreensão multidimensional e complexa do ser humano.

Assim, dentro do tempo moído de elaboração de uma Tese, esperamos trazer à esfera pública uma compreensão renovada em torno do papel das *Plantas* na elucidação dos desafios da formação humana na atualidade. Investigando o fenômeno não só pelas vias de quem o já viveu, mas também adentrando ao campo da experiência de forma integral para construir nossos resultados, teórica e metodologicamente, ancorados na vivência com as *Plantas professoras*.

## 2. A VOZ QUE CLAMOU DO DESERTO À FLORESTA: “Nasci na mata, nela me criei”

*Esse Santo Daime, esse Espírito da Verdade, tem  
competência de mostrar nós.  
Todo mal feito que nós fizemos  
e o seguimento da vida espiritual.  
Pra isso, a Voz do Deserto tá aqui mesmo  
dentro da floresta.  
Falando pra quem queira ouvir e olhos para ver.  
(Padrinho Sebastião, grifo meu)<sup>11</sup>*

Entre os 5.500.000 km<sup>2</sup> da floresta amazônica, no seringal Monte Lígia, localizado na região Alto Juruá, no dia 7 de outubro de 1920, nasceu Sebastião Mota de Melo, filho das matas e de Dona Vicença e Seu Manuel Mota. A infância foi marcada pela vivência entre os seringais e o contato cotidiano com as criaturas da floresta, proporcionando um crescimento com intimidade junto a esse mundo e seus elementos, afinando suas habilidades com a caça, a pesca, a agricultura e o trabalho braçal. No livro escrito pelo jornalista mineiro Lúcio Mortimer (2000), *Bença, Padrinho!*, cuja chegada à doutrina daimista se deu pelas viagens nas estradas do país ao longo da década de 1970, somos apresentados à biografia do Padrinho Sebastião.

Mortimer ressalta que, em sua infância e juventude, a vida de Padrinho Sebastião foi diretamente afetada pelo ciclo da borracha, reaberto pelo governo getulista, após a entrada do Brasil na Segunda Guerra mundial, o que impactou as formas de vida nessa região e que, dentre outros elementos, produziu o movimento de chegada dos nordestinos, os chamados “soldados da borracha”. Foi nesse contexto que também chegaria à região Rita Gregório de Melo, companheira de Padrinho Sebastião, juntos formariam uma família que se estenderia dos filhos consanguíneos àqueles que se consideravam apadrinhados e amadrinhados pelo casal. O encontro dos dois marcaria o ponto germinativo de uma nova forma de olhar o mundo. A Madrinha Rita, hoje, matriarca da linha de trabalho espiritual daimista de Sebastião Mota de Melo, apareceu ao antigo companheiro antes de conhecê-lo, dentro de um sonho, no qual

---

<sup>11</sup> Fala retirada do programa “Documento Especial – Santo Daime”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x07BMz5ED0c&t=22s>. Acessado em 04 de novembro de 2022.

[...] ele estava triste e solitário, andava na mata e não via nenhum bicho, nem o piá de um passarinho. Foi seguindo, seguindo, até chegar à beira de um rio grande, que pensou ser o Juruá, mas as águas eram mais limpas olhando para o rio, avistou ao longe uma barquinha toda enfeitada. Quanto mais a embarcação se aproximava, mais ela crescia, até que passou imponente, no leme ia um homem de longas barbas brancas. Era muita gente, mas no meio do povo o rosto bonito de uma mulher ficou na sua lembrança. Ao passar, o velho do leme apontou para o poente. Agora ele andava no rumo indicado e ia encontrando todos os bichos: veado, anta, porco, tatu, capivara, etc. Os animais comiam frutas silvestres e não se assustavam com ele. Por fim, chegou num terreiro bem limpo e viu a moça da embarcação, sentada num banco sorrindo para ele como se o tivesse esperando, correu na sua direção e acordou subitamente com o simples cantar do galo anunciando que já eram quatro horas da manhã, hora de levantar. (MORTIMER, 2000, p. 19)

Apresentar a formação do Padrinho Sebastião em volta da temática da espiritualidade, as experiências religiosas, curandeiras, as lidas cotidianas de quem viveu imerso à floresta, e seu seres vegetais e animais, até sua chegada ao Daime é o objetivo deste capítulo, cujo intuito é situar a/o leitor/a na compreensão de muitos dos argumentos pelos quais essa pesquisa foi elaborada.

## 2.1 A embriologia de uma vida espiritual: o contato com o sagrado pelas escrituras bíblicas e com os espíritos

As múltiplas influências religiosas, étnicas e culturais que confluíram no Santo Daime, desde o início de sua formação, são difíceis de serem abordadas de uma forma exaustiva ou totalizante. Para compreender o caminho espiritual trilhado por Sebastião Mota e os aspectos singulares que sua linha de trabalho inaugurou, é preciso voltar os olhos para quem abriu as portas e o iniciou na constituição híbrida da religião. O livro *Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros*, de Paulo Moreira e Edward MacRae (2011) expressa alguns aspectos singulares de uma historiografia complexa acerca do Mestre Raimundo Irineu Serra e os caminhos traçados por este até o contato com a *ayahuasca*, o que deu início à doutrina do Daime.

A partir de depoimentos de membros antigos e seus familiares, fotografias, hinários e documentos escritos da época, os autores apoiaram sua narrativa no curso da vida do Mestre Irineu, discutindo as múltiplas dimensões que compuseram a biografia desse líder religioso. Para os autores, o Mestre Raimundo Irineu Serra, negro, nordestino, analfabeto, trabalhador e imigrante, deslocando-se em meio a um país recém-saído da escravidão e ainda em vias de formação enquanto Estado Nacional “foi síntese de possibilidades e resultado das

contradições de um Brasil diverso e opressor, generoso e excludente. (...) Um Mestre que brota na Floresta, feito cipó e folha, água e fogo. E que a tudo alumia” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 17).

Desvelando ao mundo a história de quem causou uma *revolução espiritual* no seio da floresta amazônica, Moreira e MacRae (2011) destacam que as práticas indígenas xamânicas dos chamados *vegetalistas*, inicialmente, estiveram associadas, pela população acreana, a uma espécie de culto satânico por lidar com a comunicação e a invocação de espíritos.

Essa visão estigmatizada e estigmatizante é o resultado direto da falta de familiaridade em lidar com práticas espiritualistas diferentes da cultura cristã dominante, o que ressoou nas primeiras experiências espirituais de Mestre Irineu com a *ayahuasca*, levando-o a uma ressignificação do seu uso.

Essa ideia acabou se consolidando entre seus seguidores como uma espécie de mito de fundação, demarcando uma nova abordagem do uso da bebida, onde se abandonavam as práticas pagãs, adotando-se em seu lugar os referenciais e valores cristãos. Esse mito marcaria o início da missão de Irineu, antepondo-se à ambiguidade dos brujos ou hechiceros, chefes da ayahuasca. (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 89)

Isso significa afirmar que as práticas do vegetalismo negadas por Irineu antes, foram ressignificadas dentro do contexto do Daime. Após passar por um processo de enfrentamento interno a respeito da associação da bebida com o satanismo, Mestre Irineu incorporou o uso de outras plantas e medicinas indígenas aos trabalhos do Daime. O tabaco, o chá de cidreira, o rapé, a caissuma e muitas outras plantas originárias foram associadas, tornando-se parte dos rituais com o chá, bem como do receituário de medicamentos feitos à base de plantas medicinais para os doentes que lhe procuravam.

Para os pesquisadores (MOREIRA, MACRAE, 2011), isso se deve também à herança que ele carregava na própria pele, pois tudo indica que Raimundo Irineu levou consigo para o Acre as manifestações culturais já presentes na *encantaria maranhense*, que mescla tradições de um cristianismo popular e traços religiosos afrodescendentes, posteriormente unidos às práticas indígenas da região amazônica. Nessa direção, Beatriz Labate e Gustavo Pacheco, em *Matrizes maranhenses do Santo Daime* (2009), apresentam uma discussão, até então, lacunar dentro das pesquisas sobre as origens e influências do Daime. Segundo esses autores que viajaram pela memória do Mestre Irineu, é possível encontrar elementos da cultura popular religiosa do Maranhão como, por exemplo, o tambor de mina, assim como o baile de São Gonçalo e a festa do Divino que aparecem refletidos nas bases de um cristianismo popular.

Em outros trabalhos (FERNANDES, 1986; MACRAE, 1997; SILVA, 2002), o tambor de mina<sup>12</sup> é citado enquanto uma influência para Irineu em sua formação religiosa. No entanto, o fato de sua expansão ter se intensificado somente a partir de 1930, após sua partida para o Acre, comumente esse aspecto é pouco tematizado.

De todo modo, diferentes autores indicam que, desde o século XIX, a região amazônica se constitui como um território de hibridização misturando elementos do catolicismo popular, das culturas indígenas, do tambor de mina e da medicina rústica como a pajelança conhecida também como “linha de pena”, caracterizada pelo objetivo de tratar e curar diversas doenças através do transe e da possessão de entidades espirituais, além de fazer uso do tabaco e da defumação. Esse fato evidencia um trânsito intercultural que desvela uma disseminação profunda da pajelança maranhense, bem como de outras experiências espirituais do nordeste brasileiro, como o catimbó, a jurema e o toré no contexto da região amazônica. Formas de união entre o tambor de mina e a pajelança são encontradas do Nordeste ao Acre.

O próprio termo *doutrina* - muito utilizado na cosmologia da religião daimista – é muito usado no Maranhão dentro das cantigas do tambor de mina, pajelança e terecô e nas associações com as entidades desses seguimentos (MOREIRA, MACRAE, 2011). Ou ainda, a distinção entre termos que aparecem nas cantigas como “banzeiro”, “maresia” e “balanço” em oposição à noção de “firmeza” associada a uma característica marcante dos espíritos curadores. Ambas as denominações não somente são encontradas dentro dos hinos recebidos por intuição mediúmica de Mestre Irineu, como passaram a fazer parte do imaginário daimista.

O “balanço” é a própria força da bebida e seus efeitos sobre o organismo e ao mesmo tempo uma referência ao apocalipse do final dos tempos (...) Estas noções estão ligadas a um ideário de guerra, de batalha astral, de combate entre entidades de luz (bem) e das trevas (mal). Os daimista são parte do “exército de Juramidam”<sup>13</sup>, soldados que devem lutar com disciplina e firmeza contra os perigos espirituais e as dúvidas e incertezas que “balançam” a fé de cada um. No mesmo sentido, nos rituais de cura dos pajés maranhenses o tratamento de doenças e perturbações muitas vezes se expressa em um idioma de guerra e combate. (LABATE, PACHECO, 2009, p. 320)

---

<sup>12</sup> De origem afro-brasileira, à semelhança dos cultos de Candomblé e suas práticas religiosas, o tambor de mina “abriga diversas nações ou sistemas rituais diferentes cuja origem é associada a grupos étnicos distintos: jeje, nagô, cambinda, cachêu, fulupa, são algumas das nações presentes na memória e na tradição oral do povo-de-santo maranhense” (LABATE, PACHECO, 2009, p. 312).

<sup>13</sup> O termo “Juramidam” é uma alusão ao título recebido por Raimundo Irineu Serra de “Mestre Império Juramidam”. Segundo contam os adeptos mais antigos, entregue enquanto uma patente pela guia espiritual do líder, a Rainha da Floresta. Fernandes (1986) conta que este título é associado às entidades espirituais do Império Inca percussoras do uso da Ayahuasca na América, cuja influência se estendeu até a região da Amazônia Ocidental.

Além disso, há indícios de que a festa do Divino Espírito Santo, festejo popular do catolicismo brasileiro, presente no Maranhão como uma das mais importantes expressões da cultura negra e, de forma peculiar, ligada aos terreiros de tambor de mina, teve aspectos de suas formas de expressão incorporadas ao Daime através do conhecimento e da participação do próprio Irineu nos folguedos, herança da tradição familiar católica da sua mãe.

No hinário do Mestre Irineu encontra-se uma conexão com as figuras-símbolos do reinado e seus títulos de nobreza, como “príncipes e princesas”, “coroa”, “império”, “reinado”. Essas influências são visíveis no estilo, na métrica e mesmo nos conteúdos presentes tanto nos hinos quanto nos cantos entoados pelas *caixeiras* da festa do Divino, senhoras que acompanham os cortejos (MOREIRA, MACRAE, 2011). Também difundido na cidade natal de Irineu, São Vicente Ferrer, a tradição da baixada maranhense do Baile de São Gonçalo que se caracteriza como um baile entre casais que dançam e recitam versos em louvor ao Santo, talvez, seja mesmo um dos principais marcos culturais para uma associação mais imediata ao Daime devido à semelhança com os festejos realizados na religião chamados de *bailados*, nos quais, em passos repetidos, os membros da comunidade bailam durante horas os *hinários*<sup>14</sup>.

Voltando às experiências de Mestre Irineu no Acre, após receber a missão de iniciar um novo caminho doutrinário, aos poucos, os elementos *vegetalistas* e as tradições de encantaria maranhense foram substituídos ou resignificados. O nome *ayahuasca* ou *oasca* passou a ser chamado de *Daime*, em conexão ao verbo “dar” e ao rogativo de pedir ao se ingerir a bebida. A pesquisa de Moreira e MacRae (2011) sugere que as mudanças ocorridas nos termos também mostram um desejo de evitar associações aos elementos das tradições indígenas e caboclas.

Além dessa renomeação evidenciar um esforço de Irineu na construção de uma identidade própria para o seu novo uso da bebida, devemos lembrar o contexto sociopolítico da época, enfrentado por ele, no qual suas práticas religiosas e seu uso da ayahuasca poderiam ser enquadrados nos artigos do código penal vigente. Deste modo, sem descartar seu aspecto profético, a mudança do nome de ayahuasca para “daime”, de “borracheira” (o efeito) para “afluído”, e de Mariri (o cipó) para Jagube e de mescla ou chacrona (a folha) para “rainha”, dava mais respeitabilidade ao grupo. (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 102)

---

<sup>14</sup> As inspirações da religião em relação ao Baile vão desde a arquitetura dos “barracões” para a efetuação dos festejos, as quais se assemelham aos salões das igrejas iniciais do Daime; às vestes brancas usadas denominadas de fardas, também carregam insígnias semelhantes; e os ritmos que compõem a liturgia do Daime, como as marchas e valsas.

Portanto, a perda de espaço dessas cosmologias para os elementos do catolicismo teve uma dimensão bastante complexa. Vale lembrar os estereótipos negros e indígenas devido à busca de legitimação para a própria doutrina e, evidentemente, a possibilidade da liberdade religiosa do grupo em meio ao contexto sócio-político repressivo decorrentes das décadas de 1930 e 1940, marcados pela busca de uma homogeneidade predominantemente cristã.

A própria história política do Acre, em fins do século XIX, início e meados do XX, são elementos que não podem ser desconsiderados na busca de Mestre Irineu para garantir a vida religiosa do Daime. Vale lembrar que ele era abordado pelas autoridades locais devido à sua crescente popularidade e carisma diante da população, tendo sofrido perseguições sistemáticas nos anos iniciais de funcionamento da comunidade (MOREIRA e MACRAE, 2011).

Há ainda nas teias embrionárias de formação da religião, a presença do esoterismo, o qual remete ao seu processo de formação nos idos de 1940, com o Mestre Irineu e os irmãos Costa, responsáveis por fundar o Círculo de Regeneração e Fé (CRF). Moreira e MacRae (2011) apresentaram diversos elementos presentes no CRF inspirados no Círculo Esotérico da Comunhão de Pensamento (CECP)<sup>15</sup>, como, por exemplo, o lema “Harmonia, Amor e Verdade e Justiça” semelhantes ao da ordem “Harmonia, Amor, Verdade e Justiça”, este último item sendo incluso posteriormente, encontrado até os dias atuais como brasões estampados nas paredes dos salões das igrejas daimistas. Ainda segundo os autores, após esse período e a consequente saída do CRF, o Mestre Irineu voltou a ter contato com os escritos do CECP nos anos de 1950, incluindo a leitura de textos da ordem nos seus trabalhos<sup>16</sup>.

Desse modo, foram incorporados “novos elementos culturais para a cosmologia do Daime”, como os ensinamentos dos princípios teosóficos da astrologia, da numerologia, da cabala judaica e do budismo (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 299). Como consequência, no final dos anos 1960, registra-se uma rivalidade iniciada por Francisco Ferreira com o Mestre Irineu pelo comando do *Centro*. Fato que culminou com o relato à sede do CECP sobre o uso do Daime nas sessões, o que causou uma forte tensão devido às ameaças que as instituições

---

<sup>15</sup> Segundo os autores, o CECP “é uma ordem ocultista fundada pelo português Antônio Olívio Rodrigues, a 27 de junho de 1909, em São Paulo, inspirada nos ensinamentos do guru indiano Swami Vivekananda e nos princípios teosóficos de Madame Blavatsky. Sabe-se que esta instituição esotérica, através de uma publicação chamada Revista de Pensamento, teve ampla divulgação de sua filosofia circulando pelo Brasil até em regiões mais longínquas como a Amazônia e o sertão nordestino” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 124).

<sup>16</sup> Além disso, é possível supor também que essa busca de uma parceria com o CECP através de uma filiação, teria como finalidade a obtenção de legitimidade social para o grupo daimista. Ele e diversos outros membros, a pedido seu, teriam se filiado à sede nacional da instituição, passando a obter a filiação do próprio centro em 1963 com o nome “Centro de Irradiação Mental Tattwa Luz Divina”, aparentemente, transformando o núcleo uma filial do CECP (MOREIRA, MACRAE, 2011).

espiritualistas não coligadas à Igreja Católica poderiam sofrer. Uma carta foi então enviada da sede à sua filial no Acre, alertando quanto à incompatibilidade com o uso do Daime nas sessões, e que recebeu como resposta do Mestre Irineu: “se não querem o meu Daime, também não me querem, eu sou o Daime e o Daime sou eu” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 302). Mas, apesar das sessões de Daime irem abandonando o caráter explicitamente esotérico, muitos traços permaneceram incorporadas aos ritos de concentração, como a definição das datas, a leitura das orações, etc. No entanto, de fato, o caráter eminentemente livresco foi ficando de lado.

Além dos condicionantes políticos e culturais, é importante atentar para o contexto social em que vivia a população habitante da região amazônica naquele período, marcado por graves problemas de saúde decorrentes da exploração do trabalho nos seringais. É nesse cenário que ocorre a abertura de espaços para as diferentes práticas de cura popular.

Nesse sentido, Mestre Irineu, ao obter o contato com a *ayahuasca* e desenvolver seus trabalhos junto à população de trabalhadores passou a ser conhecido como um curador de poderes milagrosos, implementando “um poder simbólico capaz de construir uma nova realidade social, na qual formas de percepção e ação seriam inscritas nas mentes e nos corpos de seus seguidores contribuíram para instaurar entre eles novas formas de ver e agir no mundo” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 58). Com isso, o Daime passou a ter como característica não só uma atualização de traços *vegetalistas*, mas, sobretudo, desencadeou uma nova visão acerca do próprio cristianismo. No ponto de transmutação de uma prática indígena para uma religião de caráter cristão, a qual, diga-se, permanece em constante estado de diálogo, resultou em um sistema de compreensão único, sendo necessário apreender como essa dinâmica complexa e ambivalente se manifestaram na vida de Sebastião Mota.

\*\*\*

Foi em meio ao desenrolar do namoro com Rita que Sebastião passou a conviver com os seus familiares, dentre os quais o pai da moça, Seu Idalino, propiciaria a Sebastião os primeiros contatos com questões espirituais. As práticas religiosas cotidianas da família eram constituídas de preces, orações e cantos diários. A partir dessas práticas Sebastião passou a ter um contato mais efetivo com os textos das escrituras bíblicas, algo que notadamente permeou as leituras que fez das experiências espirituais pelas quais passou, e afetando o como as ensinou.

Dito de outro modo, o cristianismo foi sua primeira escola espiritual enquanto lidava com o trabalho na floresta, entre a feitura de canoas, a extração da seringa e o contato com as plantas e os bichos. Contudo, entre o casamento e a chegada dos filhos, a relação com o

mundo espiritual por meio de iniciações com os *vegetalistas* e as correntes indígenas da região foi, surpreendentemente, entremeado com o Espiritismo Kardecista, praticado de modo muito particular na região. Isso porque a família de Sebastião passou a sofrer com uma aparente doença psíquica de sua mãe. Em busca de solução, chegou até ele a notícia de um curandeiro que trabalhava na *linha espírita*. A família viajou então cerca de quatro dias em busca de mestre Osvaldo, na época com 60 anos, oriundo de São Paulo. Pela memória de quem escutou, esse foi um encontro “decisivo e inesquecível” (MORTIMER, 2000, p. 27), pois unia as práticas locais de cura pelos elementos da mata e as práticas do trabalho espírita kardecista também chamado de *mesa branca*, na qual mestre Osvaldo lidava com “espíritos de médicos” para “resolver os casos mais difíceis” (p. 27). Sobre essa experiência, o próprio Sebastião, anos mais tarde, recorreria a essa memória.

Eu também já fui médium, já peguei Caboclo também. No tempo que eu trabalhava com espírito. Ainda hoje atuo<sup>17</sup>, né? Porque a gente sempre é. Nunca deixa de ser o eu é. Eu trabalhava com dois guias, José Bezerra de Menezes e Antônio Jorge. São dois seres espirituais. Eu conheci os dois, espiritualmente. Eles fizeram muitas operações. Quem era o doutor lá no Juruá era eu. Quando precisavam de uma ajuda nessa parte eu trabalhava, só viviam me carregando pra outros seringais, pra aqui e acolá. (apud ALVERGA, 1998, p. 142)

De acordo com Mortimer (2000), Alverga (1998) e Fernandes (1986), na verdade, as experiências espíritas de Sebastião se iniciaram desde sua infância, através de sonhos e presságios vividos por ele, mas que até aquele momento não tinham explicações. No processo de cura, Osvaldo revelou que se tratava de mediunidade. Em tom profético, além do diagnóstico, foram propostas as aprendizagens dos ensinamentos espíritas, assim como o anúncio de uma missão para a qual Sebastião estaria sendo designado no momento oportuno.

Desde este tempo a casa de Sebastião e Rita não parou de receber gente doente, principalmente crianças e recém-nascidos. Na tenra idade, estão sujeitos à influência dos olhares de certas pessoas, que mesmo involuntariamente colocam “quebrante”, isto é, entristecem o inocente que passa a ter crises anormais de choro, falta de apetite, dor de barriga, etc. Quebrante é mal que só se cura com rezas. (MORTIMER, 2000, p. 29)

---

<sup>17</sup> O termo “atuação” na religião refere-se ao processo de incorporação de outros espíritos, enquanto “manifestação mediúnica” (ALVERGA, 1998, p. 208). Por sua vez, “aparelho” seria o “veículo mediúnico para a atuação espiritual. O aparelho é a soma do corpo e da mente quando se encontram disponíveis para o trabalho de recepção.

Entre os muitos seringais que cortavam o Alto Juruá, Mariana Franco e Osmildo Conceição (2009) pesquisaram sobre os usos da ayahuasca entre os anos de 1950 até finais do século XX. Através de relatos orais, remontaram as trajetórias dos seringueiros que recorriam a curandeiros para o tratamento de diversos tipos de doença. Segundo os autores, as formas de uso entre os seringueiros eram bastante diversas e contextualizadas às demandas locais. Os curandeiros do Alto Juruá utilizavam, por exemplo, a ayahuasca tanto para consultar remédios como para os tratamentos dos doentes. Isso sem falar de outros usos poucos associados à cura propriamente dita, como “descobrir roubos no cálculo dos débitos dos seringueiros com os patrões, checar o comportamento moral da esposa em viagens à cidade, saber das condições do rio às vésperas de uma viagem” (p. 210). Embora se saiba que Sebastião não fez uso da bebida enquanto residia no seringal Monte Lígia e seu trabalho como curandeiro lá tenha antecedido o estudo em questão, o trabalho de Franco e Conceição (2009) fornece uma compreensão sobre as práticas do curandeirismo local, além de permitir compreender que Sebastião e mestre Osvaldo não eram os únicos a trabalharem na manipulação de curas espirituais e físicas.

Mas, logo, será possível perceber sua influência crescente nos seringais. Em meados dos anos 1970, o Padrinho Sebastião estava com a primeira formação comunal em pleno vigor. Uma das bases dos rituais aos quais Sebastião recorria eram derivados do seu aprendizado com Osvaldo, e mediadas por alguns postulados desenvolvidos pelo Espiritismo<sup>18</sup>, em obras como *O livro dos médiuns*, escrito a partir de mensagens enviadas por espíritos<sup>19</sup>.

A compreensão de que as obras de Allan Kardec constituíram uma das bases das suas atividades pode ser encontrada nas entrelinhas do pensamento de Sebastião, sobretudo no texto construído como seu *Evangelho*, destacando-se as readaptações e interferências da religiosidade local no modo de operar desse “espiritismo à brasileira” (PRIORE, 2014, p. 101-2 apud ALBUQUERQUE, 2021, p. 214) distanciada de estudos livrescos. Anos depois, ele relataria a memória guardada sobre quem o ensinou a entrar em contato com esses ensinamentos no trabalho com os espíritos, por onde a prática mediúnica se fazia pela própria experiência:

---

<sup>18</sup>Como sabemos, trata-se de ideias defendidas no século XIX pelo educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, cujas obras assinou pelo codinome de Allan Kardec (2008, 2009a, 2009b).

<sup>19</sup>O fenômeno da mediunidade, explica, abrange a todos os seres humanos e pode ser manifestada em diversas faculdades ou habilidades, definindo-se o médium em “toda pessoa que sente, em um grau qualquer, a influência dos espíritos (...) Esta faculdade é inerente ao homem e, por consequência, não é um privilégio exclusivo; também são poucos nos quais não se encontrem alguns rudimentos dela” (KARDEC, 2008, p. 135).

O mestre Osvaldo não tomava Daime, com ele era só na base da espiritualidade mesmo, mas era fogo. Calmo que até pra comer todo mundo se levantava e ele ficava fazendo o pirão, agora para engolir bote... Macio demais. Era desses que o camarada podia estar em Rio Branco falando dele e ele aqui... Ele só gostava de morar dentro das matas sozinho, debaixo de mato, fazia um sótão em cima... Eu andei lá... Daqui a pouco os cabôco estavam tudo voltando para ele: - É estavam falando de tu naquele meio de mundo. Quando ele chegava contava tudinho... Ai de nós se não fosse os bons espíritos que sempre vigia a gente... Não tem ninguém perdido não, só tem desconhecido, tá alheio. E esse negócio de espiritual foi de outro dia pra cá que o pessoal começou a acreditar, não foi? (apud FERNANDES, 1986. p. 44).

A pesquisa de Mortimer revela o intuito do mestre Osvaldo em ensinar Sebastião a trabalhar nesta linha. Para o autor, quem é um médium, “precisa trabalhar e desenvolver esse dom” (MORTIMER, 2000, p. 28). Em relação às habilidades mediúnicas manifestadas por Sebastião, podemos nos ater às que alcançam os médiuns falantes, os quais, diferentemente dos que só ouvem os espíritos, nestes, os “espíritos tomariam o dom da palavra”.

O espírito, querendo se comunicar, serve-se do órgão no qual encontra mais flexibilidade no médium; de um, empresta a mão, de outro a palavra, de um terceiro, o ouvido. O médium falante se exprime geralmente sem ter a consciência do que diz e, frequentemente, diz coisas completamente fora das suas ideias habituais, de seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência (...). A palavra nele é um instrumento do qual se serve o Espírito; e com a qual a pessoa entranha pode entrar em comunicação, como pode fazê-lo por intermédio de um médium audientes. (KARDEC, 2008, p. 140)

Nesse contexto, Sebastião oscilou seu trabalho entre o roçado e o engajamento no desenvolvimento dos trabalhos espirituais, passando a manifestar mediunicamente a incorporação de dois espíritos identificados como seus guias espirituais: Dr. Bezerra de Menezes e o Professor Antônio Jorge. Mortimer (2000) lembra que neste trabalho “não se contava com dinheiro. O dom era dado de graça e de graça ele recebia, hospedava e alimentava quem batesse a sua porta. A mesa era farta. Aquele homem antes atribulado, havia cedido lugar a um empenhado curador” (MORTIMER, 2000, p. 29). A prática de atender aos chegados com necessidades de atendimento continuou nas décadas seguintes com o uso do Daime.

A historiadora que produziu, até onde se sabe, o primeiro registro historiográfico sobre a doutrina do Santo Daime, Vera Fróes Fernandes (1986), aponta, por sua vez, o mestre Osvaldo enquanto um xamã ensinando os trabalhos de “banca espírita, mesa e atuação”, portanto, elo vital no desenvolvimento de Sebastião enquanto médium, assim como curandeiro.

A casa vivia cheia de gente, eu mesma fui operada de apêndice pelo guia Bezerra de Menezes, assim como a minha irmã Tetê e Maria Eduardo que foram operadas na barriga. Uma vez um homem trouxe seu filho de Cruzeiro do Sul, que foi atingido pelo chumbo de uma espingarda disparada por acidente de uma armadilha. O mesmo foi operado e ficou bom. (FERNANDES, 1986, p. 43)

O atendimento era feito com base no princípio da caridade cristã afirmada pelo espiritismo kardecista como um dos pilares fundamentais para o progresso espiritual. A máxima apegava-se à instrução bíblica encarnada por Jesus Cristo e expressa no livro do discípulo João: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (BÍBLIA, *João*, 13, 34). Dentro do Espiritismo, essa máxima valeria na dimensão moral e espiritual.

“Amar o próximo como a si mesmo” é a mais completa expressão da caridade, porque resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter guia mais seguro que tomando por medida que se deve fazer para com os outros, o que se deseja para si. Com qual direito se exigiria dos semelhantes mais de bons procedimentos, de indulgência, de benevolência e de devotamento, do que se os tem para com eles? A prática dessas máximas tente à destruição do egoísmo; quando os homens as tomarem por normas de sua conduta e por base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar, entre eles, a paz e a justiça. (KARDEC, 2009, p. 110)

Mas, ao trabalho de desenvolvimento mediúnico foram acrescidas as crenças e modos populares de rezar, benzer e manipular as ervas. Dessa forma, estamos falando de conhecimentos da linha espírita-kardecista baseado em “um espiritismo de cunho popular crivado de elementos da religiosidade local” (ALBUQUERQUE, 2021, p. 214). Importante enfatizar que essas experiências iniciais com o trabalho espírita, e posteriormente intensificados com a Umbanda constituíram um importante espaço pedagógico de atuação do Padrinho Sebastião e seu povo, como ele relata:

Na espiritualidade tem os Preto-Velhos, os Exus, os Caboclos, né? Você vai tendo o conhecimento de que está evoluindo, tanto uns como outros. O médium vai educando o aparelho até eu chegar num ponto que se o espírito quer aprontar, ele segura. O espírito não faz o que quer não. Com um pouco, está chorando, está se valendo. Aí você, que hoje é dessa linha, mas já passou para a linha do Daime, vai evoluir junto com o espírito. (apud ALVERGA, 1998, p.140)

Esses conhecimentos entrelaçados nas múltiplas vivências espirituais ao longo de sua trajetória estão expressos nos hinos cantados no Daime. Os hinos reúnem tanto um caráter instrutivo quanto um elemento de revelação, guardando o processo de ensino e aprendizagem

resultante tanto da prática do desenvolvimento mediúnico, orientada pelas leituras bíblicas e kardecistas, como de outras abordagens espirituais posteriormente unidas ao Santo Daime.

Como sinalizam os sujeitos dessa pesquisa, embora muitos não lembrem exatamente as palavras ditas por Padrinho Sebastião, parece claro que a forma e os princípios adotados na prática espiritual e em suas vidas têm como referência os ensinamentos de Sebastião através das suas preleções, feitas antes ou após um dia de trabalho ou em momentos dos trabalhos espirituais. Dessa forma, é notável que o processo do aprender ocorra à semelhança da experiência com a Bebida Sagrada por meio de um envolvimento que circulava entre o individual e o coletivo.

— Nessas horas — dizia o Padrinho —, a gente pode compreender muitas coisas boas. Mas tem que ter uma fé muito forte. Não uma fé assim sem saber em quem. Mas é fé de verdade, em quem está presente nessa bebida, em quem está invocado nela, que é Juramidam. E em todos os seres da Corte Celestial, como os da Terra, da floresta e do mar e ainda alguns que vivem debaixo da terra. E tu, acha que não?

— Não sei, Padrinho. O senhor está dizendo...

— Pois eu andei debaixo da terra e é tudo claro como aqui em cima. Vocês não se admirem de nada, porque o Eu-Superior é tudo e anda por todo canto. E se eu estou com ele, me dá licença também de eu andar por onde Ele quiser.

— Mas se chega aquela vertigem, devemos resistir ou entregarmos logo os pontos?

Ele pensou um pouco e respondeu:

— Tem hora que é só um alarme falso, pra ver se estamos caçando um motivo para correr da fila. Quando a força balança, a primeira coisa que se deve fazer é ficar firme e segurar o ponto. Senão tem jeito de ficar de pé, senta; se não der pra ficar sentado, deita. Se não der tempo pra escolher nada disso, cai!

Todos riam da mímica que ele fazia. Voltou a se sentar e continuou:

— O que importa é a gente receber o que o Ser tem pra nos dar nessa hora. No meu aprendizado, eu algumas vezes fui ao barro. Tu, também, outro dia desabou ali do banco da Estrela, não foi?

— É verdade.

— Pois é, eu dou graças a Deus das minhas quedas, porque saí bem aprendido com elas. E quem ficou só olhando pra mim e achando graça, esse, coitado, não aprendeu nada! (ALVERGA, 1992, p. 89)

Nas preleções, além de uma leitura híbrida ancorada em diversas experiências espirituais, temos o indicativo de interpretações do mundo baseadas na aprendizagem prática, na vida cotidiana a partir dos próprios casos que apareciam no interior da comunidade. Um de seus discípulos me contou uma de suas experiências, ocorrida por volta da década de 1980. Seu Severino Amilton Pessoa (*in memoriam*), de 65 anos, que residia na Vila Céu do Mapiá, nasceu no estado da Paraíba, em 19 de abril de 1954. Como ele mesmo narrou-me:

*[...] cheguei no final de 1975, como falei anteriormente, tive a sorte de conhecer e receber de presente essa “terra prometida”. E ter a sorte também de conhecer um homem, um pai, um amigo, um professor, um mestre espiritual curador como Sebastião Mota, que deixou seu legado. E quem aprendeu com ele sempre vai deixar seu legado porque eu rezo também e não foi à toa. Foi que ele autorizou, me ensinou, entendeu? Com prova seríssima, não foi assim à toa. (...) Cada um tem seu dom, né? A gente ia saindo com a canoa pra Rio Branco. Ele também com a família. Aí tinha uma mulher com um panamisso, que é um caroço como fosse um abcesso na mão. Só que não é um abcesso, é um panamisso. Cria um caroço de pus, assim, sabe? Mas dói muito! E parou! Mandou ele parar e parou. Aí ele já tinha me ensinado a rezar. Aí repare como é que é a prova. (...) Aí ele disse: “Severino!”. Eu digo: “Senhor!”. “Reza aí na mão dessa senhora aí”. Pronto. Aí eu peguei rezei o que ele mandou, né? Rezei, né: “Jesus Cristo, vós disse que ninguém não vai ao pai se não for através de vós. E peço, Jesus Cristo, curai e protegei este ser, agora, neste momento, na benção de nossa Soberana Mãe...”. E por adiante, né, vai a oração, né? Então, graças a Deus, quando a gente voltamos, a mão da mulher, eu nem vi como é que tava. Voltei, né, quando o Padrinho voltou de viagem, o Padrinho me chamou e disse mesmo assim: “-Gostei da lição que você aprendeu comigo!”. Entendeu? “- Quando você voltar, você pára lá, que ela vai mandar uns filhos de banana pra mim”. Aí eu disse: “- Qual?” “-Aquela que tu rezou”. “-Então, meu filho, quando a gente rezar, a gente reza com fé, entendeu? Pra gente vê que a gente mexe pelo menos num trisquinha”. Porque o Padrinho era mais, assim, mais evoluído, né? Ele tirava o Ser que tava dentro de ti e passava pra ele e doutrinava ele, e mandava o outro embora. Eu não cheguei a essa altura ainda pra te dizer a real. Pra falar a verdade para querer ser sem ser. Aí depois você apanha! Não dá! Eu sou do Daime, você é do Daime, ela é do Daime. Então não adianta eu te enganar. (Entrevista)*

O relato evidencia como para os seguidores de Padrinho Sebastião, o sentido mais profundo do seu legado é continuar praticando o que se aprendeu. Algo que transporta a experiência de um passado da memória ao presente contínuo. Severino nos fez entender que o ato de benzer ou rezar se constitui através de uma longa caminhada de aprendizagens, e que se faz preciso a presença de um mentor que instrui os passos a serem dados e atesta os resultados na lida. A distinção entre a aplicabilidade da reza, se para doenças materiais ou às atribuídas ao espírito, denota a complexidade desses saberes e as habilidades colocadas em ação<sup>20</sup>.

Nesse aspecto, um dos primeiros companheiros de Sebastião Mota no Acre, Seu Francisco Chagas de Souza, nascido no seringal de São Francisco, no Acre, com 76 anos na data da entrevista, em meio à vivência no campo de pesquisa mostrou o exercício concreto desses saberes. No período, aconteceu de um dos moradores da Vila ser picado por uma cobra e passar por um atendimento de reza pelo Seu Chagas. Ele aproveitou para me contar como se

<sup>20</sup> Cada reza ensinada pelo Padrinho contém elementos que podem remeter às passagens bíblicas ou a mensagens crísticas, existindo também narrativas que falam sobre a presença de entidades de outros panteões, como o afrodescendente, vide as trazidas por Albuquerque (2021, p. 224) que mostram “indícios de uma prática inter-religiosa que vinha de longe.

tornou um curandeiro: após passar por nove ataques de cobras peçonhentas, conseguiu tornar-se imune aos venenos, assim como curar outras pessoas. Conta o narrador:

*Rapaz, as cobras foram pegando devagar. Uma pagava, outra pegava e não fazia efeito. Elas me pegam, mas não faz efeito. E aí eu fiz teste com os animais. Animal tá caído no chão, eu chegar, abrir a boca dele. Primeiro eu vou nos olhos, faço assim na vista, pra vê se ele tá cego ou não tá. Se ele tiver cego, ele não bate pestana, só depois que a gente toca mesmo. Faz o movimento e a gente bate, né? Aí eu faço com o animal e ele não bate. Aí eu sei que ele tá cego. Aí eu abro a boca dele, cuspo três vezes e me sento assim. Ele levanta e sai pastando pra lá. Ele não tem muita demora, é com pouco tempo. Aí eu botei fé e descobri que sou curado de nascença. Aí fiquei curando. Aí aprendi realmente curar os outros. Eu tenho uma lista aqui de trinta e poucas pessoas, e não tá tudo, Ainda falta botar o nome de umas cinco. Eu cuspo assim na minha mão e passo em cima da fissura. Aí faço um enganamento ali [faz o sinal da cruz na picada] [risos]. Sabe como é que é, né? [risos] Tem que ter um enganador ali no meio! Faço que tô benzendo e tal. [risos] E, graças a Deus, a pessoa fica bom. Mas é minha saliva! Pessoa diz: “Seu Chagas, me ensine a curar”. Eu digo: “Não tem como! Eu curo com minha saliva”. (...) E aí eu fiquei, assim, com essa fama de “rezador”. Mas, não... Eu rezo pra alguma coisa, pra uma dor de dente, pra uma mordida de cobra, uma dor de mulher. Eu rezo. Tenho rezado. Três mulheres que eu curei já e fica boa, assim, de tá jogada nos pés da parede, nos grito, de eu chegar e pra logo levanta. Ficar boazinha e não sente mais nunca. Não sente mais. (Entrevista)*

De forma diferente da aprendizagem relatada por Seu Severino, a experiência de Seu Chagas se constituiu sem a necessidade de iniciação por um mentor, mas se deu por meio de uma descoberta pessoal. Ao mesmo tempo, o riso de Seu Chagas, em meio a narrativa, e o que ele chamou de “enganamento” não me pareceu simplesmente um desprezo à cristandade presente no ato de se fazer à cruz ou de quem a faz enquanto reza – visto que sua fala é repleta de associações à crença cristã e mesmo de referência às rezas católicas - mas como um elemento da crença singularizada pelo processo formativo por ele vivenciado, o que evidencia que os meios pelos quais ele aprendeu a praticar a cura tem uma relação direta com o processo de constituição do seu *ser*-curandeiro. Nessa medida, a associação a um “dom” sobrenatural se sobressai, sendo esse o diferencial em relação ao ato comum de rezar, como ele mesmo disse, e que também seria o marcador central em diferir os que possuem ou não a habilidade:

*Olha, rezar é um dom. Rezar é dom. Porque, vamos dizer, o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria e Salve Rainha, isso aí, a gente sempre aprende com os pais, né? Mas, depois disso, pra curar um enfermo, já é dom. É. Vem pela divindade mesmo. Aí a pessoa aprende. Se dedica e serve muito. E não é todo mundo que realmente reza e é provado a cura. Porque eu conheço alguns que eu não boto fé. É, eu sou um pouco descrente, não acredito em tudo o que vejo, não. (Entrevista)*

Defrontamo-nos, assim, com duas formas distintas de ação de pessoas tidas como curandeiras na mesma comunidade. Obviamente, não nos cabe uma avaliação a respeito da efetividade ou validade das curas ou dos mecanismos utilizados por cada membro.

Ao contrário, parece mais interessante perceber que dentro de um mesmo espaço e sobre uma mesma prática existem experiências múltiplas, enquanto traço marcante do próprio modo de aprender e de se formar no contexto do Daime. Por outro lado, não há como deixar de registrar um traço das práticas, traço definidor inclusive dos seus efeitos sobre as outras pessoas, sobre a possibilidade ou a impossibilidade de se ensinar a rezar ou benzer, uma espécie de componente chave para a cura, jamais questionado, é tanto a “fé” quanto o “dom”, evidenciando aspectos de uma experiência formativa ainda largamente desconhecida pela razão ocidental.

O acolhimento dessas dimensões auxiliou bastante a percepção das experiências que estavam sendo relatadas ao longo da investigação, desvelando os caminhos abertos por uma visão cosmológica, doutrinária e religiosa extremamente complexa. Pois, é sabido que, mesmo nos primórdios da religião daimista, a cultura e a crença afrodescendente e indígena estiveram entrelaçadas. Gradativamente, outros traços e concepções espirituais foram acrescentados, remodelados e recontextualizados, embora os traços derivados do cristianismo, sobretudo seus símbolos e sua moralidade, tenham se tornado basilares e marquem de forma indiscutível as crenças compartilhadas no Santo Daime. Ainda assim, mesmo tratando-se de preceitos religiosos tradicionais e homogêneos, imersos nos modos de crer e fazer do Ocidente, é possível que a demarcação do “ser cristão” nesse contexto sofra alterações que repercutem e impactam nos modos diferentes de ser e estar no mundo das pessoas que vivenciam a religião.

## 2.2 A cura de um curandeiro: o encontro com o Daime e o Mestre Irineu

Após um longo tempo de convivência e atuação nos trabalhos espirituais de Mestre Osvaldo, chegou um momento em que o mentor do grupo designou que era chegada a hora de Sebastião partir para o Acre, pois seria lá que teria uma missão a cumprir. A viagem, em fins da década de 1950, requereu uma longa preparação. Enfim, em um “único paneiro (cesto feito de cipó)” foram acomodados “todos os pertences familiares” (MORTIMER, 2000, p. 33).

A família seguiu por dias em uma longa viagem de canoa pelos igarapés e rios, cujo propósito transcendia os motivos frequentes das famílias seringueiras que migravam. De fato,

Sebastião “não era um simples retirante em busca de melhores condições materiais”, uma vez que estava em jogo todo um “universo espiritual que o impulsionava naquela viagem” baseada em uma crença profunda “de estar cumprindo uma missão recebida” (MORTIMER, 2000, p. 34). A chegada ao Acre foi marcada pelo encontro com a família da Madrinha Rita, que chegara muitos anos antes do Amazonas, residindo na Colônia Cinco Mil, local esse que, anos mais tarde, viria a congregar a primeira habitação comunal daimista liderada por Sebastião.

A localidade era um seringal desativado devido ao fim do ciclo de borracha na região, cuja extensão fora dividida em lotes de doze hectares e meio e vendidos a cinco mil réis cada, originando o nome pelo qual tornou-se conhecida. O trabalho cotidiano era feito em roçados próprios, havendo reuniões para decidir a realização de mutirões de apoio entre as famílias.

Após instalar-se e construir a nova casa, não tardou para que Sebastião voltasse a praticar os trabalhos espíritas e os atendimentos de reza e cura aos que precisavam. Os primeiros casos aconteceram entre os próprios parentes. A notícia, contudo, logo se espalhou entre a vizinhança e Sebastião passou a ser conhecido como “Sebastião Idalino” (devido ao nome do sogro, Seu Idalino), adquirindo, nesse momento, a especialidade de “rezar crianças”. Nos termos de Mortimer (2000), naquele novo contexto, “Sebastião tinha sede de conhecimento e ouvia com interesse as passagens” (p. 45) e as interpretações bíblicas de seu sogro Idalino. Não houve choque religioso, pelo contrário, as preleções do Padrinho Sebastião que mencionavam as passagens bíblicas ainda podem ser encontradas em alguns pontos no *Evangelho Segundo Sebastião Mota*.

E depois, e como vai acontecer, meus filhos... A Escritura não é mentirosa, Deus não mente. Isto é o que eu estou lhes dizendo. Se a Escritura não é mentirosa e Deus não mente, o Daime não engana a ninguém. O Daime não engana pessoa alguma. É uma Escritura de quem não sabe ler. Revela-se a qualquer um, qualquer uma pessoa. Ai diz: "Eu estou de braços abertos esperando aqueles que estão cansados e oprimidos. Venham a mim, que eu estou aqui." Venhas a mim! Mas não vem! Não querem! Quando vem e cheio de gastimonha, todo mundo e sabido, todo mundo tá no céu! E quando da fé, o pau desce! Por que tu não apresenta perante a meu Pai que esta no céu a tua verdade, a tua sabedoria e a tua beleza? Pra que tu ficas aos gritos? Tás procurando um grito de alerta, pra que? Você tá perdido, tá gritando. Outro tá chorando! Tu não diz que tem verdade? Porque não mostras tua verdade, agora? Nesta hora que esta aqui com o teu Espírito Santo dentro desta matéria pobre, uma casca que está caindo? Hein? Não é o que você vela? Por que camarada se acha tão grande e quando chega não se aguenta na vida? Preparai a tua casa na rocha! E não na areia! Porque na rocha estás seguro e na areia, grande é a sua queda. Porque vem as águas, os ventos transbordam e ela vai ao barro. (apud ALVERGA, 1998, p. 94)

A contação das histórias também servia para reafirmar um posicionamento cristão, mas principalmente para contextualizar os saberes na realidade de quem escutava<sup>21</sup>. Era assim também que as histórias dos curadores e mestres se espalhavam pela região. Ao ouvir uma delas, Sebastião sentiu o impulso de ir em busca de Mestre Irineu. Mas, como diz Mortimer (2000), o Mestre estava em viagem no Maranhão.

Mortimer (2000) informa que, nesse mesmo período, Padrinho Sebastião teria tomado o chá de Daime na religião da *Barquinha*<sup>22</sup>, mas não havia sentido “nada” na experiência<sup>23</sup>. Ao prestar atenção na data em que é informada essa primeira visita ao Alto Santo – comunidade do Mestre Irineu –, em 1958/59, e a data em que teve uma experiência efetiva com o Daime, em 1965, é possível imaginar que nesse espaço de tempo muitas experiências aconteceram e contribuíram para sua formação espiritual-mediúnica. Vários registros apontam episódios de cura nos quais ele atuava como um “mentor”, um “aparelho”, que cedia o corpo para que outros espíritos de médicos pudessem atuar sobre doentes. Vale a pena, apesar da extensão, acompanhar o relato pessoal que o Padrinho mesmo nos transmite dessas experiências:

Foi lá que recebi a minha saúde, no Santo Daime. E durante toda a minha vida, eu só recebi coisas boas no Daime. Nele esta a minha vida, e a de todo aquele que quiser. E só buscar e saber o que esta buscando. E ate o presente momento, o motivo da minha vida, a minha missão tem sido esta. Quando fui tomar o Daime estava doente de um troço que eu não sei o que era. Começou quando recebi a pancada de um besouro aqui na barriga. Par muito tempo aquilo fervilhando, e num dia começou a andar na minha barriga, subiu ate aqui a garganta. Eu gurgulhava e não saia nada. Passei 1 ano doente desse jeito, sem que nada me resolvesse. Ai, que sofrimento! Numa

---

<sup>21</sup> Constata-se um processo potente de transmissão de saberes, pois a construção desses via oralidade tinha como locutor alguém que não sabia ler para outros sujeitos que, em sua maioria, também não sabiam. Mesmo assim, conseguiam juntos articular e propagar conhecimentos e práticas ancestrais, usando vários instrumentos, sobretudo aqueles relacionados com as experiências espirituais com as plantas da floresta.

<sup>22</sup> Junto ao *Santo Daime* e à *União do Vegetal*, a *Barquinha* é também uma das matrizes religiosas que fazem uso da ayahuasca em contexto religioso. Nascida no Acre, em 1945, o “Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz”, foi criado pelo maranhense Daniel Pereira de Mattos. O Mestre Daniel, como passou a ser denominado, conheceu o Daime com Raimundo Irineu Serra, cuja amizade foi construída ainda no Maranhão, antes mesmo dos dois desembocarem suas vidas como trabalhadores no Acre. Conhecido por ser boêmio, “em uma de suas andanças, adormeceu sob uma forte chuva muito próximo ao rio Acre. Ainda bêbado recebeu uma mensagem na qual dois anjos desciam do céu com um livro para ser entregue a ele. Anos depois, recebeu a mesma mensagem ao cair enfermo e ser tratado pelo conterrâneo Raimundo Irineu Serra” (ARAÚJO, 2009, p. 542). Tendo como um de seus símbolos marcantes o mar e seus elementos e seres, desdobrados nas vestimentas dos membros, nos cânticos entoados nos trabalhos espirituais e nas concepções religiosas, a referência construída pela história de vida de Daniel Mattos como marinheiro atribui à barca dois significados: “o primeiro é o de que ela representa a própria missão deixada por Daniel e o segundo expressa a viagem de cada um Esta barca é a viagem de suas vidas, em resumo, uma viagem dentro da grande viagem” (ARAÚJO, 2009, p. 543). Ver: Araújo (1999) (2009), Labate (2009), Moreira e MacRae (2011), Cruz (2017).

<sup>23</sup> Já o próprio Sebastião menciona ter entrado para um centro espírita denominado *Pai João*, mas não tece maiores comentários.

hora que nem essa eu estava nos maiores sofrimentos da minha vida! Trabalhava o dia todinho, mas quando dava quatro horas da tarde começava o engrulho que chegava ate a garganta, e voltava pra trás, ate oito horas. Isso acontecia todo dia das quatro horas da tarde ate às oito da noite. Botava uma baba para fora, todo dia que era um horror! E aquilo não se acabava, era aquela sensação do troço andando pra dentro do corpo. Ia no doutor, ele receitava isso e aquilo, ate que por fim disse: *"Rapaz, eu acho que o recurso e abrir pra ver o quê que tem"*. Eu respondi: *"Ah, doutor, sem saber o que é, eu não vou abrir não"*. Nesse mesmo dia, eu disse: *"Hoje ou eu fico bom ou então vou morrer. Vou lá no Mestre Irineu!"* Procurei antes uma mulher que trabalhava com macumba que me disse: *"Oh! Não vá não, que o senhor vai perder o seu tempo"*. Eu respondi: *"Se o doutor disse que eu não tenho jeito, que o jeito e abrir, eu vou lá"*. Ai voltei da cidade, vim aqui, porque nesse tempo a gente andava era de pés - daqui pra lá e de lá pra cá. Vim, peguei a roupa, e fui pro Centro do Mestre Irineu. Cheguei lá e perguntei: *"Quem é o Mestre Irineu aqui?"* Disseram: *"Espera por aí que ele esta chegando"*. Era dia de serviço. Parece mesmo que eu acertei de ir. Falaram assim: *"quando você ver um moreno alto descendo acolá, pode ir encostar que é ele"*. Quando deu cinco horas, lá vem. Eu penso: *"O homem e grande mesmo"*. Ai chegou, sentou, e eu com vergonha de ir. Mas uma voz me dizia: *"Não, pode ir que ele atende!"*. Ai eu fui, falei com ele que estava me achando assim meio sem graça. Ele olhou pra mim e perguntou: *"Você é um homem?"*. Eu respondi para ele que não sabia: *"Disseram que eu era quando eu nasci. Hoje eu não sei. Eu me acho já um pai de família, mas não vou dizer pro senhor que sou homem. É claro que sou sim, num certo sentido, mas não sei se sou no outro. Porque homem é homem mesmo, não é qualquer pé-rapado"*. Então, o Mestre me disse: *"Se você for homem, quando for na hora certa, entre na fila, tome o Daime e depois você vem me dizer alguma coisa"*. Tudo bem, eu fui... Tomei o Daime e fui para o meu cantinho. Era uma Concentração<sup>24</sup>. Estava todo mundo concentrado e eu como besta, de vez em quando dava uma olhada. Via tudo quieto, aí eu me aquietava também... Não sentia nada... Olhava os outros, tudo quieto. Com um pouco começou uma fervilhaça de um lado do corpo, passou pro outro, eu pensei: *"o tal negócio tá chegando."* Eu fui criando medo e me deu uma desimpaciência, comecei reparar nos outros. Eu quis sair do lugar onde estava, andei na pontinha do pé, mas quando chego bem perto de onde a gente tomava o Daime ele me deu um assopro. Eu achei tão fedorento! Ai voltei para trás. Quando eu vou chegando no banco para me sentar de novo, uma voz falou: *"o homem perguntou se você era homem e você só fez e gemer!"* Foi aí que o negócio aconteceu. O mundo acabou-se! O corpo velho foi abaixo. O corpo no chão, e eu, já fora do corpo, fiquei olhando para ele. E me sentia alegre, não tinha nada de doença só quem sofria era o corpo que estava lá estirado. Nesse momento se apresentaram dois homens que eram as duas coisas mais lindas que eu já vi na minha vida! Brilhavam como o Sol! Mesmo que fossem feitos apenas de fogo não era nada, porque o ser era muito mais bonito ainda! Traziam uma aparelhagem que parecia muito pesada. Quando eles chegaram, pegaram meu esqueleto todinho na mão. Puxaram meus ossos por inteiro, que nem uma espinha de peixe. Olhavam e reviravam aquela ossada, separando a costela do espinhaço, depois danaram-

<sup>24</sup> O trabalho de "Concentração", realizados nos dias 15 e 30 e todos os meses do ano, "caracteriza-se pela imobilidade, silêncio de meditação visando a doutrinação espiritual dos adeptos. Termina com os participantes de pé cantando o hinário 'O Cruzeiro' do Mestre Irineu que constitui uma síntese da doutrina" (ALBUQUERQUE, 2007, p. 81). As Concentrações e sessões de Cura foram os primeiros trabalhos desenvolvidos e incorporados ao calendário oficial da religião pelo fundador (MOREIRA, MACRAE, 2011).

se a tirar tudo. Viravam e limpavam tudo. Me mostravam tudo. De repente os ossos sumiram, quando dei conta já estavam no corpo. Ai, viraram a carcaça que sobrou e partiram em pedaços, pendurando tudo nuns ganchos. Puxaram para fora o intestino e ficaram com ele todo na mão. Depois pegaram o fígado, cortaram, abriram, e me mostraram. Tinham três bichos do tamanho de um besouro. Eram eles que andavam para cima e para baixo, provocando todo aquele mal. Um dos homens veio bem pertinho de mim, que a tudo observava fora do corpo, e disse: "*Estão aqui, quem estavam lhe matando eram esses três bichos, mas não tenha medo que desses você não morre mais*". Ai eles meteram os órgãos e o esqueleto dentro do corpo e fui acordar já dentro dele. Não sabia mais pra onde tinham ido os doutores, nem por onde tinha estado, levantei e bati a poeira. Foi assim que fiquei bom e você ainda hoje não vê remendo dessa operação que recebi. Graças a Deus fiquei bonzinho, igual um menino. Já no dia seguinte era como se eu nunca tivesse tido nada e estou aqui ate hoje. Depois de mim, já vi muitos serem operados e estão todos bons. Muitos correm ate a essa Doutrina porque tem precisão, se acham já sem vida, chegam ate aqui, acham a vida e aqui ficam. Outros chegam a ficar bom mas dão no pé, vão se embora! Com o tempo alguns voltam. Mas sempre numa situação pior dos que ficam lutando juntos. E uma luta muito seria. O sujeito pra levar essa Doutrina segura um grande peso, não é com facilidade, não é com dinheiro, não é com nada. E só com coragem que se pode levar... Essa foi a primeira vez que tomei o Daime e obtive minha cura. E daí desembolei mesmo a ter o conhecimento das coisas e fui indo, e fui indo, e hoje posso contar essas coisas que são verdadeiras porque eu vi com me os olhos espirituais. (apud ALVERGA, 1998, p. 58 - 61)

Nesse longo relato, a experiência com o Daime assume várias formas de expressão, sendo uma delas o registro através dos hinos cantados nas sessões de trabalho espiritual. No nono cântico que compõe o hinário (conjunto de hinos) de Sebastião Mota, chamado de *O Justiceiro*, ele próprio explicita o significado da longa passagem transcrita acima.

**O povo estão rebeldes**

O povo estão rebeldes  
Que não querem acreditar  
Meus irmãos e minhas irmãs  
Estou aqui para aconselhar

Vá à casa do meu Mestre  
Que lá tem o que te dar  
Te dá força, te dá saúde  
Te dá o que precisar

Vou tomar o teu conselho  
E na estrada eu já me vou  
Fui chegando e fui pedindo  
Padrinho, me cure esta dor

Fui chegando e fui seguindo  
Na estrada do astral  
Encontrei com a Rainha  
Na vida espiritual

Eu queixei-me a minha Mãe  
 Eu me acho tão doente  
 As portas estão abertas  
 Para curar os inocentes

A Rainha me pegou  
 E me tirou da solidão  
 Todos que fizerem assim  
 Vem ficar no meu salão.  
 (O Justiceiro, hino 9)

Histórias semelhantes aconteceram com pessoas que viriam formar os companheiros de Sebastião Mota, como foi o caso de Wilson Carneiro, hoje falecido, e referenciado também como Padrinho. Um de seus filhos, Raimundo Nonato Teixeira de Souza, de 70 anos na data, contou-me (entrevista, maio 2019) como foi a chegada do pai e dos filhos doentes ao centro do Mestre Irineu. Após passar por vários curandeiros e trabalhos de “banca espírita”, foi instruído à família: “isso aqui só Irineu tira”. Após a resistência em ir ao centro do que era conhecido na cidade como “bruxo” e “preto velho”, Wilson decide ir. Relata Raimundo Nonato Souza:

*O meu pai, ele, pra chegar nessa Santa Doutrina, ele chegou como muitos chegam. Muitos chegam por curiosidade, né? E vai apreciar. E finda ficando. O meu pai, não. O meu pai foi, assim, através de uma doença de um filho. O filho mais velho, o José Teixeira. Ele foi lá no Alto Santo, no primeiro trabalho ele não curou-se. Ele e nenhum dos filhos, né?! Aí, no segundo trabalho, curou-se ele, José e Terezinha. Aí foi e entregou-se de corpo e alma pra Santa Doutrina. E passou a conhecer o Mestre Irineu, né? Ele tinha um afeto... Tinha, não. Tem! Um afeto muito grande pelo Mestre Irineu. Ele levava um ranchozinho<sup>25</sup> pra ele no decorrer da semana. (...) Contavam muita história sobre o Mestre Irineu, né? História que não deve nem se falar, né, porque é história muito mal contada. Mas, ele como comerciante, ele ouvia, né? Guardou muita coisa, né, do que ele ouvia. Então, no primeiro dia, ele não tratou-se. Nem ele, nem José e nem Terezinha. Teve uma época em que o Major Dênis disse assim: “- Wilson, aqui homem toma conta de homem e mulher toma conta de mulher”. Quando uma senhora ia fazer limpeza, ficava pro lado esquerdo, aí o Padrinho Wilson ia e levantava. Ele levantando pra olhar o que era. Major Dênis viu e: “- Wilson, aqui homem toma conta de homem e mulher toma conta de mulher”. Passou... Lá... Aconteceu novamente! Meu pai foi levantando e o Major Dênis fala, tornou a falar pra ele: “- Wilson, eu não já te falei?! Aqui homem toma conta de homem e mulher toma conta de mulher!”. Quando foi na terceira vez, quando fizeram barulho pro lado das mulheres, aí meu pai, em vez de olhar pra lá, olhou pro lado do Mestre. Ele tava sereno... Os olhinhos fechados, tava sereno... Aí meu pai disse assim [colocando as duas mãos no rosto em sinal de estar impressionado]: “-Meu Deus do céu! O homem tá aqui cuidando da humanidade e o povo fazendo*

<sup>25</sup> Refere-se à comida.

*mau juízo dele...”. Ai, nesse dia ele não curou-se. Da outra vez curou-se ele, José e Terezinha, porque ele já tinha deixado as coisas de lado, porque ele sabia que não era verdade, né, as histórias que narravam, né? (Entrevista)*

Após ter iniciado sua caminhada dentro do Daime e ter passado por um processo de cura junto aos filhos, o Padrinho Wilson foi designado pelo Mestre Irineu a abrir no centro de Rio Branco um espaço para trabalhos espirituais de atendimento aos doentes que, por ventura, não conseguissem chegar até a localidade do Alto Santo, visto que na época os mecanismos de transportes na região eram limitados. O local passou a ser denominado de *Centro Pronto Socorro Espiritual Raimundo Irineu Serra* e, décadas depois foi transferido do centro da cidade para próximo à Colônia Cinco Mil, onde funciona até os dias atuais sob o comando do seu filho, o Padrinho Nonato.

**Figura 1 - Sede do Centro Pronto Socorro Espiritual Raimundo Irineu Serra, ao lado da Colônia Cinco Mil, em Rio Branco – AC, 2019.**



Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

Analisando o contexto, vemos que esses diferentes personagens fomentaram uma tríade de curadores daimistas nos arredores de Rio Branco, em que cada qual desenvolveu um rito particular: o Mestre Irineu com as “Concentrações”, o Padrinho Sebastião com os trabalhos de “Cura”, “Mesa Branca” e “Estrela” e o Padrinho Wilson com a “Linha de Arrochim”. Intencionalmente ou não, eles atuaram de forma organizada, cada um em uma localidade para atender os que precisavam ligados por um mesmo fio espiritual.

É sabido de outros grupos, situados além do Alto Santo, enquanto extensões do trabalho de Irineu, foram formados por famílias e vizinhos (MOREIRA, MACRAE, 2011). Dessa forma, antes mesmo do falecimento do líder religioso, o Daime iniciou dentro do Acre um processo de expansão. Contudo, o destaque para os dois centros mencionados é pela extensão alcançada com os trabalhos espirituais e a popularidade dos sujeitos que os protagonizaram, chegando até os dias atuais com a construção de outros centros espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Interessante notar que, nos dois casos, as referências atribuídas ao Mestre Irineu e ao culto do Daime pela população que não o conheciam eram negativas.

No caso do Padrinho Sebastião, isso aparece nos primeiros versos de seu hino, demarcando a reação popular ao afirmar “o povo estão rebeldes que não querem acreditar” e segue com o seu conselho em formato de instrução pelo hino em procurar a “casa do Mestre” (Igreja), pois lá encontrariam, fosse saúde, força ou o que precisam. Já no caso do Padrinho Wilson Carneiro, a própria imagem construída por ele antes de passar pela sessão, o qual tornou-se não só membro, mas fundador e líder de sessões de trabalho.

Os registros a respeito das perseguições sofridas pelo Mestre Irineu e quem o seguia foram feitos por Moreira e MacRae (2011), evidenciando as ações empreendidas pela polícia que várias vezes interrompia abruptamente os trabalhos. Um desses episódios resultou no ferimento à bala do líder do grupo e na sua prisão. Além disso, havia a construção imagética atrelada à bruxaria e práticas espirituais em desacordo com a crença hegemônica católica.

Dessa forma, o avanço nas práticas só seria alcançado após uma transformação na forma de olhar e entender a experiência em si. Situação que, paradoxalmente, teve uma influência direta das próprias *Plantas professoras*. Outro elemento primordial na cadência de ensinamentos do Daime é o que consideramos um dos dispositivos pedagógicos-chaves para a compreensão de como os seres não-humanos ensinam dentro da religião.

2.3 “Aqui estou dizendo/Aqui estou cantando/Eu digo para todos/E os hinos estão ensinando”

Mencionamos ligeiramente na introdução desta Tese o significado dos hinos e hinários do Santo Daime em seu caráter instrutivo. Para os participantes da comunidade, “eles brotam no caminho de cada aparelho, cada ser que vai se iluminando na doutrina e dando seu testemunho e seu louvor vindo do astral. Os hinos compõem a música sagrada que preenche os rituais” (MORTIMER, 2001, p. 67).

Os hinos normalmente são compassados em três ritmos – marcha, valsa e mazurca – configurando-se como uma herança cultural trazida por Mestre Raimundo Irineu pela inspiração nos cânticos realizados na tradição maranhense do Baile de São Gonçalo. No Daime, é através deles que se corporificam poeticamente os saberes aprendidos. O início desse processo nasce com o cântico *Lua Branca*. Trata-se de um hino do Mestre Irineu, contido no hinário *O Cruzeiro* – considerado basilar da religião<sup>26</sup>. A partir desse momento se inaugura o seu traço mais reconhecido, caracterizando de forma densa a religião enquanto *doutrina musical*, tendo em vista que os hinos se configuram como centrais na liturgia daimista.

Diferentemente das práticas vegetalista e xamânica, nas quais a execução das canções comumente permanece restrita aos condutores das cerimônias, ao serem incorporados às cerimônias daimista, por volta de 1935, os hinos condensam uma natureza coletiva de expressão. A introdução desse elemento trouxe algumas dificuldades e desafios, posto que os próprios seguidores passaram a receber seus hinários, passando da condição de espectadores à atuantes. Esse contexto levou à construção de critérios para avaliar o que era vindo da espiritualidade enquanto hino ou composição da própria pessoa com uma espécie de fiscalização dos hinos realizada pelo Mestre ou por Dona Percília Matos, uma de suas companheiras na organização do grupo religioso que atua na realização dos trabalhos enquanto *zeladora*<sup>27</sup>. Sobre essa questão, Adriano Grione me relatou que:

*O Santo Daime não tem um padre que diz a missa e nem o pastor que... Todo mundo reza a missa no Santo Daime porque todo mundo tem [tom enfático na voz] que rezar a missa. Tem que cantar, bailar, trabalhar. Eu digo: “-Pô, até que enfim não sou mais um espectador, posso me tornar algo mais. Eu mesmo que vou dar a carga, né, também. Ajudar a elevar o*

<sup>26</sup> “A construção do pensamento do Mestre Irineu foi codificada paulatinamente em seus hinos. O hinário *O Cruzeiro* é visto pelos seguidores como ‘livro sagrado’ ou fundamento da religião. Lá constariam todos os códigos morais e sociais a serem cumpridos. Temas variados são abordados neles, desde passagens de sua vida e da vida de seus seguidores (marcando o tempo e o espaço) a questões que afetaram o país, o mundo ou o cosmos. Seu hinário reitera a legitimidade de seu carisma, que teria sido recebido da Mãe Divina (Nossa Senhora da Conceição)”. (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 167)

<sup>27</sup> A figura do *zelador* na religião é a de um guardião escolhido pelo dono de determinado hinário para salvaguardar as melodias e letras deste, atuando na responsabilidade de manter a tradição e a originalidade pela qual os hinos foram *recebidos*.

*pensamento. É isso mesmo”. Em outras religiões você fica assistindo, no Santo Daime você reza a missa! (Entrevista)*

Assim, em um dos seus últimos hinos, o Mestre Irineu apresentou a ideia das canções serem uma das ferramentas centrais na interpretação da aprendizagem vinda pelo Daime. Por meio delas tanto se canta quanto se conta sobre os feitos das *Plantas* nos humanos, nos não-humanos, no cosmos, fazendo com que os processos de ensinar e o aprender se tornassem ilimitados:

**Aqui estou dizendo**

Aqui estou dizendo  
Aqui estou cantando  
Eu digo para todos  
E os hinos estão ensinando

Aqueles que compreenderem  
Os que quiser seguir comigo  
Tendo fé e tendo amor  
Não devem encarar perigo

Sigo os meus passos em frente  
Com alegria e com amor  
Porque Deus é Soberano  
E nesta firmeza estou

A Virgem Mãe é Soberana  
Foi Ela quem me ensinou  
Ela me mandou pra cá  
Para ser um Professor

Vamos seguir, vamos seguir  
Vamos seguir, vamos embora  
Que nós somos Filhos Eternos  
Filhos de Nossa Senhora.  
(*O Cruzeiro*, hino 125)

Em um dos diálogos com o filho primogênito de Sebastião, Padrinho Valdete Mota de Melo, de 72 anos, atual Comandante dos trabalhos espirituais da ICEFLU, perguntei sobre quais ensinamentos aprendidos no Daime ele buscava passar do auge de seus mais de cinquenta anos de experiência com as *Plantas professoras* para as novas gerações. Respondeu-me:

*Eu tenho harmonia e amor por todo mundo e, pelo outro lado, eu tenho meu hinário que tá dizendo que todo aquele que quiser seguir, preste atenção a ele que vai. Mesmo que eu fique, o cabra vai nesse “prestar atenção”. Mesma coisa de mim. Então, se eu não prestar atenção ao que os hinos tá dizendo, eu vou fazer outras coisas e não vai dar certo. (Entrevista)*

Vejamos um desses ensinamentos aprendidos pelo Padrinho Valdete e narrado em um de seus hinos, o qual apresenta o sentido do seu hinário, *O Livrinho do Apocalipse*, cuja poesia interpreta e canta a doutrina da floresta como uma escola viva.

**Meu Livrinho**

Para se estudar  
Nesta escola do Senhor  
É preciso ter amor  
E prestar bem atenção

No que ensina  
O Professor quando dá aula  
No que Ele passa na lousa  
E o dever que se faz em casa

Todo aluno  
Sabe que a obrigação  
De ir para a escola  
É para aprender as lições

Que o seu Mestre  
Passa em cada matéria  
Meus irmãos a coisa é séria  
Vamos estudar com atenção

Que nesta escola  
O estudo é espiritual  
Vamos prestar atenção  
Para poder ter nosso grau

Desenvolvendo  
Todas as suas faculdades  
Desta escola espiritual

Não adianta  
Querer chegar aqui formado  
Pode as lições deste livro  
Você não ter estudado

Por isto eu digo,  
Vamos estudar com atenção  
Para poder se formar

Estou nesta escola  
Vou estudar meu livrinho  
Escutar meu Professor  
Para aprender bem as lições

Que Ele passa  
Em cada aula que nos dá  
Aqui dentro da sessão

Que o Professor  
 Desta escola é meu Jesus  
 Que foi quem morreu na cruz  
 Para vir nos ensinar

E todo aquele  
 Que deseja aprender  
 É começar do A. B. C.  
 Para poder se diploma.  
 (O Livrinho do Apocalipse, hino16)

Em *Recebido e ofertado: a natureza dos hinos na religião do Santo Daime*, dissertação defendida por Lucas Kastrup Fonseca Rehen (2007), há uma importante discussão sobre a centralidade da música no Santo Daime<sup>28</sup>. Apesar de ser definida como uma “doutrina musical”, a simbiose que constitui os rituais da religião gira entre o cantar e o calar, ou seja, entre os trabalhos *bailados* e os ritos de *Concentração*. Esse aparente antagonismo da condução ritualística cantada ou silenciada, na verdade, é percebido como um fenômeno da ordem da complementaridade, na qual a música seria tanto a encarregada de preparar os participantes para a reflexão em silêncio, quanto um dos mecanismos de destrinchar pelas palavras os sentimentos vividos. Como se houvesse “uma comunhão entre esses dois verbos. Por isso, é possível cantar uma noite inteira repetindo várias vezes que ‘é preciso se calar’” (REHEN, 2007, p.124).

Na prática, existem algumas marcações que diferem o hino enquanto algo *recebido* e uma música elaborada através dos processos convencionais de composição. As canções dos ritos daimistas nascem enquanto resultado de um contato espiritual com outros seres. Esses seres podem ser anjos, forças da natureza, santos ou espíritos desencarnados. Assim, quem toma o Daime torna-se um *aparelho* dessas forças, diferenciadas pelo conjunto de sentimentos e emoções despertadas nos adeptos. O hino, por sua vez, viria como um relato de experiência, uma comunicação ou forma de conduzir instrutivamente. No limite, o que se depreende é que a experiência com as *Plantas* no Daime estaria “alicerçada em uma percepção auditiva da realidade”, uma “cosmo-audição” de todas as coisas. Os hinos ensinados por seres divinos e entidades desencarnadas atuam como veículo de comunicação e acesso ao sagrado (REHEN, 2007, p. 122). Apesar de haver uma designação de pertencimento do hinário a uma determinada pessoa, nos ensina o falecido Padrinho Mário Rogério da Rocha que um hino não pertence a ninguém.

---

<sup>28</sup> Outras pesquisas tendo a música nesta religião como tema central: Andrade (1981), Pacheco (1999), Abramowitz (2003), Ferro (2012).

Em diálogo transcrito no *Livro das Mirações* de Alex Alverga (1995), este último, narrando sua trajetória de chegada no *Daime*, indagou um antigo membro se ele já havia recebido um hino, tendo recebido o seguinte ensinamento como resposta: “- Vou dizer uma coisa, tá? Os hinos são de quem zela por eles e cumpre a doutrina. Eu me considero uma pessoa feliz porque tento cumprir tudo o que os hinos vêm dizendo. Então, todos os hinos são meus, acho que sou a pessoa que tem mais hinos!” (ALVERGA, 1995, p. 36).

Vale ressaltar que mesmo se tratando de algo incrustado na experiência de alguém, o saber contido é direcionado para todos. Ouvi-los, seguir, praticar, “plantar na terra” o que instruem, para os daimistas, significa cumprir a própria doutrina ensinada pelas *Plantas*. Haveria ainda uma “natureza mágica” nos hinos.

Um exemplo seria o fato de ser cantado inúmeras vezes, inclusive nos “mesmos” rituais, e sempre ser compreendido de maneira diferente pela mesma pessoa a depender do momento de sua trajetória individual no ato de participação no trabalho espiritual. Nesse aspecto, Lucas Rehen (2007) apresenta uma fala marcante sobre essa característica dos hinos, através do Padrinho Paulo Roberto, antigo seguidor do Padrinho Sebastião.

[...] Uma das coisas mágicas que eu acho no hino é a sincronia. Não sei se você já passou por isso: você está em uma miração e nessa miração você está entrando em uma questão da sua vida, uma coisa íntima sua que o Daime está te mostrando e você está sentindo, não é, aí vem o verso que está cantando naquele momento fala exatamente o que é, responde exatamente a sua necessidade de saber alguma coisa maior sobre você. Então, o porque desta sincronia ela é impressionante, ela é inexplicável. Como é que bate direitinho o hino e sua dinâmica interna naquele momento e a sua demanda naquele momento? E o hino vem justamente para dar a chave que você estava precisando. E por que era aquele? Por que não foi o hino anterior ou o próximo? Entendeu? A sincronia é uma coisa quase que inexplicável. (REHEN, 2007, p. 172 e 173).

Lembremos ainda o fato de que se pode receber um hino de duas formas: mediunicamente ou como presente ofertado por outra pessoa. O interessante nessa segunda possibilidade é o fato do presente ofertado de uma pessoa para outra poder relatar experiências ou trazer mensagens reveladoras, consoladoras ou iluminadoras para situações que dizem respeito à vida ou trajetória da pessoa que recebeu a dádiva, vivendo esse aspecto “como se o próprio cântico tivesse alma, trilhando uma direção própria” (REHEN, 2007, p. 185).

Nesse caso, essa espécie de biografia cantada e assinada por sujeitos não-humanos foge completamente à vontade de seus receptores. Logo, não há previsibilidade, não há

controle sobre o que será ensinado. Os hinários são elementos afloradores da compreensão de que “no Daime determinados sentimentos são a chave para o aprendizado e não devem ser dominados, mas devem dominar” (REHEN, 2007, p.132). Essa dominação não vem de seres humanos ou suas extensões em maquinarias, mas das *Plantas* e dos seres aos quais se conecta através delas.

Por serem compreendidos como mecanismos de conexão com o divino e ferramentas utilizadas pelo *astral* para se comunicar, os hinos constituem regimes de verdade para os adeptos e formam um dos principais motes de ensino e aprendizagem da religião, sendo – junto às *Plantas* – o principal elemento dentro das sessões espirituais. A princípio pode parecer paradoxal: ao mesmo tempo em que refletem experiências contextuais de alguém ou de um grupo em determinado momento, é atemporal em seu sentido formativo por poder ser um meio para ensinar a qualquer pessoa e em qualquer espaço e tempo.

Foi através de um desses processos de receber um hino e entoá-lo em meio ao salão de trabalhos que o futuro da religião ganhou outros contornos nas mãos do Padrinho Sebastião e sua comunicação e condução espiritual através daquilo que as *Plantas professoras* lhe falavam.

#### 2.4 Sou Eu São João: *O Justiceiro*

A medida em que passou a frequentar os trabalhos no Alto Santo, Sebastião manteve os trabalhos espirituais na Colônia Cinco Mil, contudo, em certa altura, as entidades espirituais que faziam os atendimentos anunciaram que se afastariam das sessões por dez anos. Esse fato fez com que ele passasse a se dedicar exclusivamente ao novo espaço espiritual e religioso, assumindo um compromisso efetivo com a nova religião se *fardando*<sup>29</sup> junto com os filhos.

Anos mais tarde, sua esposa Rita, parentes e vizinhos também passariam a frequentar o centro, o que, nos termos de Mortimer (2000), confirma o caráter fortemente “familiar” da doutrina. Além disso, os atos litúrgicos contam com a “participação das crianças e os pais tinham o maior orgulho de fardá-los para os rituais das grandes festas” (p. 66).

Concomitantemente, Sebastião recebeu do Mestre Irineu, em 1968, a licença para portar a bebida e abrir as sessões de cura com os residentes da Colônia. Nesse período, ele começou a receber os hinos que compõem seu primeiro hinário chamado de *O Justiceiro*.

---

<sup>29</sup> Junto aos batizados e casamentos, o *fardamento* constitui um dos rituais de iniciação da religião. Dentro do princípio de graduação, é o momento em que o considerado *visitante* se torna membro efetivo da doutrina, obtendo autorização para usar as fardas respectivas aos trabalhos.

Como vimos, os hinos são concebidos como mecanismos de instrução, uma espécie singular de “escritura de quem não sabe ler” (ALVERGA, 1998, p. 94).

Cabe-nos, aqui, compreender principalmente o contexto em que essas mensagens foram recebidas e suas implicações para os processos formativos na comunidade naquele instante. As vivências iniciais com o Daime que estão registradas nesses hinos contam, respectivamente, a imersão na doutrina do Padrinho Sebastião, bem como os princípios que o levaram a permanecer, o conhecimento advindo da floresta, o papel curador exercido pela bebida e o sentido das experiências vividas. Também merece destaque o afeto manifestado à figura do “Padrinho Irineu” e sua imagem como professor como sendo uma das principais descrições presentes nos seus hinos, como podemos ver:

**Sigam, sigam, meus irmãos**

Sigam, sigam meus irmãos  
E não queiram esmorecer  
Vamos acompanhar o Mestre  
Ele quer nos proteger

Sigam, sigam meus irmãos  
Com amor e alegria  
Que a dona desta casa  
É a Sempre Virgem Maria

Nosso Mestre nos procura  
Com amor e com carinho  
A melhor coisa do mundo  
É possuir um padrinho

Eu amo o meu padrinho  
Com amor no coração  
Porque ele é quem me ensina  
Eu amar os meus irmãos  
(*O Justiceiro*, hino 14)<sup>30</sup>

O próprio sentido dos hinos é explicitado nos seus conteúdos manifestos, materializando uma compreensão de aprendizagem que se realiza performativamente, isto é, a recepção e o uso dos hinos realizam em ato o sentido dos ensinamentos que se busca transmitir. Vejamos:

**Nos três eu te procurei**

Nos três eu te procurei  
Nos quatro eu te peguei

---

<sup>30</sup>Nesse contexto específico, destacam-se os significados atribuídos ao termo “Mestre” dentro dos hinos: o Mestre é o Daime e o Daime é o Mestre. Por isso, o termo pode significar simultaneamente Raimundo Irineu Serra, o chá de Daime e o próprio Jesus Cristo.

Joguei a minha cilada  
No mato tu te escondes

Joguei outra cilada  
Pensando em te colher  
Pensavas que eu era um bicho  
No mato foi se esconder

Eu te entrego os meus hinos  
Com amor no coração  
Agora estás sabendo  
Quem é Juramidam

Agora tu te apresentas  
Com toda perfeição  
Que agora eu te peguei  
Dentro do meu coração

**Os hinos são as correntes  
Tu bem viste em mim  
Que sai da minha boca  
E transmite em ti**

O que tu me dizias  
Eu não podia acreditar  
Pensavas que eu não sabia  
Hoje veio realizar

Falas com coragem  
E com amor no coração  
Para dar o saber  
A todos meus irmãos

Te entreguei os meus primores  
Não querias respeitar  
Mas Deus é poderoso  
E Ele é quem vem buscar

Quando tu estiveres falando  
Não queira se exaltar  
Que dentro destes primores  
Precisa se humilhar

Peguei as minhas correntes  
Foi para ir te buscar  
Se eu não fizesse assim  
No mato ias ficar

Meus irmãos fiquei sabendo  
Que o Mestre tem poder  
Entrega os seus primores  
Àqueles que merecer

Meu irmão eu te entreguei  
Agora vou realizar

Cada um que procure  
 Com o Mestre se encontrar.  
 (*O Justiceiro*, hino 25, grifos meus).

Entre os hinos de *O Justiceiro*, um deles denota, por exemplo, o processo de procura do Mestre pelo Padrinho. Uma busca que seria incitada pela própria espiritualidade. Outros hinos indicam os símbolos e as figuras cristãs, a prática de contato com o mundo espiritual e a leitura do mundo pelo Santo Daime, configurando o entendimento que o praticante, em nosso caso Sebastião, tem de si mesmo e da sua trajetória espiritual desdobrada como um processo transformativo.

Em um dos hinos, há um episódio interessante de ser retomado, dado o impacto que ele causou em Sebastião e em toda a linha doutrinária que se inaugurou a partir disso. Durante um trabalho em que se cantava o hinário *O Cruzeiro*, do Mestre Irineu, ele passou a escutar uma voz que o instruíu a cantar naquele momento o último hino recebido:

**Sou eu**

Sou eu, sou eu, sou eu  
 E eu posso afirmar  
 O mestre me chamou  
 Para eu me declarar

Vamos todos meus irmãos  
 Compreender o ABC  
 Que muitos são os que olham  
 E poucos são os que vêem

A minha mãe é tão formosa  
 E mandou eu declarar  
 Que o mestre está em mim  
 E é preciso eu me calar

Meus irmãos vou ensinar  
 Como se lê o ABC  
 Muitos vão assoletrar  
 E não sabem compreender

Meus irmãos vou lhes dizer  
 Para todos aprenderem  
 Que debaixo da minha ordem  
 É que eu agora quero ver

Sou eu, sou eu, sou eu  
 O mestre me afirmou  
 Olha o relho na minha mão  
 Aonde está o chiquerador

Meus irmãos venho avisando

Para todos compreender  
 No dia da audiência  
 É que vão gostar de ver

Agora vou declarar  
 Como foi que se passou  
 No rio de Jordão  
 O batizado se traçou

A minha mãe é tão formosa  
 E o meu mestre também é  
 Ele é filho de Maria  
 E eu sou filho de Isabel

Meus irmãos já declarei  
 Não tem mais o que dizer  
 Quem quiser que o procure  
 Para poder compreender.  
 (*O Justiceiro*, hino 25)

Como ressalta Mortimer (2000), nesta noite, cantava-se justamente o hinário do Mestre Irineu. Então, uma “voz voltou a falar lá dentro da cabeça”, interrogando-o acerca de sua dúvida sobre se deveria ou não cantar sozinho o hino transcrito acima.

A “voz” disse, então, que lhe daria “uma prova”, instruindo-o quanto ao momento do canto. No momento em que Sebastião começou a cantar, “foi repreendido por muitos olhares e pelo fiscal que em vão tentava lhe dizer que estava errado, não podia fazer aquilo”, mas ele não tinha mais “como parar” (MORTIMER, 2000, p. 76). Na leitura de Mortimer, naquele instante era muito forte a sensação de uma “energia que o levava àquele enfrentamento com o salão”, e “assim como uma ave rompe o ovo que a prende, assim também ele havia rompido a casca do medo e da dúvida” (p. 77). Aos poucos, Sebastião foi assimilando a compreensão de que algo ou alguém estava lhe destinando uma “a missão”, enviada pelo próprio Jesus Cristo, mas que “havia brotado na floresta”. Na sua visão, o Mestre Irineu estava “replantando as Santas Doutrinas” (p. 72). Este modo de ler os hinos, imbricando uma visão religiosa de caráter profético repercutiu (e continua repercutindo) em incontáveis hinos. Não se faz necessário uma análise exaustiva dos hinos para confirmar essa proposição. Destaco a seguir dois deles recebidos posteriormente ao período, mas que denotam a continuidade dessa visão:

**Esta escola**

Aqui eu domino os tigres  
 Faço os leões se curvar  
 Com a força do meu Pai  
 Tudo eu vou dominar

É com paz e alegria  
 Com amor para vencer  
 O meu pai me dá a força  
 Minha mãe me determina

Essa escola é divina  
 É do Mestre Juramidam  
 Essa escola está entregue  
 Ao meu Senhor São João.  
 (*Estrela Brilhante*, hino 183)

### **São João**

Pregando no deserto  
 Rogando com amor  
 São João abriu o caminho  
 Para o nosso Senhor

Trazendo a boa nova  
 Na terra de Israel  
 Era São João Batista  
 Filho de Santa Isabel

Nas margens do Jordão  
 O Mestre consagrou  
 Batizando nas águas  
 Os pecados ele limpou

São João está de volta  
 Ele vem lá do astral  
 Jesus Cristo veio na frente  
 Com seu cetro de cristal.  
 (*Nova Anunciação*, hino 11.)

A reação dos demais membros às mensagens contidas no hino *Sou Eu* dividiu opiniões. Após o falecimento do Mestre Irineu, o grupo da Colônia Cinco Mil crescia na mesma medida que o carisma de Sebastião entre parte dos seus membros. A repercussão de seus trabalhos espirituais passou a moldar a própria concepção da religião. A declaração do início de sua missão terminou por carregar o objetivo de formação de um “rebanho” e o rompimento com o Alto Santo ocasionaria a inauguração de outro cotidiano na Colônia Cinco Mil, dando origem ao processo de expansão da linha de trabalhos espirituais liderados por Sebastião Mota, como ele conta:

Se esta Doutrina hoje não está além e porque o povo não compreendeu e nem se juntou a ele. Até que o Mestre juntou um bocado de gente, mas não deram valor a ele. Por quê? Porque era preto. Quando chegou nesse ponto da confusão, ele foi embora e eu fiquei lá junto dos outros fazendo os trabalhos na sede do Mestre. Ai criaram lá um negócio de não sei o quê, de um ciúme, uma inveja... Começaram a achar que o mestre gostava mais de mim do que

dos outros. Aí eles começaram a criar caso. Por exemplo: o velho Irineu deixou combinado comigo de eu fazer o Daime e levar para lá. Uma metade era para ele e a outra metade era minha. E assim foi. Com o Mestre eu ia muito bem. Tudo corria bem. Mas depois que ele faleceu começaram a criar caso. Não sei nem o porquê dessa intriga, mas um dia eu pensei comigo mesmo: *"Antes que a gente brigue, que eu não quero saber de briga, eu me arretiro"*. Um dia, eu recebi uma ordem no Hinário, mas eu ainda não entendia o que queria dizer. Uma voz me dizia: *"Levanta um templo e prepara um povo"*. A voz não me pediu segredo. No outro dia eu fui lá e contei ao Padrinho Irineu o que tinha acontecido e ele me disse: *"Mandou levantar o templo com que? E o senhor tem tempo pra isso?"*. Eu respondi: *"Não tenho não senhor, mas Deus tem, porque mandou eu levantar. Será que não dá pra eu levantar?"*. E ele: *"O senhor tem com quê? Então eu falei: não tenho não senhor. Povo não tem nenhum, mas tenho certeza que Deus tem, e quando for um dia se levanta"*. O tempo foi passando, passando, o Mestre foi se retirando aos poucos, até que fez a passagem. Logo depois o povo foi chegando. Não tinha me sido entregue? O Mestre Irineu, quando estava para ir embora para o Astral, me passou muitas coisas dele para mim. Depois que ele desencarnou, o espírito foi quem veio entregar o resto. Disse para eu não temer nada sobre questão disso ou daquilo lá de fora. Era para eu levar em frente que o Daime ia guiando. Ia guiando para ir tirando o povo de Juramidam do meio da cidade e colocando no Paraíso. Essa foi a minha missão: a de tirar o povo que Deus pediu que eu tirasse. Naquele tempo, eu me lembro bem, que nos estava em debate até com a polícia federal. E quando a coisa esquentou uns e outros queriam esconder o Daime, mas eu disse que não! Aguentei firme! Porque eu no Daime, eu sei muito bem e sei o que fui buscar não podia negar, nem fazer um papel de covarde. Graças a Ele eu, tive a minha saúde total. Se piorei um pouco, passado tantos anos, e porque o mundo inteiro balançou! Balançou mesmo e ainda esta balançando. E nos, que estamos seguros com o Santo Daime, estamos seguindo o que disse o nosso Mestre: *Todo aquele que se segurar nos raminhos verdes, segure mesmo! Porque serão os únicos que poderão chegar"*. Tudo está vindo, o tempo vem mareando e esta se vendo. E a voz do deserto avisando pra todo aquele que buscar Cristo Jesus. (apud ALVERGA, 1998, p. 61-62)

Dentro dos desdobramentos formativos que o Padrinho Sebastião passa a trazer a partir desse contato com o Daime, sua experiência de cura e o estabelecimento de uma relação inaugural de um outro espaço daimista no Acre, é que temos o desenrolar de fatos que sucederam o pano de fundo de muitas das experiências que foram elencadas pelas nossas narradoras e narradores para contarem, configurando a maneira como os ensinamentos das *Plantas professoras* disseminados nos trabalhos espirituais ganharam contornos práticos na vida cotidiana dessas pessoas. É a esse cenário que o próximo capítulo é dedicado.

### 3. “TEM NESTE MUNDO/UM BELO *DOM* CHAMANDO TODOS/ PARA O BEM VIVER”<sup>31</sup>

Inicialmente, a formação do Daime liderado por Sebastião Mota contou com as famílias vizinhas e com aquelas já frequentadoras do Alto Santo. Estes membros deram sustentação aos trabalhos conduzidos na nova localidade de trabalho, bem como assumiram a responsabilidade de zelar pelos ensinamentos aprendidos e transmitir aos novatos que se apresentavam.

Um fator importante nesse processo se deu com a criação de um programa de rádio na Difusora Acreana, na qual hinos e discursos eram veiculados para todo o Estado. Aos poucos, a juventude de Rio Branco que se deslocava para estudar, retornava influenciada por novos pensamentos e movia-se para os centros religiosos daimistas pela curiosidade de novas experiências (MORTIMER, 2000).

Também nesse momento alguns intelectuais da cidade de Rio Branco passaram a formar o quadro de novos *fardados*, os quais foram responsáveis pela organização burocrática do centro, registrando-o enquanto instituição. Nascia o *Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra* (CEFLURIS)<sup>32</sup>. O cargo do Padrinho Sebastião passou a ser de *Mestre Imediato* e em caráter vitalício. Tanto as famílias frequentadoras quanto o “povo da caneta”, como eram descritos os intelectuais, iam e vinham da Colônia nos dias das sessões (MORTIMER, 2000).

No entanto, a missão do Padrinho Sebastião estava para além da formação de uma nova igreja. O objetivo central era a união de um povo. O hino a seguir define esse processo:

**Eu vim para ajuntar**  
 Eu vim para ajuntar  
 O rebanho que toca a mim  
 Para ser filho de Deus  
 Não precisa ser ruim

Eu peço aos meus irmãos  
 Para todos se conformar  
 Que esta é a colheita  
 Do nosso Pai Universal

<sup>31</sup> [Grifo nosso] O hino de número 31 de Lúcio Mortimer, “Com louvores”, nos lembra a associação feita entre o “Don Sebastião”, em relação a como o Padrinho Sebastião era chamado pelos *hippies* recém-chegados e conhecedores da história e das falas de “Don Juan” para Carlos Castañeda (1968); e mesmo no significado que aquele modo de vida se transformou em um dom presenteado e instruído pelas *Plantas professoras*.

<sup>32</sup> A partir desse feito, a doutrina do “Daime” passa a ser identificada por esse grupo pelo nome de “Santo Daime”, título o qual é próprio deste seguimento, ou, também chamada pelos adeptos de “linha do Padrinho”.

Meu Pai está comigo  
 Ele me chama atenção  
 Eu digo é porque sei  
 Jesus Cristo é o nosso irmão

O Mestre Juramidam  
 É Mestre de grande valor  
 Com Ele eu tenho tudo  
 Com Ele eu tenho amor

A Sempre Virgem Maria  
 E seu Filho Redentor  
 Ela é acolhedora  
 E Jesus Cristo é o Salvador.  
 (*O Justiceiro*, hino 82)

Nesse contexto, vale destacar o papel dos andarilhos e viajantes, em sua maioria, do movimento *hippie*, dirigidos para o Acre na intenção de conhecer os usos dos enteógenos. Os *hippies* que fizeram contato com o grupo ficaram conhecidos pelos daimista como “os cabeludos”. Esse encontro foi abordado por Sebastião junto aos demais membros. Certa vez, ele próprio teria dito: “estou esperando novos companheiros” (MORTIMER, 2000, p. 99-100). O anúncio da chegada dos “cabeludos” merece destaque pelo tom profético em que foi comunicado, o que favoreceu a construção de uma teia de receptividade que teve implicações religiosas e comunais.

Assim, o próprio sentido do viver em comunidade transformou-se em um pilar primordial na configuração da linha de trabalhos do Padrinho Sebastião, caracterizada pela criação de modos de viver comunais enquanto forma concreta de crítica e transformação daqueles que nos são impostos pela sociedade ocidental ancorada no acúmulo desmedido de riquezas e na posse desenfreada.

Vale destacar também outros processos muito caros a esta dimensão comunal imanente ao Daime. Primeiramente, a centralidade das atividades agrícolas, um elemento de descoberta e fonte de inúmeras aprendizagens no cotidiano da comunidade. É notável o impacto transformador dessa relação sinérgica com a agricultura, a caça, a pesca, a criação de animais, tendo como ponto de apoio a formação comunal. Em seguida, o papel do *fardamento* que demarca não somente um rito de vinculação com a comunidade, mas guarda um sentido de singularização existencial: a entrada em um outro modo de vida.

3.1 “Eu ia de viagem/Encontrei o meu Padrinho/Ele me abraçou/Nunca mais andei sozinho”

Daniel Lopes, Lúcio Mortimer e Maurílio Reis formaram o primeiro grupo dos “cabeludos”. Saídos de sua cidade natal, Ouro Preto, em Minas Gerais, três anos antes de chegar ao Acre, Maurílio Reis (65 anos), atualmente, dirigente dos trabalhos espirituais da igreja da Colônia Cinco Mil, contou o caminho até essa chegada à Colônia Cinco Mil:

*Eu nasci em [19]54, então, com meus 18 anos, lá pros anos [19]67, [19]68, começo dos anos [19]70, era plena Revolução, né? Plena confusão da Ditadura. E Ouro Preto era uma cidade muito forte nesse movimento, era muito forte. Então, meus amigos eram envolvidos: uns eram “polícia federal” do DOPS e outros eram, ao contrário, da militância, né? Morria assaltando os bancos de São Paulo. Então, você ficava ali entre duas coisas, duas correntes. Difícil de você...né? E, como eu conheci as drogas, comecei a conhecer a maconha nessa época...a minha opção foi virar hippie. Foi sair de casa, foi viajar. E aí eu saí. Saí de viagem e lembrei de uma pessoa que tinha me dito que havia um povo que cantava no Acre, que ele tinha tido lá até fugido da polícia: “- Ah, eu, fugindo da polícia, fui lá no Acre e conheci o pessoal que canta a noite inteira e dança<sup>33</sup>. Uma coisa muito interessante!”. Aí quando eu saí de casa, também sem muito o que fazer, pensei nisso: “- Acho que eu vou até o Acre conhecer essa história dessa bebida. Se até lá não tiver nada de vantagem, talvez, eu volte pra casa e vire doutor, né?”. Porque era assim o pensamento da época de toda família, né? “Se não acontecer nada, eu volto pra casa e viro doutor e boto rumo na vida”. E assim gastei três anos. (Entrevista)*

Viajando com Lúcio Mortimer e mais cinco colegas, o grupo atravessou o Maranhão e o Pará, residindo por cerca de um ano em Manaus, e se separando no meio do caminho. Os dois que restaram seguiram então para Porto Velho e chegaram ao Acre, como narrou Maurílio Reis:

*Já chegamos no Acre direto pra isso! Chegamos numa noite e, na manhã, cinco horas da manhã, já fomos pra Colônia Cinco Mil porque o interesse era conhecer, conhecer logo essa bebida. Tinha uma ânsia de ver logo o quê que era isso. E depois de três anos pra chegar no Acre, no dia seguinte, cinco horas da manhã, nós fomos direto pra casa do Seu Sebastião pra saber o que era isso que tinha. [...] Quando a gente chegou tinha um argentino que tava lá que é o Daniel Bezerra, que até hoje mora no Mapiá. [...] Porque a história mesmo do Padrinho começa com a chegada dos hippies, que aí quando começou a chegar o estradeiro... Que até então era meio fechado, meio complicado pra chegar no Acre, mas parece que quando eu e o Lúcio consegue atravessar as estradas e chegar no Acre, aí começou a ter essa viagem. O estradeiro levava essa notícia, né? Tem o Padrinho Sebastião no Acre. Tem o Daime no Acre. Aí pronto! Aí virou rota. Era rota de todo mundo. Todo mundo queria o Acre, principalmente o estradeiro da*

<sup>33</sup> A referência aqui seria dos trabalhos oficiais denominados de festejos, realizados em comemoração aos dias dos santos do calendário cristão católico, como São João, São Pedro, Nossa Senhora da Conceição e São José. Nestes trabalhos, há a execução dos hinários mais longos da religião e determinados enquanto oficiais pela instituição. A “dança” a qual se refere é chamado de “bailado” e possui três tipos de passos: marcha, valsa e mazurca.

*época, que era o que levava a notícia e trazia a notícia, né? Naquela época não tinha telefone, não tinha nada, não tinha internet, né? Então a notícia se espalhou pelo estradeiro, o hippie que ia ao Acre e, de lá, descia e virou rota do povo que vinha do Peru pra passar pelo Acre pra conhecer o Padrinho Sebastião. (Entrevista)*

**Figura 2 - Maurílio Reis (1º da esquerda para a direita; e último da direita para a esquerda) e viajantes na Colônia Cinco Mil, em 1975.**



Fonte: [https://www.instagram.com/isabel\\_sabino/](https://www.instagram.com/isabel_sabino/)

Em seguida, chegaram muitos outros *hippies* que se tornaram companheiros de Sebastião no desenvolvimento da comunidade. O italiano Adriano Grione (*in memoriam*), que estava em travessia pelo mundo há anos, chegou em 1978. Assim me contou sua trajetória quando estava com 67 anos, em 2019:

*Apreendi muito quando era jovem. Também na minha andança aprendi muito, mas o encontro espiritual encontrei aqui com o Padrinho Sebastião. Já frequentei templo hinduísta, já fui católico muitos anos. Me criei na igreja católica, fui catequista. Tenho, assim, um estudo religioso e espiritual também, pela experiência de vida, por tudo o que passei, por tudo o que vi. Mas, quando cheguei aqui com o Padrinho Sebastião eu encontre uma coisa nova, nova mesmo. Eu nasci de novo! Daí, uma experiência nova. Que não é pela idade, mas é pela experiência espiritual de cada um, né? Entrei num novo estudo com o Padrinho Sebastião, que é o estudo da doutrina do Santo Daime, que é evoluir a toda hora, sabe? É uma evolução contínua. Toda vida que se toma o Santo Daime, a gente pode ter um crescimento espiritual, ter um conhecimento maior. E quando eu cheguei, já tinha experiência já com várias plantas de poder. Já tinha usado na Índia, já tinha usado na*

*América. [...] Tudo aconteceu depois que eu saí do exército, sabe? O exército deu um choque em mim, sabe? Digo: “- Como é que pode, a gente aprende a matar?!”. Ai era a época da Revolução Cultural, da Revolução Híppie. As pessoas já precisavam ver as coisas de perto, não só “me disseram” pela televisão que só mostram o que querem. Então, o oriente era, assim, a meta de quem buscava a paz espiritual, de quem buscava conhecimento. Então, embarquei nessa também. Fui pro oriente, passe vários anos lá. Pra vim aqui na América, foi uma história um pouco assim. Um amigo meu teve no Brasil. Tudo vinha pra Festa do Sol, no Peru, mas aí numa das viagens, decidi tomar outro rumo. Pra América do Norte, pra Califórnia. Mas, no meio da viagem, o destino me trouxe no Acre. Aí conheci a Cinco Mil, conheci o Padrinho Sebastião. (Entrevista)*

Adriano Grione não fala literalmente que a experiência com as *Plantas* era o alvo da sua viagem e nem de tantos outros. De fato, eles estavam em busca da chamada *Festa do Sol*, seguindo a trilha dos que atravessavam fronteiras para chegar ao Peru. O *IntiRaymi* (festa do sol ou solstício de inverno) é uma festa de tradição incaica, ou seja, de povos que já usavam a *ayahuasca* de forma milenar, sendo realizada ritualmente no início do ano Inca. Suas práticas incluem:

A perpetuação e o rejuvenescimento de Wirakocha, Inti e Illapa, a multiplicação dos homens, abundância de alimentos e preservação da paz. O rito do Paqarikuy (renascer, amanhecer) ou Paqarikunmi (nascimento de si mesmo) era realizado quando faltavam chuvas ou mesmo em tempo de chuvas, dedicado ao Illapa, no qual, segundo os casos e momentos cerimoniais, os filhos do Paqarikuy eram oferecidos ao Illapa. Queimavam sal, comida, derramando coca e chicha, ofereciam tinkurpamawa (farinha de milho), colocando-a nas mãos e soprando-a; a mesma coisa era feita nas sobancelhas. Também eram sacrificados diferentes animais, como o cuye (porquinho-da-índia) e os camelídeos. (REYNA, 2009, p. 90)

Desse modo, a busca existencial por parte da juventude andarilha brasileira, latina e também europeia que estavam à procura de caminhos para a “paz espiritual” acabou confluindo com o encontro com as plantas sagradas. No ponto de sinergia dessa busca o movimento em curso, no Acre, conduzido por Sebastião materializou um ponto de inflexão para os que estavam nas estradas (*on the road*), tendo em vista que um número significativo de viajantes optou por permanecer na localidade, incorporando-se ativamente no desenvolvimento comunal do Daime.

Assim, o Santo Daime e especificamente a linha inaugurada por Sebastião Mota, se constituiu como parte integrante do movimento da juventude setecentista do século passado que se dispôs a andar “sem lenço e sem documento” e “sair da pista” dúbia entre os que estavam a favor ou contra os regimes ditatoriais que se alastravam na América Latina, buscando novas formas de engajamento político, ético, estético e existencial no mundo. Seu

Severino, um dos rezadores da comunidade também chegou até o Acre através dessas mesmas estradas.

Contudo, em um contexto um tanto diferente dos apresentados acima, mostrando que as realidades que levavam as juventudes às estradas da época também eram múltiplas e singulares, narrou-me Seu Severino Amilton Pessoa:

*Naquela época, né, em 1972, tava saindo um movimento hippie. Então, nós que era pobre, né, da classe mais baixa, não tinha condição de sair pra São Paulo, de sair pro Rio, de sair todo aquele movimento, porque foi um movimento que mexeu, porque foi um movimento de Woodstock, onde tinha Jimi Hendrix, Janis Joplin, aquela coisa toda, aquele pessoal todo. Então aqui no Brasil fez uma revolução na cabeça do jovem, né? E cada um quis conhecer mais, ficar mais livre. Então, o hippie saía de casa andando, pedindo carona, fazendo a pulseirinha. E nisso eu saí também, né, me empolguei nessa empolgação que tava tendo nesse momento, né, 1968, 70, 71, 72... E por aí vai. Então, quando eu saí, eu cheguei a conhecer... Saí muito novo de casa, né, porque a pobreza você sabe como é que é até hoje, essa classe, né, da classe baixa sempre sofre, porque se a pessoa não tiver um mecanismo, uma força espiritual, um apoio espiritual, fica [aparentemente, a palavra citada é “angustiado”], né, a mente daquela criança... A pessoa procura encontrar coisas que é, faz parte da negatividade, do negativo, mas tem que existir como o Padrinho Sebastião disse: “- Existe o positivo e o negativo, agora tá no discernimento de cada um poder se libertar, conhecer”. Então, saí andando e, por acaso, em busca de uma terra prometida, e Deus, a Virgem Mãe, Jesus Cristo Redentor, os Todos os Seres Divinos me guiaram. Porque você andando por todos esses cantos do Oiapoque ao Chuí, você conhecendo, sem ter nenhum dinheiro, sem ter, assim, “sem lenço, sem documento”, né? E atrás de uma fonte de sabedoria, que é um alimento espiritual. [...] Então, eu tava procurando a terra prometida que pudesse ter esse alimento espiritual. Mas, muito jovem, assim, muito atirado, como aquela música do Raul Seixas que, na época, era sucesso absoluto: “Viva a Sociedade Alternativa!”. Fazendo, pregando já o trabalho dele como a erva liamba. [...] Nisso, depois dessa caminhada toda, eu cheguei no Acre, em 70. No final de 76... Não, no final de 75, eu cheguei em Rio Branco, dia 30, não, 29 de dezembro. Aí dormi lá em Rio Branco, na cidade, que eu não conhecia nada, só ouvia falar a fama do Sebastião Mota de Melo. Quando 30 pra 31, no dia 31, eu fui pra Colônia Cinco Mil. Cheguei lá e tive a sorte de encontrar Sebastião Mota de Melo, que foi um homem, um professor, uma matéria espiritual que continua existindo. Então ele me perguntou de onde é que eu vinha, eu expliquei. Então ele disse pra mim: “- Ali tem uma casa”, que chamava “casa dos cabeludos”, que a gente era cabeludo grande, rastafári, aquela coisa toda. Então eu fui pra lá. (Entrevista)*

**Figura 3 – Seu Severino Pessoa no momento da entrevista, na varanda da casa da Madrinha Rita, na Vila Céu do Mapiá – Pauini/AM, em junho de 2019.**



Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

Curiosamente, Seu Severino Pessoa revela um passado avaliado sob perspectivas e crenças espirituais atuantes em seu presente. Quando fala sobre os princípios dos andarilhos das estradas e do movimento hippie, atrela ao que ele construiu através da vivência religiosa nos anos posteriores, mostrando como a memória do narrador se constrói entre passado e presente. Sobre isso, contou:

*No outro dia ele me fez um convite, e esse convite era pra cortar o cabelo, assim, pra vê né, o cara se conhecer mais um pouco. Eu cortei o cabelo. Atendi esse pedido que ele fez. Aí, do dia 5 pro dia 6, que é o dia dos três reis do oriente, que é a entrega dos trabalhos, ele disse que ia me dar um presente. Aí me deu: uma estrela, um paletó, uma calça. Aí é o seguinte, minha irmã, me deu esse presente e eu, como eu andava na estrada, né, difícil você dizer o seu nome, né, como na época de hippie, você não sabia. Ninguém ia dizer teu nome. Tua ia dizer: “- Como é teu nome?”. “É Pedro, é Luiz, tal”, porque “sem lenço, sem documento”. Você entendeu aquela música do Caetano Veloso? “Sem lenço, sem documento”. Entendeu? Então era assim, nesse estilo. Então, pro Padrinho, quando eu fui me encontrar, ele disse: “- Essa casa é da verdade/A verdade aqui está/Quem não tiver verdade/Vai se retirar”. Como eu vi a verdade pela primeira vez na minha vida, como minha mãe, meu pai era uma verdade. Mas, aí a mente não destrinchava porque aquela realmente é uma verdade. Aí eu disse: “- Eu vou me retirar”. Ia saindo, aí ele disse: “- Por que, cara?”. “- Porque meu nome não é Vagner, meu nome é Severino Amilton da Silva”. Aí ele disse: “- Então aproveita que tu tá fardado, bate uma fotografia e manda pra tua mãe pra ela mandar o teu registro e a gente confirmar no livro da divindade*

*material aqui na nossa Santa Doutrina”. E assim eu fiz, porque a verdade ela é uma só. Não aumenta um “j” e não diminui um til. Assim recebeu e quem mandou pra ele tem poder. Então, tem que afirmar. (Entrevista)*

O depoimento de seu Severino Pessoa aponta para o fato de que os contextos locais, nacionais e mundial, naquele momento, motivadores do ato de “cair na estrada” impulsionado pelas manifestações contraculturais emergentes, dentre outros elementos, abarcavam uma nova forma de luta para aqueles que ansiavam por uma aliança entre a ciência e a espiritualidade. Esse fato aparentemente inusitado influenciaria boa parte dos movimentos sociais e da própria educação popular nas décadas seguintes. Essas manifestações, como é sabido, estiveram intensamente comprometidas em questionar os problemas políticos, socioculturais e existenciais de uma humanidade já exaurida por uma série de conflitos e desigualdades múltiplas.

Entretanto, quase nada é dito nos relatos sobre a importância desses acontecimentos, inclusive para a história recente do nosso país, e mesmo da América Latina, sobre o papel decisivo dos povos das florestas, em geral, e do Santo Daime, em particular. Consideramos que o esquecimento deliberado dos encontros das juventudes em plena floresta amazônica, ao redor de um chá considerado sagrado, não se trata de um fenômeno casual, e sua retomada histórica nos permitiria recuperar dimensões vitais do que temos chamado de educação não formal que guardam, em nosso modo de ver e compreender, as chaves de uma experiência radical, justamente porque contracultural e marginal, de formação do humano e do não humano.

### 3.2 O brilho falso da *pirita*: em busca de uma *sociedade alternativa*

Seu Severino lembrou, durante o trabalho de campo, uma das músicas do cantor Raul Seixas: *Sociedade Alternativa*, uma das canções do álbum *Gita*, lançado em 1974. A perspectiva manifestada nessas canções busca uma quebra do mundo como ele chegou a ser até aquele momento (*Era de Peixes*), ensaiando uma saída para outra coisa (*Era de Aquário*).

Para Seixas, as discussões filosóficas e sociais, vigentes das ciências humanas herdeiras da episteme moderna, não propiciavam mais uma alternativa plausível. A defesa de uma *sociedade alternativa* abria uma crítica radical ao mundo moderno movido pelo dinheiro e pelo consumo exacerbado de mercadorias e suas consequências danosas (CEI, 2009).

A crítica contracultural, naquele momento, expunha a sociedade como uma *escola de ilusões*, materializada, no caso brasileiro, em todo seu poder nos tempos ditatoriais em curso nos anos 1970. A rebeldia manifesta contra esse poder foi abordada “como loucura ou vagabundagem” (p. 50)<sup>34</sup>. A música *Ouro de Tolo* reflete o desencanto de um cotidiano marcado por situações previsíveis, lógicas e padronizadas, levando o povo, despido de liberdade e cidadania, à coerção de “vencer na vida” a partir da obtenção de mais produtos vendidos como sinônimos de felicidade identificada seja “ao corcel 73”, seja ao “apartamento na beira mar de Ipanema”. Ao “achar tudo isso um saco”, o personagem encarnado na canção situa a passagem de um estado passivo para um despertar de algo que realmente faça sentido.

A canção não procura confrontar os valores dominantes a outros sustentados nos mesmos princípios, como se estivesse engajada na luta por uma sociedade mais “justa”, em que todos tivessem direito a emprego com um salário adequado à vida na sociedade de consumo. Ao contrário disso, a letra ironiza os costumes e crenças do Velho Aeon, disparando chistes contra os valores mais prezados pelo conservadorismo na época: o Deus-pai que faz concessões, o ufanismo pela pátria amada, a família vista como célula do organismo social e, claro, o consumismo como direito adquirido. (CEI, 2009, p. 54)

Nesse contexto, apesar de sua beleza rústica, a pedra pirlita foi caracterizada como o *ouro dos tolos* dado que sua luminosidade a faz ser confundida com o ouro. As canções contraculturais vão adquirir um novo entendimento existencial ao ganhar voz na floresta. Entre os povos das florestas, o valor entre as diferentes formas de vida não é medido pelo acúmulo de riqueza e poder, fontes de obstrução do sentido real da vida. *Lição das Plantas*. Reflete o Padrinho em uma de suas preleções:

Ta lá escrito que tudo era de ferro e quando tudo estivesse muito alto, grande seria a sua queda porque os pés e de barro. Quem sabe ler, vai ler na Escritura Sagrada e vai ler melhor do que eu, porque eu não sei ler. Quem sabe ler, vai em cima e vai afirmar essas palavras que estou dizendo. Que os pés e de barra, e repare que hoje o dinheiro esta tão alto que não esta valendo nada. Olha a nota nova: uma figura ficou pra cima e o outro virou a cabeça para baixo. Só tem um. E quando o outro virar? Acabou-se. Olhe, se o dinheiro fosse uma coisa de grande valor, ninguém precisava de nada! Ele mesmo se sustentava. Mas ele foi um grande falso. Foi muito mais falso do que o Judas Iscariotes. Pois foi o dinheiro que enganou o Judas Iscariotes e ele não soube pedir o perdão dele. Foi enganado por esta tal moeda, viu? E hoje tá todo mundo ainda enganado por ela, mas eu não estou. Eu estou mais

---

<sup>34</sup>As canções de Raul Seixas foram fortemente inspiradas por seus estudos das obras do ocultista, poeta e escritor britânico Aleister Crowley. Victor Cei (2009) destaca, nessa confluência, a emergência de uma nova ideia de espiritualidade travestida em fórmulas mágicas, mas que, em última instância, visavam fornecer consistência a dimensões cosmológicas fortemente ignoradas pela racionalidade cientificista (p. 11).

pela borracha, que eu levo e deixo lá com o meu "patrão", que tem a mercadoria que eu preciso, e trago. Não tô atrás de dinheiro, nem quero dinheiro de ninguém! Eu quero e levar uma farinha, trazer um arroz se eu precisar. Ou levar o arroz, levar a farinha, levar o feijão, depende da terra dar, de Deus querer! Levar a borracha, que é garantido, e trazer aquilo que eu preciso. Não tô atrás de dinheiro nem atrás de grande coisa! Pra que? Eu não tô pra isso não! Eu tô e pra resolver minha vida, viver a minha vida, porque eu, com a fartura, socorro a barriga de dez, doze, que chega com fome na minha porta. E das de graça, porque de graça recebeste! (apud ALVERGA, 1998, p. 85-86)

[...] Olha, você acha que hoje, 1 milhão de cruzeiros pra virar 1, e coisa pouca? Pra quem já foi de vintem, pataca, dessas coisinhas que comprava tanto... É agora tanto e não compra nada? Chegou o tempo que fala a Escritura. Os tempos vindouros, que é o que vem, ia acabar os tempos bondosos, onde do pouco, colhia muito. Mas ia chegar o tempo em que o muito dá pouco. Já chegou! Isso já tá aqui. Porque eu nasci em 1920. Em 1930, eu tinha dez anos e era tudo muito diferente, tinha fartura. Já hoje em dia é preciso estar se esgotando diretamente pra se sustentar. Pra comer, tem que correr pra comprar o necessário que precisa da cidade, né? Tem que pegar o de cá, levar pra lá, pra trazer o de lá pra cá, pra consumir o daqui. E, o que precisa na cidade, e o que a gente tem aqui. Eu vou buscar lá. Levo daqui pra lá. (apud ALVERGA, 1998, p. 85-86)

[...] Hoje, o medo dos grandes esta grande. Porque está dito e é preciso ouvir: "*Quando os grandes baixar, os pobres, sobem*". Os pobres lá em cima e os ricos lá em baixo pedindo socorro. Vai acontecer. Veja, se não estamos no caminho de ter esta troca de papel... Todo mundo tem que ter um conhecimento qualquer. Não é só falar grosso pros outros, que desse jeito ninguém se liga. Faz que nem cachorro, apanha e fica por ali, fingindo que tá tudo bem, né? (apud ALVERGA, 1998, p.88).

No interior da floresta amazônica ressoou um novo apelo pela “vez dos pobres”, ao mesmo tempo, criadores e expropriados dos valores imanentes à riqueza material. O autoengano “diante de tostões” é parte significativa das forças que movem os ensinamentos do Padrinho Sebastião, sobretudo quando aponta o fato de que muitos ainda permanecem iludidos.

A crítica do Daime, nesse âmbito, não se limita aos aspectos político-econômicos, mas ressalta o *poder* imbuído dentro daqueles aspectos. O ensinamento do Padrinho Sebastião é direto: “[...] se a gente cair nessa de dinheiro, acabou a Doutrina, é um encosto! [...]. Tem muita riqueza bem aí, se acabando em desgosto e dor, dor e agonia. Pra que tanto ouro, sem ter tesouro? Ouro sem ter tesouro não vale nada” (apud ALVERGA, 1998, p. 86). Há ainda vários hinos que falam sobre o *mundo de ilusão* ou que alertam para uma necessidade de *acordar* diante dele. O despertar pelas *Plantas* consagraria a presença de um outro *Mestre* de valor e poder inestimável e incomparável.

**O valor que o Mestre tem**

O valor que o Mestre tem  
 Eu vou esclarecer  
 Se tiver alguém que duvide  
 Tome Daime para ver

Meu Mestre veio ao mundo  
 Nasceu lá no estrangeiro  
 O valor que o Mestre tem  
 Não se compra com dinheiro  
 Meu Mestre é formoso  
 É preciso acreditar  
 Eu convido os meus irmãos  
 Vamos todos acompanhar

Meu Mestre a Ti eu peço  
 Na minha concentração  
 Para Vós me consolar  
 E consolar meus irmãos

Meu Mestre a Ti eu peço  
 Faças de mim o que quiser  
 Meu Mestre estou aqui  
 Te prometo ser fiel.  
 (*O Justiceiro*, hino 87)

Um ano antes de Seu Severino chegar ao Acre, a *Sociedade Alternativa* já ganhava projeção nacional com suas demandas pela paz e pela liberdade. Desse modo, o encontro contracultural com as plantas sagradas externalizava, desde o mundo amazônico, o desejo por uma *metamorfose ambulante* que afirmava, por um lado, os limites “das lutas no campo político-institucional”, e, por outro, insistia na busca por uma “transformação social viável” capaz de lidar, mais profundamente, com os problemas da sociedade (CEI, 2009, p. 73).

Um dos últimos hinos de *O Justiceiro* se apresenta como o anúncio da chegada de um novo tempo para a população brasileira deixada à margem dos ideais do *ouro de tolo*. Mortimer (2000) destaca as conversas que o Padrinho teve com o próprio Mestre Irineu acerca de uma profecia de que “a doutrina só iria ganhar o mundo quando fosse irradiada do Amazonas” (p. 172), mencionando o indicativo da floresta ser “farta”. Era chegado o tempo do que entende-se na religião por *Nova Jerusalém*, tempo de executá-la:

**Eu digo a meu Pai**

Eu digo a meu Pai, eu digo  
 Eu vivo no mundo de ilusão

Eu falo e sempre venho dizendo  
 Este povo precisa de união

Eu peço a meu Pai, eu peço  
 Eu peço e quero perceber  
 Eu participo aos meus irmãos  
 Nova Jerusalém está perto de nascer

Eu peço a meu Pai, eu peço  
 Eu peço e quero te ouvir  
 Mas as palavras que eu tenho que dizer  
 Há muito tempo eu deixei com você

Eu falo, eu canto, eu digo  
 A meu Mestre eu quero escutar  
 Peço que participe aos meus irmãos  
 Chegou o tempo de eu executar.  
 (*O Justiceiro*, hino 153)

Com a formação comunal já em pleno vigor, a ideia de um *novo povo* para um *novo mundo* terminou por articular na fala de Padrinho Sebastião um *novo professor*: o Santo Daime. Nos ensina o líder:

Hoje a coisa é outra e o professor é muito diferente daquele do tempo do Cristo. Tem uma diferença muito grande. Só que o povo ainda não está compreendendo isso, ou não quer entender... Até os que leram as Escrituras, coitados, tão lendo diretamente, mas não estão sabendo nem o que estão dizendo. Porque estar com as Escrituras na mão e ficar acusando os outros acolá, chamando seu fulano disso e seu beltrano daquilo, de macumbeiro, etc., e que não está com nada. (apud ALVERGA, 1998, p.107-108)

A compreensão plena da atuação do também *professor* Sebastião exige explorar algumas narrativas que se encontram espalhadas nos registros da sua fala, sobretudo a que se encontra situada na rememoração dos escritos bíblicos, quando ele mesmo enfatiza o que há de específico na religião do Daime ao se prestar em conceber e viver uma *Nova Jerusalém*<sup>35</sup>:

[...] Tá lá no Apocalipse. É só procurar que vai achar. Ali marca tudo. Diz também onde é a nova cidade, a cidade espiritual, a Nova Jerusalém. [...] Desde quando fui seringueiro, eu nunca paguei conta. Toda vida fui tocado por patrão. Agora quero mais saber disso não! Quem é que chega aqui e entende logo o que é o Daime? Ninguém! Quem buscou? Ninguém! Só vão lá, mas não buscam. Muito poucos os que foram e conheceram o que é o nosso trabalho. Nosso trabalho não é coisa escondida não. É para quem tem verdade participar espiritualmente conosco através de uma bebida que está sendo anunciada dentro da Escritura Sagrada. Pode procurar porque vai achar! (apud ALVERGA, 1998, p. 67-68)

---

<sup>35</sup> Não por acaso, o Padrinho Sebastião interpreta vividamente o livro bíblico denominado *Apocalipse*, sobretudo os capítulos 21 e 22, nos quais após as intensas batalhas entre anjos e demônios, é dito que surgiria um *novo céu* e uma *nova terra* denominada de *nova Jerusalém* “onde não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (BÍBLIA, *Apocalipse*, 21, 4).

Além de não realizar uma dissociação entre a vida material e a vida espiritual, entre os problemas sociais e as questões espirituais, subentende-se do texto acima que os tempos profetizados pelas escrituras estariam sendo experienciados nesse momento.

Dona Cristina Santos, moradora da Vila Céu do Mapiá, desde 1986, afirma em seu relato que sendo o Padrinho Sebastião “um homem muito além de seu tempo”, descreve-o como um professor capaz de receber todas as pessoas “com ou sem dinheiro” (Entrevista). Dona Cristina me lembrou (e ensinou) um dos principais pilares do cristianismo daimista que é, além de *ver Deus em todas as coisas*, encontrá-lo dentro de si na busca e na esperança de um autoaperfeiçoamento contínuo. Este ensinamento aparece contido no hino que encerra uma seleção de hinos de *O Justiceiro*, chamada *Oração*, uma reza diária realizada pelos daimistas na igreja ou em casa às 18h00 desde os tempos da Colônia Cinco Mil:

**Eu não sou Deus**

Eu não sou Deus  
Mas tenho uma esperança  
Eu não sou Deus  
Mas sou sua semelhança

Deus é fogo,  
Deus é água, Deus é tudo  
Eu convido os meus irmãos  
Para começar nossos estudos

Eu não sou Deus  
Mas tenho uma esperança  
Eu não sou Deus  
Mas sou sua semelhança

Deus no céu,  
Deus na terra, Deus no mar  
Eu convido os meus irmãos  
Para ficar em seu lugar  
(*O Justiceiro*, hino 152)

Nessa perspectiva, é vital ressaltar a experiência presentificada nos hinos, uma vez que eles parecem operar como uma “escritura dos que não sabem ler”, cuja verdadeira compreensão das palavras adviria no encontro da “leitura” com as *Plantas Sagradas*. Tocamos aqui em uma das singularidades dos ensinamentos do Daime quando contrastados com o sentimento contracultural tal como vivenciado nas matas e florestas. Alverga (1992) sintetiza bem: “para chegarmos à Nova Era, é preciso haver um novo conhecimento e um novo caminho. Muitos salteadores (de consciência) perambulam pelas estradas e, por isso, muitos novos atalhos foram abertos. Um desses atalhos é o Santo Daime, escola de

autoconhecimento, trabalho espiritual e caridade, herdeiro das tradições esotéricas cristãs e da força espiritual dos povos pré-colombianos” (p. 10). As forças disseminadas por esse encontro ainda continuam em pleno vigor nas cadências dos hinos dos seus membros ao redor de todo o mundo.

**Nova Era**

Que beleza no universo  
 Meu Pai está me guiando  
 E quanto mais eu me entrego  
 Mais Ele vai me limpando

Eu vou seguindo, ensinando  
 O que meu Pai deixou na Terra  
 Na colheita de irmãos  
 Que vêm compor a Nova Era

Eu convido os meus irmãos  
 Se alegrar na nossa festa  
 Esquecer a ilusão  
 E se firmar bem na Floresta

Na Floresta temos tudo  
 Ela, Mamãe e Papai  
 Toda fonte de riqueza  
 A Natureza e muito mais  
 (*Nova Era*, hino 1).

Desse modo, a ideia mesma de uma *Nova Era* ganha novos relevos no contato com a cosmovisão daimista, através dos processos de atualização dos saberes desdobrados pelos usos da *ayahuasca* e das demais *Plantas professoras*. A floresta agora é encarada como fonte geradora de um novo marco para o desenvolvimento comunal e espiritual.

### 3.3 “Eu não estou interessado em nenhuma teoria”: o delírio da experiência com coisas reais<sup>36</sup>

Desde 20 de janeiro de 1983, a sede das atividades espirituais de Padrinho Sebastião permanece às margens do Igarapé Mapiá, no Amazonas, a uma distância de aproximadamente oito horas viajando de canoa a partir da cidade de Boca do Acre<sup>37</sup>. Um dos narradores

<sup>36</sup> A frase que nomeia este tópico advém de uma canção de Belchior que poeticamente manifesta seu cansaço e descontentamento face ao tempo vivido. Mais especificamente, a canção fala da sua falta de interesse pelas “coisas do oriente”, pelos “romances astrais” e na crença das transformações dessas ideias para “coisas reais”.

<sup>37</sup> Consideramos importante fixar, do ponto de vista metodológico, essa informação pelo fato de que as memórias dos narradores, incluindo as do próprio Padrinho, tendem a se misturar, sobretudo quando acionadas no momento da fala por estarem, em determinados momentos, se referenciando à experiência como um todo. Além disso, como já foi esclarecido, não visamos construir uma sequência histórica linear das experiências

viajantes, Maurílio Reis, recorda que, naquele momento, “o Padrinho era muito rápido nas ações” para lidar adequadamente ao chamado de reunir “um povo para a floresta e praticar a doutrina 24 horas por dia”, evocando a “força da terra” como caminho para tornar a experiência uma realidade (Entrevista).

Como observa Maurílio Reis, havia algo “esotérico demais”. Apropriando-se das referências cristãs em relação à vinda de Jesus, ele afirma que também na floresta a palavra “se fez carne”<sup>38</sup>. Do ponto de vista desse narrador, a consolidação das atividades efetivou uma forma de saída diante das questões sociais engendradas pelo consumo crescente de álcool e pela prostituição na localidade, colocando “todo mundo dentro de um mesmo lugar” com o intuito de encontrar uma solução espiritual para esses problemas, a fim de trazer uma nova “energia pra terra”. Uma estratégia interpretada como “um passo além do Mestre Irineu” que havia trazido a doutrina. Diz o narrador:

*O Padrinho planta a doutrina na terra. [...] Porque isso tudo é linhagem. O Padrinho tem a linhagem de São João Batista, a linhagem da disciplina, do alerta geral. E com isso ele abraça a doutrina e traz ela pra terra. Planta a Santa Doutrina na terra. Essa grande missão do São João, porque o São João é aquele que vem anunciando, que vem gritando: -“Olha, tá aqui! Tá aqui! Tá aqui!”. E o mundo escutou, graças a Deus escutaram. (Entrevista)*

Adriano Grione destaca, por sua vez, que diferentemente do que acontece na atualidade, quando os daimistas fazem as coisas “já com referência de outras igrejas ou comunidades”, naquela época ainda não existia referência nenhuma. A única referência era o próprio Daime, cuja fonte era “o conhecimento da floresta”. Daí a percepção compartilhada de que a consolidação das atividades na Colônia foi um fator decisivo para o estabelecimento de uma nova forma de vida comunitária. À medida que a construção acontecia, “o carpinteiro, o pedreiro, os ajudantes começaram a mudar pra perto da igreja pra poder ajudar o Padrinho” (Entrevista).

Outro fator apontado pelos narradores como fundamental para a sustentação comunitária do Daime foi a produção de alimentos. Segundo Fernandes (1986), dois episódios marcaram a influência desse fator no estabelecimento da formação comunal. O primeiro foi uma horta em que os alimentos eram “produzidos e consumidos igualmente” (p. 57); e, o segundo e mais decisivo, em 1976, ocorreu no contexto do plantio e da colheita de feijão, e que acabou resultando na extinção da propriedade privada e na constituição definitiva do

---

narradas ao longo de quase cinquenta anos. A intenção, antes, é ordenar alguns elementos vitais emergentes do próprio narrar.

<sup>38</sup> “E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (BÍBLIA, João, 1, 14).

formato coletivo, quando “todos doaram suas colônias para o CEFLURIS”. A terra tornou-se “propriedade da comunidade”, o resultado do plantio passou a ser comum, havendo uma “divisão igualitária de acordo com o número de pessoas existentes em cada família” (p. 58)<sup>39</sup>.

Segundo o relato de Maurílio Reis, o Padrinho conseguiu fazer isso porque ele “se envolvia nessa magia do Daime” e, dentro dessa esfera, “criava mesmo outro mundo”.

Esse tempo é repetidamente lembrado como um “tempo dourado” para os narradores. As pessoas com quem convivi, no trabalho de campo, falavam de “uma comunidade fantástica” que, em um dado momento, chegou a ser autônoma na produção de “açúcar, farinha e quase todo tipo de alimento como arroz e feijão”. Isso sem falar das frutas: banana, laranja, manga. Como resultado, havia uma sensação concreta de “um povo muito farto”, como apontou Maurílio nas falas acima. Inegavelmente, essa experiência foi outro modo de veicular os ensinamentos (Entrevista).

Nesse aspecto, “o Padrinho era muito esperto”, afirmou Grione, ao se reportar às estratégias que ele usava para guiar as pessoas dentro da comunidade. Inicialmente, ele enviava uma quantidade de membros para fazer a abertura na mata e construir os meios básicos de sobrevivência, para só em seguida ampliar o recebimento de outras pessoas na comunidade. A primeira coisa a fazer era “plantar arroz, milho, macaxeira”. A turma da frente com o roçado se encarregava de fazer as aberturas nas matas e cultivar os alimentos mais básicos antes de receber “o povo grande” já com os alimentos prontos para serem colhidos (Entrevista).

Adriano foi um membro dessas “primeiras turmas” do Mapiá. Ele nos contou que a escolha de quem ia na frente era feita com base nas “pessoas acostumada com a floresta”, depois seguiam “os mais novos”. Assim, quando os *caboclos da nova geração* chegavam já tinha o alimento e as condições mínimas necessárias, o que evitava conflitos já que no começo das instalações tudo era bem difícil em função da própria distância e das dificuldades de contato (Entrevista).

A partir dos anos 1980, o Daime se expande para outros lugares do Brasil e do mundo, o que se deve também ao modo como Padrinho Sebastião acolhia os visitantes *sulistas* que não paravam de chegar no Rio do Ouro e, posteriormente, no Céu do Mapiá. Uma das primeiras igrejas construídas nessa dinâmica foi o *Céu da Montanha* em Mauá, no Rio de

---

<sup>39</sup> A quantidade de pessoas envolvidas nessas frentes de trabalho também chama a atenção. De acordo com Fernandes (1986), eram 43 famílias de seringueiros. Segundo Maurílio, reuniam-se cerca de 150 homens e 150 mulheres, e não parava de crescer.

Janeiro, justamente por Alex Polari e sua companheira Sônia Palhares. O novo centro foi inaugurado, em 1983, à semelhança da sede e propondo um novo ideal de vida comunitária.

**Figura 4 - Da esquerda para a direita: Marinêz Silva, Sônia Palhares, Alex Polari, Padrinho Sebastião, Verônica Manns e Cristina Santos - Colônia Cinco Mil/AC, 1983.**



Fonte: <https://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/padrinho-sebastiao/padrinho-colnia-cinco-mil>

Nesse mesmo contexto, vários *cariocas* viajariam ao norte para conhecer a comunidade e seu líder religioso. Entre essas pessoas estava Dona Cristina Santos, nascida em 1962, no Rio de Janeiro. Atualmente residente e professora na Vila Céu do Mapiá, ela conheceu o Daime através da sua amiga Sônia Palhares, tendo chegado à Colônia Cinco Mil em 1983 com outros *cariocas* que saíram de Visconde de Mauá para conhecer o Padrinho. Muitos desses visitantes chegavam doentes, mas encaixavam-se em alguma atividade como todos aliás.

**Figura 5 - Da esquerda pra direita: Maria Sebastiana, Padrinho Sebastião e Cristina Santos, em 1983, na Colônia Cinco Mil/AC, durante a visita da comitiva citada pela narradora.**



Fonte: <https://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/padrinho-sebastio/padrinho-colnia-cinco-mil>

Cristina Santos, narrando-me com 57 anos, mostrou-se bem clara e objetiva sobre esse aspecto dito acima: “Quando eu cheguei, ele sabia que eu não tinha dinheiro, tinha três filhos. Ele falou: *trabalhe*. E assim eu fiz. *Arregacei as mangas*, trabalhava no roçado, na colheita, eu tava sempre presente” (Entrevista).

Mortimer (2000) destaca que a vida no sistema comunitário acabava por transmitir a imagem de um sonho que falava de uma sociedade justa para todos. Por isso, como enfatizou Cristina Santos “o que me pegou mesmo nessa história foi a comunidade” e a percepção de estar “contra o sistema” mesmo que não fosse “nada fácil viver na floresta” (Entrevista). Maria Cristina de Moraes<sup>40</sup> chegou em 1989 junto com os membros *cariocas* que passaram a frequentar a floresta. Além do deslumbre inicial com relação ao lugar, ela destacou que tanto foram a figura do Padrinho quanto a floresta os responsáveis por lhe fazer sentir uma espécie de “chamado”. Um dos episódios mais marcantes relatados foi vivenciado no tempo da colheita do arroz (Comunicação pessoal, 2020).

O evento aconteceu justamente no dia reservado para a colheita, quando a Vila inteira parou todas as suas atividades, tomou o Daime e se destinou para a atividade. Para a

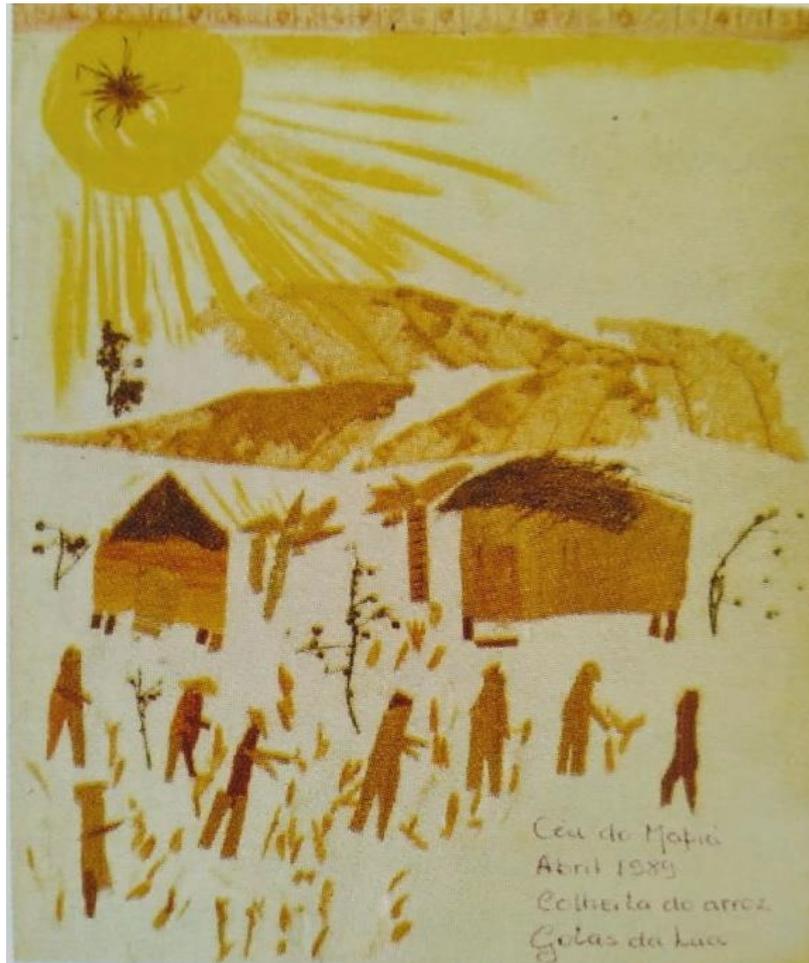
<sup>40</sup> As narrativas de Maria Cristina de Moraes foram retiradas a partir de uma comunicação pessoal sua partilhada com a irmandade da Igreja Céu de São Lourenço da Mata, na cidade de Igarassu/PE, durante o XIII Encontro Nossa Cultura: brilho do Sol, em 13 de março de 2020, cujo áudio fora cedido pela própria instituição mediante autorização da narradora.

narradora, isso evidencia uma ligação intrínseca entre as atividades comunitárias e o trabalho espiritual. Esse era o movimento principal. A espiritualidade, sem dúvidas, “[era] é o próprio espírito comunitário” (Comunicação pessoal, 2020). Assim, tanto a plantação quanto a partilha dos alimentos materializavam os princípios espirituais da religião. Segundo narra Maria Cristina de Moraes:

[...] aquilo foi pra mim a coisa mais bonita que eu vivenciei ali. A gente ia, todo mundo com chapéu, com a faquinha, ia lá no arroz, cortando o cachinho. E a gente tomava Daime. Então, abria-se um mutirão de trabalho, mas também espiritual. Voltado ao espiritual. E era, nossa, a coisa mais bonita. Ficava ali na força fazendo esse trabalho que ia ser seu alimento, das pessoas. Então, nossa, aquilo foi... Eu ficava andando com um punhadinho de arroz pelos trabalhos porque quando eu olhava pra aquele arroz saia luz junto. Então, era um alimento que nem ouro. Então essa foi mais uma vivência que eu tive lá e foi um chamado dele pra floresta, pra conhecer uma outra dimensão. Que lá naquela época a gente não tinha água dentro de casa. Então, pra lavar uma roupa, você tinha que descer com a bacia na cabeça até o igarapé, pra lavar uma louça e trazer a água. Era todo um trabalho pra você fazer um prato de arroz. Esse arroz que a gente colhe, coloca numa bacia, soprar e tirar pra você ter um prato de arroz. Então a vida que tão comum como comprar um saco de arroz na esquina não era assim. Então, pra você ter o alimento, você suava. E isso foi assim... O Daime trouxe a essência da vida nessa vivência. Essa dimensão disso. Uma coisa tão essencial que é você ter o alimento. E se você não botasse a mão, não tinha. Se você não fizesse esse esforço de descer até o Igarapé e lavar as coisas, não tinha como. A casa ficava lá longe e as coisas dentro da casa. Não tinha luz, não tinha gerador. Só na igreja que tinha gerador, só naquela hora que a gente ia fazer a Oração. Então, aí foi... Abriu-se tudo o que eu queria que era o fazer comunitário. Tá em grupo. Junto. (Comunicação pessoal, 2020)

Maria Cristina atualmente é arte-educadora, escritora e ilustradora. Na época da visita ao Mapiá, durante a experiência, ela disse que aproveitava para ilustrar uma carta para as crianças moradoras da comunidade do *Céu da Montanha*, em Visconde de Mauá-RJ. O desenho foi feito a partir da sobra da colheita que serviu de material para produção, já que não tinha lápis de cor ou tinta.

**Figura 6 - Ilustração da carta enviada por Maria Cristina às crianças de Mauá - RJ, em 1989.**



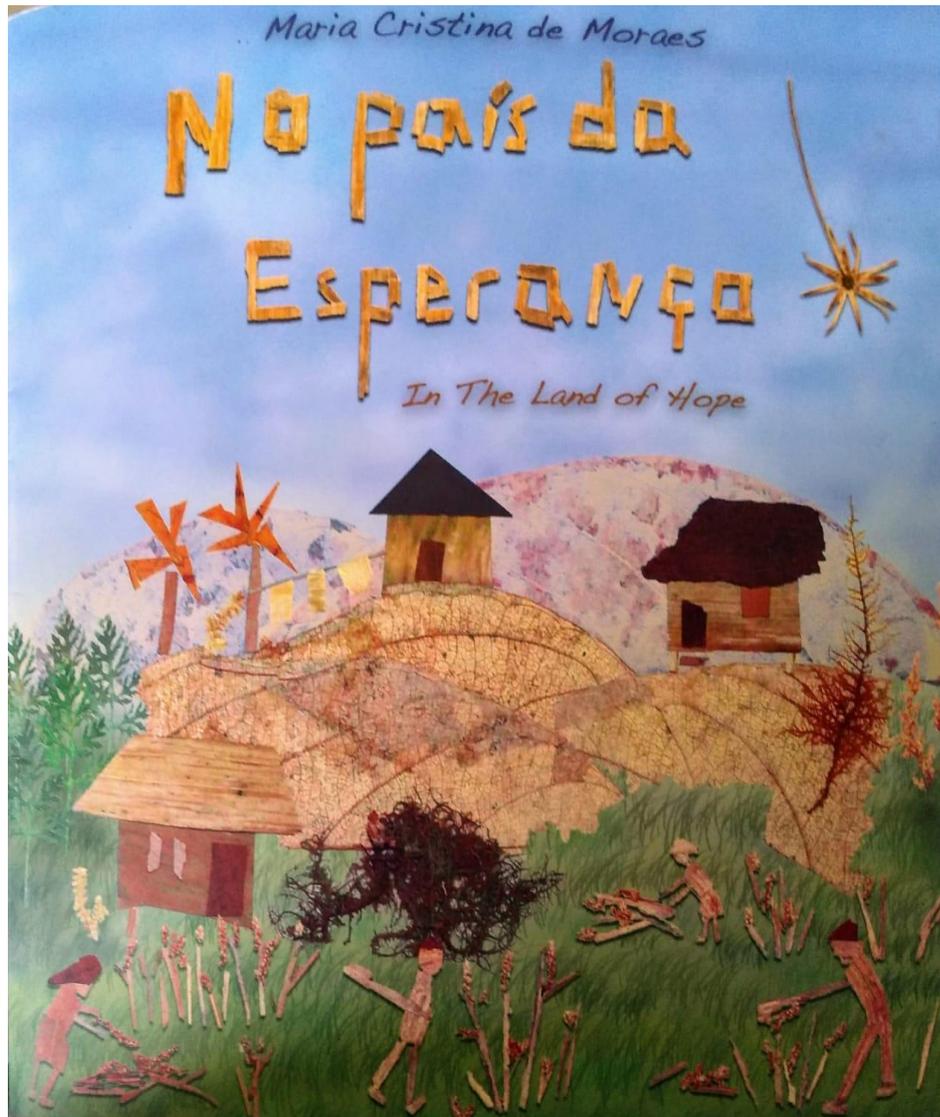
Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

Vinte anos depois, em 2009, durante um período de “desesperança” ao colher grãos com os alunos da escola *A caminho da Luz* na comunidade carioca, Maria Cristina percebeu “que dentro daquele cereal havia mesmo uma luz que atingia diretamente [seu] meu coração e acendia o entusiasmo pela vida” (MORAES, 2009, p. 28). Essa memória seria então convertida em outro alimento: um livro com destino aos pequenos. Segundo ela mesma conta, esse livro “veio do mundo encantado da natureza que sussurra seus segredos pelo vento” (p. 28). O livro intitulado *No país da esperança* conta a história do trabalhador *Seu Além* e o encontro dele com o *Espírito da Verdade*, de quem recebe o conselho de adentrar a floresta e construir o *País da Esperança* junto com sua família. Aos poucos, outras famílias se juntaram para construir o *País*, onde “trabalhavam, cantavam e dançavam” ao passo em que se conscientizavam em não destruir a floresta. Na história, uma das filhas deixa-se levar por um sentimento de desatenção.

Simbolicamente, esse estado é apresentado como uma “nuvem cinza” que faz a personagem se encantar por “um anel de ouro com uma pedra brilhante” que havia sido trazido pela mãe. *Rosa* acaba escondendo o anel, mas adoece em seguida. Aparece então o *Dr. Olavo Cruz*, chamado pelos pais e que receitou um “chá amargo e uma boa defumação” para dissolver os efeitos da *nuvem*. Enquanto isso, o curandeiro, para descobrir a origem da doença, esconde uma pedra no travesseiro da criança. A própria *Rosa* vai se lembrar do anel escondido, reconhecendo-o como a causa do que estava lhe fazendo mal. O anel é desfeito no rio. Por sua vez, *Pingo Verde*, ao orar em prol da irmã tem o sonho de que “anjos derramavam gotas de luz sobre a terra e novos alimentos brotavam com forças curativas” (p. 18). No dia seguinte, *Pingo* recebe a visita de um amigo do *País da Fé*, o qual traz sementes de uma cevada perolada para auxiliar no tratamento de *Rosa* e para o plantio no lugar. A menina come o alimento preparado e se recupera. A história acaba com uma festa comunitária para um grande plantio de cevada perolada, a “semente da esperança”, promovida por *Seu Além* enquanto todos cantavam.

É possível identificar na fábula a presença dos elementos valorados pelo Daime e expressos na trajetória existencial do Padrinho Sebastião: o chamamento de uma viagem por incitação espiritual; o enraizamento comunitário; os cuidados com a floresta; a agricultura como forma de sustentabilidade e cura; o curandeiro que age com os remédios das plantas, entendendo-as tanto como alimentos quanto como remédios para o corpo e a alma.

Figura 7 - Capa do livro escrito e ilustrado pela professora Maria Cristina, cuja imagem foi inspirada na carta enviada em 1989 da floresta, retratando a colheita de arroz.



Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

Dentro dessa mesma perspectiva, Seu Geraldo Costa, outro narrador chegado a comunidade dentro do movimento *hippie*, decidiu se instalar em Rio Branco, na Colônia Cinco Mil, por conta do “Daime e seus ensinamentos”, no início de 1970 e onde reside até os dias atuais. Ele escolheu iniciar sua fala também retomando um episódio que tratava da abertura de um roçado na mata juntamente com o Padrinho e outros companheiros. Durante o descanso do trabalho, ele disse que Padrinho Sebastião teria se levantado e dito: “olha, meus filhos, eu fui buscar um por um de vocês pra nós formar uma família. Andar de ombro a ombro e se chamar de irmão. E assim é que nós vamos fazer, por isso é que nós tamos



### 3.4 “Toda estrela que dou é uma graduação”<sup>43</sup>

Nos trabalhos do Daime existe o uso de dois tipos de farda: a farda branca foi a primeira a ser incorporada ao uso na religião, sendo utilizada nos dias de festa ou nos trabalhos do calendário oficial da religião como: São João, Natal, Nossa Senhora da Conceição, São José. Nessas ocasiões, “os homens vestem calça, camisa e terno branco com gravata azul. As mulheres, adornadas com coroas na cabeça, vestem-se com blusa e saia branca com detalhes verdes” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 69). A farda azul, por sua vez, é como um uniforme escolar. Homens e mulheres usam uma estrela de seis pontas, adorno que marca sua afirmação, a partir do fardamento, enquanto *soldados* no *Batalhão da Rainha da Floresta*.

Moreira e MacRae (2011) relatam que uma das últimas medidas tomadas pelo Mestre Irineu foi a introdução das fardas para os trabalhos de Concentração, tendo a sua regulamentação ocorrida após seu falecimento. Chamo a atenção para esse ponto por reconhecer a importância simbólica que o “vestir-se bem” carrega no Daime. Nesse aspecto, segundo Maurílio Reis, os atos devocionais estariam estreitamente entrelaçados com a afirmação pela dignidade humana, apreendida como uma espécie de “grande cura que o Daime realiza” por meio da provocação da autoestima, pois, ao tomar a bebida sagrada, você torna-se também capaz de sentir não só “a dignidade perante as pessoas”, mas “perante ao Pai Eterno”. Diz ele:

*[...] o processo de tomar muito Daime, muito tempo praticando, praticando, cantando, não é que te santifica. Longe disso. Mas a tua mente, mesmo louca, mesmo pecaminosa, ela habita em outros cantos. [...] A grande cura é essa. Quando você sentir o poder de ser filho de Deus. Que não é nem de dignidade humana, mas de dignidade divina. Você sabe que você faz parte do criador, da criação. [...] O Daime tem esse poder de resgatar, porque ele te dá a dignidade divina. Quando você descobre o Daime, você descobre que é filho de Deus. Não é Santo. Não tô dizendo isso. Mas você sabe que você tem a dignidade divina. (Entrevista)*

Nesse contexto, determinados usos sociais associados, por exemplo, à vestimenta adquirem novos sentidos. A simbologia encarnada e/ou associada ao vestuário expressa os próprios processos formativos vivenciados pelos narradores. Ao longo da pesquisa,

---

<sup>43</sup>Nossa referência é o hino cantado durante o ritual de fardamento. Ao longo da execução do hino “Graduação” (*O Cruzeirinho*, hino 65), à escolha do novo fardado, um padrinho ou uma madrinha apregoa a estrela em sua farda. Especificamente, este ritual foi estabelecido na religião sob o comando do atual presidente da ICEFLU, Padrinho Alfredo Gregório de Melo, filho de Sebastião.

percebemos que as nuances em torno do que significa estar “apresentável” diante do sagrado têm um papel extremamente sensível na comunidade, agenciando uma forma sutil de valorização de todos os sujeitos, uma vez que “um mestre nunca despreza ninguém”, como observou Reis (Entrevista).

O cuidado com as vestimentas desvela então mais um aspecto atrelado ao “segredo da mestria” do Padrinho Sebastião que, aliás, “considerava todo mundo melhor do que ele”, e, por isso, “pra todo mundo ele tinha um jeito de resgatar e elevar o pensamento”, como apontou Maurílio Reis (Entrevista).

Lúcio Mortimer (2000, p. 116) relata alguns casos curiosos. O primeiro episódio fala que, em um dos trabalhos dedicados ao dia de São João, padroeiro da linha de Sebastião, um dos fardados antigos trouxe a ideia de que, na primeira parte do trabalho, a *mesa de centro* deveria ser formada apenas “com as pessoas de maior capacidade e força mental”. Surpreendendo a todos, inclusive ao elaborador do plano, Sebastião colocou três *hippies* recém-chegados, Lúcio e Maurílio entre eles, na *mesa*, quando, “a expectativa era a escolha ser dos veteranos”. O caso repercutiu na comunidade. Outro episódio refere-se à guarda de uma plantação escondida de *cannabis* que os *hippies* fizeram dentro da comunidade.

Alguns aspectos dessa história serão abordados mais adiante. Aqui, atendo-me ao fato de que, para surpresa de muitos, o desfecho não só foi favorável aos que usavam a erva, mas iniciou uma nova caminhada na própria espiritualidade vivida na comunidade. Essas situações, aparentemente anedóticas, dizem da singularidade da mestria de Sebastião, fazendo com que ele fosse reconhecido como portador de “uma sabedoria ímpar”. Assim, o próprio Santo Daime se confundiria com seu modo de presentificar os ensinamentos (MORTIMER, 2000, p. 129). Fato esse que seria revelado, de forma exemplar, pelos sentimentos gerados pelo tratamento que ele oferecia a todas as pessoas, gerando admiração e fortalecendo a crença na comunidade.

**Figura 9 - Padrinho Sebastião, Madrinha Rita (à direita) e grupo em frente a Igreja Cinco Mil – 1983**



Fonte: <http://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-de-juho-de-fotos/fotos/padrinho-sebastio/padrinho-colnia-cinco-mil>.

Ao acompanhar os narradores e seus relatos acerca do Padrinho Sebastião percebo a abrangência e a sutileza de sua visão espiritual que, em nenhum momento, se dissociava do modo como ele praticava e ensinava a doutrina sempre levando em conta o contexto histórico, social e cultural que constituía os membros da sua comunidade. Ao longo das narrativas, dos hinos e das histórias relatadas por seus seguidores nota-se que Sebastião ensinou pela enxada, ensinou pelo amor e ensinou principalmente pela luz que viu e aprendeu no uso das *Plantas*.

**4. SANTA MARIA QUE REVELOU O SEGREDO: “Eu vou contar uma bela história/Da plantinha que mais tem amor/Ela era bem pequenina/Padrinho viu e abençoou”<sup>44</sup>**

*Vamos cantar e louvar a Deus  
Por este mundo e por esta vida  
Porque o brilho do Amor Universal  
Reflete em nós  
Vamos incensar com o perfume da fumaça  
O trono de Deus que está em nosso ser  
Viva Santa Maria que brotou da terra  
Para nos confortar e ensinar a ser irmãos  
Congregados no propósito da Harmonia e  
Prosperidade  
Que todos saibam consagrar esta força  
Ela será um atalho precioso em nossa  
jornada rumo ao divino.  
(Lúcio Mortimer)*

*Pito de pango, fumo de angola, diamba, marijuana, Santa Kaya, cannabis, maconha, Santa Maria.* A quantidade de termos é tão múltipla e versátil quanto os usos que se faz da planta cuja história de *revelação* na doutrina daimista tem sido cada vez mais escavada para ser contada e debatida de forma mais específica. Para sinalizar minhas proposições, também faz-se necessário retomar a discussão e situar o leitor diante dessa abordagem.

Dentro do movimento de estruturação da Tese, a formalização de um capítulo sobre este assunto não estava previsto. No entanto, a experiência desta pesquisa não contava com o controle humano como central para sua elaboração, mas no alinhamento junto às *Plantas professoras* para que se saiba como e o que falar delas. A esse respeito, preciso destacar o papel ensinador da Santa Maria dentro do meu próprio fazer historiográfico e, sobretudo, para ler, entender e aprender sobre ela. Tal qual foi sua importância para a história do Padrinho Sebastião e a trajetória de seu povo, sua presença em perfume e fumaça constituiu uma importante aliada na escrita sobre este acontecimento, seus significados, ou ainda (talvez principalmente) no acalento em meio às dificuldades inerentes ao percurso do doutoramento.

---

<sup>44</sup> O título do capítulo traz como referência a um dos hinos cantados nos trabalhos espirituais dedicados ao estudo e consagração da *Santa Maria* na religião, *recebido* por Lúcio Mortimer, um dos responsáveis a trazer a *Planta* para religião e apresentá-la ao Padrinho. Como introduz, conta a transformação ocorrida no uso da *cannabis* a partir de um processo de *revelação* passado por Sebastião que, a partir de então, deu-lhe a benção para o uso, concebendo-a como curativa.

Nesse sentido, trazemos aqui alguns destaques que consideramos importantes para a compreensão dos *meios didáticos* que uma *Planta professora*, ela mesma, elabora e conduz. Iniciamos então com a sua *Bela História de revelação*, passando em seguida para os mecanismos mostrados pela própria Santa Maria sobre a ritualística de seus usos, juntamente com os contextos e os ensinamentos que são evocados, ou seja, os efeitos didáticos que ela produz nas pessoas, e como sua presença no Santo Daime e sua *consagração* no meio da floresta foi não apenas fonte de situações tensas para a comunidade, mas, principalmente, como sua existência dentro da linha religiosa constituiu um importante e sofisticado meio para resistir e aprender a viver em meio a um regime ditatorial através da orientação de seres não-humanos.

#### 4.1– “Linda flor tu me levastes para ao alto do astral. Para eu ver todos os seres deste Poder Divinal” - A revelação

A introdução dos inúmeros mochileiros e viajantes na religião daimista liderada pelo Padrinho na Colônia Cinco Mil, como dissemos, inaugurou um espaço permanente de trocas de múltiplos saberes e vivências. Esses traziam em suas bagagens a cultura cannábica e se tornam os precursores do uso na comunidade, inicialmente, de forma clandestina; um uso feito entre os próprios viajantes e a juventude de Rio Branco frequentadora das sessões nos finais de semana.

Mas, a situação do uso da erva conheceria uma alteração imprevisível quando surgiu a ideia de se fazer uma horta na comunidade, de maneira camuflada, para o cultivo local da *cannabis*. Certa vez, após uma rodada de pito vivenciada ainda de forma oculta, em uma das sessões do Daime, Mortimer relata que “a miração pegou mais forte que o de costume”. Sentindo-se assustado e em “em apuros”, pois escutava “uma voz poderosa” que soava dentro de sua cabeça, e que lhe acusava “por manter aquele segredo” (MORTIMER, 2000, p. 126).

Maurílio Reis também relatou ter sentido uma intensificação nas experiências em função do efeito da planta, chegando a comentar com os amigos: “olha, o Daime tá forte pra caramba. O negócio tá meio sério”, e completa que, ao ver várias manifestações de “poder”, por incitação das *Plantas professoras*, acabou gritando: “Eu fumei maconha!” (MORTIMER, 2000, p. 127).

No dia seguinte, o caixote com as plantas foi apresentado ao “Dom Sebastião”, como era chamado pelos *cabeludos*, que lhe falaram sobre seu uso no país e no mundo. Mortimer naquele momento diz da sua disposição em “renunciar àquele uso para seguir na doutrina”.

Porém, acabou por se surpreender com a curiosidade do Padrinho em experimentar a *cannabis*, incitado, como ele mesmo disse, por um sonho tido algum tempo antes:

Eu ia por umas estradas quando avistei ao longe um homem a cavalo se aproximando. Dava de ver a poeira levantada pelos cascos do animal. Antes, de passar por mim ele parou e pude apreciar de perto o cavalo branco e a elegância do cavaleiro que me anunciou: “você vai entrar em outra linha”. Perguntei: “Que linha?” Ele respondeu: “Você vai aprender às suas custas”. Foi dizendo e saindo disparado. Continuei caminhando e logo cheguei num roçadinho, onde era cultivada uma espécie de planta que eu não conhecia. Não tinha visto nem nas matas e nem na capoeira. No meio delas apareceu um homem moreno, todo vestido de branco, que devia ser o zelador do jardim, pois era um lugar bonito e muito bem cuidado. Quando a referida pessoa me viu, quebrou um galho da planta e me entregou dizendo que era para curar. Quando recebi a oferta eu acordei. Agora vendo estas plantinhas, lembrei do sonho. Estou com vontade de cultivá-las para fazer a comparação (MORTIMER, 2000, p. 128).

Após conseguirem um cigarro com o Cabo Moraes, oficial do Exército que apreciava a *cannabis* e era um dos novos membros entusiasmado com a comunidade, para o experimento do Padrinho, ambos fumaram e, nos contou Maurílio Reis, foi relatado por Sebastião a visão de “um campo muito bonito, com muitas pessoas de mãos dadas cantando alegremente”, e, ao final, “fez aquela pergunta tradicional que todo mundo faz: - tem mais? [risos]”. Foi assim que, por volta de 1975, se deu a inserção da *cannabis* na comunidade. Na medida em que foi sendo incorporada, construiu-se uma “cultura da Santa Maria”, expressão do costume de todo *mariano* ter uma bolsa onde se guarda a planta com uma piteira. A *cannabis* passou então a ser

*[...] semeada como Santa Maria [...] Porque todo mundo que passa a usar depois da história do Padrinho já não tem isso mais como maconha [...], mas todo mundo tem essa consagração que é tratada como Santa Maria. Toda aquela região, hoje, usa muito. É muito usada. É impressionante como se difundiu a cultura da Santa Maria, embora seja nossa cannabis mesmo. A partir do momento em que o Padrinho vai pro Mapiá e começa a usar, isso sai do Mapiá como uma planta de cura e difunde isso na região toda. (Entrevista)*

É interessante recordar o fato de nesse período o Mestre Irineu ter falecido e, a partir disso, inúmeros conflitos ocorrerem dentro de seu grupo diante das possibilidades de ocupação do comando da religião (MOREIRA, MACRAE, 2011). Em decorrência, se deu a separação do Padrinho Sebastião e seus seguidores da sede. Nesse contexto, as reações à

adoção da Santa Maria foram acompanhadas de muitas tensões internas que ainda se estendem aos dias atuais.

Sobre esse ponto, Edward MacRae (2016) reflete sobre a existência, por parte dos seguidores do Mestre Irineu e do Padrinho Sebastião, de normas e condutas gestoras da vida cotidiana dessas pessoas baseadas em valores determinados, por exemplo, na rigidez em relação aos papéis de gênero; ou um certo conservadorismo moral e político frente às visões adotadas pelos “forasteiros” e pelos chamados “cabeludos”.

Por conta disso, apesar do Acre ser descrito como o lugar de passagem e procura de grande parte dos viajantes, houve certa rejeição por parte das linhas mais tradicionais aos *hippies* e poucos, de fato, teriam sido aceitos nas cerimônias. Em contrapartida, o Padrinho Sebastião sempre buscava acolher esses recém-chegados, desencadeando uma série de conversões por parte dos viajantes como me apontou Seu Severino. Essas conversões, contudo, não significavam um abandono total das antigas práticas, sobretudo o uso de outras substâncias enteógenas<sup>45</sup>, visto não serem compreendidas como opositoras à própria religião, uma vez que se entendia que elas também abriam um caminho para o conhecimento espiritual.

Postas essas questões iniciais, retomemos o título que dá nome a este capítulo para apresentar pelas palavras entoadas por um dos responsáveis por introduzir as experiências com esta *Planta* e vê-la se transformar sob uma nova perspectiva. A *Bela História*, contada por Lúcio Mortimer, através de sua experiência com o Daime, define bem o acontecimento da *revelação* dessa nova *medicina*, assim como a compreensão que estava por se iniciar na linha doutrinária aberta pelo Padrinho Sebastião e, aos poucos, pelos demais membros da comunidade:

#### **Uma Bela História**

Eu vou contar uma bela história  
Da plantinha que mais tem amor  
Ela era bem pequenina  
Padrinho viu e abençoou

Ele disse preste atenção  
Aqui tem uma força divina  
Quem souber dar consagração  
Tem uma mãe que nos ensina

---

<sup>45</sup>Algumas delas foram adotadas para o uso na linha religiosa de Sebastião, como é o caso da Santa Maria, do Cogumelo (*Psilocybecubensis*) e, anos depois, do cacto São Pedro (*Echinopsis pachanoi*). É importante destacar que a prática dos usos desses dois últimos na religião precisa ser vista em caráter contextualizado historicamente, devido à pontualidade restrita de suas experiências e por não configurarem as *Plantas* costumeiramente usadas pelos centros filiados à ICEFLU. Por uma questão de escolha na construção narrativa e ausência de fontes mais extensas, não abordaremos ao longo da Tese o uso do Cogumelo e São Pedro por parte dos daimistas. Sobre isso, ver: MacRae (2016a), Alverga (1998).

Ela cura e alimenta  
 O amor em nosso coração  
 O seu perfume nos acalenta  
 E nos conforta em nossa missão

Um anjo veio e foi dizendo  
 No sonho de nosso padrinho  
 Com esta planta também se cura  
 E tem mais luz no seu caminho

Com o galho verde em sua mão  
 O anjo veio e fez a profecia  
 Agora vamos ter união  
 E mais respeito à Santa Maria.  
 (*Instrução*, hino 30)

O relato de Mortimer desvela a compreensão de que, para o Padrinho Sebastião, apesar de todas as divergências causadas pela chegada da nova *Planta* para a ritualística daimista, o teor de sacralização *revelado* na experiência não o distanciou da proposta aprendida com o Mestre Irineu. Ao contrário, o fez lembrar de conselhos e direcionamentos a respeito dos processos espirituais envolventes dessa relação e o assegurou na percepção de que, diz o Padrinho: “se eu gosto de um e não gosto de outro, eu sou contra uma coisa da natureza. Ela só pode vim contra mim. Aí todos nós vamos sofrer, porque ninguém pode com ela e ela pode com tudo” (apud FERREIRA JR., 2017, p. 53)<sup>46</sup>. A respeito de tais tensões, pontua Edward MacRae:

Aqui, vemos, quase como em caricatura, o processo de dogma religioso transformando o sacramento de um em “droga” de outro. Os membros das outras linhas espirituais ayahuasqueiras restringiam o conceito de “planta sagrada” aos componentes da sua bebida. Mesmo aqueles que estavam cientes da longa história de uso pela humanidade das mais diversas substâncias para fins religiosos e do ecletismo botânico inerente ao xamanismo indígena, berço de suas próprias doutrinas, recusavam-se a reconhecer a legitimidade do uso da Santa Maria. Ao tentarem desacreditar a percepção do Padrinho Sebastião de que a cannabis também poderia desempenhar um importante papel ritual, reproduziam a intolerância medieval ou inquisitorial contra a heterodoxia religiosa. Acima de tudo, demonstravam total despreço pela longa tradição do uso sagrado reservado para a cannabis nas mais diversas partes do mundo. (MACRAE, 2016, p. 462)

---

<sup>46</sup> Sobre essas questões, indicamos os trabalhos de Edward MacRae (2016), Jéssica Rocha (2016), Ubirajara Ferreira (2017) e Rodrigo Carvalho (2019).

O fato é que, nesse contexto, narra Lúcio, estava se vivendo “uma revolução em curso. Agora, com calma, iríamos estudá-las, ou melhor, transformá-las em fumaça e como incenso oferecer a Deus um tributo de nossas boas obras” (MORTIMER, 2000, p. 130).

#### 4.2 “Vamos cachimbando para ter a santa luz” – A *consagração*

A partir da ótica do que se convencionou chamar de “a magia do Padrinho”, a perspectiva de *consagração* da *cannabis* seria, segundo Maurílio Reis, equivalente à questão do crente que acredita “que Jesus é a bíblia; ou para católico, o Jesus é a hóstia [...], ou seja, cada um tem o seu Jesus”. No caso de Sebastião, ele “pega a maconha e traz o Jesus pra ela, traz a Santa Maria. Traz a consagração da planta” (Entrevista). Estava, a partir de então, *consagrada* a união: Santo Daime e Santa Maria se alinhavam como duas bandeiras a serem erguidas pelos povos da floresta que davam fé aos ensinamentos recebidos pelo Padrinho Sebastião, como traz seu hino:

##### **Viva São João e Seus Companheiros**

Estou aqui  
Eu tenho que dizer  
O que eu vim fazer  
Eu vou apresentar

Muita harmonia  
Muito amor e perfeição  
O povo com alegria  
Aqui neste salão

Viva São João  
E seus companheiros  
Aqui neste terreiro  
Numa noite de luar

Santa Maria  
Patriarca São José  
Todo mundo está em pé  
Aqui para bailar

Estou aqui  
E aqui estou  
Para declarar  
O mistério do beija-flor

O beija-flor  
Há muito tempo que voou  
Andando por toda parte  
Consagrando o meu amor

O beija-flor  
 Foi quem trouxe esta união  
 Aqui neste salão  
 E não souberam consagrar

O beija-flor  
 Há muito tempo que voou  
 Trazendo as instruções  
 E ninguém nunca ligou.  
 (*Nova Jerusalém*, hino 3)

Os modos de se *consagrar* passaram a descer do *astral* cantados. Note-se que, para os membros da comunidade, o hinário torna-se o ato de *doar* suas experiências como um mecanismo sutil de ensino pela *força*. Encarado também como um “diário espiritual”, segundo Adriano Grione, os hinos são um meio para compreender as transformações existenciais vivenciadas na experiência. Ao ser perguntado sobre essa ferramenta que “resume sua história espiritual, sua história de vida” quais hinos seus ele gostaria de me falar, Adriano escolheu um que narra a chegada dos *Caboclos da Nova Geração*. Seus pares, nesse contexto, são os estradeiros, os *hippies* (Entrevista). Assim, cantou:

**Caboclos da Nova Geração**

Estão chegando, estão chegando  
 Os Caboclos da Nova Geração  
 Com a bandeira da Santa Maria  
 Trazendo paz, amor e alegria

Está passando, está passando  
 É o tempo da nossa geração  
 Com a doutrina de Juramidam  
 E os ensinamentos do Senhor São João

E vão seguindo, e vão seguindo  
 Os Caboclos da Nova Geração  
 Com esperança na reencarnação  
 No Pai Eterno e na Virgem da Conceição.<sup>47</sup>

Em síntese, a condução da doutrina religiosa e sua incidência na vida das pessoas passa pelo contato com as *Plantas* e a decodificação dessas experiências através dos hinos e hinários. Logo, é nesse contexto sofisticado de aprendizagem, envolvendo inclusive guias não-humanos e diferentes planos de existência, que uma série de instruções são ofertadas sobre os usos da Santa Maria. Um dos membros do Santo Daime mais conhecidos por possuir

---

<sup>47</sup> Não foi possível localizar virtualmente o hinário de Adriano e, na ocasião do trabalho de campo, uma das falhas (e aprendizagens) nessa passagem foi de não se atentar em fotodigitalizar os hinários pouco conhecidos no meio religioso e indisponíveis por via da internet.

hinários dedicados ao culto da Santa Maria é o cartunista Glauco Villas Boas<sup>48</sup>, dirigente da igreja *Céu de Maria*, localizada em São Paulo, até o lamentável episódio de seu assassinato, em 2010. Pelos nomes de *Chaveirão* e *Chaveirinho*, os hinários de Villas Boas indicam como a erva de Santa Maria trilhou alguns dos direcionamentos do seu uso na religião. Acompanhemos como “se faz a consagração”:

**Santa Fumaça**

Oh! Que dia tão bonito  
Dia de meu São João

Estou dentro desta casa  
Bem no meio do salão  
Ensinando todos filhos  
Aqui eu dou a instrução

É para o Sol, Lua, Estrela  
Silêncio e concentração

A minha Santa Maria  
Santa fumaça no salão  
Nossa mãe nos ensinando  
Como se faz consagração.  
(*O Chaveirinho*, hino 39)

A segunda estrofe do hino poetiza as três *pitadas* (feitas com intenção de invocação dos astros), ou seja, a instrução da *Planta* é sempre ser consagrada em silêncio e concentração e, em estado maior, de onde provém esses direcionamentos: do próprio espírito que ela contempla ser. Nesse novo contexto espiritual de uso, inaugura-se um vocabulário específico dentro da cosmovisão daimista: “fumar” virou ‘pitar’, o termo corrente entre os hippies para papel de cigarro ‘seda’ virou ‘papelim’ e o topo da planta fêmea, muito valorizado por ser rico em tetrahydrocannabinol, ficou conhecido como bucha” (MACRAE, 2005, p. 456).

Na sua primeira passagem por Rio Branco, Alex Alverga, apreciador da *cannabis sativa*, conta sobre o impacto sentido ao partilhar um pito com o Padrinho Mário Rogério, em um dia comum, antes de passar pelo primeiro contato com o *Santo Daime* e de descobrir esta forma específica de uso da flor que ele já conhecera. Em uma roda com o Padrinho Mário, sente-se “desacostumado com sua estranha maneira de pitar em silêncio, comecei a me sentir meio incomodado. O silêncio para mim ainda era, a essa época, a ausência de alguma coisa, e não o mais poderoso acréscimo para se ouvir além do pensamento” (1984, p. 37). Anos mais

---

<sup>48</sup> As epígrafes utilizadas neste e no último tópico são orações *recebidas* por membros daimista e realizadas antes da abertura dos hinários que trazem este teor de culto ao sacramento, assim como os do Glauco, ou em momentos específicos dos trabalhos os quais a *medicina* é consagrada.

tarde, a “mesma” experiência é manifesta em um hino que agora descreve seus aprendizados sobre como “apenas no seu silêncio o homem contata com uma nova dimensão de si mesmo” (1984, p.151):

**Salve Rainha**

Santa Maria  
Que veio do céu  
Pra me agraciar  
Pra me agraciar

Santa Maria  
Que minha Mãe mandou  
Veio para unir  
Veio para unir

Seu perfume  
Resume a terra  
Veio para mostrar  
Veio para mostrar

Este mistério  
É minha Mãe que dá  
Ela veio reinar  
Ela veio reinar

Tanto poder  
Presente está  
Vamos se calar  
Vamos se calar

Neste silêncio  
É que Deus está  
Vamos escutar  
Vamos escutar

Se escutarem hino  
Tratem de gravar  
Sou eu quem mando  
Para te brindar

Salve Rainha  
Dona desse ensino  
Eu apenas zelo  
Vós que determina.

(*Nova Anunciação*, hino 43)

Outro aspecto central na orientação vocacional em referência à figura de Maria traz o encargo de simbolizar o binarismo presente no *Santo Daime* entre masculino e feminino. Ambos os enteógenos são atribuídos ao mesmo reino espiritual, ao passo que o *Daime* seria composto por uma energia masculina, a Santa Maria traria seu contraponto “podendo ser usada não só para invocar a Virgem, mas também para todas as santas e espíritos elementares

femininos” (MACRAE, 2005, p. 458). Percebe-se aqui uma herança direta da religiosidade cristã católica que também se faz sentir na própria distribuição das pessoas no salão durante os trabalhos, separadas pelos *batalhões* feminino e masculino<sup>49</sup>.

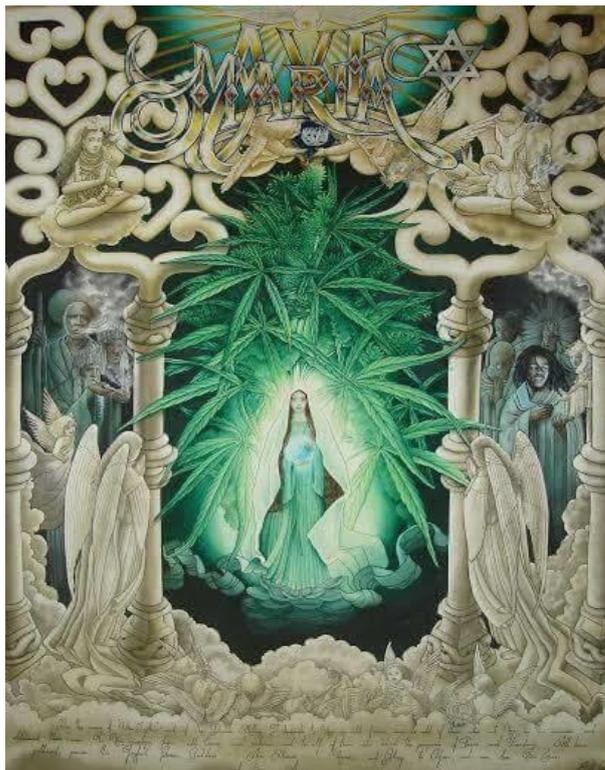
A mediação dessa tradicional polaridade, enquanto orientadora das práticas, aponta para uma esfera de equilíbrio que encontra espaço na *consagração* das *Plantas*. Dessa ótica, a Santa Maria concentra a reunião de traços característicos: energia materna, intercessora, consoladora, colhedeira (pelo seu caráter recrutador) e disciplinadora (FERREIRA JR., 2017)<sup>50</sup>. O seu culto é poetizado seja pelo exalar da “santa fumaça”, seja pela admiração desta “linda flor”. É possível encontrar algumas formas de representação imagética em obras que associam os símbolos cristãos a partir e dos sentimentos aflorados pela sacralização das *Plantas*.

---

<sup>49</sup> Mais ainda: na dicotomia das fardas; no simbolismo atribuído à figura do astro sol (pai) e à lua (mãe); e na representação de Maria, José e Jesus como *Sagrada Família*.

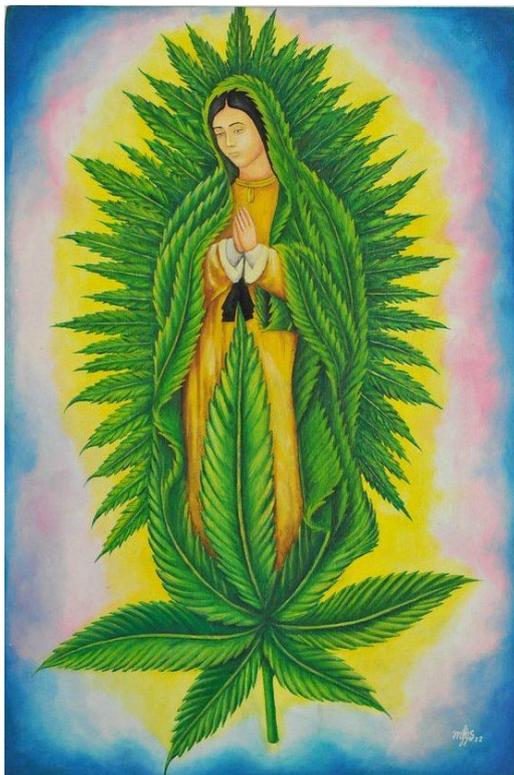
<sup>50</sup> “A disciplina é o seguinte (...), 3 em 3, 7 em 7, 15 em 15, 21 em 21 e 30 em 30. Se não consegue ficar nem 7 dias, pode ficar nos 3, pita e espera mais 3 dias sem fumar até chegar aos 7 dias, vai mantendo até chegar nos 30 dias. Quando se faz isto, você recebe uma revelação e esta revelação é poderosa” Essa disciplina é lembrada no hino *Santa Maria* “recebido” por Gisele Imperial: “é de 3 em 3, depois de 7 em 7, a doutrina de Santa Maria, para se curar é só se firmar, bem juntinho da Santa Maria” (FERREIRA JR., 2017, pp. 172 - 173). Já para o cultivo, diz-se que “a semente será posta para germinação no primeiro dia de Lua Nova, sob orações. Seu zelador deve delimitar o espaço sagrado em que se desenvolverá a entidade Santa Maria, o que comumente é feito pela presença de símbolos do Santo Daime, seja por objetos ou na formação da distribuição das plantas. Seus zeladores precisam apresentar retidão e disciplina no feitio, que vai da colheita realizada na Lua Cheia, secagem, “limpagem” e cortes, trituração das buchas para embalagem” (FERREIRA JR., 2017, p. 174).

**Figura 10 – Imagens da internet relacionadas à representação da Santa Maria no Santo Daime.**



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/418905202836990132/>

**Figura 11 - Imagens da internet relacionadas à representação da Santa Maria no Santo Daime.**



Fonte: <https://m.facebook.com/DAIME-SANTA-MARIA-105400827861626/>

Há inclusive um hinário específico para o estudo e culto à *Planta*, cuja seleção foi realizada pelo Padrinho Alfredo Gregório de Melo e reúne diversos hinos em devoção à Santa Maria, destringindo os ensinamentos e experiências entre os apreciadores de seu uso. Vejamos uma das canções presente no hinário demonstrando as sensações ativadas na consagração da Santa Maria, descrita com muita ênfase como quem proporciona alegria, amor, união, respeito e paz<sup>51</sup>.

**Santa Maria**

Louvada seja  
 Nossa Mãe Santa Maria  
 Que nos dá a alegria  
 De com Ela festejar  
 A união do Sagrado Vosso Filho  
 Com o Divino Pai Eterno  
 Para sempre eu devo amar

Eu peço a Vós  
 Na esperança de um dia  
 Eu mais a minha família  
 Junto a Vós se apresentar  
 Para louvar, amar e testemunhar  
 Oferecer meu coração  
 Para ser Vosso altar

Louvido seja  
 Jesus Cristo Redentor  
 Vosso Império de amor  
 Com todos Seres Divinos  
 Agradeço todo esse conhecimento  
 Esta força e o vigor  
 Que recebemos em nossos hinos

Santa Maria  
 Está chegando e vai ficar  
 Para todos reunir  
 E saber se respeitar  
 Andando na estrada com amor  
 Ter firmeza, sem temor  
 E com calma alcançar

Agradeço  
 Ontem, hoje e todo dia  
 Tanta paz e união  
 Da luz de Santa Maria  
 A Vós eu peço na esperança de chegar  
 Sempre a Vossa proteção  
 Para eu poder atravessar.  
 (*Luz na escuridão*, hino 16)

---

<sup>51</sup> Para uma análise mais detalhada de hino por hino desta coletânea, ver: Ferreira Jr. (2017).

Em uma prosa relembrando e refletindo a densa problemática de que “onde tem quatro, cinco bebendo, sempre dá pau! Começam amigo e terminam inimigo, brigando”, em contrapartida ao fato de “a Santa Maria, aonde tem seis, oito queimando, é aquela união”, Seu Chagas me contou sobre os pés que cultivava por volta de 1977 e “renderam 36 kg”, o cuidado carinhoso e preciso com o armazenamento e a distribuição do *pito* entre as famílias na época da Cinco Mil. Sob sua responsabilidade, “retalhava por mês, todos os mês fazia aquele pedaço no bambu. [...] com o nome de cada pessoa”. Após essa ritualização feita junto a algumas mulheres do grupo, “no fim do mês eu tava com a sacola entregando pros clientes. Pra cada um ter o seu na sua casa. Aí eles fumava em casa do jeito que quisesse”. Além do uso da Santa Maria nos trabalhos – diferente do Daime, era possível também utilizá-la em outros momentos do dia-a-dia: “e todo dia eu despachava uma quantidade de pito, assim, pra o responsável do grupo. Eu dava duzentos e tantos pitos feitos, dava trezentos, dava cinquenta”. Cabia ao responsável “despachar dois pitos por dia pra cada pessoa: de manhã ele dava um e de tarde ele dava outro. O camarada quisesse fumar, fumasse. Quisesse levar pra casa, podia levar” (Entrevista)<sup>52</sup>.

O mais importante, contudo, é a constatação de que a própria *Planta* ensina sobre seu uso. Um exemplo disso é o fato dos narradores expressarem em suas falas, de maneira recorrente, uma observação sobre o caráter *disciplinador* da Santa Maria. A noção de disciplina implicando, nesse contexto discursivo, menos uma perspectiva coercitiva e mais direcionada a um encaminhamento formativo, diríamos mesmo pedagógico, para que se possa alcançar os saberes e as potências espirituais da *Planta*. Como comentou ironicamente uma das narradoras (que não quis se identificar), “a coisa que eu acho mais difícil na Santa Maria é o correto uso, porque ela é muito boa! [risos]” (Entrevista).

Já para Adriano Grione, os modos de uso que envolvem os ritos de consagração constituem um ponto fundamental de crítica interna aos próprios daimistas que fazem uso da Santa Maria sem passar pela ritualística necessária (Entrevista). É importante destacar que as observações críticas quanto ao uso da Santa Maria foram pontuadas pelos próprios narradores. Desse modo, ainda no diálogo com Seu Chagas foi-me dito que existe um caráter de proteção garantido pela própria *Planta* para quem recorre ao seu uso *disciplinador*, uso esse incorporado pela sua *consagração*. No seu caso, essa proteção era rogada para não sofrer com a repressão policial ao transportá-la em viagens. Em uma delas, após passar por uma cirurgia

---

<sup>52</sup> Destaco também o fato de mesmo quando seu Chagas usa o termo “cliente” em sua fala, na verdade, é revelado um traço marcante do ato de consagração da *Planta*: “e aí eu distribuía esse fumo todinho na comunidade. Nunca vendi um pito! Consagrava! Era consagrar!”, pois nunca se tratava de mercantilizar.

e levar consigo o seu “remédio”, viajando na estrada com outro morador mais novo da comunidade, ele conta:

*[...] aí eu vim me embora com tudo isso. Vim de carro. Aí passava nas barreiras. Polícia ali... Nós passava tranquilo. Aí o camarada tá aqui [...]. Aí ele dirigindo, ela batia aqui na minha perna: - É tu, meu véi! Achava que era eu que dominava o sentido dos polícia. [...] Aí já tinha passado, aí eu puxava, fazia um... Nós viajando e queimando. Chegava lá na frente, já tem outra barreira, né. Aí a gente passava tranquilo. Mas, na hora que passava, eles olhava assim e não parava o carro. [...] Fizemo a viagem todinha, graças a Deus, não fui olhado nenhuma vez. [...] Ele acha que era eu que dominava os homi, mas não é. Não é. É o Poder! Quem trabalha com sinceridade, tendo respeito, ela protege. Agora, se não tem, ela entrega! (Entrevista)*

Outra narradora com quem tivemos contato na imersão em campo (e preferiu não se identificar), além desse caráter *disciplinador* do uso, afirma que uma das características mais reiteradas da Santa Maria nos hinos em seu louvor é sua perspectiva de *colhedeira*. Vejamos:

*A coisa que eu acho mais difícil na Santa Maria é o correto uso. Porque ela é muito boa! Por exemplo, eu tenho uma família grande, né. Eu sei que não devo pitar em conjunto, mas é a hora de eu tá com meus netos, porque ela une. E o Padrinho fazia isso, cara. (Entrevista)*

Assim, é recorrente também esta associação da Santa Maria como uma *Planta* recrutadora, que colhe as vidas para o mundo daimista. O que, em certo sentido, condiz com as designações cristãs de São João Batista enquanto pastor e evangelizador, sendo, no Santo Daime, a *chamada* para o caminho espiritual feita por esse elemento peculiar da *Planta*.

### **Colhedeira**

Oh! Minha Santa Maria  
Vem aqui nos levantar  
Levantar Santa Bandeira  
Que o mundo vai precisar

Ela é a colhedeira  
Está sempre a ensinar  
Vive na boca do povo  
E ninguém quer respeitar

Mas da ilusão nasce o novo  
O meu Pai veio amostrar  
Levantou Santa Bandeira  
Pra Mamãe vir nos limpar.  
(*O Chaveirinho*, hino 18)

Após a morte do Mestre Irineu ocorreu o episódio de Sebastião receber um hino e ir até o Presidente do centro, Seu Leôncio, relatar a instrução recebida na canção e vista em *miração* em que ele levantava uma bandeira. “Passar à limpo” o hino recebido, como era costume dos seguidores do Mestre Irineu.

Conta Lúcio Mortimer que a compreensão acerca dessa *bandeira* era que se tratava da missão de São João Batista, intensificando a polêmica e os entraves já em curso nesta época a respeito das ligações entre a figura do Padrinho e o Santo, e levando o Presidente a instruir o Padrinho Sebastião a “levantar essa bandeira na sua casa, na Colônia Cinco Mil” (MORTIMER, 2008, p. 88).

**Levanto esta bandeira**

Levanto esta bandeira  
Porque assim meu Pai mandou  
Todos que olharem pra Ela  
Têm o mesmo valor

Bendito é meu Pai  
É meu Mestre ensinador  
E a minha Virgem Mãe  
Foi quem nos acompanhou

No braço deste Cruzeiro  
Aonde o Mestre expirou  
E a minha Virgem Mãe  
Suas lágrimas derramou

É aonde está a força  
É aonde está o poder  
E é aonde os pecadores  
Todos têm que vir gemer

Pai, Filho, Espírito Santo  
Todos três em um só se encerra  
Nós precisamos de paz  
E não precisamos de guerra.  
(*O Justiceiro*, hino 89)

Passados vários anos, após a saída do Padrinho Sebastião da Colônia Cinco Mil, os jovens de Rio Banco continuavam a conhecer e frequentar a Colônia, na época, sob direção do Padrinho Wilson Carneiro. Uma dessas jovens foi a Marinez do Socorro Rodrigues da Silva, atualmente, comandante junto ao marido, Feliciano, dos trabalhos de Pajelança na Colônia Luau, vizinha ao território onde fora construída a primeira comunidade, espaço de convivência entre etnias indígenas, membros daimistas, psiconautas e viajantes mochileiros

para a consagração das diversas *medicinas sagradas da floresta*, como a *ayahuasca*, o *rapé* e o *kambô*. Marinez Silva relatou que conheceu o pito antes de chegar ao *Daime*, mas, mesmo “respeitando muito, pelo que eu sentia quando fumava. Eu não tinha essa ideia de que ‘ah, o pito é uma medicina de cura, o pito é uma medicina de religião’. Não. Eu fumava uma planta legal que me fazia bem” (Entrevista).

Ao ser introduzida nos ciclos de trabalho e, principalmente, de convivência com as pessoas da comunidade, Marinez Silva passou a se defrontar com os discursos sobre uma diferença existente no formato de uso: “‘não, aqui é Santa Maria. Lá na rua tu conhece como maconha, mas aqui é Santa Maria. Aí eu tá. Tá bom. Só escutava”. Essa perspectiva foi transformada a partir da experiência de participar pela primeira vez de um “trabalho de Santa Maria” e, principalmente, “receber um hino com a força da Santa Maria. Aí é que eu fui fazendo essa leitura que me diziam”. Ela mesma apresenta uma das *chaves* de entendimento:

*No começo eu não entendia “mas é a mesma planta” “ah, mas eu sinto a mesma coisa”. Mas aí quando você começa a colocar num ritual, dentro da religiosidade, aí ela já te aparece como uma finalidade, um objetivo... Uma medicina de cura mesmo! Não só uma planta que você usa, que você fica bem, fica legal, mas não tem outra intenção que não seja aquela. Só recreativa, né? Porque eu usava como recreativa. Estudava e tal, no final da noite pitava, curtia, ia ouvir música, conversar. Me sentia bem, mas ainda não entendia o propósito que a gente coloca quando reconhece como Santa Maria. Que aí você coloca um propósito e aí esse propósito que foi a diferença pra mim. (Entrevista)*

Em seu hino, Marinez segue narrando este renascimento para uma nova visão, agora em *consagração*, sobre a *Planta*:

Renasci no teu amor  
Renasci no beija-flor  
E aqui agora estou  
Junto com Nosso Senhor

Estas prendas que recebi  
Foi o meu pai quem mandou  
Para louvar à Virgem do Socorro  
A quem ele me entregou

Eles mandam agradecer  
Ao nosso pai Criador  
Que da vida só é Ele  
O merecedor.

Há, portanto, marcadores diferenciais entre a maconha e Santa Maria. O próprio Padrinho Sebastião abre essa compreensão ao reconhecer que não só o uso da Santa Maria, mas de outros enteógenos como Cogumelo e São Pedro “são linhas muito sérias, tem seus usos espirituais”. Já em relação a mais popular delas, afirma que:

[...] lá fora a chamam de maconha... mas é por causa dos homens que não se respeitam. Nem respeitam a força das ervas, nem respeita-se a si mesmo. Só botam ela no bico para uso de dinheiro, de peia, de confusão e o Diabo a quatro! Mas não é para isso! O uso dela é pra um conhecimento, para abrir o lado espiritual. Foi do espiritual que eu recebi. Por isso eu estudei. Foi porque me entregaram; o Daime, as outras plantas sagradas, a própria floresta. (ALVERGA, 1998, p. 196)

Pela ótica do Padrinho Sebastião, quando se fala em *consagração* está se abrindo todo uma cosmovisão em torno dos modos de usar a *Planta*. A compreensão do *consagrar* não se concebe, então, como um limitado espaço assimétrico entre certo ou errado. Mesmo quando o Padrinho Sebastião aponta para os supostos *erros* dos seus usos no *mundo*, ele não está condenando todas as formas de uso que não aquelas da sua própria linha religiosa.

Nesse aspecto, não encontramos quaisquer discursos em que ele afirmasse o contrário disso. Sempre deparamos sua preocupação em enfatizar um posicionamento que fortalece o uso em caráter espiritual, curativo e transformacional. Um elemento não negligenciável dessa ênfase é que visa colocar o uso da *Planta* à margem das esferas que a amarram à ganância e ao enriquecimento material, responsável inclusive pela exploração e mortes de muitas pessoas. Sugere então o Padrinho Sebastião: “use, mas não abuse. Porque o negócio não é usar, mas abusar. E todo aquele que abre a boca e diz que a erva Santa Maria leva o homem ou a mulher no abismo” (apud FERREIRA JR, 2007, p. 53). *Consagrar* a Santa Maria passa pelo plantio e por diversos outros pontos, como afirma o hino:

**Santa Maria**  
 Santa Maria  
 Não é toda hora  
 É às seis horas  
 Invocando Nossa Senhora

Santa Maria  
 Não é todo dia  
 É em oração  
 Com toda família

Para se proteger  
 Para se defender

Dos homens da terra  
Que faz parte da guerra

Todo mundo está  
De olho nela  
Porque ela cura  
E ela liberta

De toda ilusão  
De toda maldade  
Mas os homens da Terra  
Não reconhecem ela.  
(*Presença Transparente do Beija-flor*, hino 12)

#### 4.3 “A pérola da história é essa: é o Daime com Santa Maria!”

Assim me falou uma das narradoras<sup>53</sup>: os saberes e as histórias que guardam o Santo Daime e a Santa Maria envolvem episódios dramáticos para o povo do Padrinho Sebastião, o que significa, muitas vezes, apresentá-lo como um porta-voz de grandes enfrentamentos, mas também de consolo e coragem. Essa compreensão se revela, de modo paradigmático, nas situações em que o uso das *Planta professoras* têm que lidar com os efeitos do proibicionismo existente no país, sobretudo quando o crescimento da comunidade passou a atrair os olhares curiosos da mídia e das autoridades policiais de Rio Branco durante a Ditadura Militar.

Mortimer (2000, p. 205) lembra que o Padrinho definiu a data de 20 de setembro de 1981 como um limite para a existência do cultivo de pés da Santa Maria na comunidade. Até este dia todas as plantas deveriam ser colhidas, o que foi seguido por todos, com exceção de um dos moradores. Assim, em 22 de setembro, a Polícia Federal chegou até a localidade a fim de investigar os estrangeiros em situação irregular.

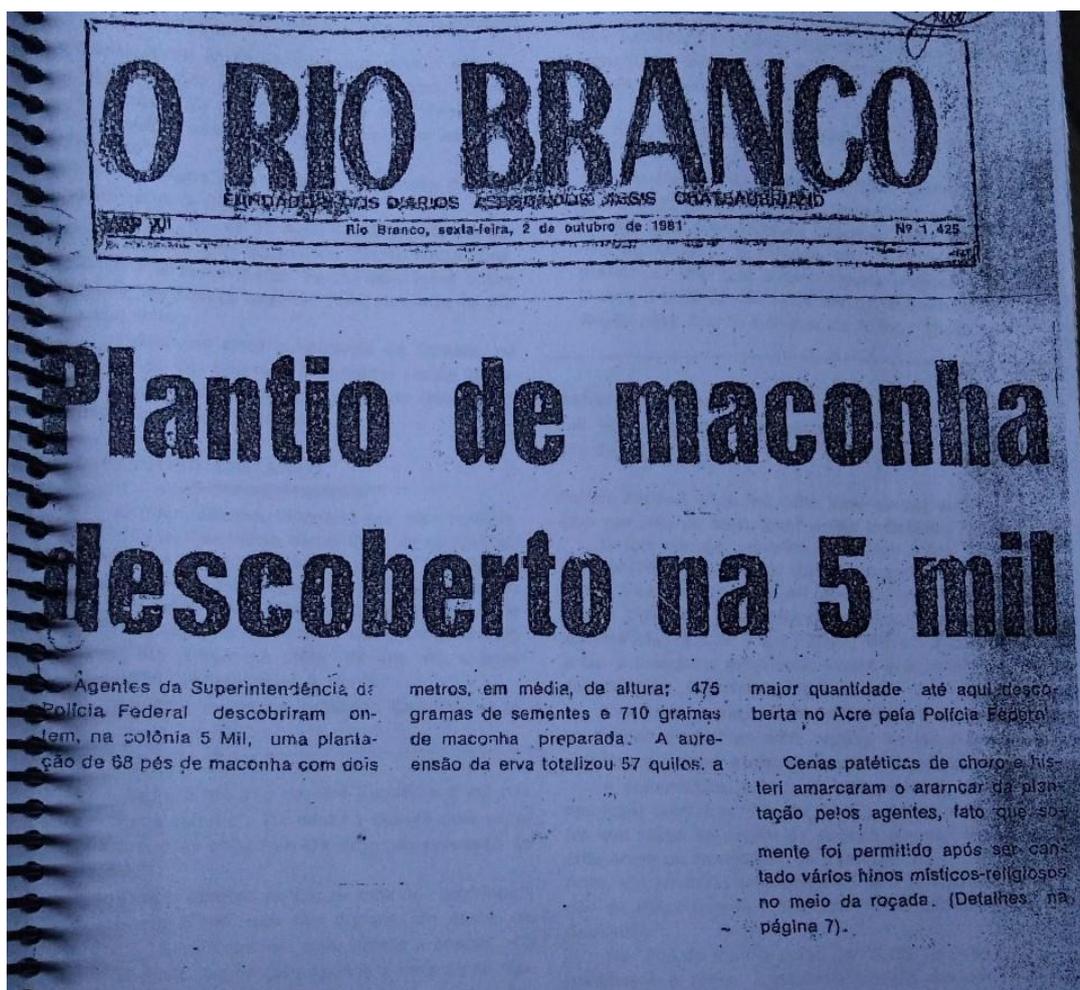
Alguns dias depois, um dos estradeiros visitantes foi apreendido com uma certa quantidade de *cannabis* e, quando questionado, disse ter obtido através de um plantio existente na Colônia. Durante a incursão da polícia, contudo, ocorreu um episódio *sui generis*. As autoridades policiais se defrontaram com uma localidade onde não havia “crime, nem dinheiro, nem tráfico, nem contrabando, apenas um povo que vivia ao lado de uma simpática igreja e que dizia ser aquela planta sagrada”. Levados até o plantio que restava, dois pedidos inusitados por parte da comunidade: “seria possível cantar um hino de despedida?”; e “ao invés de cortar arrancar os pés pela raiz?” (MORTIMER, 2000, p. 207).

---

<sup>53</sup> A não identificação deve-se ao pedido de anonimato da mesma.

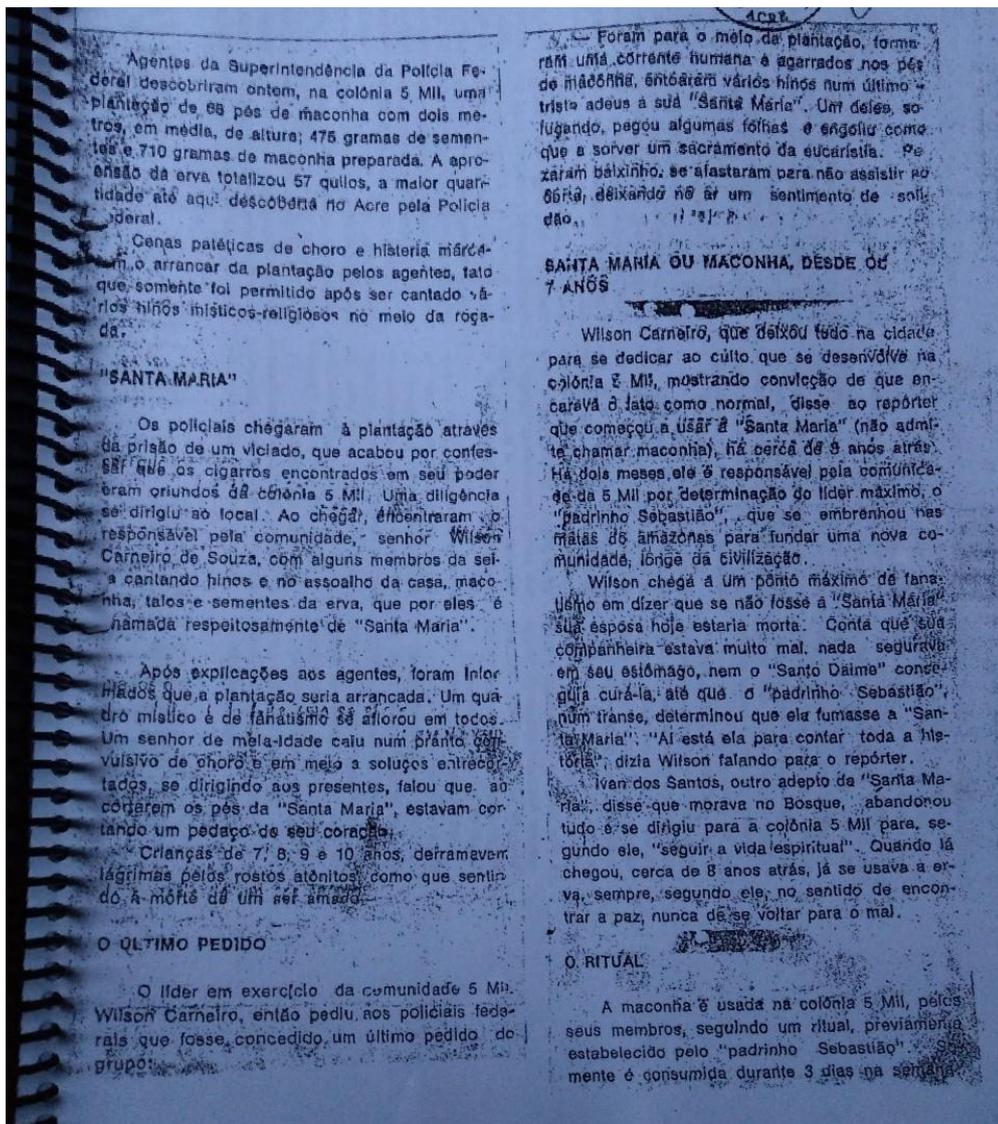
Curiosamente consentidos, à medida que os pés de Santa Maria eram retirados do solo um coro de orações era entoado pelas mulheres (MORTIMER, 2000). Em contato com o acervo pessoal de um dos narradores, Seu Jean Carlos Moreno da Silva, morador da Colônia Cinco Mil desde criança, tive acesso a reportagens da época que falavam sobre essa apreensão. Vejamos as notícias circuladas no jornal O Rio Branco:

**Figura 12 - Manchete destacando a descoberta do plantio de cannabis na Colônia Cinco Mil, jornal *O Rio Branco* de 2 de outubro de 1981.**



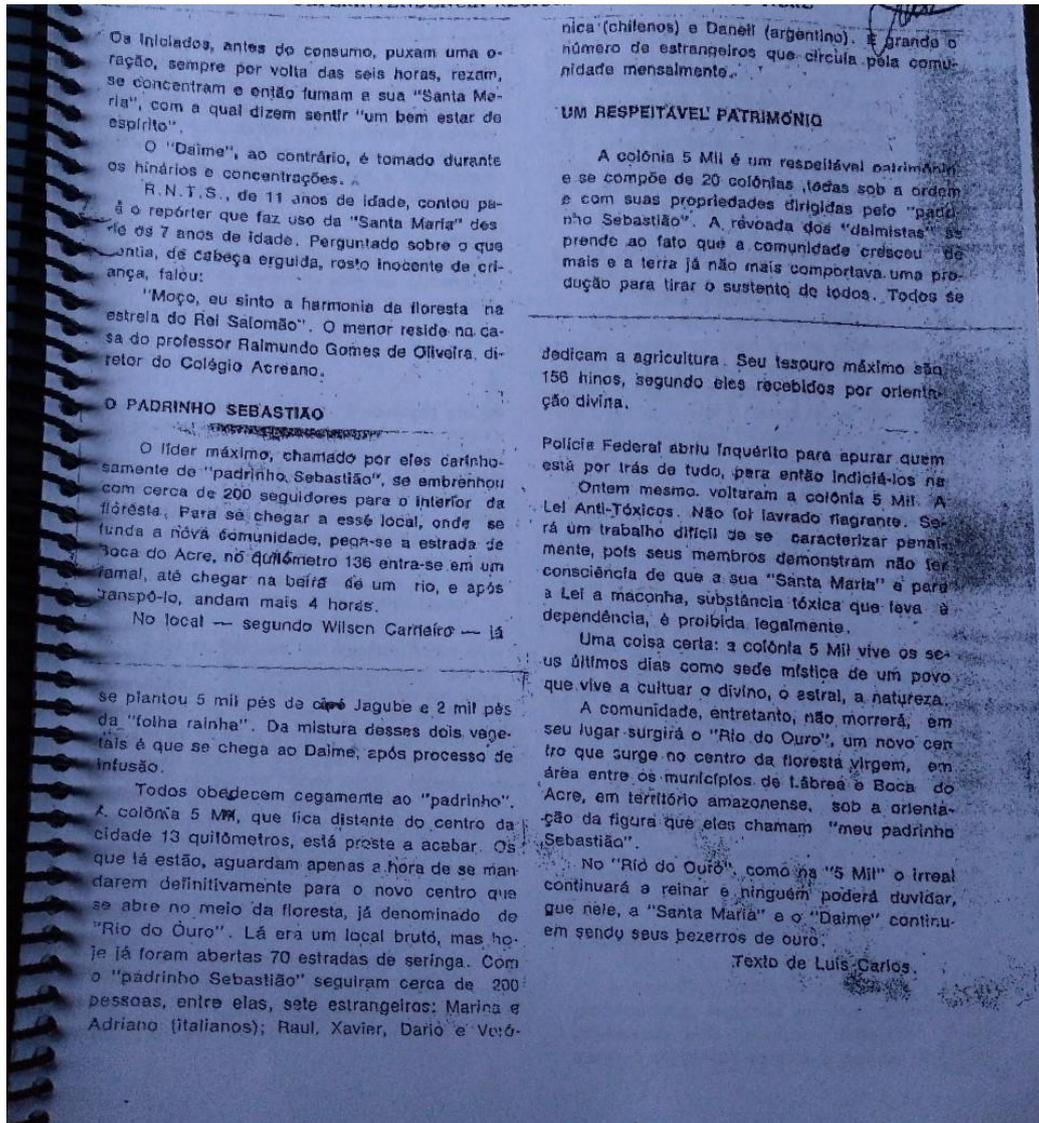
Fonte: acervo pessoal do narrador Jean Carlos Moreno da Silva, fotodigitalizado em 2019.

Figura 13 - Matéria relatando a descoberta do plantio de cannabis na Colônia Cinco Mil



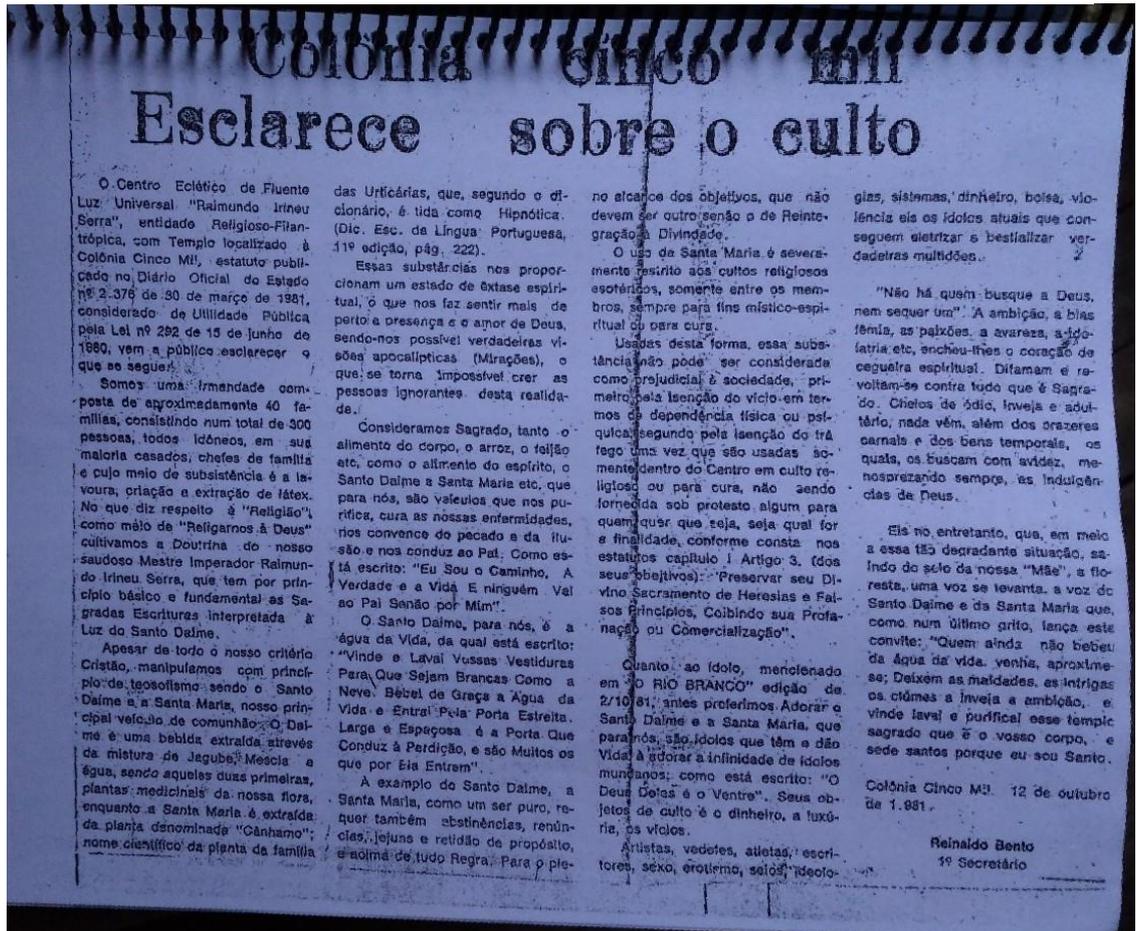
Fonte: acervo pessoal do narrador Jean Carlos Moreno da Silva, fotodigitalizado em 2019.

Figura 14 - Matéria relatando a descoberta do plantio de cannabis na Colônia Cinco Mil



Fonte: acervo pessoal do narrador Jean Carlos Moreno da Silva, fotodigitalizado em 2019.

Figura 15 - Matéria relatando a descoberta do plantio de cannabis na Colônia Cinco Mil.



Fonte: acervo pessoal do narrador Jean Carlos Moreno da Silva, fotodigitalizado em 2019.

As memórias guardadas sobre o episódio que virou notícia na mídia local, podem nos fazer imaginar o sentimento geral que tomou as pessoas naquele momento. Embora descrito como “histeria” e “cenas patéticas”, nota-se que as falas são carregadas de vários simbolismos acerca das práticas de uso, além de veicularem narrativas de curas ocorridas após a *consagração* da *Planta*, elucidando como a Santa Maria era efetivamente compreendida pelos daimistas<sup>54</sup>. Para Mortimer (2000, p. 209), essa ocorrência serviu também visibilizar como os atos de resistência dos povos da floresta contra a ditadura caminhavam entre rezas e orações. Diz o Padrinho Sebastião:

Pois é, meus filhos, quem me escuta e busca, acha. E quem só, entra num ouvido e sai no outro, é uma pena! O prazer da gente é ter esse prazer de ser e de poder dizer com conhecimento de causa: *Eu Sou na Terra como no Astral!* Não judiem de mim agindo dessa forma. Ando atrás de paz e não de guerra! Se não é o rolo, lá vem as notícias: "Olha, aí vem a polícia botar todo mundo correndo!" Assim era também no tempo dos apóstolos. Do mesmo jeito! Tudo com medo de ser um bicho, de ser um diabo; com medo dos fariseus, dos guardas. Não! Vamos baixar as cabeças desses caras porque os bichos são eles e não nós. Pois é, eu respeito todas as autoridades. Lá conversei com os da Federal, promotor, coronel e tudo e duvido que algum tenha algo a dizer de mim... Mas tem um tipo que não vale nada! Isso os *Exus* me mostraram e disseram assim: "Isso é uma classe que não vale nada. São os piores que tem dentro dessa época". Eles me falaram tudo! Por que então, agora, eu vou correr com medo desses pestes? Teve até um que se declarou, disse que só gostava de pegar era de muito. Um pouquinho só não pegava não. Mexia não. Eu falei com eles lá, igual falo aqui. Quando eles perguntaram se eu usava isso que eles chamam de droga eu respondi: "Eu uso e uso mesmo. Uso estes sacramentos divinos com sinceridade e com a pureza do que eles me mostraram. Uso para despertar meu Eu Superior, para me conhecer e conhecer Deus. Tá lá tudo escrito no depoimento que eu dei. (apud ALVERGA, 1998, p. 184)

Os atos em resposta à chegada da polícia, ao processo judicial e à repercussão do caso na cidade, entre os próprios seguidores do Mestre Irineu e de outras linhas *ayahuasqueiras* estabeleceram através da figura do Padrinho Sebastião, mais um elemento na cultura de resistência e defesa das *Plantas professoras*<sup>55</sup>, principalmente quando elas se expressam como um sacramento controverso tanto para o meio daimista quanto para as autoridades estatais.

---

<sup>54</sup> De fato, nenhum morador da comunidade foi preso, embora o processo judicial estivesse formalizado. Vale lembrar ainda que parte significativa dos seus seguidores, o próprio Padrinho Sebastião e sua família já estavam instalados no Rio do Ouro quando o episódio aconteceu em Rio Branco.

<sup>55</sup> Além disso, impactou também no modo como o processo foi entendido enquanto parte dos próprios meios *disciplinares* entre os “usos e abusos” da *Planta* no “mundo de ilusão”.

**Figura 16 - Imagens do depoimento prestado pelo Padrinho Sebastião às autoridades policiais, em Rio Branco, ano de 1984. Na segunda foto, ao fundo, podemos ver membros da comunidade, como Vera Fróes. Na terceira foto, um de seus filhos depondo, Alfredo Gregório.**



Fonte: <http://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/padrinho-sebastiao/padrinho-colnia-cinco-mil>.

Ubirajara Ferreira Jr. (2017) chega a defender a perspectiva de um *ethos* de enfrentamento estabelecido pelo Padrinho Sebastião no combate às discriminações sofridas por conta do Daime e, mais diretamente, por conta da Santa Maria. Esse *ethos* se fez presente na segurança demonstrada por ele ao defender o uso que fazia das *medicinas*, bem como no ato mesmo de responder às autoridades policiais por meio do discurso da *consagração* das *Plantas*. O que sustentava esse *ethos* era o saber e a confiança no que as *Plantas* e os seres acessados através delas lhe mostravam, ensinavam e asseguravam como se vê no hino abaixo:

**A verdade não se nega**  
A verdade não se nega

A verdade não se esconde  
 Que a verdade é Deus  
 E Deus é o verdadeiro homem

Se a verdade é Deus  
 Eu não posso negar  
 Jesus é minha luz  
 Para eu poder viajar.  
 (*O Justiceiro*, hino 127)

#### 4.4 “Não descobre esse segredo só olhando pra garrafa”

Desse modo, se desde a época do Mestre Irineu o Daime já causava comentários na sociedade acreana, com o ocorrido na comunidade do Padrinho Sebastião e a repercussão midiática, torna-se preciso complexificar a compreensão desse movimento religioso e comunal por parte das estruturas administrativas do próprio Estado. Alverga (1995) informa que a circulação de notícias sobre a “nova seita religiosa” em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, comumente em tom sensacionalista, contribuíram para alimentar mais um ciclo de perseguições e difamações endereçadas aos praticantes do Daime. Não obstante, o fato de o Padrinho Sebastião não ter se “rendido”, isto é, não ter procurado se esconder das intimações oficiais, nem ter encerrado as atividades do Daime fez com que ele passasse a gozar de um profundo respeito não apenas por parte de seus seguidores, mas das próprias autoridades policiais.

Contudo, espalhou-se por Rio Branco a notícia de que o Padrinho Sebastião seria preso (MORTIMER, 2000). Certo dia umas trezentas pessoas se apresentaram na delegacia se oferecendo para serem presas também em solidariedade com o Padrinho Sebastião e o Santo Daime. Essa mobilização me fez imaginar a atmosfera afetiva vivida naquele momento, sobretudo se aproximarmos esses eventos com a apreensão direta da *Planta* na comunidade, colocando no centro dos debates não só a defesa de um indivíduo, mas o uso mesmo do Santo Daime e da Santa Maria.

Logo, é impossível duvidar do impacto que essa situação gerou na difusão em torno das *Plantas professoras* junto aos diferentes grupos sociais, com destaque para os jovens. Segundo os relatos, a cada vez que mudava o comando do Exército e da Polícia Federal no Acre, os novos comandantes ouviam falar do Daime, partiam do mesmo pressupostos de se tratar de uma droga e imediatamente emitiam resoluções que proibiam, mais uma vez, seu uso, para posteriormente se darem conta de que o Daime não era uma droga e sim um sacramento religioso, herança da cultura indígena da Amazônia; e, não poucas vezes, esse

“dar-se conta” das autoridades estatais ocorria através de experiências obtidas com o próprio Daime.

Assim, entre 1982 e 1983, ainda no contexto da Ditadura Militar, a questão do Daime virou um assunto de segurança nacional, tendo sido enviada para o Rio do Ouro uma Comissão de pesquisadores incumbidos de realizar um levantamento sobre a vida na comunidade, e as relações entre as pessoas e os elementos sacralizados<sup>56</sup>. No dia seguinte, a chegada de todos os membros da Comissão, Alex Alverga conta sobre uma reunião ocorrida entre os pesquisadores e os daimistas. O tema central foi a respeito de se tomar ou não Daime para que cada um fizesse seu parecer. Conta ainda como a fala de Chico Corrente, antigo membro da comunidade, sobre o que, de fato, podia se encontrar ali, diante das *Plantas* e das pessoas que *consagravam* seu uso. Gerando uma esfera de silêncio, quando “o academicismo mais uma vez sucumbiu à clareza da simplicidade desses seringueiros sábios” (1995, p. 155), disse Chico Corrente:

Olha, aqui eu tenho precisão de ver as coisas, logo com clareza, que é pra não embaralhar e perder tempo. Cada um deve procurar a linha direta com cada um. Entender o irmão e buscar o que se pode dele. Senão eu busco uma coisa no fulano, aí não tem, vou procurar no outro e não é pra achar ali. (apud ALVERGA, 1995, p. 155)

A situação foi concluída com a opção de se tomar ou não. Alverga (1995) não cita quais ou quantos membros adentraram à experiência. No entanto, é certo que ele mesmo deu mais um passo em direção a um comprometimento com a religião retornando ao Rio de Janeiro com o objetivo de desenvolver trabalhos com as medicinas. Sem dúvida, algo “fascinante e perigoso” (p. 155), como ele mesmo relata. Embora as muitas dúvidas existissem, o autor ressalta que o próprio Daime se constitui como um caminho de elucidação, abrindo-nos para novas questões e destituindo velhos hábitos.

O Daime aparece, em todos esses casos, como um verdadeiro guia, um instrutor... Daime-Professor! Alverga relata uma conversa nesses dias de Rio do Ouro com o Padrinho Mário Rogério da Rocha, acreano, antigo membro do Círculo Esotérico da Comunhão de Pensamento e da Maçonaria, um dos responsáveis por receber estes membros da Comissão e outros visitantes chegados ao Acre com o intuito de adentrar a floresta no Amazonas e

---

<sup>56</sup> Mortimer (2000) afirma que a comissão teria sido composta por um psicólogo, um psiquiatra, um sociólogo, uma historiadora e uma antropóloga, responsáveis por elaborar “um parecer científico sobre a organização social, econômica, religiosa, bem como da saúde física e mental da população” (p. 225), cujo resultado teria sido favorável. Fato assinalado pelo próprio comandante militar regional, Coronel Guarino, e, no ano seguinte, 1984, reiterado pelo Coronel Asthor Asher. Este último, tendo inclusive tomado o Daime e defendido a comunidade como um “esplêndido trabalho” de um “povo unido e disciplinado” (FERREIRA JR., 2017, p. 60).

encontrar-se com a comunidade. Uma questão em comum entre os dois pairava a respeito da crença em si ou das muitas formas de se acreditar. Proseando com o Padrinho Mário Rogério, Alverga conta:

- Hoje em dia é tão difícil alguém ver um sinal do Alto. Quando a gente lê as Escrituras, o diálogo de Deus com os homens passa por um fato corriqueiro. [...]
- O próprio Daime é a prova de que esse canal de contato ainda existe tá a espera de quem o descubra, não é Padrinho?
- Tá tudo encantado. Não é isso mesmo? Não tem graça todo mundo ver. Tem que desencantar!
- E os ensinamentos das outras doutrinas, das outras experiências, Seu Mário. Às vezes eu fico preocupado com essa postura de que bastam os hinos, nada mais é preciso.
- Olha, vou dizer uma coisa. Se eu fosse náufrago, numa ilha deserta, ou se o mundo fosse acabar e me avisassem que pra me salvar teria que levar só uma mochilinha bem pequena, eu botava dentro dela todos os hinos, minhas fardas e uma cuinha pra beber água.
- E o Daime?
- Eu estou contando que pro lugar que a gente fosse se salvar ia ter muito cipó e muita rainha. Não ia precisar levar na mochila, Rimos à beça. Depois ele concluiu sério:
- Mas não sou fanático nem sectário. Já experimentei de tudo: kardecismo, maçonaria, hinduísmo. Tudo que é bom eu estou colhendo para guardar. Não estou pegando só uma coisa. Eu durante essa vida tenho guardado inclusive todos os livros, de todas as linhas. Se destruírem as cidades, o mundo, isso tá guardado. Foi assim que os mestres antigos fizeram para que o que sobrou chegasse até nós. (ALVERGA, 1995, p. 177-178)

Sobre esse diálogo e, possivelmente sobre muitos outros, Alverga (1995) conclui dizendo o quanto o Seu Mário “dava canseira em muitos honoráveis doutores da comissão” (p. 178). Assim, do mesmo modo como apontou o saber silenciador de Chico Corrente, do Padrinho Sebastião, do Padrinho Alfredo, do Padrinho Mário e, certamente, vivenciado com muitas e muitos membros da comunidade, as prosas desdobravam os conhecimentos da *força* das *Plantas* mesmo para os não experimentadores.

De todo modo, o parecer resultante do processo? foi favorável para a comunidade, e as resoluções da Comissão em relação ao uso da Santa Maria consolidou acordos que visavam manter a *Planta* sob uso restrito na comunidade (ALVERGA, 1998, p. 200). No entanto, a problemática envolvendo as *medicinas* teria que enfrentar ainda mais um entrave na trajetória do uso das *plantas de poder* no país.

No ano de 1985, a *ayahuasca* entrou para a lista de substâncias proibidas, levando à formação de uma nova comissão científica através do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), cuja resolução, apesar de favorável, trouxe inúmeras incertezas.

**Figura 17 - Visita do CONFEM ao Mapiá - 1986 Trabalho na igreja com a presença de Domingues Bernardes e a equipe do CONFEM e dos fardados Paulo Roberto, Pad. Alfredo e Alex Polari.**



Fonte: <http://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/mapi/igreja-cu-do-mapi>.

#### 4.4.1 "Todo mundo está/De olho nela/Porque ela cura e ela liberta"

Entre as atividades da Comissão citada foi realizada a produção de um documentário chamado *Dai me Santa Maria*<sup>57</sup> pelo cineasta Noilton Nunes e Gigi Abreu (1982). A cena de abertura do filme nos apresenta o manejo da terra com as próprias mãos e a plantação de sementes, logo após um *pito* de Santa Maria sendo enrolado num *papelim* pelo Padrinho Alfredo, seguida por um rito de *consagração*, com todos os membros fardados, *pitando* e compartilhando a Santa Maria em silêncio. O documentário segue seu curso embalado com os hinos como trilha sonora e enfatizando a proposta da Comissão em ir compreender a forma de vida daquelas pessoas.

O documentário apresenta imagens do cotidiano da comunidade, os trabalhos espirituais, o feitio, o corte de seringa, o plantio e a colheita comunal. As narrativas são mostradas em momentos de reunião entre a comunidade e a Comissão, focando como os

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6TZ1EtaPbXA&t=2865s>. Acessado em: 07 de outubro de 2021.

membros entendem e significam a Santa Maria. Em uma dessas falas, diz Alfredo Gregório: “uma coisa que a Santa Maria nos deu também: uma força para que pudéssemos seguir os nossos passos, foi na educação. Na educação familiar, foi no entendimento de união, foi no entendimento de cada um receber sua responsabilidade e zelar por ela”.

**Figura 18 - Imagens retiradas do documentário *Daime Santa Maria*, de Noilton Nunes e Gigi Abreu, em 1982.**





Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6TZ1EtaPbXA&t=2865s>.

A transmissão das imagens busca enfatizar seu uso em dois grandes pilares: luz e cura. O primeiro deles, Padrinho Sebastião apresenta em poucas palavras: “Pra mim, a Santa Maria me tirou das trevas da escuridão. Porque a clareza que eu adquiri foi tão grande, que eu me tornei um homem. Um homem conhecido pelo mundo inteiro”, comenta ao longo do documentário. Com relação ao segundo, aparece em uma cena onde é mostrado seu pé ferido por uma ferroada de arraia, quando escutamos ao fundo de forma quase inaudível, aparentemente, pelo Padrinho Alfredo: “Com a força da natureza nós estamos fazendo a cura e é com Santa Maria”. Na imagem podemos ver alguém aplicando algo sob a ferida que não é

dito na gravação, mas pode-se supor ser a cinza da Santa Maria, muito usada pelos *marianos* para a cicatrização de feridas e cortes.

Um dos traços curiosos da repercussão midiática da religião após a apreensão da Santa Maria e do estabelecimento da Comissão foi a abertura de uma crescente gama de pesquisadores chegando até à floresta, ou daqueles tornados pesquisadores após chegarem lá, embora de forma anterior, mas intensificada durante o seu estabelecimento e incentivada após sua conclusão. Apesar do fato de alguns já terem experiências com as *Plantas* e mesmo com o Daime, a imersão nas formas de [r]existência da comunidade liderada pelo Padrinho Sebastião e o con-viver com ele e suas companheiras e companheiros no meio da floresta.

#### 4.4.2 “Neste jardim/Tem as plantas do saber/Quem quiser vem conhecer/Aprender a se iluminar”

Paulo Roberto Souza<sup>58</sup> foi um dos pesquisadores designados pelo Estado para avaliar as situações na comunidade e um dos quais buscou mergulhar na experiência. Ele próprio lembra ter sido “acompanhado por autoridades do governo estadual de Geraldo Mesquita” para a sede da Polícia Federal para prestar um “depoimento oficial como psicólogo sobre o Santo Daime”, tendo naquele momento descaracterizado enfaticamente sua natureza como “droga” por razões e “evidências notáveis”.

1. O Santo Daime não causava vício ou provocava dependência, pelo contrário parecia ter potencial para curar narco-dependências e alcoolismo.
2. Seu uso era estritamente religioso ou medicinal, não havia registro, evidências ou práticas de uso recreativo ou tráfico.
3. Havia toda uma tradição religiosa no uso desta bebida, Santo Daime tinha 42 nomes na Amazônia e além dos antigos Incas, era usado por 72 etnias indígenas numa região compreendida por nove países no noroeste da América do Sul desde 4.000 anos atrás segundo evidências arqueológicas .
4. Não havia nenhuma razão em sua composição, extração, preparo, uso e efeitos que justificasse qualquer tipo de proibição e repressão do seu uso religioso de acordo com as tradições locais.
5. Havia bastantes razões na sua composição, extração, preparo e uso para que se recomendasse a pesquisa científica sobre os efeitos desta bebida que

---

<sup>58</sup> Parte das informações obtidas sobre esse contexto e todas as falas atribuídas à Paulo Souza nesta sessão foi acessada através de uma compilação de escritos publicados no blog pessoal do Paulo Roberto de Silva e Souza, disponível em: <https://onedrive.live.com/view.aspx?cid=a4950e764a83e74d&page=view&resid=A4950E764A83E74D!5352&parId=A4950E764A83E74D!131&authkey=!AH9GSxH-yZC9TK8&app=Word> Acessado em 02 de novembro de 2021. Padrinho Paulo Roberto é psicólogo e fundador da primeira igreja do Santo Daime seguidora da linha de trabalhos do Padrinho Sebastião, o Céu do Mar/RJ. Curiosamente, Padrinho Paulo chegou até à Colônia através de um policial militar, o Major Ordenes. Como mencionado nesta Tese, vale acompanhar as conclusões do estudo de Moreira e Macrae (2011) a respeito da presença de membros do governo, e principalmente de representantes das guardas nacionais nas práticas do Daime desde sua fundação no centro do Mestre Irineu.

além de proporcionar uma visão sacramental da realidade, fundamental para qualquer experiência religiosa, provocava no organismo físico efeitos de limpezas fisiológicas e purificações orgânicas.

6. Seu efeito na personalidade causava terapêuticas catarses emocionais e a expansão da consciência favorecia um salutar processo de autoconhecimento.<sup>59</sup>

De fato, Paulo Souza esperava que a partir do depoimento fosse prevenir a comunidade de “futuras investidas da Polícia Federal e do Exército que naqueles tempos do arbítrio cruel da ditadura militar eram terrivelmente temidos e perigosos”. Contudo, daquele momento em diante, não seriam poucos os problemas suscitados pelas “perseguições causadoras de uma grande batalha” a ser enfrentada pelo Padrinho Sebastião e seus seguidores.

Após as experiências vivenciadas na comunidade Cinco Mil com as *Plantas professoras*, agora vivendo em grande centro urbano do nosso país, Paulo nos conta como seu próprio trabalho terapêutico acabou por mudar qualitativamente, “tomando uma direção xamânica” e fazendo-o se afastar “cada vez mais do Olimpo intelectual da psicanálise europeia e seus semideuses e me aproximar da Machu Pichu espiritual do xamanismo latino americano”. Mesmo tendo passado vários anos desde a sua chegada na Colônia Cinco Mil, em 1982, Paulo Souza recorda o ritual que o fez “imerso na atividade do feitio”. Após ingerir o Daime e “ser tomado pela força”, diz ele, indaguei às *Plantas*: “eu vim para ajudar, o que eu tenho que fazer?” e relata a resposta recebida:

O Daime começou a me mostrar como num filme tudo que estava acontecendo, a luta do bem com o mal, o Santo Guerreiro e o dragão da maldade, a luz e as trevas interagindo, estávamos dentro de uma batalha espiritual onde cada um tinha um papel. Alguns de atacar, outros de defender. O que estava sendo atacado era a Luz, a Luz da floresta, como meses depois vim a perceber em outras mirações que esse ataque não era só contra a Luz da floresta, era o começo de um monstruoso ataque contra a própria Floresta Amazônica que se evidenciou nas próximas décadas como uma catástrofe ambiental de perdas inimagináveis.

É com essa perspectiva ainda em mente que Paulo Souza parece compreender a perseguição sofrida pelo Daime durante o regime militar ditatorial, ou seja, como parte de uma “batalha” contra a “luz” e os povos da floresta. Um contexto de grande risco como se a

---

<sup>59</sup> Ao retornar ao Rio de Janeiro, Paulo Souza incorporou ao seu trabalho como psicólogo as contribuições “do Psicodrama de Moreno, da Gestalt terapia de Schultz, da Bioenergética de A. Lowen e do trabalho de corpo psicossomático do budismo tibetano”, além de estabelecer contato com os estudos de Carlos Castañeda e as técnicas xamânicas das culturas nativas das Américas, África e Ásia Central, sem “nunca me esquecer das aprendizagens vivenciadas com o Daime e com o Padrinho Sebastião”.

comunidade daimista estivesse “entrando na boca do leão, um leão bem perigoso que nos últimos dezoito anos tinha matado e torturado estudantes, acabado com a democracia, o voto e a liberdade de expressão em nosso país”.

[...] O que estava em jogo era a Luz do Daime, a Floresta Amazônica, seu povo e seu destino. Me lembrava de uma lenda dos Incas, sobre o dia em que viria um dragão de além-mar para devorar nossa Grande Mãe, a Floresta. Pensava que era o mesmo dragão apocalíptico que no final dos tempos seria vencido por São Miguel, e também fazia uma relação com São Jorge, onde o dragão era, no caso, simbolizado pelo fogo destruidor do desenvolvimento econômico, capitalista e cruel, e a princesa defendida por São Jorge era a própria Natureza, a Floresta.

Curiosamente, esse narrador também expressa sua percepção da floresta como uma espécie de “reino” ou ainda como uma “incrível biblioteca biológica onde cada árvore, cada planta, era um livro, tinha uma história pra contar e além de uma história, uma contribuição a fazer para o bem da humanidade”. Os saberes amazônicos são apreendidos enquanto livros que “em vez de lidos estavam sendo queimados”, toda uma “biblioteca verde” sendo aniquilada por meio do afastamento entre os humanos e as matas, algo estimulado pelo “fundamentalismo capitalista do poder econômico”.

A minha impressão é que o relato de Paulo Souza, rememorando sua relação com Padrinho Sebastião naquele momento extremamente difícil na história de nosso país, estava em uma sincronia espiritual profunda com a situação atual. Isso porque ao falar de suas *mirações*, ele sempre enfatizava o fato de ver “fogo, muito fogo, tudo queimando, toda floresta, as árvores, os animais sendo devorados pelas labaredas”. Ele também disse ter visto “pegar fogo em muitos lugares”, e não só onde ele estava naquele momento específico.

Assim, seu relato guarda um caráter intuitivo singular, pois é possível enxergar uma espécie de simetria entre, por um lado, suas memórias acerca dos acontecimentos ocorridos durante a ditadura militar, e especificamente durante a perseguição ao Padrinho Sebastião, quando afirma ter começado uma verdadeira “batalha no Astral” na qual “o fogo do dragão” estava queimando “a grande Mãe e tudo o que ela tinha de precioso, incluindo o Daime, as plantas medicinais, as culturas indígenas, a biodiversidade”, uma vez que praticamente “tudo estava sendo atacado”; e, por outro lado, a situação catastrófica provocada pelo desmatamento, pelas queimadas e pelo garimpo ilegal no presente. Nos dois casos, os poderes econômicos atacam com uma ferocidade inaudita todas as forças que se colocam a reboque da racionalidade destruidora em curso no planeta. Paulo Souza estabelece essa ligação através dos direcionamentos que a *miração* apresentava:

[...] senti que estava em meio a guerreiros, e que a luta estava apenas começando. Fomos para a porta do Salão onde havia uma escada de entrada e nos sentamos em um banco. Ali a Força chegou novamente e a batalha recomeçou. Percebia que para suportar tudo aquilo os Padrinhos estavam transformando-se em seres mágicos que chamavam outros seres mágicos para ajudar na luta.

O êxtase do Daime mostrava, na ótica de Paulo Souza, a importância de que “pudéssemos vencer naquele momento”, pois daquela vitória decorreria toda uma série de acontecimentos que contribuiriam para promover não apenas a legalização do Santo Daime no Brasil, mas teriam desdobramentos efetivos para a proteção de toda a Floresta Amazônica e dos povos que aí vivem. A sensação compartilhada dos daimistas era de estarem travando uma luta aparentemente pessoal, mas na qual estava em jogo o próprio destino do país e mesmo do mundo.

[...] Ele [o Padrinho Sebastião] perguntou:

- “E o rapaz [Paulo Souza] aí, como tá passando?”

Chico respondeu:

- “Padrinho, tamo dentro da batalha. Ele é novo e tá lutando como pode, o pau tá torando, é aquela luta que o senhor já conhece.

O Padrinho falou:

- “Não tem nada não, vamos confiar, se firmar no Poder Maior que é Deus em nós”.

Nesta hora senti uma alegria que não era deste mundo, sentia uma força, uma confiança, uma esperança de que tudo daria certo, que Deus estava conosco, encarnado no Padrinho Sebastião, que além de nos ensinar e nos proteger, iria nos conduzir a vitória, a vitória da Vida.

Assim, as vivências a partir do Daime apontam como a história singular das pessoas que participavam da comunidade e, mesmo a história do seu líder religioso, entrecruzava-se com os destinos da sociedade brasileira tal como indicado pelas *Plantas professoras*. Os episódios narrados evidenciam aspectos que transcendem as lutas e desafios específicos enfrentados pelos daimistas. Percebemos, com clareza, que a conexão com as *Plantas* desvela a trama complexa do com-viver e do bem-viver na atualidade. Sobre essas *revelações mirantes*, aponta Alex Alverga:

No Daime entendi os vasos comunicantes que ligam as mirações, as verdades do sonho e em ambas a etérea liga que plasma aquilo que as religiões chamam de revelação. Tão imperativo é o seu poder e força de persuasão, que nos ligamos ao recebê-la, à corrente de todas as mentes que a criaram e foram criadas por ela. E, nesse momento, entendemos que vimos algo rigorosamente igual ao que os outros já viram e nos revelaram, seja pela profecia, pela arte, ou pelo êxtase místico. É essa sensação de cumplicidade

num único segredo que tem uma forma única, que sustenta o que se chama de fé. (ALVERGA, 1992, p. 188-189)

**Figura 19 – Da esquerda para direita: Padrinho Sebastião, Padrinho Alfredo, Alex Polari e Paulo Roberto, 1987.**



Fonte: <https://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/padrinho-sebastiao/padrinho-mapi>

Obviamente que com essas memórias e relatos não tenho a intenção de provar verdades ou atestar confirmações de previsões ou profecias, mas trazer à tona a multiplicidade de forças presentes nos caminhos que delinearam a presentificação do Daime na própria cultura política brasileira, bem como quais saberes estavam sendo constituídos a partir dessa relação com a floresta e seus seres humanos e não-humanos naquele contexto social e histórico.

Independentemente dos resultados realmente alcançados pela comunidade, fica claro a agência seminal dos elementos enteógenos na configuração de determinados processos sociais. Assim, no período da ditadura militar, em meio aos enfrentamentos visíveis aos olhos humanos, os aliados dos povos da floresta se multiplicavam nos vegetais, nos astros, nos animais e nos espíritos, assumindo várias formas e outros modos de ação e luta.

Dentre outros, Alex Polari de Alverga, escritor, poeta e ex-guerrilheiro, preso por quase uma década durante a ditadura militar, ao ser solto e conhecer o Daime, em 1982,

relatou suas experiências em *O Livro das Mirações*, de 1995, no qual descreve suas intensas visões, a transformação de suas crenças, as vivências com os membros mais antigos e sua atuação combativa no processo que tentava criminalizar o Daime em nosso país. Alverga destaca um outro sentido de luta e mobilização política a partir da “expansão de nossa consciência” (p. 12).

Acompanhando a narrativa de Alex Alverga (1984, p. 36), visualizamos duas direções para as lutas pela democracia no Brasil e na América Latina mais amplamente. De um lado, os caminhos remanescentes do lema militante traçado por Carlos Lamarca: “Ousar Lutar, Ousar Vencer”, cujo propósito era desafiar “através da violência, a Opressão Colonialista”, tendo como princípio que a adoção da violência pelo povo oprimido era um “recurso justo”. De outro lado, os caminhos abertos ao entrar em contato com a Vila Santa Maria e notar a placa com os dizeres: “Hei de Vencer”, e que, lentamente, o fez perceber o contexto paradoxal desencadeado por um “anônimo santo iletrado” que expressava a sua busca de travar a mais “dura batalha”, a “batalha da mansidão”, percebendo aí uma força política imanente à própria “floresta amazônica” que nos coloca em contato com uma dimensão (espiritual) que relutamos em considerar<sup>60</sup>.

**Figura 20 - Fotos da entrada da igreja da Colônia Cinco Mil com destaque para a frase “Hei de Vencer”.**



<sup>60</sup> Os registros encontrados com fotos da Colônia com a frase encontrada por Alex Alverga sinalizam lugares importantes no percurso da comunidade no que tange a execução dos trabalhos espirituais. A entrada da igreja e a da casa do Padrinho Wilson Carneiro – lugar o qual muitos doentes chegavam para serem curados em sessões com Daime - eram recintos onde as “batalhas da mansidão”, da cura e da transformação aconteciam.



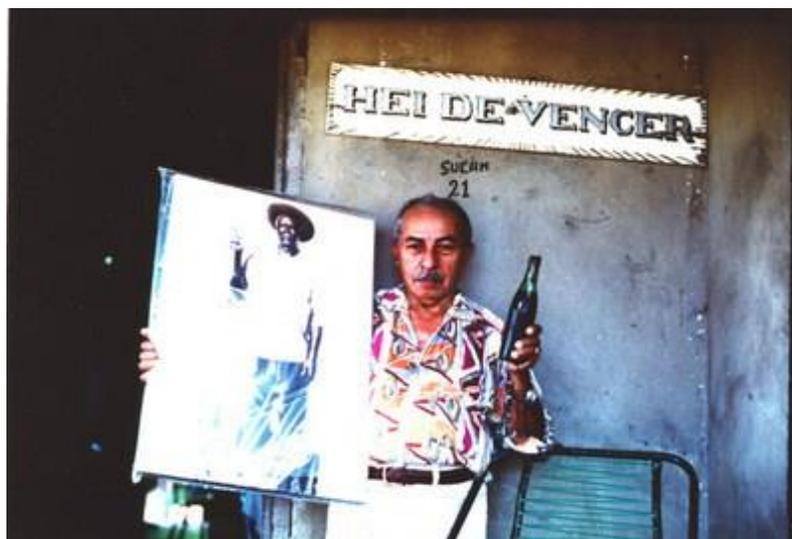
Fonte <http://lepomar.blogspot.com/2007/01/>

**Figura 21 - Entrada da casa do Padrinho Wilson na Colônia Cinco Mil.**



Fonte: acervo pessoal da narradora Tânia Maria Teixeira de Souza, fotodigitalizado em 2019.

**Figura 22 - Padrinho Wilson segurando uma imagem do Mestre Irineu e uma garrafa de Daime na entrada de sua casa.**



Fonte: <https://ilovesantodaime.net/blog/2016/08/06/wilson-carneiro-de-souza-linha-do-arroxim-pronto-socorro-de-cura-baixar-mp3/>

Alverga (1995), conta detalhadamente sua relação com o Daime como sua primeira experiência na Colônia Cinco Mil, ocorrida durante a “Festa de São Pedro”<sup>61</sup>. Ele chegou na comunidade com um desejo de elaborar um documentário sobre o Daime. Naquele contexto, recorda de um encontro ocorrido na *dimensão* espiritual, a partir de um estado de êxtase gerado pelo som dos *maracás* em unísono com o bailado, em que cada instrumento “fazia mexer círculos concentrados de energia dentro da sala”. Após passar um longo período da sessão incomodado com “ânsias de vômito”, “cólicas”, “completamente desorientado”, escutou como uma fagulha “no cérebro e com ela uma ordem muito clara: Volte para a Igreja!” (ALVERGA, 1995, p. 50).

No salão, sentindo que “era ali que começava minha viagem”, ficou “incandescente como ferro em brasa” e, enquanto isso acontecia, conta ter visto a sua volta a criação invisível – aos olhos comuns – de um campo energético formado “como pequenos círculos que puxavam na direção de círculos maiores, externos ao seu raio, e, ao mesmo tempo, para os círculos menores que coexistiam no seu interior até o infinito” (ALVERGA, 1995, p. 51). Para Alverga, era como se a própria cadeira se transformasse em “uma nave, uma espécie de

<sup>61</sup> O Festejo de São Pedro é um dos trabalhos espirituais realizados durante o festival junino da religião, feito em louvor ao apóstolo e santo cristão. É realizado entre os dias 28 e 29 de junho, usa-se a farda branca e, atualmente, na linha doutrinária do Padrinho Sebastião, cantam-se os hinários *O Cruzeirinho*, *Nova Era* e *Nova Dimensão* de um de seus filhos, o Padrinho Alfredo.

bolha se teceu em torno dela”. A compreensão, diz, era de que “isso materializava alguma proteção”, sentindo-se “cristalizado sem que o tempo, a que eu estava acostumado, pudesse interferir” (p.52). Dentro desse cenário de encantamento, embora relatando ser acompanhado por “um fio de consciência”, fala sobre as visões: “queria explicá-las, mas não conseguia” e de que “não adiantava querer explicar nada [para si]” naquele momento. Foi tomado então por uma espécie de calma e naquele instante viu

[...] de relance uma presença de contornos indefinidos. Depois, o rosto; ora velho e enrugado, como se acabasse de sair de um sarcófago, ora novo e cheio de viço a me pensar com ironia. Cada vez que eu piscava ele aparecia de uma ou de outra forma. Sentia-me como a materialização do pensamento daquele ser, que eu sentiria e me comportava segundo ele “me pensasse”. Esse poder, no início, me assustou. Depois, uma enorme confiança me serenou. (ALVERGA, 1995, p. 52)

A *entidade espiritual* descrita pelo daimista era “um velho Inca com um barrete característico”, o qual parecia “uma existência concreta muito mais do que eu, uma mera criação melhorada de um poder incompreensível”. A comunicação estabelecida entre ele e o ser que vira passou a ser telepática, com a apresentação das “projeções que ele fazia” (p. 52) a seu respeito.

A condução da direção da nave por parte da entidade e, a cada piscar de olhos, as imagens do lugar oscilavam entre o bailado e o lugar para onde estava sendo *levado*, quando:

[...] de repente, ambas se sincronizavam. O outro tempo que eu me sentia, milênios atrás, e o outro lugar onde eu viajava, elos artificiais do meu Inca, coincidiam com aquele tempo presente, quando as pessoas fardadas bailavam e tocavam os hinos. Eram a mesma coisa. Chave do mesmo segredo. Foi quando explodiu nos meus ouvidos, com o som de mil orquestras sinfônicas: O Daime é o Daime/ Eu estou afirmando/ É o divino Pai Eterno/ E a Rainha Soberana. O que eu entendi nesse momento jamais poderei descrever (ALVERGA, 1995, p. 52).

A entrega às *mirações* e a presença do hino<sup>62</sup>, estrofe por estrofe, marcava todo o processo. Na segunda estrofe, ao entrar “em estado de alerta”, ele começa como que a “beber todas as palavras dos hinos que, até então, passavam despercebidas”. Apesar dele não se lembrar das músicas ou letras, “elas se gravaram indelevelmente em alguma parte” sua da qual não “sabia identificar”. A canção marca a sintonia daquilo que estava sendo aprendido

---

<sup>62</sup> O hino citado – *O Daime é o Daime* - é um dos recebidos pelo Padrinho Alfredo em *O Cruzeiroirinho*, que conta com 160 hinos. O hinário é realizado, de acordo com o calendário oficial daimista da ICEFLU, nos festejos de São Pedro, São José e Ano Novo.

por Alex Alverga num processo de sincronicidade muito comum a quem vivencia à experiência com as *Plantas*.

A sinalização com o *Inca* permanecia telepática e o aviso recebido era de que “eu estava preparado para ‘mirar’. Aí a nave começou a trepidar” sendo “tragada pelos círculos concêntricos de energia”; a cadeira, antes cadeira, ferro em brasa e nave, agora era um trono, onde ele “era homenageado pelo Daime”. Sentindo uma desintegração ficou “de cabeça para baixo e todas as funções do meu corpo se inverteram e trocaram de posição. Meu cérebro estava no estômago, o estômago no cotovelo e assim sucessivamente”. A sensação era que “ia morrer”. O que o faz pedir perdão por seu orgulho. Ele passa então a agradecer “a quem quer que fosse que tivesse perdoado minha soberba e feito cessar aquela angústia física”.

De algum modo, a intensidade e a enxurrada do visto e sentido tiveram seu ponto alto quando o tempo fora rasgado por *presenças espirituais* que misturavam tempos e espaços distintos, transformando-o em outra coisa, o corpo desintegrado, transformado, a *razão* em descontrole, o hino escutado com maior atenção e a entrega do *aparelho* foi total. Semelhante à experiência de Alex Alverga, na dificuldade em escrever a respeito do passado, como conta, compartilhamos também da nossa em relatar sobre. Nesse caso, abro espaço ao narrador com uma fala direta (apesar de longa) para tomarmos o lugar da escuta, da imaginação para tentar aproximarmo-nos e do aprendizado *mirado*. Enquanto era executada a última estrofe:

Aí eu vi. As pessoas bailando e agitando seus maracás *eram* a celebração da origem da vida. O ritual originário da celebração do início do homem sobre esse plano. A Floresta resplandeceu em volta e o cipó era a compreensão de tudo, um ser que a tudo assistia desde o início. Eu entendia o Universo, a vida, a criação, o seu profundo sentido e mistério. Eu entendia o tempo em seu fluxo desordenado e em sua permanência. Tudo era e não era. Tudo que seria, continuava sendo. Eu era o Universo desde os tempos mais imemoriais e o meu próprio corpo, era ele um universo a recriar, a cada segundo, milhões de ciclos de vida. Aquela dança, onde a energia era constantemente domesticada e apurada, abria um alçapão no tempo. As visões tinham forma de lembrança. De algo que eu já vira. Em algum momento eu já fora parte desse peso da floresta, eu trazia em mim milhões de anos da evolução humana que agora desfilavam ante meus próprios olhos como fotogramas vivos. A vida se explicou para mim desde suas origens. Era uma dádiva e um desígnio de forças nunca por mim suspeitadas. Existia um poder que pairava sobre todos. Não era imaginação, projeção, arquétipos, atavismos, era uma entidade colossal, personificada ali, naquele cipó, naquela bebida. Agradeço ao Santo Daime/Agradecendo a todos os seres/ E quem me manda agradecer/ É o meu Pai verdadeiro. Agradecei novamente. Aquele Pai era tudo. Desde sempre. O amor por Ele era uma sensação que não cabia dentro do peito. O ritual de celebração era o mesmo que fora dançado há dezenas de milhares de anos pelo primeiro agrupamento de seres que vieram a se tornar “homens”. Não Havia dúvida sobre isso. Ele foi ficando mais sereno, a nave menos incandescente, Eu tomei um choque quando vi apenas as pessoas

dançando e a minha razão, mesmo que aturdida, contemplando a cena do presente; não mais aquela sensação de perfeição e harmonia de antes. Ainda se alternavam momentos de “lá” com momentos onde eu só via o bailado da festa. A nave mudou bruscamente de direção e foi zumbindo para baixo, entrou pela terra adentro, sentindo a terra, vermes, bolores úmidos, raízes de árvores, pedras, até chegar a microrganismos fossilizados. Retornei à superfície. Dezenas de cobras se espreitavam por minhas pernas, mas eu não sentia medo. Meu corpo virou cipó de jagube e eu sentia a sua seiva como sendo minha. Eu era o cipó. Num segundo, ele virou uma cobra e ela engoliu meu corpo. Aturdido, novo despertar. Desapareceu meu Inca e minha nave. Do lugar onde ele estava, vejo apenas o Chico com os olhos atentos em mim. Quando olho para ele, ele sai de perto com seu passo de feitiçeiro-gato. Um hino fala “dessa luz que nos clareia”. Meus olhos fogem das órbitas. Quando penso que a força vai arrefecer, ela me agarra, salta e mergulha novamente comigo no insondável. Vejo uma luz dourada crescer do lado do Cruzeiro, numa intensidade tal que tenho a impressão que ficarei cego se olhá-la totalmente de frente. Todos verem esse brilho/ Todos falam de Jesus/ Eu peço força a meu Mestre/ Para sempre essa Luz (ALVERGA, 1995, p. 54-55, grifos do autor).

Então a *força* baixou. O trabalho prosseguiu. Outros entendimentos são descritos. Por telepatia, a voz de Chico Corrente, presente na reunião, disse: “Pois é, mano velho, estamos na batalha, não se assuste, mas acredite” (apud ALVERGA, 1995, p. 56). Trabalho encerrado. Dia amanhecido. Naquele momento, o questionamento era sobre “o que era o real?”. Em meio à *consagração* de um *pito* de Santa Maria, questiona: “Todo mundo vê uma mesma coisa na miração”. A resposta silenciadora veio sem pressa, com a fumaça no ar e Chico Corrente, com olhos fechados, disse: “É incrível, né? Eu costumo dizer, não que é incrível, mas que é ‘crível’” (apud ALVERGA, 1995, p. 58).

O indicativo para a resposta de suas indagações se concluiu a partir da junção desses muitos elementos descritos, vivenciados no *estudo fino* do colégio e da *ciência* dominada por seres não-humanos. Vejamos:

Quando aceitava que tudo aquilo existia, mesmo que fizesse parte de uma espécie de ordem do Invisível, tudo brilhava e se definia, pelo menos naquele momento. Como diria o Chico Corrente, naquela hora, o “incrível era crível”. E sendo crível, era viável. Bastava, para tanto, que eu acreditasse. Percebesse que o uso de nossos cinco sentidos é suficiente apenas para nos mover diante da ilusão. E que para viver além dessa ilusão há uma nova ciência. Uma ciência que nos dá várias provas de suas verdades, sem que, para isso, ela se digne a consultar nossa razão. (ALVERGA, 1995, p. 62)

Foi nesse contexto que Alverga se deparou com o inédito pensamento, para ele, de que “pela primeira vez, Deus tornou-se uma ideia aceitável e inquestionável pra mim. Na forma de uma luz” (ALVERGA, 1995, p. 55). Paradoxalmente, ao mesmo tempo, a tradicional

lógica cristã arraigada no salvacionismo externo perdeu forças diante do pragmatismo dos povos da floresta. É como se estes colocassem a compreensão dos saberes das *Escrituras Sagradas*, para além de uma mera hermenêutica textual, engolindo-os e incorporando-os. A cada experiência e contato com a *força*, o narrador vai reconstruindo suas visões da realidade, alterando seu modo de ver a si mesmo e ao cosmos, ressignificando sua vida. A experiência de Alex Alverga ficou gravada em seu hino de número 35, ofertado ao Padrinho Mário.

**Eu Sou (Cristo É O Daime)**

Eu sou o princípio que fecunda  
Do Pai Celeste eu sou a criação  
São meus raios de amor por sobre a terra  
Que comandam toda manifestação

Eu sou o princípio da matéria  
Sou o mesmo desde o sol até um grão  
Estes astros luminosos no espaço  
São meus pontos de luz na escuridão

Eu sou anterior a todo tempo  
Antes que o mundo fosse eu já sou  
Mandeí há muitas eras meus profetas  
Mas o povo nunca que acreditou

Eu sou Buda, eu sou Krishna, eu sou Cristo  
A minha glória completa ninguém viu  
Eu reino em esferas invisíveis  
Mas sou o Daime que você bebeu.  
(*Nova Anunciação*, hino 35)

A historiadora e etnobotânica Vera Fróes Fernandes foi outra pesquisadora que esteve presente no contexto da Comissão instalada para averiguar a comunidade na ditadura militar. Ela também é a autora do primeiro livro dedicado a uma historiografia da religião: *Santo Daime. Cultura Amazônica. História do povo de Juramidam*, lançado em 1986. Assim como muitos outros jovens do período, imersos nos ciclos de debates e práticas inclinadas ao socialismo marxista, a sua ida do Rio de Janeiro ao norte para “fazer a revolução armada”, teve como primeiro impacto o ensino de Chico Mendes: “Olha, Vera, a grande revolução é abraçar as árvores”; seguido pelo do Padrinho Sebastião: “A grande revolução é conhecer a si próprio”<sup>63</sup>.

A pesquisadora conta sobre sua chegada em 1978, com 22 anos, quando sente “o impacto da floresta” ao ser levada por um amigo que lhe mostrou “a manifestação cultural mais autêntica do Acre”, apontando a entrada da Colônia Cinco Mil No intuito de

<sup>63</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xpU98BADzN8>. Acessado em 18 de novembro de 2021.

“documentar as plantas”, após tomar o Daime, ela foi acompanhada com mais dois amigos ao jardim onde estavam plantados os pés de *Jagube* e *Rainha* para filmá-los. Após a *força* chegar e as *mirações* se abrirem, Vera sentiu vontade de “deitar no jardim, e aí foi aquela sensação de sentir o corpo se desfazendo, né, virando terra... Eu falava ‘meu Deus do céu, eu vou morrer. Vou morrer! Pra quê que eu tomei esse chá?!’”. Durante o período em que estava nessa condição, ninguém conseguiu filmar e o Padrinho Alfredo Gregório, que os acompanhava, “pegou a câmera e começou a filmar a gente. Então, eu que queria documentar as plantas, acabei sendo documentada por ele”<sup>64</sup>. Vera Fróes Fernandes lembra:

[...] eu era marxista, tive um jornal junto com o Chico Mendes em Xapuri e de repente eu vi que a revolução estava sendo feita ali e agora na “Cinco Mil”. Um socialismo caboclo com o Padrinho Sebastiao, onde todos que chegavam tinham um lugar, onde todos meios de produção eram divididos (...). Fui para estudar a comunidade e acabei sendo estudada pelo Daime”. (apud FERREIRA JR., 2017, p. 50)

Outros trabalhos foram produzidos nessa mesma época, como os de Clodomir Monteiro da Silva (1983) e a dissertação de Fernando de La Rocque Couto (1989). Fernando Couto, conta que, em 1978, numa viagem com amigos com direção ao Peru, decidiram parar em Rio Branco, pois “lá tinha a possibilidade de tomar ayahuasca”. Ele pontua ter chegado até o Daime “por curiosidade de tomar um chá pra abrir a percepção”. Apesar disso, “o que ficou foi o encontro com a espiritualidade, quer dizer, questionar um pouco esse meu lado racional”<sup>65</sup>.

Em razão dessa perspectiva, o encontro com o Padrinho Sebastião é descrito como algo “significativo” por ter desencadeado, contextualmente, um processo “de falta de fé pra chegar na fé” diante do seu agnosticismo<sup>66</sup>. De volta à Brasília, a experiência vivida ressoou “por dois anos com uma chamada na minha mente de que eu tinha que voltar lá”. Chegando à Colônia Cinco Mil em dezembro de 1979 pela segunda vez, época na qual ocorre o segundo festejo<sup>67</sup> anual da religião: “Aí tiveram uma série de hinários e eu fui tendo uma série de

<sup>64</sup> Literatura Daimista – Episódio 2 (Vera Fróes). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JuawTCSFMqs>. Acessado em 18 de novembro de 2021.

<sup>65</sup> 20 anos do Céu do Planalto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iExp5PoJFO4> Acessado em 18 de novembro de 2021.

<sup>66</sup> Diálogos com o Padrinho Fernando La Rocque - Estudo Fino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vv6Gvbo9Qg8&t=3356s>. Acessado em 22/11/2021

<sup>67</sup> Os trabalhos espirituais da religião seguem um calendário oficial, o qual é definido pelos dias de santos e festejos do ano daimístico. De acordo com informe do website oficial da instituição, atualmente: “este Calendário Oficial, juntamente com as Normas de Ritual é o que distingue a ICEFLU dos demais centros que trabalham com o mesmo sacramento. É direito e obrigação de cada fardado participar de todos os trabalhos aqui relacionados, incluindo-se as duas Concentrações mensais. [...] Existem ainda outras tradições de hinários no Céu do Mapiá, mas que são consideradas opcionais para as demais igrejas. [...] Da mesma forma existem outras

passagens. Eu tinha muito sofrimento, eu tinha suadouro, eu vomitava todos os trabalhos, eu caí numa Confissão<sup>68</sup>, eu desisti de ir lá, desisti de todo mundo, disse que nunca mais voltava lá”. Relatando passar por todas essas ocasiões iniciais descritas como “difíceis”, em 20 de janeiro de 1980, no dia de São Sebastião, Fernando Couto decidiu se *fardar*:

Um dos dias mais significativos da minha vida, porque depois de passar por todo esse processo, todas essas dificuldades, foi o encontro que eu tive com o Mestre Irineu. Quer dizer, foi uma coisa, assim, muito bonita, porque, de repente, tem o Mestre mesmo. Ele existe! Ele se manifestou pra mim. E tocava maracá... E aparelhava... E tinha uma harmonia muito grande. E mirações belíssimas... E foi, assim, um êxtase! Uma coisa, assim, muito bonita. E a chamada foi tão grande, a experiência tão forte que eu resolvi mudar pro Acre.

Nos primeiros anos, a relação foi sendo construída através do encontro com o Padrinho e o Daime. Suas memórias descrevem os momentos marcantes de uma transformação profunda, desde as *mirações*, ou quando cortou o cabelo, “era cabeludo, me fardei e fui morar lá no Acre”.

É bastante comum encontrar entre os relatos, documentários, vídeos, entrevistas e pesquisas o encontro entre o Padrinho Sebastião e os membros da comunidade nas ações mais corriqueiras (na cozinha enquanto fazia o café, no roçado em grupo ou na varanda de sua casa), e ser usual do Padrinho Sebastião “desafiar nosso pouco conhecimento das coisas”, como se ele estivesse em uma “preleção constante”. Quando em meio às prosas, de repente, ele te “jogava no infinito”, como contou Fernando Couto.

Após essa temporada inicial na floresta, Couto volta à Brasília para concluir o curso de Música, tendo se transferido para a área de Antropologia. Em 1982, em passagem pelo Rio de Janeiro encontra com Paulo Roberto e Alex Alverga. Juntos, no dia 02 de novembro, eles

---

datas nas Igrejas filadas a ICEFLU que são consideradas datas oficiais locais, como o aniversário de um dirigente ou a data de fundação do centro”.

Disponível em <https://www.santodaime.org/site/ritual/2014-01-29-20-09-14/calendario-oficial>. Acessado em 24 de novembro de 2021.

<sup>68</sup> Em algumas das cerimônias nas quais o hinário do Mestre Raimundo Irineu Serra é executado, em determinado momento, a *Confissão* da qual Couto mencionou é feita. Por volta dos anos de 1940, entre o estabelecimento de algumas normas ritualísticas, o Mestre Irineu “recebeu certos hinos que só deveriam ser cantados em algumas das datas cristãs. O hino 17 – Confissão foi um deles. Este hino, usado para fazer a confissão dos seguidores, deve ser executado sem dança, repetido três vezes e com cada participante segurando uma vela acesa na mão. É reservado para as vésperas dos trabalhos de São João (23/06), Nossa Senhora da Conceição (7/12), Natal (24/12) e Reis (5/01). Ao fim do hino são rezados três Pai Nossos e três Ave Marias intercalados e, para finalizar, uma Salve Rainha. Depois das preces, o comandante masculino ou feminino, já postado na cabeceira da mesa, enuncia os seguintes dizeres: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. Todos devem responder: “Para sempre seja louvada a nossa Mãe Maria Santíssima”. A confissão termina com todos os presentes se benzendo e dizendo: “Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos Senhor de nossos inimigos, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, amém”. Terminada essa cerimônia, apagam-se as velas e dá-se continuidade ao baile” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 192).

resolvem tomar – com mais dez pessoas - o Daime que Fernando trouxera em função do *dia de finados* (uma data oficial de trabalho no calendário daimista). Esse foi o primeiro trabalho realizado fora das terras amazonenses e acreanas. Ainda no Rio de Janeiro, Fernando Couto realizaria outra sessão no dia 06 de janeiro de 1983, que acabou funcionando como uma espécie de marco que se traduziria na inauguração da igreja *Céu do Planalto*, em Brasília.

O crescimento do grupo formador desta igreja e a necessidade de consolidar os trabalhos passou a exigir uma estrutura melhor, o que fez ele e o grupo inicial caminharem por diversas chácaras cedidas por amigos, chegando a se manterem por vários anos em uma delas. Mas, a distância entre o ponto de transporte e o local era de cerca de onze quilômetros, ou seja, bastante afastada de qualquer centro urbano. Essa questão só seria solucionada quase dez anos depois, em 1992, por ocasião do centenário do Mestre Irineu. Em viagem à comunidade do Alto Santo, no Acre, durante uma série de trabalhos dedicados à comemoração da data. Relata Couto sobre o trabalho espiritual:

Nesse trabalho, eu tive outra passagem muito forte, muito significativa, porque eu queria, de repente, abandonar tudo. Queria ir embora. No meio do trabalho eu queria agradecer ao Mestre tudo o que eu já tinha recebido, mas que eu ia embora. Queria me despedir do Mestre. [...] Quando terminou esse Trabalho de Estrela, veio o toque. O Mestre Irineu novamente falou: - Olha, vocês tão muito longe, entendeu? O Santo Daime tem que ficar mais próximo, tem que irradiar os seus hinários, a sua vibração mais próxima da cidade. Você tem que procurar um outro lugar e levar essa igreja pra mais próximo de Brasília. Firmei nessa revelação que eu tinha tido, nesse encontro com o Mestre, e comecei a... Era uma questão da missão mesmo. Eu tinha que fazer isso. E fui fazendo.

Paralelamente, Fernando Couto transformou-se também enquanto pesquisador, tendo ido ao Acre como estudante de música e retornado como antropólogo. A pesquisa intitulada *Santos e Xamãs* (1989) traz um estudo em três frentes: sobre a História da bebida, a ritualística daimista e as pessoas envolvidas, tendo como fio condutor os procedimentos de cura vivenciados na linha do Padrinho. Apresentando o conceito de “xamanismo coletivo”, diz:

Tinham algumas características que eu podia nomear como sendo coletivas porque elas não ficavam apenas na mão do xamã. O xamã é quem sabe os cantos; o xamã é quem canta os cânticos; o xamã é quem bate o maracá. Então é ele. [...] E ele é quem toma a bebida e dá pra algumas pessoas e tal, quer dizer... E, no nosso caso, todo mundo toma; todo mundo partilhava os cânticos; todo mundo tocava maracá. E fazia uma corrente que não era só o pajé cantando. Eram todas as pessoas cantando. Então, por isso que eu achava que tinha uma coletivização, uma abertura, uma não-restrição a você ter o acesso às ferramentas que o xamã utiliza pra atingir o êxtase e subir no

astral. A bebida é uma delas, é uma das ferramentas, os cânticos, enfim, o ritual todo.

\*\*\*

Os relatos não deixam dúvidas de que o olhar de quem foi em busca do Santo Daime e da Santa Maria seja para pesquisar, enquanto representante do Estado, seja para criar registros cinematográficos, seja ainda de quem escolheu pesquisar após tonar-se daimista, inaugurou um ponto crucial importante para a história da comunidade, influenciando sua expansão no Brasil e no mundo. Estes movimentos fizeram emergir os futuros líderes das primeiras igrejas na linha do Padrinho Sebastião fora do Acre e do Amazonas, como o *Céu do Mar/RJ* – com Paulo Roberto Souza; o *Céu da Montanha/RJ* – com Alex Polari de Alverga; e o *Céu do Planalto/DF* – com Fernando La Rocque Couto. Por outro lado, abriram as portas para as pesquisas a respeito do assunto, como Vera Fróes Fernandes (1986). Desde então, muitos outros seguiriam em busca de estudar ou registrar o fenômeno das *Plantas professoras*, e terminaram sendo *estudados* por elas.

Ao que parece, a disponibilidade do Padrinho Sebastião em conhecer pessoas material e espiritualmente definiu toda uma época. Pessoas que foram, aprenderam e voltaram falando não apenas de uma perspectiva distanciada e abstrata, mas a partir de um contato verdadeiramente experiencial, com consequências não apenas do ponto de vista epistêmico, mas sobretudo ético e existencial. Sobre esse quesito, narra Alverga a sua perspectiva:

Para mim, o lado da descoberta e do encontro com minha dimensão espiritual suplantou, e tanto, o voo profissional, que eu, às vezes, tinha de fazer o maior esforço para ter a disponibilidade necessária ao compromisso de trabalho. E sempre as coisas davam certo, porque nossa proposta de trabalho não era excludente à viagem interior de cada um. (ALVERGA, 1995, p. 89)

**Figura 23 – Da esquerda para direita: Luis Fernando, Paulo Roberto, Padrinho Sebastião, Francisco Chagas, Vera Froes, Daniel Lopes, 1985.**



Fonte: <http://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/padrinho-sebastio/padrinho-mapi>.

Nos termos do próprio Padrinho Sebastião, muitos vieram “aqui me pesquisar, me estudar. Só que eu já me estudei e sei quem eu sou. Mas será que eles descobrem que vieram aqui foi pra se estudarem, se conhecerem?” (apud ALVERGA, 1998, p.153). Essa observação ressalta o sentido radicalmente formativo da experiência com as *Plantas professoras*. Para todos aqueles que não ficaram apenas “olhando para a garrafa”, abrindo-se ao contato, ou para quem se despiu dos preconceitos e *pitou*, abriu-se um habitat onde reside uma *força* motriz de caráter trans-formador, cujos saberes atravessam poeticamente os ensinamentos do “beija-flor das matas, que simboliza a singeleza das coisas da terra e do céu” (BARSÉ, 2013, p.114).

Em meio a todas essas narrativas, vislumbra-se a forma sutil com que o Padrinho Mário Rogério ensinava sobre a experiência do contato com as *Plantas professoras*: “quando eu tomei o Daime pela primeira vez aconteceu uma coisa muito séria. O homem que foi nunca mais voltou” (apud ALVERGA, 1995, p. 36). Na contramão da razão cartesiana, da racionalidade moderna com sua “razão indolente”, para os pesquisadores – em consonância com muitas pessoas que ali chegaram - o *Estudo Fino* da ciência aprendida na escola do Mestre Irineu e do Padrinho Sebastião é com a lição vinda pelo encantamento de um *Ser*

*Divino* “transformado em líquido”<sup>69</sup>. Em chá de Santo Daime. Ou no *pitar* exalante da Planta a qual “o seu perfume resume a terra”<sup>70</sup>. E é, enfaticamente, na ausência de controle que toda a magia enteógena acontece.

**Figura 24 – Padrinho Sebastião, fardado, segurando uma garrafa de Daime.**



Fonte:

[https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE3ODg1Mzc5MjM1ODc4NDE1?story\\_media\\_id=2517593478839905568\\_8393686869&igshid=YmMyMTA2M2Y=](https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE3ODg1Mzc5MjM1ODc4NDE1?story_media_id=2517593478839905568_8393686869&igshid=YmMyMTA2M2Y=)

---

<sup>69</sup> Referência ao hino 45 de Odemir Raulino, do hinário *Daime Sorrindo*.

<sup>70</sup> Referência ao hino 11 de Alex Alverga, do hinário *Nova Anunciação*.

## 5. “SOU LUZ, DOU LUZ E FAÇO TUDO ILUMINAR”

*Eu sou brilho do sol  
Sou brilho da lua  
Dou brilho as estrelas  
Porque todas me acompanham*

*Eu sou brilho do mar  
Eu vivo no vento  
Eu brilho na floresta  
Porque ela me pertence.*  
(Padrinho Sebastião, *Nova Jerusalém*, hino 26)

Durante um dos *bailados* vividos no percurso de feitura desta pesquisa, ainda bem no início de sua elaboração, nos tempos angustiantes que cortam qualquer pesquisador na construção paulatina de seu trabalho quando estamos tentando descobrir as direções para quais deve movê-lo, escutei das *Plantas professoras* enquanto tocava um dos hinos do Padrinho Sebastião: a Tese tá na luz! Após meses pensando e repensando o significado dessas palavras, construindo e reconstruindo as experiências no campo de pesquisa, emergiu a ideia deste último capítulo, uma espécie de condensador da temática que articula e atravessa a trajetória educativo-existencial do Padrinho Sebastião e suas companheiras e companheiros, ao mesmo tempo em que ilumina o sentido mesmo da presença das *Plantas professoras* no Santo Daime: a cura e a iluminação.

Nessa direção, passei a abordar como as curas materiais e espirituais aparecem desde os tempos primórdios da religião com o Mestre Irineu. Em seguida, propomos uma leitura acerca dessas experiências e seus contornos expansivos dentro da linha do Padrinho Sebastião. Além disso, discuti alguns aspectos da ligação entre a Umbanda e o Santo Daime na linha de trabalhos espirituais inaugurada pelo Padrinho Sebastião e seus desdobramentos. Por fim, compartilhamos alguns devaneios *recebidos* e *consagrados* no espaço intocável – e, quase sempre, indizível - entre as *Plantas-seres-humanos*, a respeito dessas experiências apreendidas em seu potencial curativo e iluminador das próprias questões insurgidas ao longo do feitio desta Tese. Afinal, não por acaso, o que me moveu para esta pesquisa foi um *Trabalho de Cura*.

### 5.1. “Meu Mestre me cure, meu Mestre me olhe”

Os primeiros contatos entre o Mestre Irineu e a *ayahuasca* foram marcados pela sua participação no primeiro centro de trabalhos espirituais responsável por utilizar a bebida

fora dos espaços indígenas: o *Círculo de Regeneração e Fé*, articulado pelos irmãos Antônio e André Costa, e que funcionou entre os anos de 1916 e 1943.

A pesquisa de Moreira e MacRae (2011) apresenta uma discussão densa sobre os primeiros dias de funcionamento dessa organização, recuperando e analisando as listas de presenças, as vestimentas usadas, bem como recolhendo relatos sobre as sessões, os elementos litúrgicos e doutrinários, como os cânticos, o uso de patentes e títulos de nobreza, e as frequentes repressões sofridas pelo grupo por parte da polícia, contando até com um episódio em que o fundador do Daime foi baleado entre os dedos, próximo a um rio, por guardas bolivianos após confrontá-los durante uma perseguição.

A partir de declarações dos antigos membros e familiares descendentes do Mestre Irineu, Moreira e MacRae (2011) afirmam que esse espaço expressava fortes características espíritas, exercendo comunicações com seres cujas falas foram deixadas transcritas em registros documentais. Essas entidades, comumente eram invocadas a partir de “chamados”, sendo acessadas em um momento específico no ritual dedicado para os participantes se consultarem a fim de obterem conselhos para situações vividas ou problemas de saúde. Assim, nesses momentos, “eram sugeridas soluções pelas entidades para as variadas questões dos consulentes, como também eram passadas receitas de remédios da floresta e remédios industrializados” (p. 109).

Por volta de 1930, anos após sair do CRF<sup>71</sup>, nos anos iniciais do que viria a tornar o primeiro espaço da doutrina daimista, o Mestre Irineu iniciou a realização das chamadas sessões de *Concentração* às quartas-feiras, consistindo em tomar o Daime e fazer silêncio durante uma hora e meia. Nesse novo contexto, “problemas relacionados à saúde eram as principais razões para as pessoas o procurarem” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 143). Durante os encontros, ocorriam “melodias assobiadas ou cantadas, no objetivo de invocar seres espirituais para resolver alguma questão urgente ou curar alguma doença entre os presentes” (p. 132)<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> Moreira e MacRae (2011) apontam como possíveis causas de sua mudança da cidade de Brasileia para Rio Branco, conflitos entre Irineu Serra e Antônio Costa, sua separação conjugal com Emília Amorim (esposa na época), a qual não aceitava sua participação no grupo e uso da *ayahuasca* e as muitas perseguições sofridas pelo grupo.

<sup>72</sup> A execução do canto só deveria ser feita em casos de muita necessidade: “os seguidores de Mestre Irineu têm muitas histórias sobre castigos sofridos em decorrência do uso inadequado dos ‘chamados’. Tal ‘uso inadequado’ consistiria em entoar os chamados desnecessariamente, em circunstâncias do cotidiano, (lavando-se roupa, por exemplo), com desdém ou em gozação, em conversas fúteis, ensaios coletivos, ou até em entrevistas com pesquisadores. As consequências podem ser variadas e os levianos se expõem ao risco de sofrer os mais variados dissabores, tais como: acidentes, doenças repentinas ou outros males inexplicáveis. Em geral, considera-se que o mais apropriado seria entoá-los, com firmeza e convicção, em um momento de ritual e dentro da sede de trabalhos” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 136).

Dessas melodias, ou “chamados” do Mestre Irineu, restaram somente o conhecimento dos seus títulos, pois não se sabe como era musicalmente sua execução (MOREIRA, MACRAE, 2011). Infelizmente, para manifestações culturais perpetuadas pela oralidade, o tempo é um fator de grande dificuldade na preservação de determinados saberes. Contudo, em seu hinário é possível encontrar citações e referências a nomes tupis e de origem africana em referência aos seres evocados.

Não obstante, à medida que seu hinário acumulava mais canções, essas primeiras referências foram perdendo espaço para as figuras católicas como que a indicar, na ótica dos pesquisadores, para uma espécie de “branqueamento” da cosmologia daimista (MOREIRA, MACRAE, 2011). A menção a essas mesmas entidades pode ser encontrada em hinos de outros membros em períodos posteriores. Por exemplo, a entidade “BG” presente no hino 23 do Mestre Irineu aparece no hino 64 do Padrinho Sebastião; ou a “Princesa Soloína” em seu hino 63, que é citada no hino 94 do Cruzeirinho do Padrinho Alfredo; “Currupipiraguá” é invocado tanto no hino 39 do Mestre, quanto citado no hino 7 de Lúcio Mortimer, 26 da Mãe Baixinha ou 11 do Glauco Vilas Boas. E, nesse caminho, podemos localizar vários outros hinos de membros reavivando as invocações de entidades encantadas presentes em *O Cruzeiro*.

Vale ressaltar então que, no início do caminho daimista do Mestre Irineu, o uso de outras ervas, bebidas e preparados, como a fumaça do tabaco, o chá de erva cidreira, charutos, rapé, caissúma e a macaxeira insossa, aparecem como recursos curativos. Havia ainda um “chamado” específico que o Mestre Irineu utilizava, sob a força do Daime, para chegar ao diagnóstico de determinados casos. “Senso-cheiroso” ou “Senso-Perfumoso” era o nome de uma canção assoviada por ele para saber, através da *miração*, se a doença tinha cura, se o doente continuaria vivo ou se era uma “sentença” – único problema incurável, visto que “a sentença já vem de Deus”; ou ainda se o remédio a ser utilizado era o Daime ou outro, também *revelado* através dessa experiência (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 151). Constatase que o auxílio aos doentes era, de fato, multifatorial: envolvia humanos, vegetais, seres encantados e a própria musicalidade. É, portanto, difícil de identificar, de forma clara e distinta, onde começava ou terminava os traços das influências que abarcavam o curandeiro, mas é certo pensarmos que as transformações nos modos de viver eram parte considerável na remediação:

Mestre Irineu possivelmente derivava muitos de seus conhecimentos e métodos de cura das tradições vegetalistas dos índios e caboclos. Estes concebem as doenças e outros males como resultados de desequilíbrios

orgânicos ou até de inveja, feitiços ou panemas. Tais noções eram complementadas com elementos culturais ligados ao catolicismo popular e ao esoterismo do Círculo Esotérico da Comunhão de Pensamento (CECP), além de considerações sobre a conduta moral do consulente. (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 147)

O ponto chave em todo esse processo era que a cura implicava necessariamente uma mudança no modo de vida. Como vimos, curar os “males da matéria ou do espírito” tem sido um dos objetivos do Daime desde a formação espiritual de seu fundador e das sessões que culminaram na formação da comunidade religiosa que o seguiu.

Dizendo de outro modo, “o tema da cura parece estar no âmago do Daime” (MOREIRA, MACRAE, 2011, p. 150) e foi através dela que tanto o Mestre Irineu quanto o Padrinho Sebastião construíram e se estabeleceram na doutrina. Mas, ao mesmo tempo, importa lembrar que há certas diferenças na forma como essas questões atuam nas diferentes linhas de trabalho com o Daime sobretudo em seus aspectos litúrgicos. No meio religioso, essas diferenças contribuíram para desencadear intensos debates entre os grupos mais tradicionais<sup>73</sup>.

Apesar disso, não é nosso objetivo traçar comparações ou avaliar essas diferenciações. O que importa é trazer à tona os modos de trabalho desdobrados pelo Padrinho Sebastião e sua comunidade, a fim de evidenciar como as *Plantas professoras* estiveram na base do seu ensino, transformando trajetórias de vida em um autêntico trabalho experiencial-formativo.

## 5.2 “Reinado do Sol venha nos curar/Santo Daime e Umbanda para trabalhar/Jagube, Rainha, homem, fogo e água/Sol, lua, estrela para se firmar”

Vários narradores mencionaram, de forma enfática, o *Céu do Mapiá* como uma espécie de grande *hospital receptor*, tendo em vista a chegada de muitas pessoas com doenças diagnosticadas como *físicas e/ou espirituais*. Analisando contextualmente, interpretamos essa característica definidora da comunidade no Amazonas em razão de duas possíveis explicações: primeiro, pelo encontro entre o Santo Daime e a Umbanda, algo que já surgira

---

<sup>73</sup> Como as discussões que envolvem, por exemplo, as aproximações entre a ICEFLU e a Umbanda com suas práticas de possessão de espíritos. Dentro do universo religioso que nega esse aspecto, essa ligação “com o universo afro é interpretada como uma aproximação da *feitiçaria* e do *maligno*, ou com o *inferior*, ou o *primitivo*, com um desvio da superioridade dos ensinamentos que fundamentaram o Santo Daime”. (ALVES, JR., 2007, p. 141, grifos do autor). Diz o mesmo autor no tocante ao “Trabalho de Cruzes” desenvolvido pelo Mestre Irineu e acionado em casos de possessão ou obsessão espiritual, que “antes de manifestar uma aproximação com o mundo afro-brasileiro, marcava um distanciamento. Sendo as entidades do panteão afro-brasileiro vistas como negativas e origens dos malefícios dos que buscavam cura naquelas sessões, necessitando ser exorcizadas” (p. 104).

mesmo que de maneira tímida na Colônia Cinco Mil, alcançando seu ápice, anos depois, na cidade do Rio de Janeiro; segundo, em decorrência dos episódios que marcaram o estabelecimento de trabalhos coligados com a Umbanda, promovendo um impulso do que seria chamado de *estudo e desenvolvimento mediúnico*. Nesse processo, Padrinho Sebastião deixa de ser o único *médium* - embora ele e seus guias curadores continuassem sendo descritos como centrais. Assim, pouco a pouco, a presença da Umbanda foi sendo compreendida, redimensionada e transformada nos trabalhos desenvolvidos pelo Santo Daime, isto é, sob a mediação de suas *medicinas*.

Fora no trânsito desse processo de integração entre religiões que muitos relatos de cura narrados em campo aconteceram. Por esse motivo, abordar essa dinâmica torna-se crucial na compreensão do papel curativo das *Plantas professoras*. Obviamente, o debate acerca das ligações entre o Santo Daime e a Umbanda é extenso<sup>74</sup> e ainda está em curso. De acordo com o pesquisador Antônio Marques Alves Júnior, em *Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime* (2007), os momentos marcantes deste encontro estão em curso desde os tempos iniciais da religião com o Mestre Irineu e a gama de traços das religiões afro-brasileiras que o acompanharam desde o Maranhão, ainda que a visibilidade maior dos traços religiosos tenha permanecido nas representações cristãs.

### 5.2.1 “Para sempre, para sempre/Amigo do meu irmão/Que ele é a minha luz/Nesse mundo de ilusão”

O início desse processo de aproximação teria se dado em meio ao contexto da chegada, na Colônia Cinco Mil, de Joselito Freitas dos Santos (RAMOS, 2002), o Ceará, em fevereiro de 1977, fixando “acontecimentos que se imprimiriam na memória grupal e preparariam as bases do crescimento da Umbanda em seu interior” (p. 152)<sup>75</sup>.

Ceará é descrito como um jovem moreno, magro, tendo entre 28 e 30 anos, que fora levado à *Colônia* pelo Padrinho Wilson Carneiro e apresentado como alguém “dotado de capacidades espirituais que poderiam ajudar membros necessitados da comunidade”; ou ainda

<sup>74</sup> Foram sete as referências encontradas que relacionam a religião umbandista com o uso das *Plantas de Poder*, tendo o Santo Daime como locus. São elas os trabalhos de Maria Guimarães (1992); Alves Jr. (2007); Suely Muzimoto (2012); Celso Neto (2012); Alvaro Jr. (2016); Wagner Lira (2016) e Jessica Rocha (2021).

<sup>75</sup> Os meses que sucederam à sua chegada são descritos por Mortimer (2018) como um período de “cegueira espiritual” por parte do Padrinho Sebastião, explicado pelo ocorrido em um trabalho de cura dias antes da chegada de Joselito. Em determinado momento da sessão, ele estava com o cotovelo apoiado na cabeceira da mesa e, *mirando*, apareceu-lhe uma entidade e agarrou seu pulso entrando em uma disputa de “queda de braço”, da qual saiu perdendo: “ao vencê-lo, jogou um pé em seus olhos, deixando-o cego. O Padrinho saiu da igreja guiado. Foi levado até o pote d’água, onde lavou os olhos e a cabeça e foi recobrando a visão” (p. 127).

como a figura responsável por “disciplinar e domar as entidades malignas que campeavam em seu grupo e a transmitir ao próprio Padrinho conhecimentos que ele ainda não possuía” (ALVES JR. 2007, pp. 156 - 157). Os membros mais antigos também o colocam na posição de “sujeito poderoso” ou um “show-man”, tendo em vista a impressão de que as sessões que ele comandava se pareciam mais com um “espetáculo”, principalmente quando ele incorporava entidades como “Tranca Rua”, “Zé Pelintra”, “Galo Preto”, “Exu Caveira” entre outras do panteão umbandista (MORTIMER, 2000).

Apesar de Joselito trabalhar com entidades de *direita*, como “Ogum da Beira Mar” ou os caboclos “Pena Verde e Pena Branca”, era na *esquerda*, “na linha do Tranca Rua” sua preferência de trabalhos. Nas sessões, os Exus tomavam inúmeras garrafas de cachaça, às vezes, despejando-as na cabeça dos participantes, caminhavam sob cacos de vidro; ou ainda conduzem sacrifícios animais descritos como impactantes pelos membros do Santo Daime (MORTIMER, 2000).

Contraditoriamente, embora o carisma e a alegria sejam traços também mencionados para descrever a presença do Ceará, o “amedrontamento” era a estratégia comum no atendimento a quem lhe procurava, produzindo uma atmosfera de intimidação<sup>76</sup>. Mas, o fato é que havia uma confiança tendo em vista que o próprio Padrinho Sebastião acolhia e participava dos trabalhos. O que não impediu o entendimento de que ele estava “como que submetido ao fascínio de um feiticeiro à narrativa pela qual cumpria diligentemente uma trajetória da qual fora prevenido” (ALVES JR, 2007, p. 156). Essa prevenção foi associada a *mirações* vivenciadas pelo Padrinho Sebastião e assim relatadas posteriormente:

[...] Na primeira visão que teve, ele andava por uma estrada quando viu um cavaleiro negro que o seguia de longe. À medida que caminhava o cavaleiro vinha se aproximando, até que finalmente se encontravam no final do caminho. O entendimento que o Padrinho teve durante a visão era de que a chegada do mensageiro negro representava uma coisa pesada que estava preste a acontecer. Depois disso ele viu uma entidade que fumava um cachimbo, uma espécie de um saci. Este ser encostou-se nele com muita força e disse que ia botá-lo para correr da Doutrina. O Padrinho, depois desta segunda visão, ficou meio ressabiado e preocupado, como se esperasse, no dia a dia, um sinal mais concreto da chegada desta ameaça. Mais adiante teve outra miragem, na qual se atracava com um negro muito grande, que lhe falava de uma grande prova pela qual o Padrinho teria de passar para obter o grau de conhecimento a ele destinado. (ALVERGA, 1992, pp. 123-124)

<sup>76</sup> “Zé Pilintra era destemido, chegando a fazer roleta russa para provar que era verdadeiro. Dizia mais ou menos assim: ‘você estão duvidando do meu aparelho?’. O povo dizia que não, mas ele insistia: ‘Para provar que aqui tem verdade vou meter esta bala no tambor do revólver. Se ela pipocar na cabeça é porque tudo isto aqui é mentira’. Rolava o tambor, puxava o gatilho e depois desafiava a plateia. ‘Se tem gente duvidando, vem dar prova de sua verdade aqui com o cano do revólver’. Era coisa de doido, Ninguém ia. [...] Fazia parte de sua estratégia manter as pessoas intimidadas”. (MORTIMER, 2018, pp. 120, 121, 123)

O prazo entre cinco e seis meses em que Joselito atuou na Colônia tanto é descrito como uma instrução recebida pelo Padrinho Sebastião para que se fosse cumprir as coisas anunciadas, como um prazo dado pelo próprio Ceará para “ensiná-lo a dominar os ‘exus’ e fazer deles aliados, até no trabalho de cura” (MORTIMER, 2018, p. 119)<sup>77</sup>.

A recepção de Joselito também foi descrita por uma das filhas do Padrinho Sebastião, a Madrinha Raimunda Nonata de Melo e Souza, como a chegada de um *aparelho* aberto à *atuação* no momento que “o outro lado veio testar ele [o Padrinho] em matéria, mas não venceu”<sup>78</sup>. Ao longo desse período, conta-se que “o povo não tinha mais tempo pra nada”. Os trabalhos aconteciam em situações e horários inesperadas, “perto de meia noite”, e envolvendo o conjunto da comunidade (MORTIMER, 2018, p. 118). Por várias vezes, os próprios trabalhos regulares com o Daime e as obras na igreja foram suspensos, até que chegou o momento do festejo de São João, o santo considerado padroeiro da comunidade. Naquele contexto, o *bailado* marcou uma espécie de transformação coletiva no olhar, no falar e no agir em relação aos trabalhos protagonizados por Joselito e suas entidades. Teria ficado a cargo das *Plantas* “um toque que acordou o Padrinho e todo o povo para o disparate que estavam vivendo” (MORTIMER, 2018, p. 123). Conta-se que o Padrinho Sebastião recorreu ao *Trabalho de Cruzes*, cujo objetivo é o de *desobsessão*, com o intuito de afastamento da presença do Ceará e seus ordenamentos, desencadeando “um sentimento de libertação” (ALVES JR., p. 173).

As narrativas se encontram no fato de que o Ceará, após os fatos ocorridos no festejo de São João, passou a solicitar ao Padrinho Sebastião o Daime para as suas entidades, exceto para o Exu Tranca-Rua – mencionado como seu mentor espiritual, pois este, “ainda não [ia]vai se entregar fácil não” (MORTIMER, 2018, p. 121). Mas, aos poucos, o próprio Ceará foi “entregando toda a sua legião ao Daime” (ALVERGA, 1992, p. 124). Um ponto interessante nesses relatos é que havia um entendimento de que uma *batalha* estava em curso. O Padrinho Alfredo Gregório, que vivenciou de perto esses episódios, atuou diretamente no diálogo entre o Padrinho Sebastião, Joselito e Tranca-Rua. Ele descreve esse momento sob a seguinte visão:

---

<sup>77</sup> A presença marcante de Jeselito e as falanges *quibandeiras* fora entre os meses de fevereiro e agosto (ALVES JR, 2007). Coincidentemente, meses importantes ao calendário tradicional Umbandista no que tange às oferendas destinadas às entidades *esquedeiras* de Exu e Pombogira e suas respectivas festas, fundamentadas no objetivo de consultas mediúnicas caritativas ao público presente.

<sup>78</sup> Entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LD-Ivr6kNa4>. Acessado em 07 de junho de 2022.

Foi chegando a hora em que esse próprio aparelho, o Ceará, foi demonstrando que o meu pai estava com o maioral da verdade. Quando ele viu que não ia vencer, então fez o contrário: começou a dar Daime no aparelho dele, pra todo tipo de Exu e sofredores: Exu Caveira, Exu não sei de que, Galo Preto. Ele já chamava de Exu. Uma vez o Ceará falou: Ah Alfredo, não vai dar certo não, o Tranca Rua está querendo tomar Daime. Se o Tranca Rua tomar Daime está lascado. Eu disse: tu toma também, pra gente conversar. Ele disse: Eu! Eu não! Eu quero lá saber de crui (ele não chamava de cruz, chamava de crui). Não gosto de crui! Quando foi com poucos dias o Tranca Rua baixou, pediu Daime. Quando o Tranca Rua começou a tomar Daime, ele disse que estava terminada a tarefa dele. A tarefa dele estava vencida. O Tranca gostou e agora tenho certeza que ele vai se curar, se iluminar, então não tem mais pra mim. Eu disse: então vamos fazer o bem, ele disse: Ah, faço o bem nada. Só gosto de fazer mal! Eu sei que ele foi entregando os espíritos, entregando, entregando... (apud ALVES JR., 2007, p. 170)

Assim, segundo as palavras do Padrinho Alfredo, a aproximação do Exu Tranca-Rua com a *força* da bebida e seu potencial curativo e iluminador teria feito com que Joselito “amansasse, obtivesse um perdão, e se tornasse um trabalhador da seara” (apud ALVERGA, 1992, p. 127). Sem dúvidas, as continuidades e descontinuidades desses episódios tornam-se emblemáticas, permitindo múltiplas conjecturas que extrapolam os nossos objetivos. Importante aqui é assinalar como o Padrinho Sebastião, tendo as *Plantas professoras* como aliadas, aprendeu formas de lidar com entidades de variadas naturezas e propósitos, uma vez que a despeito dos conflitos e das angústias provocadas no período de atuação de Joselito, perdurou a percepção de que “o que essas linhas todas vieram pedir através do aparelho do Ceará foi uma caridade” (apud ALVERGA, 1992, p. 127), ao mesmo tempo em que indicava os sentimentos do Padrinho ao se deixar, ele próprio, atravessar pelo processo *mediúnico* para, então, “iluminar”.

Essa situação aparece claramente descrita por Alverga (1992) quando recorda uma experiência na qual Padrinho Sebastião recebeu “Ogum Beira-Mar” e que este ao “dar uma explanação” sobre a doutrina, ressaltou os “bens de cura que estava recebendo daquele aparelho; que graças àquele aparelho ele estava recebendo a luz” (p. 130). O que também coaduna com o desfecho de toda essa história no momento que o espírito descrito pelas narrativas como o propulsor – junto a Joselito como seu receptáculo - de inúmeras dificuldades para a comunidade, ter solicitado uma oportunidade da comunidade aceitá-lo “como um irmão”. Conta a Madrinha Nonata Souza sobre o episódio envolvendo o espírito do Exu, o Padrinho Sebastião como médium e o Padrinho Alfredo como interlocutor na situação:

Ele tava no aparelho e falou pro Alfredo: “- *Quero fazer um pedido. Quero que vocês me aceite como irmão e fazer uma casinha nem que seja do tamanho de uma caixa de fósforo*”. Como se fosse um termo de pequeno. [...] “- *Sabe pra quê? Pra mim mandar os meus amigos, que é muito, muito, muito, muito pior de que eu*”. “- *Pois não!*”. Então foi naquele momento que foi feito uma aliança do Tranca Rua com Padrinho Sebastião. Uma aliança de união. Uma aliança de agradecimento por tudo o que ele recebeu, que ele não imaginava.<sup>79</sup>

### 5.2.2.1 “A estrela que não brilha/ Ela não pode iluminar”

O pedido feito pelo Exu após seu processo curativo e iluminatório no *aparelho* do Padrinho Sebastião de levar essa cura recebida para outros espíritos foi aceito e a construção da tão conhecida *Casa de Estrela* foi concebida. A “casinha” da qual ele solicitou recebeu este nome e foi definida como espaço para serem realizados exclusivamente *Trabalhos de Cura*<sup>80</sup>.

**Figura 25 - Casa de Estrela, Céu do Mapiá/AM, 2019.**

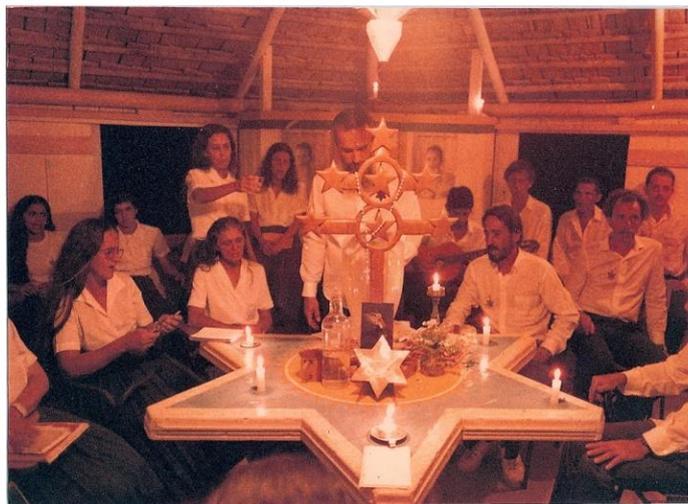


Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

<sup>79</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD-Ivr6kNa4>. Acessado em 07 de junho de 2022.

<sup>80</sup> De acordo com o antigo site oficial da ICEFLU, em relação aos *Trabalhos de Cura*: “os trabalhos de cura compreendem diversos tipos: Trabalho de Estrela, Círculo de Cura, São Miguel, Mesa Branca e Cruzes. No tempo do Mestre Irineu os trabalhos de cura eram basicamente de Concentração, já o Padrinho Sebastião acrescentou uma seleção de hinos que foi aos poucos ampliando-se até chegar na atual versão do nosso Hinário de Cura, com duas partes distintas”. Disponível em: <http://www.santodaime.org/site-antigo/doutrina/cura/doutrinario/estrela.htm>. Acessado em 09 de junho de 2022.

**Figura 26 - Trabalho de Estrela no Mapiá, 1988 - Participantes: Madrinha Regina, Madrinha Julia, Alex Polari, Lucio Mortimer (mesa) e Marinêz, Izabel, Maria Eugenia, Gilda e Padrinho Eduardo, José Mendonça e Nilton Caparelli.**



Fonte: <http://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/mapi/igreja-cu-do-mapi>.

**Figura 27 - Trabalho de Estrela no Mapiá, 1988 - Madrinha Rita, Daíde, Padrinho Alfredo e Padrinho Sebastião na mesa.**



Fonte: <http://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/mapi/igreja-cu-do-mapi>.

Desde então, foram estabelecidas as diretrizes, ainda presentes no site da antiga instituição CEFLURIS (atual ICEFLU), para a realização dessas atividades de cura. Vejamos:

A corrente de cura exige total concentração e atenção no objetivo do trabalho para que os doentes possam se entregar com toda a confiança no destrinchamento espiritual de suas visões sobre a doença, a compreensão das usas causas kármicas e às transformações exigidas para que a cura possa

ocorrer e se manter. A abertura é normal: Oração, Consagração do Aposento, pequena concentração e início do Hinário de Cura. É usada a farda azul, as pessoas permanecem sentadas em torno do Cruzeiro. A mesa é constituída normalmente por 7, 9, ou 12 pessoas, incluindo o presidente da mesa. Os beneficiados não devem sentar diretamente na mesa, podendo ser acomodados em locais especiais (quarto de cura) sempre próximos à mesa de trabalho. Como é habitual, homens e mulheres sentam separadamente. Os médiuns curadores em serviço podem se movimentar na atenção aos doentes, sempre de acordo com o presidente da mesa. Além dos médiuns, devem permanecer na Estrela um fiscal de salão e um fiscal de terreiro, além do despachador de Santo Daime (não necessariamente o presidente da mesa). Devem ser evitados os instrumentos musicais, inclusive maracás, quando não há uma equipe treinada adequadamente. Os hinos devem ser bem cadenciados, intercalados com pausa, a critério do chefe da sessão.<sup>81</sup>

Nos termos da Madrinha Nonata<sup>82</sup> foi formada a aliança de “um compromisso sério” entre o espírito do Exu Tranca Rua e a comunidade, que passou também a ser protegida por ele, desdobrando-se todo um trabalho voltado para a “doutrinação de espíritos sofredores, necessitados de caridade espiritual” que se realizava através da mediunidade de incorporação (ALVES JR., 2007, p. 167), sempre sob a condução das *Plantas professoras* e sua perspectiva de iluminação.

De forma muito interessante, os ensinamentos dos Exus - representantes *do Povo da Rua* - também apuraram ao Padrinho Sebastião a percepção de que é preciso sempre sermos “um foco de luz”, inclusive em meio às situações caóticas que a vida nos coloca. Conforme aponta o Padrinho, essas situações geram um processo de amedrontamento: “medo de ser um bicho, de ser um diabo, com medo dos fariseus, do guarda”; processo esse que deve encontrar um modo próprio de resistência ancorado no preceito de andarmos “clareando tudo” (ALVERGA, 1998, pp. 183,184). Essa ênfase na iluminação em meio às adversidades aparece poetizada em um hino recebido pela Madrinha Nonata Souza:

### **Iluminando Seu Tranca Rua**

Iluminando Seu Tranca Rua  
Estou aqui neste salão  
Para curar meus irmãos  
Sou a força de São João  
E do Padrinho Sebastião

Muitos não sabem  
Por onde eu passei  
Era um e era dois

<sup>81</sup> Disponível em: <http://www.santodaime.org/site-antigo/doutrina/cura/doutrinario/estrela.htm>. Acessado em 05 de novembro de 2022.

<sup>82</sup> Atualmente, a Madrinha Nonata é dirigente junto ao seu marido (Paulo Roberto de Souza) da igreja Céu do Mar/RJ e responsável por conduzir *Trabalhos de Iluminação* em diversos lugares do mundo.

Mas nos três eu triunfei

Este um era o medo  
 Este dois era a dúvida  
 Foi ai que eu me entreguei  
 Iluminando Seu Tranca Rua

Quando ele pediu  
 Com amor no coração  
 Para ele lhe iluminar  
 E ele me chamar de irmão

Ai eu consenti  
 Com prazer e alegria  
 De ajudar estes seres  
 Aqui na nossa Doutrina

Aquele que não crê  
 E nem prestar atenção  
 Esta seguindo outra linha  
 Isto quer queria ou quer não.  
 (*Presença Transparente do Beija-flor*, hino 13)

O hino 13 do hinário *Presença Transparente do Beija flor*<sup>83</sup> marca um dos ensinamentos narrados pelo Padrinho Sebastião em expor à comunidade religiosa sobre a configuração do comprometimento da linha religiosa em “receber”, “ajudar” e “iluminar” a todos os seres que chegarem “na nossa doutrina”. Com 21 hinos no total, a peculiaridade deste hinário é o fato de grande parte dele sido *entregue e recebido* em caráter póstumo, pela prática de comunicação *mediúnica* entre pai e filha e ser compreendido pelos membros como uma fonte de renovação dos saberes do Padrinho Sebastião no fluir dos seus trabalhos de *Cura*.

Nesse contexto, vida e morte não representam mais um fim de relações e/ou enfrentamentos com as possibilidades de um espírito gerar agonias, sofrimento, curas, conselhos ou mesmo conduzir o povo do Daime, mas transformam-se em saberes encantados, imortais. Sendo a morte “compreendida como o fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade: o desencantamento” (RUFINO, SIMAS, 2018, p. 34). Tocamos assim no caráter multifacetado e indecifrável de Exu e a complexidade com a qual ele opera - por mais que se tente - parece extrapolar quaisquer tentativas de enquadrá-lo dentro de uma lógica colonial arraigada ao binarismo de bem/mal ou certo/errado. As narrativas que se comprometem a contar – ou a

---

<sup>83</sup> Portanto, questões relativas ao uso da Santa Maria, curas operadas pelo Padrinho Sebastião ao ser incorporado pela Madrinha Nonata ou ainda o direcionamento da abertura de trabalhos de iluminação aconselhados por ele a ela, são pautas dos hinos enviados do *astral* pela sua *presença transparente*, seu *ser espiritual* que continuaria ensinando.

calar – sobre sua presença na história do Santo Daime, quase sempre trazem à sua figura paradoxos discursivos, contradições e leituras múltiplas, mas sua presença inscreve a sua regência energética da mutação<sup>84</sup>.

Em razão disso, destaco que a experiência com Exu no Santo Daime não pode ser resumida ao episódio do Ceará, embora ele seja extremamente importante para se compreender sua presença em tom de mito-fundador e o que é defendido como sua missão na religião - esta, tal qual sua *energia* volátil, passível de uma eterna e infinita redefinição. Ou ainda a enunciados que reduzem as figuras de Exu e Pombagira a lugares de espíritos de *baixa frequência energética, obsessores, carentes de luz* ou de saberes. Posicionamento discutível e questionável não somente pela literatura<sup>85</sup> que apresenta essas definições como obras do projeto colonial e seu *carrego* mantido pelo espectro de violência (RUFINO, 2019), mas que também vem passando por inúmeros processos reformuladores, protagonizados pelas gerações mais recentes.

Sendo transgressor e movimento em si, “Exu produz contágio para além do que o colonizador possa suportar” (ROCHA, 2021, p. 219). Exu - sendo o início de tudo o que acontece – principiou um agir a partir do encontro de seu *axé* com as *Plantas professoras*. Um encontro que, sem dúvidas, impactou profundamente a comunidade. Desde então, assim como nas religiões de matriz afrodescendente, na linha de trabalhos daimistas do Padrinho Sebastião, as experiências com o *Rei das encruzilhadas* marcam o início de um outro tempo.

Aqui compartilhamos, portanto, da noção de encruzilhada enquanto “boca do mundo”, lugar pedagógico onde saberes marginalizados emergem “como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo” (RUFINO, 2019, p. 13). Notamos que ficou a cargo do *Senhor* da mutabilidade, das contradições e das trocas justas colocar no *cruzo* as decisões futuras da linha religiosa do Daime. Sua presença refez as escolhas e os caminhos dos seus trabalhos espirituais. Exu fez a gira girar.

### 5.2.3 “Com São Miguel, meu arcanjo protetor/Eu tenho força de passar em toda prova/Vou confiando pois estou com meu Senhor/Que ao vencedor prometeu a vida nova”

---

<sup>84</sup> Sobre essa questão, destaco as discussões iniciadas por Alves Jr. (2007); e a recente e vigorosa pesquisa realizada por Jéssica Rocha (2021) que traz contribuições significativas na compreensão sobre o lugar tanto de Exu quanto da erva de Santa Maria dentro do Santo Daime.

<sup>85</sup> Sob esse aspecto, são grandes contribuições os trabalhos de Rufino e Simas (2018), Rufino, (2019) e, especificamente sobre o santo daime, Rocha (2021).

Enquanto o estabelecimento da comunidade acontecia no Rio do Ouro, incluindo o desenvolvimento dos citados primeiros *Trabalhos de Estrela*, a Colônia Cinco Mil seguia sob administração do Padrinho Alfredo. Desse período, destaca-se o acometimento de uma doença por parte do Padrinho Alfredo delimitada tanto como “perseguições espirituais”, e como “uma malária a causadora dos delírios”. Ocorreu que, durante 18 dias, este permaneceu “trancado em casa”, “só tomava líquidos e a bebida sagrada”, “com febre”, junto a outros dois membros, que o acompanhavam tomando conta do doente (MORTIMER, 2000, pp. 191-193).

Ao longo desse processo, o próprio Padrinho Alfredo relatava sentir “algo” querendo lhe “sufocar”. Em meio às agruras relatadas e para amenizar seus efeitos, foi realizada uma sessão de cura. Conta Mortimer (2000) que aquele trabalho “durou muitas horas, mas a recordação hoje em dia parece que foram apenas alguns minutos”, e que ele passou a se “segurar” em São Miguel “que é o anjo guerreiro, defensor do reino sagrado” (p. 191).

Como resposta, por via das *Plantas*, foi acessada uma “mensagem do astral”, cuja instrução levou o Padrinho Alfredo a solicitar aos “moradores da vila para fazerem uma limpeza geral em todas as casas e terreiros” (MORTIMER, 2000, p. 193). Mas, o desígnio exprimia a necessidade de uma “limpeza” que fosse do plano material ao espiritual, como conta o Padrinho Alfredo:

O trabalho de São Miguel foi assim, acho que uma necessidade de vários ataques de espíritos, de outros Seres, ou seja, alguma coisa mediúnica que estava muito pesada no nosso meio, e que daí mirei esse Trabalho. E veio mesmo! Escrevi, foi formado e teve seus resultados. (apud ALVES JR, 2007, p. 197)

Um hino demarcou o processo de abertura de um trabalho dedicado à limpeza espiritual. “Com o Poder do Céu”, hino número 98 do hinário *O Cruzeirozinho*, do Padrinho Alfredo Gregório, ofertado a Lúcio Mortimer que, inclusive estava no momento em que as sete estrofes do hino eram *recebidas*, como uma ‘Chamada de São Miguel’” (MORTIMER, 2000, p. 192), e que abre as 25 *Chamadas dos Mensageiros* no *Trabalho* dedicado à *invocação das forças celestiais* do arcanjo:

**Com o poder do Céu**  
Com o poder do Céu  
Da Terra e também do Mar  
Ordeno a São Miguel  
A força Deus é quem dá

A força Deus é quem dá  
Para quem tem conhecimento

Reconhecendo os primores  
E não tirar do pensamento

Só Deus, só Deus, só Deus  
É quem pode nos segurar  
Para nós vencer a batalha  
Para adiante se alcançar

Para adiante se alcançar  
O que custa grande sofrimento  
Que é amar com firmeza  
A Deus Pai do firmamento

O Deus do firmamento  
É o Sol e a Lua  
No firmamento está o carreiro  
E o Cruzeiro, caminhada sua

A constelação chegou  
Bem juntinho da Virgem Maria  
No Cruzeiro está o rosário  
Dos pedidos em agonia

A força quem tem é o Rei  
Jesus Cristo, o Mestre de sempre  
Tudo no coração de Maria  
Na Terra e em todo firmamento.  
(*O Cruzeiroinho*, hino 98)

“Foi neste tempo que incorporamos na doutrina o trabalho de São Miguel”, introduzindo ao ritual “hinos selecionados e preces mediúnicas de limpeza espiritual” (MORTIMER, 2000, p. 194). Apresentado posteriormente ao Padrinho Sebastião no Rio do Ouro, as sessões incluíram no calendário daimista o *Trabalho de São Miguel* dedicado à cura e limpeza espiritual, realizado sempre nos dias 27<sup>86</sup>. A estrutura do ritual tem início com o conjunto de hinos da *Oração*, do Padrinho Sebastião, em seguida canta-se por três vezes o hino “Sol, Lua, Estrela” do Mestre Irineu. Segundo o website da ICEFLU: “Nesse momento devem ser firmadas três velas na mesa além das usuais. O trabalho tem uma parte dedicada à chamada dos mensageiros de São Miguel e uma outra com uma parte dos hinos de cura. Durante todo seu transcurso, intercala-se preces espíritas kardecistas”<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> Atualmente, de acordo com o *website* da instituição, “a decisão para a realização deste trabalho depende da autorização do Conselho Doutrinário da ICEFLU”, pois, “é necessário que haja uma equipe de cura credenciada”. Disponível em: <https://www.santodaime.org/site/ritual/2014-01-29-20-09-14/outros-trabalhos/trabalho-de-sao-miguel>. Acessado em 16 de junho de 2022

<sup>87</sup> Disponível em: <https://www.santodaime.org/site/ritual/2014-01-29-20-09-14/outros-trabalhos/trabalho-de-sao-miguel>. Acessado em 16 de junho de 2022. Além deste, há ainda a realização de um festejo no dia 29 de setembro, data dedicada pelo catolicismo à celebração de um dos sete anjos responsáveis por “tocar as trombetas” em tempos apocalípticos. O festejo, no Santo Daime, é realizado pelo trabalho *bailado* em que os

Para Alves Jr. (2007), seriam as “atuações de São Miguel do Padrinho Alfredo”, articulada com passagens no *astral*, representantes do “escoadouro de uma sucessão de formatos rituais que aceitavam a incorporação como ferramenta de trabalho espiritual” (p. 199). Portanto, no curso de desenvolvimento do comando institucional do Santo Daime na linha religiosa do Padrinho Sebastião, o *Trabalho de São Miguel* e o posterior desenvolvimento de outros trabalhos, como as *giras*, marcam também o início de uma descentralização da figura do Padrinho Sebastião enquanto o responsável, até ali, por agregar à sua linha de trabalhos outros modelos litúrgicos nas sessões espirituais.

A prática da incorporação se perpetua enquanto elemento chave na promoção de cura dentro das sessões, como aponta a Madrinha Nonata em recente crítica aos centros daimistas e/ou pessoas que querem “tapar essa história como se ela não tivesse existido”, ensinando a respeito de como os *espíritos sofredores* chegados às sessões devem ser entendidos e atendidos:

Então, é importante aquelas igrejas que foram oprimidas por pessoas que às vezes não entende, não sabe lidar. Mas o Daime ele abre a mediunidade dentro de um trabalho e fecha sem nenhuma interferência de pessoas ficar... Não. Abriu, ser chega... Caiu no chão?! Primeira coisa: Santo Daime, uma cruz na testa, “-*Seja bem-vindo a casa de Deus. Seja bem-vindo a casa de Nossa Senhora para receber a santa luz, a santa paz*”. E aí, cada ser tem sua história. Só em ele manifestar mesmo de cair no salão e receber o Daime sem falar nada, ele recebeu a cura dele. [...] Esses seres é pra ser atendido, é pra ser iluminado. [...] Quando o Daime abrir a mediunidade de alguém dentro da sessão, os fiscais podem ficar tranquilo, pode ficar calmo que o Daime tá trabalhando aquela pessoa. O próprio instante que você interfere: “-*Não pode atuar*”. O Exu fica mais violento e bota pra acabar a união daquela corrente através de briga, através de intriga, através de correio-damá-notícia [fofoca], através de tudo o que não presta, porque eles falam: “-*Ah, é?! Nós viemos pra cá pra receber a luz e tão negando? Então toma!*”. E aí o pau come!<sup>88</sup>

Assim, todas essas experiências intensificaram os trabalhos com espaços para a *incorporação* de espíritos, fossem entendidos como necessitados de *cura, luz* ou das *guianças*<sup>89</sup> que *baixavam* para auxiliar encarnados e desencarnados. A abertura para a ampliação do estudo *mediúnico* com as *Plantas professoras* caminhou por duas frentes: uma,

---

hinários do Padrinho Manoel Corrente, Lúcio Mortimer e da Madrinha Dalvina são entoados no intuito de comemorar o aniversário do Padrinho citado, e relembrar a presença e o significado do *arcanjo* São Miguel enquanto aliado para os enfrentamentos vivenciados pelos daimistas em meios às *batalhas espirituais* travadas nas sessões *mediúnicas* e na vida dos membros.

<sup>88</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y4LzOH6yqhM&t=1052s>. Acessado em 05 de junho de 2022.

<sup>89</sup>Com esse termo referenciamos todos os espíritos considerados enquanto potenciais curandeiros ou aliados nesse processo. Estes podem se utilizar dos *médiums*, por exemplo, tanto para operar curas em sentido físico em outras pessoas com *passes, limpezas, benzeduras* e orações, ou ainda para fazer preleções a toda igreja.

fazendo da experiência individual a ponta de lança da construção de novos trabalhos espirituais e, outra, como elo fundamental no intercâmbio formativo entre umbandistas e a floresta enquanto uma característica particular da linha do Padrinho Sebastião, constituindo-se como uma peculiar ferramenta ativada em momentos de aflição e doenças materiais e/ou espirituais.

Dessa ótica, as passagens de cura parecem atuar como um vetor multiplicador na transformação de mundos, como se as *Plantas professoras* agenciassem novos meios para continuar a ampliação e difusão dos seus saberes, transmutando, nesse percurso, vivências singulares em trabalhos coletivos de proteção da vida comunal.

#### 5.2.4 “Esta linha de Umbanda/Da Floresta até o mar/Esta viva no meu ser/Assim como os Orixás”

Após essa união entre a Umbanda e o Santo Daime ocorreu uma expansão da religião para outros estados além do Acre e Amazonas, com a inauguração de outros Céus, para além do Céu do Mapiá. Duas dessas igrejas se estabeleceram no Rio de Janeiro, lugar central de onde novas experiências e pessoas passaram a ser integradas à linha do Padrinho Sebastião.

Como assinalado anteriormente, esse processo se deu a partir do movimento de intercâmbio com os mochileiros que iam e vinham da floresta. Alguns saíam de lá transportando a bebida, entregue sempre como um presente dos Padrinhos. Foi assim que ocorreu sua experimentação, através de um grupo de daimistas (também umbandistas). Tratava-se das/dos *filhas/filhos-de-santo* e do marido da conhecida Mãe Gamo da Oxum, ou Mãe Baixinha. *Mãe-de-santo* do terreiro de Umbanda “Tata Ojú”, religião a qual ela exercia função sacerdotal.

As pessoas frequentadoras do terreiro se encarregaram de realizar uma aproximação entre ela, o Daime e o Padrinho Sebastião. Conta uma de suas *filhas* daimistas, Maria Alice Campos Freire: “Quando fui a uma mesa dela, a Baixinha me falou: Quero conhecer esse véio. Eu preciso ajudar esse homem. Aí ela me deu essa missão: Eu não quero conversar com esses padrinhos daqui, eu quero conversar é com ele” (apud ALVES JR., 2077, p. 183). Segundo Alves Junior, dois eventos foram fundamentais para a ligação entre religiões. O primeiro decorreu de um *Trabalho de Estrela* realizado no Rio de Janeiro pelo Padrinho Sebastião, no qual um dos guias espirituais da Baixinha apresentou-se e propôs uma aliança entre as religiões. Esse processo ficou expresso em uma narrativa contada por Alex Alverga:

Foi em Mauá que o Caboclo Tupinambá se junta com o Padrinho Sebastião, e com a presença do Padrinho Alfredo também. Quis se aliar com a Doutrina e se botou, com toda a banca dele, dentro do comando Juramidam ali representado. Expressou a intenção e de alguma maneira o Padrinho também abriu, de ele [o caboclo] ser um auxiliar na lapidação da mediunidade do povo do Padrinho. (apud ALVES JR., 2007, p. 184)

Após a formação desse acordo, ocorreu uma série de outros trabalhos de *banca e giras* com Daime organizados pela Baixinha e Alex Alverga (líder de uma das igrejas no RJ), sucedendo um intercâmbio de experiências, trabalhos e estudos com as *Plantas* entre o terreiro Tatá Ojú e o Céu da Montanha. Mediante seu fardamento, a Baixinha funda uma igreja do Santo Daime no município de Nova Friburgo/RJ, reunindo em um mesmo local o terreiro e a igreja. Desse modo,

paulatinamente a Baixinha se inseriu no circuito daimista como uma referência; mãe-de-santo, curadora, respeitada pelos comandos das igrejas e aceita pelos padrinhos da floresta [...] Passou a ser reconhecida como uma liderança espiritual e o seu Caboclo Tupinambá como aquela entidade espiritual que se materializava, dando corpo às referências difusas dos caboclos citados nos hinários oficiais. (ALVES JR., 2007, p. 188)

O segundo evento destacado por Alves Junior (2007) foi marcado em outra visita ao Rio de Janeiro do Padrinho Sebastião e de um de seus companheiros, Manoel Corrente (ou Vô Corrente, como é conhecido), ao terreiro Lua Branca da Mãe Baixinha. A pedido do Caboclo Tupinambá, o Padrinho Sebastião foi chamado para ir até uma *gira* que acontecia no local. Maria Alice Freire, presente no trabalho, narra um episódio que condensa interpretações míticas aos daimistas por mesclar a presença do Padrinho Sebastião e sua ligação divinatória com a figura tanto do Orixá Xangô, quanto sua representação sincrética católica associada à São João Batista:

Quando ele entrou na roda, foi muito forte, porque a Baixinha tem uma irmã chamada Antonia - é muito forte aquela mulher- e quando ela tinha que fazer uma *gira* muito desafiadora, ela chamava a Antonia com aquele Sete Flechas. E a Antonia não sabia nada, nada, de daime, estava lá na *gira* dela, atuada com o Sete Flecha. Quando o Padrinho Sebastião entrou na roda, ela começou a cantar: “Meu Pai São João Batista Ele é Xangô / Senhor do meu destino até o fim.” Foi tudo muito incrível, sabe? O Padrinho se atuou na mesma hora, muito, extraordinário! Tinham feito tipo um trono cheio de folha, arrumado pra ele e pra Madrinha se sentar, pra receber eles. Ele atuado lá, dele mesmo, era muito forte, sentia aquela dor no coração, atuado... Sentaram ele ali. Aí começou a descer todos os caboclos de Xangô, e aqueles aparelhos que não sabiam nem o que era daime, foram todos se jogando nos pés do Padrinho, batiam cabeça pro Padrinho Sebastião. O Padrinho chorou, foi muito incrível essa passagem! Depois da *gira* fomos lá

na casa tomar daime e cantar a Oração; o Padrinho se sentou na cabeceira da mesa e puxou a Oração todinha, coisa mais linda do mundo ele puxando! Nessa hora a Madrinha Rita falou assim pra mim: gostei de ver o seu trabalho! (apud ALVES JR, 2007, p. 187)

Com base nessas narrativas, teria sido, portanto, a figura do Caboclo Tupinambá o responsável por promover a ponte entre o Santo Daime e a Umbanda. A entidade que, dentro da sua falange umbandista, tem como função promover *limpezas* e curas, teria sido quem revelou à Baixinha, através da ingestão do Daime, sua proximidade com a religião da floresta. Conta a Mãe de Santo:

O Caboclo (Tupinambá) tem um trabalho para fazer com eles (fiéis do Daime), se eles são médiuns eles não são desenvolvidos, eles são conhecedores da espiritualidade, mas não com consciência, eles sabem que existe a incorporação, mas não estão se preparando para isso e o trabalho do Caboclo é preparar esses médiuns. Os caboclos vêm trabalhar com o Daime curar, usar o Daime para a cura (...). Quando o Caboclo (Tupinambá) andou por aqui, (...) não tem nem dúvida que ele deve ter acompanhado o Mestre Irineu, ele conta a história do Mestre com a maior clareza. (apud GUIMARÃES, 1992, p. 39)

Nesse âmbito, destaca-se o desprendimento de certos dogmas religiosos para que esta aproximação se efetivasse. No desenvolvimento do estudo com as *Plantas professoras*, Mãe Baixinha dizia: “não me sinto religiosa, não tenho religião, eu sou espiritualista, só isso” (apud GUIMARÃES, 1992, p. 34). Assim, não tardou o convite para que a Mãe Baixinha e suas *filhas e filhos* se juntassem ao Padrinho Sebastião no Céu do Mapiá, sob o intuito de introduzir novas experiências ao círculo daimista, sobretudo pelo intuito da formação de um “corpo de médiuns para apoiá-lo nos embates da espiritualidade” (ALVES JR., 2007, p. 188) por via da aprendizagem com as *Plantas*.

No ano de 1988, uma de suas *filhas-de-santo* foi visitar a floresta. Maria Alice Freire foi uma das pessoas centrais nesse processo de aprendizagens mútuas. Na época, o Padrinho Sebastião lhe fizera um pedido: “- eu quero que tu vá lá na mata pra abrir uma clareira, pra tu chamar seus caboclos pra curar os meus doentes. [...] E [depois] ele disse: Eu preciso por que o meu povo tem a luz, mas está sujo. Não estão preparados para receber a luz do Santo Daime. Quem vai me ajudar a limpar eles são os caboclos” (apud ALVES JR., 2007, p. 189). Segue a narrativa de Maria Alice:

Quando o Padrinho me mandou chamar os caboclos e fiquei apavorada, no outro dia fui conversar com ele. Eu disse: *Pois é, o senhor me pediu pra fazer isso, mas eu não recebi da linha de Umbanda esse trabalho. Esse fundamento, eu recebi do Daime.* Na Concentração o Mestre Irineu me disse

certinho o que eu tinha que fazer, como eu ia chamar as almas, como eu ia abrir o trabalho. Aí comecei. (apud ALVES JR. 2007, p. 189)

As instruções contaram com a construção de um pequeno espaço no meio da floresta onde se dedicariam a realização de trabalhos. Segundo o pesquisador Alves Junior (2007), a abertura dessa clareira na mata sinalizou “simbolicamente a inauguração de um formato de trabalho espiritual claramente associado à Umbanda”. Além desse fator, um ano após sua chegada à Vila, a presença da visita da Mãe Baixinha na floresta também causou um forte movimento na comunidade, construindo o traço memorável da “gira, dirigida pela Baixinha e pelo seu caboclo Tupinambá, como o momento em que conheceram a Umbanda” (pp.190-191), e alimentando o traço vivente tão tradicional e característico às duas religiões. Como conta uma das suas *filhas*, Maria Alice Freire:

Um belo dia a Baixinha desembarcou por lá. Ela mandou abrir um terreirão e fez o maior girão, botou todo mundo pra girar e tal. Quando ela foi embora, eu falei pro Padrinho: e agora? Porque eu trabalhava só com poucas pessoas. Ele disse: Agora fé em Deus e pé na tábua. Aí fomos em frente, trabalhando. (apud ALVES JR. 2007, p. 190)

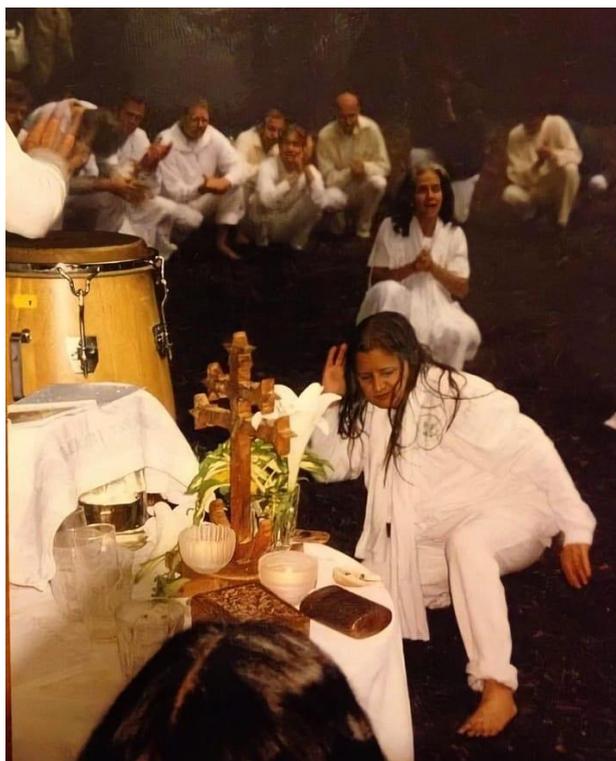
**Figura 28 - Imagens da gira mencionada por Maria Alice Freire com a Mãe Baixinha, no Céu do Mapiá, em 1989.**





Fontes: <https://m.facebook.com/222195684469432/photos/flor-da-montanha-lumiar-baixinha-essa-%C3%A9-uma-li%C3%A7%C3%A3o-de-inclus%C3%A3o-de-coopera%C3%A7%C3%A3o-de-r/877767002245627/>  
<https://soundcloud.com/kaparual/baixinha-o-daime-e>.

**Figura 29 - Mãe Baixinha e, ao fundo, Maria Alice Freire.**



Fonte:  
[https://www.instagram.com/p/CdlxfsqPHFlsPiBuf7\\_8GznrA3aOavih1rhas0/?igshid=YmMvMTA2M2Y=](https://www.instagram.com/p/CdlxfsqPHFlsPiBuf7_8GznrA3aOavih1rhas0/?igshid=YmMvMTA2M2Y=)

A visão do Padrinho unia as experiências individuais dele às necessidades que julgava serem parte dos entraves coletivos, onde também, acredita-se, residiam a fonte de males e doenças. Seria preciso, a partir dessa aliança, conhecer, estudar e aprender sobre para que pudessem enfrentar os desafios que se apresentavam na estruturação da comunidade.

*Ele começou a ter passagens difíceis porque a mediunidade dele afluía e via o sofrimento de muitos que não era peia, era o sofrimento de muitos sofrendores que acompanhavam as pessoas e ele começou a perceber que aquilo eram aparelhamentos. Esse tal sofrimento e essa tal peia que diziam eram aparelhamentos de espíritos que andava a volta das pessoas. Espíritos ancestrais, né... E a possibilidade de iluminar através do Santo Daime, da bebida dada ao aparelho que aparelhasse esses espíritos. [...] Então ele começou a ver a importância de as pessoas entenderem sobre mediunidade, sobre aparelhamento. Foi quando ele buscou, conheceu a Baixinha. [...] Então, com o conhecimento com a Baixinha, ele quis trazer essa aliança. Então, o povo dela vir tomar Daime, ela tomar Daime e sentir a força, e sentir o trabalho que o Daime faria dentro de si. E o Padrinho conhecer mais a Umbanda, que poderia ser um grande potencial pros aparelhos da casa dele aprenderem com a Umbanda a desenvolver a sua mediunidade. Então ele encontrou a Baixinha [...] E aí ele se encantou, né, e viu que via uma grande possibilidade na Umbanda como um canal de preparação pros aparelhos aparelharem os espíritos sofrendores. (Clara Shonobu Iura, entrevista)*

A citação acima foi narrada por uma outra convidada vinda do Rio de Janeiro com quem tivemos contato em nosso trabalho de campo através de entrevista. Filha de imigrantes japoneses, Clara Shinobu Iura, nascida em 1950, em São Paulo, é conhecida pelos membros da religião de dentro e de fora da comunidade amazônica como outro pilar tanto na construção, quanto na continuidade dos trabalhos *mediúnicos* na linha do Padrinho Sebastião.

Clara escolheu me contar sobre três vivências anteriores a sua chegada na religião do Daime, que foram mencionadas enquanto experiências marcantes da sua “entrada no caminho espiritual”, e que estiveram na base de sua trajetória formativa desdobrada junto às *Plantas professoras*. Embora tenha sido um longo relato, a escolha de contá-lo é justificada por ele expressar as questões formativas que estão na base de suas práticas de atendimento e desenvolvimento *mediúnico* da comunidade daimista. Sua narrativa inicia em sua juventude, com seu descontentamento em viver dentro do “sistema de vida” japonês ensinado pelos seus pais imigrantes quando recebe a notícia que seu pai havia falido.

*Nossa, fiquei tão feliz! Que aí eu ia poder ser feliz. Eu ia poder ser liberta. Eu ia poder sair do grupo da sociedade japonesa. Porque, os japoneses, quando uma pessoa fracassa, [...] se uma pessoa entra em falência, eles convidam o sujeito a fazer Hara-kiri. [...] Se matar! A pressão era tão*

*grande, que acabava tendo que se matar. Tinha muita gente que nessa época faliu por conta da política mesmo, e eles se matavam. Porque é uma desonra isso dentro da filosofia lá dos japoneses. Então, eu pude sair dessa história. Eu bati palmas. Imagina... Coitado do meu pai, passando altas... E eu achando ótimo porque eu ia poder trabalhar, eu ia poder estudar de noite, entendeu? [risos] Nessa época eu já era bem [inaudível] sem saber que era. (Entrevista)*

Nesse contexto, ainda jovem, Clara mergulhou de vez no modo “brasileiro de vida”, incorporando seus “costumes”, ao mesmo tempo em que buscava encontrar um caminho para “entender a vida, entender o pensamento humano”. Para ela, “Deus” era apenas um “conceito”, ou seja, uma farsa, tomando então a decisão de ingressar na faculdade de Filosofia. Paralelamente, passou a “frequentar a vida noturna em São Paulo”, quando relata ter entrado “num outro mundo, um mundo marginal”. Clara atribui essa situação ao seu contato com “drogas”, quando diz ter usado “cocaína, melado, maconha”; além do fato de ter morado em “casa abandonada”, e de ter dias em que “bebia meia garrafa de cachaça” (Entrevista).

Contudo, nesse mesmo período, sua irmã começou a frequentar um terreiro, mas Clara afirmava, na época, “odiar aquelas coisas”. Nisso, a irmã lhe expressou um diagnóstico de sua situação advindo da nova convivência religiosa: “Ah, eu fui numa mulher e a mulher falou que você estava completamente atacada por pomba-gira (eu andava à noite, eu gostava da noite), e que tão tentado acabar com você”. Sua resposta foi daquilo ser uma “besteira” (Entrevista). Logo, em seguida, ocorre o primeiro momento marcante na sua história de entrada no que ela mesma chama de “caminho espiritual”:

*Então, nesse tempo aí eu comecei a entrar numa deprê. Não deprê, né, tava no caminho escuro mesmo. De beber, ficar bêbada no meio da rua. Também não tava nem aí. Aí aconteceu um fato, assim, num dia de “sábado de aleluia”<sup>90</sup>, nós tavamos em São Paulo, num lugar badalado de São Paulo. [...] Tava com aquelas saias meio babadão, o último babado tava rasgado. Sentada no meio-fio, aparece um negão de dois metros de altura e tava assim, umas 8, 10 pessoas. Aí o cara chega direto em mim, me agarra, ninguém nem sabia nem da onde tinha aparecido aquele cara. Me agarra e diz assim: “-Vê se te enxerga, mulher! E você tome vergonha na cara! Vá pra tua casa! Vá embora agora!” [tom de voz como se fosse um grito]. E todo mundo querendo mexer... O cara era imenso! Ele falou assim: “-Esse lugar é meu! E tu vá pra sua casa!”. Cara... Tomei minhas bases. Eu fiquei tão assustada... E eu fui embora pra casa. (Entrevista)*

---

<sup>90</sup> Para os cristãos, seria a data entre a crucificação de Jesus Cristo e a sua ressurreição, no Domingo de Páscoa. Sendo ainda a data que marca a morte do discípulo Judas Iscariotes, a quem é atribuída a traição a Jesus e, conseqüentemente, sua morte.

O dia seguinte foi descrito como a acentuação da “deprê”, mediante uma reflexão sobre si mesma: “vendo que eu não saia da bebida, né”. De outro lado, dizia para ela mesma: “-Ah, que vida mais cacete essa! Pra quê que a gente tá vivo? Devia morrer todo mundo”. Clara prossegue contando que chegou a pensar em “comprar um remédio, fazer uma comida hoje e vamos morrer todo mundo em casa”. Mas, ao sair de casa e ir à farmácia em busca do remédio, disse ter tido uma sensação de que “todo mundo olhou pra mim. Quer dizer, já era paranoia, né. Eu já tava noiada” (Entrevista). Passou a vagar pela cidade, chegando ao museu “Lasar Segall”, em São Paulo, onde teria acontecido a continuidade do seu “renascimento” espiritual:

*Aí fiquei vendo as esculturas, tal, pra passar o tempo. Aí uma pessoa falou: “-Ei, moça, você não quer conhecer o ateliê livre? [...] A pessoa que vem no museu, ela pode entrar aqui, fazer o que ela quiser. Não precisa pagar nada. Se você quiser, nós temos barro, nós temos pintura, bordado, tear... o que você quer fazer?”. Eu falei: “-Acho que eu vou querer mexer no barro. Me deu vontade de mexer no barro” [...]. Aí uma hora chegou uma pessoa e disse assim: “-Moça, a senhora não vai embora não?” [...] Eu falei: “-Por quê?”. “São dez horas da noite”. Oh! Não vi nada... Eu sumi! Quando eu me vi, eu tava diante de uma peça que era um toco de árvore cortada assim no meio, [...] só tava a raiz. E ficou lindo, sabe?! Aí eu me toquei do que eu tava fazendo. Eu falei: “-Eu ia comprar um remédio, eu ia matar meu pai, minha mãe. Nossa, que loucura, cara! Como que é isso? Nossa, que bom que eu tô viva. Olha, e eu sei fazer uma coisa na vida, né”. [...] E a minha vida começou a se transformar a partir daí. Eu renasci no barro e as coisas começaram a se abrir pra mim. (Entrevista)*

O segundo momento narrado exprime uma dimensão de busca intencional por algum caminho espiritual. Então uma amiga lhe convidou para participar de uma “meditação” com “um cara que veio da Índia”. Ao mencionar não ter o dinheiro para participar, escutou da amiga a seguinte citação: “quando o aluno tá pronto, o Mestre abre a porta”. Decidiu ir e conta, com surpresa, como surpreendentemente “o cara deixou fazer a meditação de graça”. A vivência foi descrita como parte do “movimento do Osho”, que, na época se chamava *Bhagwan Rajneesh*, com suas práticas de “meditação dinâmica” (Entrevista). Clara descreve como foi a experiência:

*Você faz uma regressão e volta a uma idade de neném, aí você tem uma atuação, vamos dizer, de neném. Você revive o instante que alguma coisa aconteceu com você quando você era bebê. E eu chorava feio um bebê de três meses de idade, quando eu entrei nessa passagem. E quando eu voltei dessa passagem, eu olhava o mundo, olhava as coisas e tudo era outra coisa. Não tinha mais [...]. Aí, na hora que eu abri os olhos e voltei a mim mesma, eu via as pessoas e parecia que elas tinham purpurina. Que hoje eu entendo que era a aura que eu tava enxergando. (Entrevista)*

O terceiro momento vital destacado por Clara antecederia justamente a sua experiência com o Santo Daime. Ela narra ter tido “contato com o extraterreno”. Esta aproximação teria durado cerca de três meses e, durante o processo, diz: “senti meu corpo alterar, [...] quase não dormi ou comi. Eu não podia duvidar, porque a prova era grande”<sup>91</sup>. Clara conta como recebeu vários alertas “para o planeta terra” e, sobretudo, que lhe “ensinaram que tava pra acontecer uma destruição horrível da natureza”. Mas, além do diagnóstico planetário, ela contou sobre a descoberta de um caminho para o que estava sendo apontado: a existência de “um povo acima da serra das araras”, e que seria sua nova “casa”. Após “sete anos perambulando, procurando esse povo”, Clara conta, aos risos, sobre o episódio de sua chegada ao salão de trabalho daimista. Apesar de, na época, já saber “do povo do Daime”, enfatiza que “não queria saber dele, porque eu achava muito certinho demais pro meu gosto. Usava uniforme de normalista [risos]. Aí eu achava tudo aquilo ridículo [risos]. E ficava fugindo”. Contudo, em uma das visitas do Padrinho Sebastião ao Rio de Janeiro, em fins dos anos de 1980, Clara estava “morando com um companheiro que era do Daime” (Entrevista). Aproximava-se o dia de um dos festejos daimistas, dedicado a São José, comemorado no dia 19 de março. Ela lembra:

*Eu falei: “-Eu? Quero distância desse povo! Eu vou é pra Mauá, [...] na casa de uma amiga minha. Eu vou na casa da Tâmia. Vou-me embora daqui. [...]”. Aí, antes de ir à Mauá, fui na casa de um amigo meu que lia cartas, lia Tarot. Ele falou: “-Onde você vai?”. Eu: “-Vou pra Mauá”. “Fazer o que?”. Eu falei: “-Ah, porque eu não quero ir com esse povo do Daime”. “E vai na casa de quem?”. “Vou na casa da Tâmia”. Ele começou a rir. Ele ria que ele rolava no chão. Ele falou: “Vá, Clara, vá na casa da Tâmia! [...] Olha, a Tâmia, sabe onde ela mora? [...] Ela mora dentro da comunidade do Santo Daime, minha filha. Acho melhor você tomar esse Daime, você não acha não?”. Aí eu falei: “- Bom, então, tá, né? Se é assim, se é o poder que tá mandando, então, é melhor eu ir. Vou lá ver o quê que é”. E fui. [...] Aí quando eu tomei o Daime, eu: “Nossa! É aqui! [...] Vou me entregar, né, porque aqui é o lugar, aqui que é a história”. E é acima da terra das araras [...], em Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro [...]. (Entrevista)*

Então, após a experiência com o Daime, ela prosseguiu fazendo parte dos trabalhos e fardou-se. Depois de um tempo, voltou a “achar tudo aquilo esquisito”, resolvendo sair da comunidade. Foi para São Paulo visitar seu pai junto com sua filha pequena. Ao chegar ao estado vizinho, pensou sobre questões que lhe geravam a estranheza e o sentimento de

---

<sup>91</sup> Esta última fala, especificamente, retiramos de uma citação sua acessada no website do Conselho Internacional das Treze Avós Nativas. Disponível em: <http://avozdasavos.com/o-conselho-internacional/clara-shinobu/>. Acessado em 03 de julho de 2022.

esquisitice. Quando narrou, acabou por unir isso a uma reflexão presente em sua vivência espiritual enquanto daimista, que soou contraditória para ela mesma enquanto falava:

*“-Quer saber? Não vou voltar mais não. Não é a minha essa história. Eu não tenho nada a ver com esse povo. Ficar rezando... Eu não quero ficar rezando. Eu não acredito em nada disso”. Pior que eu já tinha recebido graça da Virgem. Minha filha tava muito doente, comecei a rezar pra pela e pedir: “-Pelo amor de Deus, Virgem Mãe, me ajuda!”. Aí, de repente, minha filha ficou boa. Mesmo assim, eu não queria saber dessa doutrina. (Entrevista)*

Meses depois, decidi “escrever uma carta pro Alex Polari”, dirigente da igreja, “escrevendo que eu tava saindo, porque eu era budista, e eu não tinha nada a ver com aquela religião” (Entrevista). O sono seguido da escrita foi experienciado por um sonho em que:

*Eu tava num lugar, como se tivesse tido... Como se o mundo tivesse caído, assim, sabe. E tudo quebrado, como se tivesse tido guerra, algum terremoto. Aí eu tava ali no meio, perdida, aí aparece um motoqueiro. Falou: “-Você quer sair daqui?”. Eu falei: “-Eu quero”. Tinha até um Preto Velho que tava lá, por ali. Aí falou: “-Então sobe aí na garupa”. Aí começou a subir, subir, subir, subir tipo uma montanha. Aí, chegamos. Aí na hora que eu desço do coisa, aí eu entro assim por uma ladeira... E quando eu cheguei, tinha uma casona e tá o Alex Polari e o Padrinho Sebastião. Que eu nunca tinha visto o Padrinho Sebastião, mas eu conhecia de foto. Mas ali eu via ele ao vivo. Aí ele falou assim: “- Ei, menina! Quase que não chega, hein?! Vem até aqui” [em entonação de grito]. Aí ele mostrava um caminho [...]. Quando eu vim pra cá, eu reconheci que era um lugar que existe aqui perto da igreja e com uma casa de chapéu de palha. Aí ele falou: “-Vai lá, fica lá”. Morava uma senhora que tinha dois filhos. Isso no sonho. Aí acordei. (Entrevista)*

No dia seguinte, Clara recebeu o telefonema de uma amiga da comunidade daimista informando sobre a chegada do Padrinho Sebastião em comitiva com outras pessoas da comunidade amazônica ao Rio de Janeiro. Quando explicara sobre seu desejo de sair da religião, a amiga mencionou: “mesmo que você saia, venha conhecer esse homem, que é um santo”, solicitando na ligação para falar com sua filha, na época, um bebê com “dois anos e pouco”. Relembra a reação da criança após falar ao telefone de que, não demorou muito, “essa menina começa a berrar, berrar: “-Que eu quero ir pro Rio, que eu quero ver o Padrinho...”. Por fim, seu pai vendo a situação, aconselhou: “-Então saia pela porta da frente, minha filha. Vá lá conhecer esse homem e diga que você vai sair. Por que que vai sair por trás?”(Entrevista).

A viagem de volta ao Rio de Janeiro foi feita com dificuldades ocasionadas por uma “infecção urinária” que a acompanhou durante horas até chegar à igreja, onde desembarcou

em meio a um trabalho espiritual. Após tomar o Daime na sessão, pensou: “- Aí, como esse povo é bonito. [...] aí, como eu gosto desse povo todo. Né? Aí, no dia seguinte, minha infecção acabou. [...] Nem me lembrava que tinha tido isso” (Entrevista). Depois desse trabalho de chegada, fora fazer uma visita ao Padrinho Sebastião e menciona ter sido a partir daí que “começamos a história”:

*Quando eu cheguei [...], ele tava lá sentado e falou: “-Ah, agora sim, chegou quem eu estava esperando!”. Eu falei: “Como assim?”. Ele falou: “É, porque ontem os anjos vieram pra mim e me disseram que ia chegar alguém de origem japonesa e oriental, que vinha me curar”. Eu falei: “Eu? Eu não vim curar ninguém não!”. Ele falou: “-É, mas eles disseram que a senhora vem me curar”. Eu falei: “Ah, nada... O senhor tem tanto curador, pra quê eu? O senhor nem sabe como eu tô”. E eu pensando: “-Pô, e eu numa negativa dessa, vou botar a mão em ninguém, não”. Ele falou: “Mas por quê, minha filha?”. Eu falei: “Ah, porque eu não tô bem”. Falou: “-Ah, mas como assim?”. “Eu não tô boa. Não posso botar a mão no senhor”. Ele falou assim: “-E o que você precisa fazer?”. “-Tem que me limpar”. “-E como é que você se limpa?”. “Ah, eu me limpo assim: eu vou tomar banho de mar, eu vou colocar meu pé na terra na floresta, vou tomar banho de cachoeira. Eu me limpo assim”. Ele falou: “-Então vá, minha filha, se limpar e venha me ajudar [...]. Quando você tiver pronta, você fala pra mim”. (Entrevista)*

As viagens do Padrinho Sebastião ao Rio de Janeiro ocorreram nos anos finais de sua vida e tiveram como finalidade, além de acompanhar o desenvolvimento das igrejas recém-formadas fora do Acre e Amazonas, uma assistência e tratamento para problemas de saúde que ele sofria há anos decorrentes da doença de chagas. Clara conta que, após um tempo, retornou para cumprir sua parte no tratamento solicitado e, quando soube de seu problema de saúde, falou:

*“- Ah, eu não vou fazer uma massagem...” Porque a minha massagem, às vezes, dói. [...] Vou fazer um Shiatsu nele. Aí fiz.[...] Ele tava deitado de bruços, aí ele levantou: “-A senhora me desculpe, mas essa aí não é sua massagem não, né?!”. Aí eu falei: “-Por quê?”. Aí ele falou: “É, porque eu queria a sua massagem e acho que essa não é...”. Aí eu fiquei quieta, né. Ele falou: “-Faz a sua massagem, menina!”. Eu pensei: bem, eu vim aqui pra saber se esse homem e se essa doutrina é de Deus. Então, agora é a hora, né. Se caso eu faço a massagem e o homem morrer, é porque é do Diabo, né, porque eu vou pro inferno [risos]. Isso em milésimo de segundos. Mas se ele viver, aí eu vou descobrir... (Entrevista)*

Em seguida à reclamação, o ato de Clara foi de questionar se, de fato, ela poderia operar seu curandeirismo em particular. Nesse sentido, orientou como seria a prática:

*Aí eu falei assim: “Eu posso ser eu?”. “Ah, por que que não pode?”. “Eu tô lhe perguntando se eu vou poder ser eu mesma, porque a minha massagem...”*

*Quando eu começo a fazer um trabalho com uma pessoa eu grito, eu choro, eu caio no chão. Acontece um monte de coisas. Eu começo a ter manifestações dos espíritos que tão acompanhando a pessoa. Por isso que eu tô perguntando se eu vou poder ser eu”. Aí ele falou: “-Claro, minha filha! Pode ser você”. [...] “Então, eu quero três velas”. “Pra quê que você quer três velas?”. [...] “Uma vela é pra acender pro seu anjo da guarda, pro seu guia, pro meu guia. Outra vela é pra acender pro Povo da Rua, pro Tranca-Rua, pro Povo da Rua. E a outra porque os seres que sair, alguns vão ser levados pelos Exus e outros pelas Almas Benditas, que vão encaminhar esses seres que vão sair do senhor”. (Entrevista)*

Seguido de seu conselho de que, a partir da “limpeza”, ele teria que, a partir dali “ser preenchido por coisa boa”, veio o convite para que ela fosse para o Mapiá, o qual recusou veementemente. A mudança de opinião viria após uma sessão com Daime quando ela escuta “uma voz” lhe falando para ir. Com a ajuda de alguns membros da comunidade, conseguiu fazer a longa travessia com sua filha. Após sua chegada, a instrução do Padrinho Sebastião foi direta: “me levou lá na Estrela, e falou: - Clara, hoje você vai fazer um trabalho, sua resposta preocupada foi: -Que trabalho? Eu não sei fazer trabalho nenhum”. Começaram as mudanças transformadoras. Em uma sessão, quando lhe serviram “metade de um copo de Daime”, ela foi logo afirmando que “não podia tomar nem um dedo” por “ser muito sensível”. Com sua relutância, escutou do Padrinho Sebastião o encorajamento: “-Tome, minha filha. Tome com fé e coragem. O Daime não vai fazer mal a você. Pode ter fé, pode tomar” (Entrevista). Aí eu tomei”:

*Aí quando terminamos de tomar Daime, [...] ele falou assim: “-Bom, Valdete, dá a cadeira pra ela”. Eu não sabia nem quem era Valdete, nem onde eu tava direito. Nem o que era a Estrela... Eu não sabia nada da doutrina, eu... Aí ele falou assim: “-Senta aí, minha filha [...] Pronto!”. “- Pronto o quê?”. “- Faz!”. “-Faz o quê?”. “Você que vai fazer o trabalho”. “-Eu? Quê que eu vou fazer?”. Isso na frente de todo mundo. Ele falou: “- Sei lá?! Inventá!” [gargalhadas]. Inventá! Mas o quê, meu Deus, esse homem é doido! (Entrevista)*

A primeira “invenção” de Clara foi a apresentação de uma “linhagem oriental”, onde se aprende que “nós todos temos Deus que habita dentro de nós”. Para invocá-lo “tem um som universal de conexão com esse ser. Então é “Om”. Aí a gente faz assim, ó: Respira... O-o-o-o-m-m!”. No mesmo instante, ecoava a voz do Padrinho: ““-Oh, é pra fazer o que ela tá falando. Pode fazer isso aí!”. Aí ele é o primeiro: ‘-O-o-o-o-m-m!’”. Em seguida, Clara expressa “outro conhecimento”, a bioenergética, propondo exercícios “pra tirar, pra limpar” nossas energias bloqueadas. Nesse intuito, instruiu em meio à sessão de cura na *Estrela*: “Respira... Depois solta... Respira... Até desmunhecar. [...] Aqueles homens, imagina? Eles ficaram

assim... [...] Agora o ombro, o pescoço... Aí fui fazendo os exercícios”. Em meio ao ensino, interrompia o Padrinho Sebastião: “-É pra fazer o que ela tá dizendo. Pode fazer todo mundo! [...] Ela disse que é pra mexer as cadeiras!’. E ele ria, né, ficava achando o máximo” (Entrevista). Por fim, Clara narrou sobre a habilidade a qual tornou-se seu principal meio laboral na religião:

*Aí depois eu falei: “-E a outra passagem que eu tive foi na coisa da mediunidade, na incorporação. Então eu vou passar, que eu não conheço muito, que eu incorporo, eu atuo certos seres e tal. Então, eu começo assim: [...] Eu vou chamar uma entidade e ela vai chegar”. Eu não sabia chamar nenhuma... “-Eu vou descrever o que tá acontecendo comigo: minha mão tá endurecendo, o meu num-sei-o-quê no braço tá ficando diferente... [faz sons expressivos e diferentes com a voz]. Desse jeito. Ê, ê... Pum! E aí baixava uma entidade: “- Boa noite!” [voz diferente da sua]. E aí começou o trabalho: eu incorporada! [fala aos risos]. Porque eu nunca fui de nada, entendeu?! Eu só sou médium. Aí tá bom. Aí começou. (Entrevista)*

**Figura 30 - Da esquerda para direita: Clara Iura, Padrinho Sebastião, Vera Fróes, Zé Milton, Padrinho Alfredo, Paulo Roberto e crianças, 1988.**



Fonte: <https://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/padrinho-sebastiao/padrinho-mapi>

Em síntese, a entrada de Clara na comunidade trouxe a inclusão de uma “visão holística” – atribuindo-a tanto ao Padrinho Sebastião quanto a si mesma-, que passou a ser chamada “pra curar um, curar outro. Atender um, atender outro” (Entrevista). Sendo este

definido como “seu trabalho” na comunidade: o de “atender as pessoas” dentro da sua lida como curandeira:

*Foi quando eu comecei a ter o aprendizado que esse homem começou a dar através do Daime. Porque Daime, pra mim, era uma novidade. Eu não conhecia muito bem o Daime. Tinha tomado, mas o pessoal era cheio de medo como que eu ia ficar, eles me davam pouco, né. Aí eu comecei a entender a mediunidade através daí, que eu não sabia bem que acontecia comigo. Era como se filmasse eu dentro de mim mesmo. E aí, era assim: eu tinha um ser dentro de mim e outro ser que se mexia. Era como se eu fosse um boneco. [...] Muito forte o aprendizado com o Padrinho Sebastião, porque ele foi me dando muita lição através do trabalho, [inaudível] do trabalho mediúnico que ele fez na Estrela, né. E ele dizia assim: “- Minha filha, bote a Estrela de cabeça pra baixo! Eu quero ver você mexendo com todo mundo!”. (Entrevista)*

Nesse processo, Clara centra sua narrativa para sublinhar o alinhamento dos conhecimentos que passaram a ser geridos a partir de sua chegada à Vila, precisamente, de como as suas habilidades *mediúnicas* foram, pouco a pouco, sendo autocompreendidas através das experiências com o Daime. Assim, ela que foi chamada para auxiliar no ensino, aprendeu:

*Eu aprendi como trabalhar mediunidade, ou como, qual era o processo da mediunidade (que eu não sabia bem) e o Daime foi me ensinando. E pra mim foi uma coisa muito impressionante, entendeu? Que existe um ser, que é você mesmo, mas no momento que você abre um canal mediúnico, você se torna só o receptáculo das informações, dos espíritos que vem utilizar o seu aparelho pra que você possa trazer as manifestações dos guias, que você possa trazer as manifestações dos espíritos sofredores. Então, eu vi. O Daime me mostrou eu como veículo. E também veículo das próprias dificuldades internas minhas, né. Veículos de energias negativas que, às vezes, estão ao nosso redor. Que a gente expressa, que, às vezes, não é nem o seu sentimento, mas, assim, sentimento de uma corrente. Então, tudo isso, nesses oito meses em que eu tive o estudo com o Padrinho Sebastião, foi quando eu me inteirei daquilo que eu tateava enquanto eu não tomava Daime sobre a minha própria mediunidade. Então, foi o Daime, realmente, clarificou a minha, o meu entendimento e respeito da mediunidade. Então, pra mim, foi uma coisa, assim, super impressionante. Onde eu afirmo (e o Daime me ajudou a afirmar), que realmente há possibilidade de cada um de nós ser esse receptáculo. (Entrevista)*

Assim, a partir de toda essa conjuntura Clara passa a explicitar a potência que, por meio das *Plantas* e dos trabalhos espirituais, “a gente pode ser aparelho de muitos milagres”.

*Porque eu te digo que eu sou humana. Então, eu fico com raiva, fico chateada, xingo, fico com ciúmes, com inveja, fico com não-sei-o-quê, fico com todos os sentimentos, assim, vamos dizer, os pecados capitais que tomam conta da gente. Mas a gente sabe que o que ocorre conosco são doenças que tão em nós, né, doenças que tão na humanidade também. E que aquela passagem é pra mostrar que a gente não é de nada, entendeu, e que a*

*gente tem muito ainda que limpar em nós pra gente poder crescer, pra gente poder aprender a perdoar, aprender a amar, se humilhar. Então, se você realmente se entregar pra essa força que é divina e que nos momentos que você tiver passando, você vai entender que aquilo que você tá passando é porque você tá merecendo um relho grande, então você tá merecendo um aprendizado grande, entendeu, e também uma cura muito grande, né. Então tudo isso se insere na sua própria cura. Porque tudo tá dentro de nós, não é fora de nós. E tudo nós mesmos é que temos que fazer a cura, não é ninguém que vai vim curar nós. Então, **aprender a se tornar curador de si mesmo**. Permitir que seus guias cheguem, que eles possam vir. E você poder ouvir a voz do deserto e realmente crescer com essa voz. E poder deixar que essa voz se manifeste pra que você possa aprender alguma coisa. (Entrevista grifo meu)*

Atualmente, tanto Maria Alice Freire, que hoje tem 69 anos, quanto a Clara Iura, de 71, são consideradas no meio daimista da linha de trabalhos do Padrinho Sebastião, grandes referências do chamado *Umbandaime*. Clara, por exemplo, é uma das pessoas mais recorridas quando o assunto é atendimento e cuidado espiritual durante os trabalhos religiosos no Céu do Mapiá, dirigindo junto à família Corrente a Santa Casa de Cura Padrinho Manoel Corrente, espaço de atendimentos curandeiros na comunidade, tanto de questões referente à problemas físicos, quanto espirituais, assim como partos acompanhados com o auxílio das Plantas. Já a Maria Alice comanda junto a outras mulheres um espaço de estudos importantíssimo na Vila, o Centro de Medicinas da Floresta. Lugar que desenvolve soluções e terapias medicinais a partir das plantas amazônicas, como os muitos tipos de pomadas, tinturas, porções e florais feitos a partir dos saberes populares e dos que são recebidos através de estudos espirituais por ela e outras pessoas da comunidade.<sup>92</sup>

Ambas ainda fazem parte do Conselho Internacional das Treze Avós Nativas<sup>93</sup>. A Vó Clara destaca como enxerga este lugar como mensageira para o mundo e sua estreita ligação com aquilo que fora aprendido no contato com a *Plantas*:

---

<sup>92</sup> Deixo frisado que estes dois espaços carecem de pesquisas e dados bibliográficos no que tangem às histórias de vida que tocam e que atravessam suas constituições e atuações, as quais não se restringem somente à comunidade.

<sup>93</sup> De acordo com o *website* da instituição, trata-se de “um fórum mundial formado por avós de várias tradições espirituais de diversos pontos do globo (da Floresta Amazônica, do Círculo Ártico da América do Norte, das Grandes Florestas do Noroeste Americano, das Vastas Planícies da América do Norte, das Terras Altas da América Central, das Colinas Negras do Dakota do Sul, das Montanhas de Oaxaca, do deserto do Sudoeste Americano, das Montanhas do Tibet e da Floresta da África Ocidental), que se reuniu pela primeira vez no Estado de Nova York no ano 2004, em torno de uma visão comum, para formar uma aliança global de preces e educação a benefício da cura do planeta Terra e todos os seus habitantes, especialmente as crianças e as gerações vindouras. Afirmadas sobre suas relações com as medicinas tradicionais e acreditando que a preservação de seus modos ancestrais de rezar e cultivar a paz e a saúde é hoje uma necessidade vital, as avós assumiram um compromisso de peregrinar pelo mundo e plantar uma semente de ação pelo despertar da consciência da paz. Desde a sua constituição, o Conselho vem peregrinando pelo planeta, realizando encontros nos países natais de cada uma das avós”. Disponível em: <http://avozdasavos.com/o-conselho-internacional/>. Acessado em 30 de junho de 2022.

*Então, é isso o que o Daime abriu pra mim e toda a espiritualidade, esse caminho que eu fui levada, meio que empurrada pra poder realizar o que eu realizo hoje no planeta. Porque eu faço parte do Conselho das Avós Nativas e, fazendo parte, imagina? Eu? Eu imaginava que o Padrinho Sebastião era um ignorante por tá me convidando a ajudar ele. [...] E hoje, graças ao Padrinho Sebastião e ao Santo Daime, eu tô tendo a oportunidade de exercer uma função que eu devo ter já assumido em fazer antes da minha vinda ao planeta, antes da minha vinda à essa encarnação. Então, eu vejo que eu tive, eu assumi um compromisso com a humanidade. E aqui dentro do Santo Daime esse compromisso e essa verdade começou a se tornar incontestável, porque tudo foi acontecendo pra mim de forma muito mágica e hoje eu habitando nesse lugar que é esse manancial de vida, onde desde o menor inseto ao maior bicho que possa existir aqui tem sua razão de ser na sua existência. Uma coisa engraçada que ocorre dentro da floresta é que tudo tem a sua história. [...] Por exemplo, se alguém faz cocô, tem aqueles bichinhos que comem o cocô, então, tudo é limpo, tudo é harmonizado. Então, essa floresta que traz, assim, um grande ensinamento pra nós no nosso dia-a-dia. Seja uma arara que passa gritando, seja um aracuã que grita que não vai chover. Então, cada animal traz um sinal. Aquelas formigas gigantes, e aquelas fileiras de formigas incríveis que em dia de chuva [...] vai mudando de casa. (Entrevista)*

**Figura 31 - O Conselho Internacional das 13 avós Nativas. Clara e Maria Alice são as primeiras à esquerda, respectivamente.**



Fonte: <http://ecologambiente.blogspot.com/2016/01/o-conselho-das-13-avos-nativas-da.html>

Em contato com essas narrativas, percebemos que efetivamente ao Daime é atribuído o papel de professor e condutor tanto das práticas individuais e coletivas, quando da “fundamentação” litúrgica que estrutura as ações espirituais na comunidade. A Vó Clara Iura com seus olhos risonhos me ensinou o que sua experiência encarnou, exalando e ecoando a história de todo o povo do Padrinho Sebastião, mergulhados em um eterno re-fazer-se de aprendizagens, pois como ela mesma diz: “a pedagogia de Deus é o aqui e agora” (Entrevista).

Foi lendo, portanto, narrativas como as de Mãe Baixinha, de Maria Alice ou realizando a entrevista com Vó Clara que consegui cristalizar uma das características mais recorrentes indicadas pelas vidas que se deixaram entrelaçar pela linha de trabalhos do Padrinho Sebastião e suas comunidades: o intercâmbio pluridimensional de saberes sempre mediados pela condução sutil de inúmeros professores não-humanos, responsáveis por abrir uma experiência formativa única desdobrada na junção, no cruzo, entre os processos de *incorporação* tradicionais da Umbanda, e a comunicação por meio das *mirações* no Santo Daime.

A construção desse relacionamento complexo e multifacetado está na origem de uma troca singular e sinérgica de saberes e aprendizagens que proporcionaram o estabelecimento de estudos e práticas espirituais diversas, ora voltadas ao desenvolvimento *mediúnico* dos membros da comunidade, ora direcionadas à adoção de novos trabalhos (como as *giras*) e o fortalecimento dos que já vinham acontecendo, ora focalizadas no atendimento caritativo aos doentes nos anos que transcorreram. Todas essas ações, porém, constituindo espaços para que as experiências de cura e iluminação pudessem ser estudadas e exercidas pelos daimistas.

### 5.3 “Quando tu estiver doente que o Daime for tomar/Te lembra do Ser Divino que tu tomou para te curar”

Os atendimentos através do uso das *Plantas* seguiram ganhando ainda mais força com a expansão comunitária. Desse modo, contou-se com uma ampliação na rede de atendimentos aos doentes que se estendeu do Acre com a Colônia Cinco Mil – permanecendo o Padrinho Wilson com os atendimentos após a saída de parte da população de lá, assim como no Amazonas entre o Rio do Ouro e o Céu do Mapiá, por onde o povo ribeirinho era cortado pela notícia desse antigo-novo curandeiro circulando no local. Nesse contexto, as notícias que antes cortavam as estradas do país e chegavam aos *hippies* estradeiros, agora navegavam pelos rios amazônicos e apregoavam para a população local sobre o Santo Daime.

É sempre destacado nas narrativas que pessoas em surto psicótico ou desenganadas por tratamentos da medicina convencional chegavam aos montes; outras eram deixadas às margens do igarapé para serem acolhidas e tratadas pela comunidade. Uma dessas pessoas foi Dona Maria Nazaré Oliveira Souza, na época, ribeirinha residente da região florestal acreana.

Sem dúvidas, há algo de impressionante em sua história. Nascida em Intimari, divisa do Acre com o Amazonas, em 1960, decidiu me contar sua história marcando-a pelo surgimento de um tumor cancerígeno na região do ombro, encontrado através de exames médicos oito anos após ter levado uma queda e quebrado o braço. Entre o acidente e a procura médica, ela diz ter “aguentado todo o tempo” o tumor, nos apontando como a precariedade do atendimento à saúde básica nas regiões mais afastadas a atingiu e gerou anos de aflição (Entrevista).

As respostas recebidas onde procurou ajuda, em Boca do Acre e Rio Branco, eram de que os médicos “não dariam jeito” no seu problema, inclusive eles aconselhavam-na a “ficar em casa com seus filhos. Mesmo sem um entendimento pleno do diagnóstico, na sua compreensão, o contexto era de desengano por parte dos médicos e de um prenúncio de morte: “ele [o médico] só não falou pra mim, ele fala pros parentes, né, mas pra gente doente ele não falava”. Após a notícia, Dona Maria conta ter “chorado dia e noite”. A doença já não lhe permitia nem mesmo “levar a colher pra boca” para se alimentar, impedida pela localização do câncer. Por volta de 1987-88, um vizinho também adoeceu e solicitou a visita de uma curandeira da região, uma “cabocla [que] veio trabalhar com ele” (Entrevista). Ela fora convidada para participar da sessão. Chegou ao lugar com o marido, Raimundo.

*Aí a mulher, atuada, disse assim: “- Sente aqui, Dona Maria”. Aí eu me sentei. Quando eu me sentei, ela contou toda a minha história. O que tava com ela, né, não sei... O ser que tava com ela contou: “- Olha, você vai no mundo inteiro e você não vai achar sua cura. Você acha sua cura lá no Daime, lá no Mapiá”. Eu não sabia onde era o Mapiá, nem Daime. [...] Disse: “- Você vai e se cura. Todo mundo lhe ver. Não precisa você tá presa no hospital pra ninguém não lhe ver”. Disse tudinho o ser. [...] Aí uma esperançazinha me veio, né. [...] Aí eu tive aquela fé. (Entrevista)*

O conselho transmitido pelo espírito incorporado era que ela não precisava levar muita coisa: “- Só basta você ir num barquinho, com sua gasolina e sua dormida, seu ranchinho<sup>94</sup> daqui pra lá. Quando chegar lá você tem de tudo” (Entrevista). Como vemos, as notícias sobre a comunidade sempre enfatizavam sua característica acolhedora. Assim, deixando as matas

<sup>94</sup>“Rancho” é um termo utilizado regionalmente como sinônimo de comida.

acreanas, com esposo e cinco filhos, passando por Rio Branco, chegou a Boca do Acre e, por fim, ao Mapiá.

*Aí nós vinemos, passemos pelo trabalho e o Daimé já me mostrou. Eu já senti mexer aqui, que tava enraizado. Aquela doença tava enraizado, por isso que eu não tinha tato da minha mão. [...] Aí eu digo: “- Meu Deus do céu, acho que já tô recebendo a minha cura! Acho que Deus tá me curando! Meu Deus do Céu! Tomara!”. Aí eu já fiquei alegre. No meu pensamento, ali, já me firmei. [...] O Padrinho Alfredo deixou uma pessoa pra vim mais nós pra cá, que nós não sabia, né. E nós já vinemos pra cá pro Mapiá. [...] E, graças a Deus, quando chegemos aqui foi que nem o ser disse: tive de tudo, né? De tudo! Da minha cura e os irmãos. E o Padrinho recebeu... Aí nós chegando e o Padrinho recebendo nós lá na berinha d'água. Desceu a escada e os degrau tudinho e foi lá me receber na beira-d'água. “-Eu sabia, minha filha, que você vinha. Eu tava lhe esperando! [...] Foi eu que fui lá lhe buscar, pra você vim”. Aí disse logo: “- Pra você não morrer, não deixar seus filhos sofrendo pela mão dos outros”. Aí eu: “-Ai, meu deus do céu, que bom que o Padrinho disse isso”. Aí eu já tive mais uma esperança, né, de viver. (Entrevista)*

Foram necessárias apenas duas visitas à comunidade para que ela e o esposo decidissem se mudar com os filhos para o local. Ela conta que o companheiro “não aguentou” voltar para onde moravam. Após instalarem-se em casas cedidas pelos membros mais antigos, um local fora separado na Vila pelo próprio Padrinho Sebastião. Em paralelo, seu tratamento continuava. Dona Maria nos relatou ter pedido para o Padrinho Sebastião *rezar* o tumor, pois sentia muitas dores, beliscões e quenturas no lugar. Como resposta, em tom carinhoso e com a mão sobre o lugar, escutou a resposta: “- Nada, minha filha, isso aqui vai se acabar que você nem vai perceber. Não precisa eu rezar não, só faz passar a mão. Desse jeito...” (Entrevista). A experiência da cura propriamente dita aconteceu mediante uma operação espiritual vista pela própria Dona Maria através da *miração*. O tratamento “desmanchou” o tumor, restando uma cicatriz no local.

*Ah, meu Deus, é muito forte, oh, essa história. [...] E eu sentia tudo...E vendo tudo! Eles operando, maninha... Aí dizia assim: “- Tem que ser das [inaudível] dele”. Que Deus cura assim, né? Ele começa no fim. E o médico daqui da terra corta aqui em cima, né, da história. E a raiz fica viva, né. E essa raiz que faz crescer aquele negócio ali que foi machucado, que nem eu caí em cima. [...] E eu não procurei a saúde e nem nada, morando num lugar longe. Eu já tava pra bater as botas. (Entrevista)*

Dona Maria nos contou existirem histórias semelhantes à sua, de pessoas com tumores que se curaram pelo tratamento com as *Plantas*, bem como de pessoas que uniam os trabalhos espirituais com as intervenções médicas. Segundo ela, o número de doentes considerados desenganados sempre foi uma constante na comunidade. Curiosamente, essa informação também foi destacada pelo Padrinho Sebastião ao ser entrevistado pelo jornalista Nelson

Hoineff para o programa “Documento Especial”<sup>95</sup>: em uma “localidade que, literalmente, não está no mapa”, anuncia Hoineff abrindo o documentário, em meio à “densa floresta, [a qual] encerra um segredo que vem intrigando cientistas do mundo inteiro”.

### 5.3.1 “Do mesmo jeito que ele me curou, ela também me curou e me cura”

Ao citar a frase que abre este tópico, Dona Maria Nazaré Souza me falava da Santa Maria enquanto a medicina mais usada em meio ao cotidiano e em situações mais imediatas. No seu caso, me falou de duas vias pelas quais a erva operou na sua história. A primeira delas seria em relação as experiências de *atuações* com espíritos sobrecarregando seu corpo:

*Às vezes eu tô num apuro aqui. Provocando<sup>96</sup>, sabe, com dor de cabeça, aquela gastura<sup>97</sup>... E provoca, e melhora, e dá aquele suor frio. Fica aquele monte de suor, quentura... Depois fica frio. Eu sinto que é um sofredor, sabe. Um ser, assim, forte. Se tiver você na hora e me dá um pito aceso, que eu puxo três vez, aquela fumaça vai lá onde tá aquela gastura... Vai embora! Aquela dor, aquela gastura. Aí que eu vou melhorando. Mas se eu não uso a Santa Maria, aquilo vai me judiando intê não sei que horas. Porque remédio, pílula, esses outros tipos de remédio aqui, não aceito. Meu estômago não aceita, sabe. Agora o Daime ou a Santa Maria... (Entrevista)*

A segunda apareceu quando lhe perguntei se ela tinha hinos ou hinário. Ao adentrar a religião, falou da incerteza no pensamento de que se um dia “iria receber ou não” algum hino, pois “não sabia nem como era que a gente recebia”. Mas, aconteceu “após uma história muito séria” (Entrevista). Ela já residia no Mapiá quando uma de suas filhas fora assassinada em Rio Branco. Após uma madrugada em claro, recebeu a notícia, deixando-a em uma situação de profunda tristeza.

*Tava com dois mês, sabe. Da tristeza, sabe, da gente sentir, sabe, que um filho da gente foi que ninguém nem viu, né. Aí então. Aí comecei a escutar aquele hino, né. Comecei a escutar aquele hino... Eu queria acreditar, maninha?! Não... Que eu nunca recebi, né. Eu escutando, mas nem ligava, sabe. Eu achando que era das meninas. [...] Aí eu, escutando, aquele hino dizendo: “- Canta, canta!”. E eu nada de cantar. Daí que eu chorava mesmo. Aí eu via o Padrinho chegando num beija-flor, no vento, assim, sabe, aqui na minha casa. Chegou, assim, aquele vento que eu via o Padrinho Sebastião, disse: “ – Olha, recebe. É teu! Eu que tô te dando esse hino. Recebe! Canta! Pra tu deixar de tá chorando.[...] Canta que tu vai alegrar!” (Entrevista)*

<sup>95</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x07BMz5ED0c> . Acessado em 22 de março de 2022.

<sup>96</sup> Para os locais, “provocar” significa vomitar.

<sup>97</sup> “Gastura” seria azia, indigestão.

Foi nesse contexto que Dona Maria Nazaré recebeu sua primeira canção como um oásis para alentar as agruras de uma mãe em aflição pela despedida da filha, abrindo seu hinário *Caminho de Luz*, com hinos recebidos (exceto por um) “na força da Santa Maria”, *Planta professora* reconhecida pelo seu caráter, especificamente, confortador. Vale dizer que, para os participantes das sessões, o ato de cantar é uma instrução basilar que reúne múltiplos objetivos, operando como um dos modos pelos quais se pode atravessar momentos difíceis ou de confusões mentais (as *peias*, como se chamam), mas também como um dos mecanismos utilizados pelos *médiuns* na *doutrinação* e iluminação dos espíritos sofredores. No caso de Dona Maria, o recebimento dos seus hinos representou um mecanismo de compreensão e consolo para a sua tristeza. Uma forma de enfrentar as dificuldades vividas.

*Porque eu me ligava no que tava dizendo, né, pra mim. Aí eu já ia estudar, né, aqui do outro lado. Se tava praquela lado, mas o hino já vinha pra mim, né, sair daquela história, né. Dos apuros dos filhos, né. Tudo bem, a gente passa, mas tem que desligar um pouco também, né, seguir com Deus, né. Ligar em Deus. Porque Deus é maior, né. Então, nós tem que tá com ele todo tempo, então, tudo o que acontece, nós tem que tá com ele ali firme e forte. (Entrevista)*

Quando perguntei se poderia cantar o hino, prontamente chamou uma de suas netas e apresentou as palavras cantadas sobre sua chegada, quem a recebeu e todos os seres responsáveis por lhe ensinar sobre sua própria fé. Tornando-se um alicerce para não lhe deixar “esmorecer”, e sendo guia de firmeza e aconchego, sobretudo naquele momento angustiante:

Eu cheguei nesta casa  
Da sempre Virgem Maria  
Dentro do meu coração  
Ela com meu São João

Oh! Meu senhor São João  
É quem tem todo poder  
Eu peço a vós que me ensine  
Não me deixe esmorecer

Eu piso firme  
Eu sigo em frente  
Sem a nada eu temer

A Virgem mãe que me mandou  
Para mim me ensinar  
Pra ensinar a todos filhos  
Jesus Cristo é quem nos dá

Oh! Meu Divino Pai  
É o pai de caridade

Perdoai a todos seres  
Aqueles que tem verdade.  
(*Caminho de Luz*)

Até o momento da entrevista, Dona Maria já tinha recebido 70 hinos, descritos por ela como parte de uma espécie de processo de cura pela qual ela passa com todos os seus sete filhos, quando “um apronta de um lado, outro apronta do outro, aí eu fico naquele apuro. Aí vem um hino pra me conformar. Eu sinto que é assim. Pra me conformar, pra mim entender, né, o que é que tá dizendo pra mim” (Entrevista). O bálsamo contido no hinário acontece pela união de elementos que se complementam: a representação do Padrinho Sebastião como beija-for, a *Planta* que levou ao recebimento dos hinos, as mensagens consoladoras entregues de uma *mãe* à outra no lidar com assuntos que seriam íntimos para ambas. Colocando Dona Maria para além de mãe, também como filha, mostrando-a a quem ela poderia recorrer em momentos de aflição. Por esses traços, podemos ver uma pedagogia implícita nos meios pelos quais as *Plantas* atuam para entregar seus saberes curativos para quem as busca com essa finalidade.

### 5.3.2 “*Eu invoco meu Mestre quando me acho doente*”

Como sabemos, a malária é dos motivos de grande sofrimento e perda para os moradores da região amazônica, incluindo as comunidades daimistas. Descritas nas narrativas dos mais antigos, as grandes aflições passadas pelos surtos da doença são apontadas por Mortimer (2000) como resultante das fortes destruições ocasionadas pelos madeireiros e latifundiários que cercam as comunidades. No entanto, esse quadro descrito como “calamitoso” também fez florescer “um espírito de solidariedade no povo”, pois de algum modo “todos já passaram por aquilo”, como me narrou Dona Maria Albina, a Vó Biná, contando sobre o que aprendeu ao vivenciar as sete vezes em que esteve enferma da “velha-bruxa”, como é apelidada a malária (Entrevista). Face aos limites estruturais do atendimento público por parte dos agentes de saúde na região, muitos buscam tratamentos com o Santo Daime e a Santa Maria.

Embora os grandes surtos vivenciados nos momentos iniciais de consolidação da comunidade tenham diminuído e a intervenção estatal em relação à doença tenha melhorado, ainda não foi possível erradicar completamente esse problema. A questão, lembram os

especialistas, também está diretamente relacionada com a desestruturação do bioma<sup>98</sup>. Logo, os casos e novos surtos de malária, evidentemente, não pararam de acontecer.

Dona Maria Nazaré Souza, contando-me sobre seus hinos, trouxe a perspectiva de aflição de quem passa pela doença nesse contexto de isolamento assistencial, e com quais ferramentas contou na instrução e na efetividade da cura. Seu hinário foi quase totalmente *recebido* na força da Santa Maria, mas ela me contou sobre a única canção chegada por via do Daime:

*[...] Eu sinto que recebi um com Daime. Porque eu tomei o Daime pra mim receber minha cura de uma malária que tava por cima de mim. [...] Aquela dor grande. Eu tava com 9 dias. As pessoas aqui tava tudo com malária. [...] E a doutora Guedes tava também. E ela quem podia cuidar de mim, né. Passar remédio, examinar. E ela tava doente. Aí eu tomei um Daime. “Oh, meu Deus, eu vou tomar um Daime e ele me dá a decisão se ele vai me curar e pra onde é que eu vou, porque eu não tô aguentando”. Ficar nem pé mais eu não podia. Aquele negócio, tremor, aquela fraqueza no meu corpo. (Entrevista)*

*[...] Aí tomei o Daime de manhã [...]. Aí o Daime disse pra mim que eu tinha de sair daqui do Mapiá o mais ligeiro que pudesse, se eu não quisesse morrer com essa doença que tava comigo, sabe. Aí eu recebi o hino. [...] Esse eu recebi com Santo Daime. Aí, fui pedir a cura, né, e ele me disse isso. Sai. Eu saí daqui quatro horas da tarde. Mas eu tinha que sair naquele dia. Ele me disse: “- Tu tem que sair nesse dia”. [...] A canoa ia baixando, aquela dor que não deixava eu comer, nem ficar tranquilo. “Ai, ai, ai, ai” direto! Noite-dia. Nove dias “ai, ai, ai”, sabe. Não tinha outro jeito, maninha. Aquela dor foi ficando, foi ficando... E foi ficando e eu agradecendo a Deus que ela tava ficando, aquela dor. Se eu pudesse ao menos ficar sentado... Que era deitado, maninha. Porque eu não aguentava nem sentar na canoa. Era deitado. Aí a dor foi ficando, e foi ficando e graças a Deus. [...] Quando chegou Santo Antônio, que não é muito longe a colocação, eu tava boazinha! Sem dor nenhuma, maninha, na minha cabeça ou no meu corpo! (Entrevista)*

Assim, o enfrentamento aos surtos de malária na comunidade conta com uma aliança entre as *Plantas*, mas, ao mesmo tempo, o hino diz para lhe “despertar” não só na instrução em buscar hospitalização, como no alívio dos sintomas até obter o atendimento devido. A experiência cantada evidencia ainda o agradecimento aos apoios com os quais Dona Maria Nazaré Souza e muitas outras pessoas puderam contar diante dessas situações aflitivas.

<sup>98</sup> “De agosto de 2021 a julho de 2022, foram derrubados 10.781 km<sup>2</sup> de floresta, o que equivale a sete vezes a cidade de São Paulo. Essa foi a maior área devastada dos últimos 15 anos para o período, sendo 3% superior à registrada no calendário passado, entre agosto de 2020 e julho de 2021. Os dados são do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon)”. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-chega-a-10-781-km%C2%B2-nos-ultimos-12-meses-maior-area-em-15-anos/#:~:text=Nos%20%C3%BAltimos%2012%20meses%2C%20de,2020%20e%20julho%20de%202021.> Acessado em 05 de novembro de 2022.

Aqueles que, mesmo diante das suas próprias impossibilidades e limites, mostram os caminhos a serem seguidos:

Eu tomo Daime, eu tomo Daime  
Eu tomo Daime é para me curar

Aqui dentro dessa verdade  
Tem os hinos para me acordar

Eu agradeço a São Miguel  
Eu agradeço a São João

Eu agradeço a Jesus Cristo  
E a Virgem da Conceição.  
(*Caminho de Luz*)

Ao longo de toda a pesquisa fui me dando conta de que são sempre duras as descrições que abordam a doença. Os casos impressionam. Como o que ocorreu com um dos netos do Padrinho Sebastião, Agarrube Melo<sup>99</sup>, que contraiu a doença por mais de 20 vezes, curando boa parte dessas com o Daime e Santa Maria. Em um período de duas recaídas, no intervalo entre elas, conta que apesar de estar fazendo o tratamento com as “pílulas” para a malária, “foi através da visão do hino” que diz ter sobrevivido.

*A visão é que eu tava dentro do caldeirão, com a água fervendo, com as bruxas com os cabos de vassoura dando vassourada, assim, em mim e eu pelando no couro. Meu couro tava pelando assim, igual quando tu mata uma pata e pela ela na água quente e vai pelar ali. Aqui na Amazônia tem muito isso, não sei se tu conhece, quando vai pelar uma pata. Eu tava daquele jeito! Meu couro tava caindo e eu agoniado, com uma febre de quarenta grau. Forte. Minha cabeça em tempo de explodir com dor. Ficou tudo laranja e desceu no meio da chama laranja, desceu uma chama dourada. E no meio dessa chama dourada era São Miguel Arcanjo. Quando São Miguel veio, ele me lavou com água do mar. Assim, passou uma onda do mar assim [faz um assobio com som cortante e rápido]. Ele fez [repete o mesmo som] e eu achava que eu ia morrer e eu voltei em si! Que eu tava mal, dentro de um caldeirão, com as labaredas, parecia um inferno com um monte de bruxa arrancando meu couro. [...] Aí, de repente, já foi abaixando a febre, eu já fui ficando bem. Aí fiquei escutando as palavras desse hino. E foi assim que eu recebi ele. (Entrevista)*

Como vemos, as relações com as *Plantas professoras* não seguem um mesmo protocolo ou direcionamento. São múltiplos e podem até mesmo ser antagônicos. Se no caso de Dona Maria Nazaré Souza a instrução recebida foi para ir em busca do tratamento médico convencional, com Agarrube o ato de *mirar* foi suficiente para lhe trazer a cura. Contudo, é

<sup>99</sup> Importante ressaltar que Agarrube é parte da terceira geração da família, tendo nascido, inclusive, já no Céu do Mapiá. Portanto, muitas das malárias contraídas por ele foram em anos mais próximos do nosso tempo.

indiscutível o que há em comum nos casos: a orientação do fazer, do pensar e do sentir vem pela *força*.

Observando atentamente à narrativa do Agarrube Melo, principalmente a visão do caldeirão fervente, tal qual a febre alta sentida naquele momento com a malária, é possível refletir sobre como a alteridade formativa das *mirações* trabalha. Essa experiência *mirante* do narrador foi poetizada no oitavo hino do seu hinário *Visão do Apocalipse*, o qual não apenas conta da sua visão, mas abre em outros corpos, imersos em quaisquer outros tempos ou lugares na vivência com as *Plantas*, a potência do confronto com as “malditas-maquínarias encantadoras”, ou com as forças “dragônicas” e “demoníacas” responsáveis pela aniquilação de quem [r]existe há séculos na preservação da terra. Vestido com um chapéu de bruxa, ele tocou seu hino refletindo sobre a “apuração” aconselhada para uma espécie de tomada de atenção.

**Os quatro cavaleiros do  
apocalipse**

São Miguel desceu do céu  
Com sua espada de fogo

Ele desceu até a terra  
Para domar o Satanás

São Jorge em seu cavalo branco  
Vai dominar este dragão

Chamei aqui o Rei Ogum da Beira-Mar  
Com sua lança prateada

Rei Ogum da Beira-Mar  
Com sua lança prateada

Vai dominar a Besta Fera  
Dragão maldito encantado  
Das profundezas do mar

Já chamei e vou chamar  
Ogum da Mata aqui está

Ele veio foi para apurar  
Quem não prestar atenção  
Cuidado senão vai se enrolar.  
(*Visão do Apocalipse*, hino 8)

**Figura 32 - Agarrube Mota de Melo no momento da entrevista, em maio de 2019.**



Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

Unindo as *mirações* de Agarrube Melo às pistas indicadas por Mortimer, talvez a *Besta-Fera* ou a figura do *Satanás*, tão caros ao cristianismo, para o povo do Padrinho Sebastião tenham dimensões para além das figuras alegóricas ou externas ao mundo vivido. Na expansão promovida pelas *Plantas professoras*, ganham contornos mais densos e semblantes mais próximos do cotidiano de quem vive na Amazônia, simbolizando as forças empreendidas pelas explorações capitalizadas pelo garimpo ilegal, pelas queimadas, pelos surtos de doenças.

### 5.3.3 “*Curo tudo, expulso tudo*”

A entrevista realizada com Dona Maria Nazaré Souza foi marcada pela emoção principalmente quando ela relembrou uma imagem bastante relatada pelos narradores vindos de fora da comunidade: a presença do Padrinho Sebastião e da Madrinha Rita próximos ao

Igarapé onde as embarcações atracavam recebendo aos que chegavam. Essa recepção se estendia aos que chegavam doentes, muitos deixados amarrados em canoas.

Conta-se que o primeiro ato do Padrinho era ordenar a soltura da pessoa, designando os membros para tomarem conta em uma espécie de vigília e, a partir disso, conduzir quais seriam os tratamentos indicados. Uma das pessoas que fazia parte desse grupo responsável por acompanhar o cotidiano dos tratamentos era a Madrinha Maria Brilhante, sendo ela mesma uma das curandeiras mais procuradas na Vila quando a necessidade era a de curar, *benzer* ou *rezar* alguém<sup>100</sup>. Nos seus 85 anos de vida, sendo mais de 60 vivenciados no Daime<sup>101</sup>, ela escolheu me contar duas histórias. A primeira delas nos dá uma dimensão das representações do Mapiá e dos trabalhos com o Daime para as populações da região. “Vou te contar essa história que aconteceu aqui”, disse a Madrinha Brilhante, após referir-se ao Padrinho Sebastião como uma “pessoa Divina”, por receber pessoas que chegavam “doido! Doido mesmo!” (Entrevista).

**Figura 33 – Madrinha Maria Brilhante durante a entrevista na sua residência, na Vila Céu do Mapiá/AM, em maio de 2019.**



Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

<sup>100</sup> E esta referência às suas habilidades é antiga. Encontramos uma menção no livro de Fernandes (1986) que indica a Madrinha Brilhante já como alguém procurada na comunidade para este assunto.

<sup>101</sup> A Madrinha Brilhante guarda uma história de vida com as *Plantas* interessantíssima. Sua experiência, diferentemente da grande maioria dos antigos moradores, não se iniciou nem com o Mestre Irineu e nem com o Padrinho Sebastião, mas com os vegetelistas, ou, como ela mesma nomeou “os cabocos” que trabalhavam imersos nas matas com a *ayahuasca*, aos 17 anos, juntamente com o marido, o Padrinho Eduardo Freitas. Passando o início da sua caminhada no Daime juntamente com o Mestre Irineu e, posteriormente, acompanhando o Padrinho Sebastião na formação da comunidade, a qual exercia o importante papel de líder da fiscalização feminina. Trabalhando, portanto, desde o início no auxílio e no atendimento dentro e fora dos trabalhos espirituais.

Madrinha Maria Brilhante começou lembrando da época em que o Padrinho construía sua casa, sendo a primeira residência avistada por quem aportava na beira do igarapé. A labuta foi realizada (assim como a construção de todos os espaços da comunidade) de maneira coletiva. Em um desses dias de trabalho, conta a Madrinha Brilhante, “o boi sumiu”<sup>102</sup>. Ninguém conseguia “encontrar esse boi em canto nenhum”. Todo mundo revirou tudo e nem vestígio desse boi. Paralelamente ao sumiço do boi, na cidade de Boca do Acre<sup>103</sup>, “um cara que vivia lá e entrava nos bares e acabava com tudo no pau, sabe. Por lá ele ganhou a mata... Sumiu-se!” (Entrevista). Nesse momento da narrativa, as histórias parecem entrar em uma espécie de cruzo:

*E já tava uns dias que ele tava na mata e aqui todo mundo procurando esse boi. [...] Até que um dia ele disse que ia e quando viu, aquele boi deitado no meio da mata. Aí ele disse: “-Ah, por aqui tem gente, né. Por aqui tem gado”. Aí foi e chegou lá o boi levantou-se e falou pra ele: “- Tu tá perdido?”. Ele disse: “-Tô!”. Ele disse: “-Eu também tô perdido”. Aí disse: “ – O que é que você tá fazendo aqui?”. Ah, porque ele tá amarrado e não pode se desatar. E o boi tinha arrodado a corda num pau lá, sabe, e não soltou. Uma ferida que era desse tamanho nas costas [faz o gesto com as mãos sinalizando uma ferida em média com 20cm de diâmetro]. Ele tá até doente, né. Ele saiu de lá de onde ele mora. Saiu passeando na mata e se perdeu-se. Não pode mais voltar, não acertei mais voltar, mas eu vou sair. Eu vou te tirar e tu vai pra tua casa e eu vou pegar o rumo pra minha casa. Aí ele foi lá e desatou o boi. E o boi: “-Simbora, me acompanhe”. Ele acompanhou o boi. O boi veio deixar ele na beira da estrada que vai pra Rio Branco, né. Olha onde era que tava. E deixou ele lá e disse: “-Aqui tu vai pra cá. Tu mora pra cá. E eu agora também vou pegar meu rumo pra casa que lá tão me procurando”. (Entrevista)*

Enquanto isso na Vila, passados dois meses desde o desaparecimento do boi, os moradores convocaram o Padrinho Sebastião: “- Hoje nós vamos atrás do boi! Se nós não achar mais hoje, ele vai ficar por perdido. Ou a onça pegou, ou alguma coisa aconteceu e ele já morreu”. “Aí foram pra mata. [...] Quando foram na fé que eles olharam, lá vem o boi dentro da mata”. E seguiram “cuidando desse boi como que nem cuida da criatura. Eles levavam no igarapé, eles lavavam aquela enfermidade, aquela ferida nas costas do boi, e dando ração pro boi”. Passados quinze dias desde a volta do animal para a comunidade,

<sup>102</sup> São de extrema importância para a vida no lugar pela possibilidade de carregarem coisas muito pesadas da floresta, como o jagube, lenha, frutos, etc; ou dos roçados, com adubos para o plantio e no auxílio de transportar a colheita. Portanto, são animais que, tal qual os *mateiros*, conhecem bem os caminhos da floresta.

<sup>103</sup> Embora seja a cidade mais próxima da Vila, fica há 8 horas de canoa.

ancora uma canoa na beira do rio, “tiraram um negócio da canoa, deixaram lá e se mandaram pra trás” (Entrevista). Prontamente, o Padrinho Sebastião solicita a um dos filhos da Madrinha Brilhante:

*“-Antônio, venha cá, meu fio. Olhe o que é que deixaram acolá na beira do igarapé. [...] Uma canoa diferente encostou acolá, eu esperei subir, vi que tiraram uma coisa e deixaram acolá. Vá olhar o que é”. Ele foi. Chegou lá, voltou e disse: “-Padrinho, é um homem amarrado. Os pirarucu tão atacando ele”. Amarrado, que nem porco, fia, assim, ó, pé e mão [encena a amarração]. Ele disse: “-Meu fio, vá lá e desate ele!”. Foi lá, desatou. “-Traga ele aqui”. (Entrevista)*

Chegava ao Mapiá uma das pessoas doentes descritas como jogadas em estado calamitoso, em um estado incontrolável de “surto” por muitas horas (ou dias), navegando por um rio gigante e profundo, pela sinuosidade das curvas do Igarapé, desviando de troncos de árvores caídos sob sol forte ou a chuva quase cotidiana da região. Mas, o desejo da cura era intenso, e a certeza da recepção, do acolhimento e da possibilidade do tratamento era sabido.

*Aí quando chegou lá ele começou. Doidim, minha fia, coitado... Aí falando muita coisa. [...] Aí ele: “-Eu tava na mata, aí o pessoal, eu sai em Boca do Acre de novo, o pessoal me amarraram, me trouxeram, me judiaram, vim todo amarrado. Mas quem me tirou da mata foi um boi!”. O pai disse: “-Foi um boi?”. Aí ele foi contar a história do boi. Disse: “-Um boi branco, né, ele tava com uma ferida deste tamanho nas costas, o coitado. Aí ele veio me deixar na beira da estrada que vai pra Rio branco, Padrinho. E ele disse que ia simhora que o pessoal tava procurando ele”. (Entrevista)*

Unindo o que estava escutando com o ocorrido, meses antes, perguntou o Padrinho:

*“-Bora ali. [...] Tu vendo o boi tu conhece?”. Ele disse: “- Conheço!”. Aí chegando lá, quando ele olhou, falou: “-Ei, camarada, eu cheguei!” [em alto tom de voz]. Maninha, o boi olhou pra ele e urrou! Ele foi lá e se pendurou-se no pescoço do boi, e cheirava o boi, e abraçava o boi. Olhou a ferida nas costas dele: “-Foi esse, era esse aqui!”. O pai disse: “-Esse boi não é pra matar ele aqui. Nunca ele vai morrer aqui!”. [...] Aí ele ficou aí, ficou fazendo trabalho pra ele. Fazemo muito trabalho. Levava ele pra Estrelinha, sabe. Fazia trabalho lá pra ele, ele passava coisa pesada mermo na ruma. Mas ele ficou bom. Hoje em dia é casado, já tem é neto. Acredita? [...] Quando esse cara chegou amarrado, ficou bom foi lá naquela Estrelinha. Passou passagem pesada, mas passou. (Entrevista)*

Na narrativa a “sacralização” do boi parece mostrar não só a crença na magia de um bicho-falante, mas a sensibilidade do sentimento gerado entre o homem salvo por ele e o animal. Em outras palavras, a afeição importava como parte crucial da cura, sobretudo para quem já tinha sido “judiado” por outras pessoas. Era parte do ofício das pessoas da comunidade oferecer o que de mais precioso se tinha no auxílio para todos os males: as

sessões de cura. Embora ficasse a cargo das *Plantas professoras* mostrar, mover e transformar as situações e as pessoas.

A segunda história contada pela Madrinha Brilhante foi a de “Dona Silvia”. Ribeirinha moradora da região de Boca do Acre, chegada à Vila como “muita gente, que chegava aqui doente e saía bem. Gente que você julgava... Que nem essa mulher, ninguém não julgava a vida dela, não [cerra os lábios e balança a cabeça negativamente]” (Entrevista). Essa história nos mostrou como eram complexas as relações que envolviam o atendimento aos enfermos. Em um tom de voz baixo – talvez por esperar uma reação de susto de minha parte –, quase cochichando, a Madrinha me disse: “uma vez chegou uma mulher aqui, minha fia, que ela tava obrando pela boca!”.

*[...] Nós passamos um mês com essa mulher aqui. Dessa grossurinha... O marido dela disse que já tinha procurado recurso por todo canto. Aí ele soube, né, desse homem aqui que fazia cura. Aí disse: “- Eu vou levar essa mulher lá”. Aí quando ele veio, dormiu aqui em viagem [...]. aí foi ajeitar a canoa, né, de manhã bem cedo. Aí ele disse: “- Quer saber? Essa mulher vai morrer e eu vou levar ela pra trás pra morrer no meio... Longe dos nossos filhos, pra meus filhos não ver a passagem da mãe deles, né. Vou trazer uma canoa e já voltar daqui”. Quando ele tava pensando aqui, ele disse que uma voz falou lá do outro lado do Igarapé: “- Leva a mulher lá no destino que tu foi e saiu de lá pra levar lá. Se morrer, tem quem enterre!”. Aí ele disse: “- Meu Deus do céu, eu vou levar”. Aí veio. (Entrevista)*

Madrinha Brilhante prosseguiu narrando os passos dados ao receberem Dona Silvia:

*Quando ele chegou aqui, a Dalvina morava ali. [...] Aí deixaram ela lá. Minha irmã, nós dava banho nessa mulher, nada adiantava... Com quatro dias que ela tinha chegado, maninha... Aí veio ela, uma filha, um filho, um genro e um marido. Com quatro dias, pegamos ela e fomos fazer um caldo. Papai<sup>104</sup> tinha matado um boi. Que sempre ele matava boi aqui, sabe. Fizemos aquele pirão escaldado, bem escaldadinho, com arroz e carne por cima. Ela sentou-se numa rede. Damos banho nela e ela sentou-se numa rede e eles sentaram tudo ao redor dela, assim. Ela não comia nada! Nada ela comia! Fia, ela pegou esse prato de comida, comeu todim. Cabou, tomou caldo. Aí eles começaram a chorar. Choravam, e choravam, e se abraçavam e diziam: “- Ela tá se despedindo”. Que diz que a pessoa quando tá pra morrer a saúde visita, né. “-Ela tá assim porque ela vai morrer e tal”. Que morrer que nada, minha fia! A mulher foi com quinze dias, ela chegou pro pai e disse: “-Padrim, agora eu preciso voltar pra casa, que agora eu tô bem”. Papai disse: “-Não, ainda não tá boa, não. Ainda não dá não. Passa mais uns dias”. Aí passou mais dez dias, ele chegou e disse bem assim: “- Agora tá de alta. Pode ir!”. Minha filha, a mulher ficou dessa grossura de gorda, ó. [...] Ela com saúde, graças a Deus. (Entrevista)*

<sup>104</sup> A Madrinha Brilhante refere-se ao Padrinho Sebastião sempre como “papai” e a Madrinha Rita como “mamãe”.

Essa história nos indica que a comunidade funcionava como uma verdadeira rede de apoio. Assim, o atendimento curandeiro era coletivo. A figura do Padrinho alcançava a atribuição de um porta-voz, definindo a durabilidade do tratamento, avaliando sua conclusão, bem como definindo a ordem dos trabalhos espirituais para cada caso (o horário e a quantidade de dias tomando as *medicinas*, por exemplo). Contudo, o agenciamento e a crença no poder de curar estava, majoritariamente, a cargo das próprias *Plantas*. Como disse a Madrinha Brilhante:

*Quando eu faço um Trabalho de Cura e vejo os seres da cura vim, eu confio que aquele ali vai ficar bom, porque eu sei que não é coisa daqui da terra [risos]. Não é coisa daqui da terra, não. Por escrito, não [faz o movimento de assinatura em papel, simulando um receituário médico, aos risos]. [grifo meu]. (Entrevista)*

Além disso, notamos a continuidade de tradições existentes da população local externas à religião, como o uso de uma diversidade imensa de outras plantas medicinais<sup>105</sup>, tornando-se, naquele contexto, importantes aliados nos processos curativos centralizados no uso do Daime e da Santa Maria. A Madrinha Brilhante enfatiza: “era com Daime! É com Daime! Toda vida é com Daime. Daime... Chá... Num sabe? As ervas da mata, de casa, de todo jeito!” (Entrevista).

Algo interessante a respeito do uso do Daime ou da Santa Maria é que para a cinza produzida pelo *pito*, existe a indicação no uso tópico em ferimentos, por exemplo. Foi-me contado também, embora sem muitos detalhes, a respeito da utilização de chás e banhos feitos com partes específicas da Santa Maria para a cura de enfermidades. Com isso, vemos que há um processo de ressignificação dos próprios usos medicinais das *Plantas*, algo muito característico das culturas orais, mas que ganha um delineamento diferente quando recordamos do Santo Daime e da Santa Maria como sendo os próprios instrutores desses outros usos.

Repletos de encantarias – com animais que falam (ou conseguem ser ouvidos) e vozes ecoando das matas ordenando caminhos -, os relatos de cura com as *Plantas professoras*, as outras infinitudes de *medicinas* advindas da floresta e/ou os atendimentos promovidos pelos muitos curandeiros na comunidade são inúmeros e renderiam uma investigação à parte.

---

<sup>105</sup> Detalhado mapeamento a respeito dessa diversidade de outras plantas, ervas e até mesmo secreções de animais para o atendimento foram realizados por Vera Fernandes (1986, p. 83) e, mais recentemente, por Maria Betânia Albuquerque (2021, p. 263-65) a respeito da diversidade de outras plantas medicinais como mecanismos aliados no tratamento das doenças.

### 5.3.4 “A linha de Arrochim é linha de curador/Eu curo é para servir com o poder do criador”

Desde o início da entrada em campo no Acre, chamou nossa atenção os muitos indicativos dos relatos de atendimentos e curas realizadas através do Padrinho Wilson Carneiro<sup>106</sup>, principalmente pelas pessoas que continuam residindo na Colônia Cinco Mil após a saída dos que seguiram para o Amazonas. Um dos grandes auxiliares na transferência paulatina das famílias<sup>107</sup>, Padrinho Wilson Carneiro foi o responsável por dar continuidade aos trabalhos espirituais na localidade. Consta no *website* oficial da ICEFLU<sup>108</sup> a seguinte fala atribuída ao Padrinho Wilson Carneiro relatando sobre as conjunturas daquele momento:

Quando foi a 15 de fevereiro de 1981 eu cheguei [para morar] na Cinco Mil. Aí eu fiquei lá na casa de um fazendeiro, na casa do meu genro. Fiquei, e quando foi no fim de junho ele me chamou para tomar conta da igreja. Eu disse: Padrinho, eu não quero ficar de diretor da igreja, eu não tenho capacidade disso. "Mas é o senhor o escolhido, o senhor não tem pra onde correr". Padrinho, mas eu reconheço de mim que não tenho capacidade de dirigir um centro espírita. "Aprende como eu aprendi, mas não tem pra onde correr: o escolhido é o senhor". Aí eu fui com o Alfredo, que é o comandante geral da Doutrina, e disse: Alfredo, o Padrinho quer que eu fique como dirigente da igreja, eu conheço de mim que não tenho capacidade de dirigir um centro espírita. "Padrinho, mas é o senhor o escolhido, não adianta correr que o escolhido é o senhor. Olha, papai pegou no timão, eu peguei, agora é o senhor". (...) Aí nisso quando eles me entregaram a chave da igreja, o Alfredo me entregou um hino que fala "Agora tu recebes esta chave de ouro". Foi o hino que me entregaram quando entregaram a chave da igreja. Mas que a minha missão mesmo é cuidar dos doentes...

A designação para tomar conta do lugar não fora por mero desejo aleatório do Padrinho Sebastião. O hino citado pelo Padrinho Wilson esclarece o ponto central.

---

<sup>106</sup>O aparecimento recorrente do Padrinho Wilson nas narrativas deve-se, podemos pensar, pelo longo tempo exercendo tal função; pela designação do Mestre Irineu para algo, na época, visto como demasiadamente importante na religião; e, claro, não descartamos a explicação a respeito da sua popularidade na região, visto que seu atendimento era realizado em pleno centro urbano de Rio Branco, em uma casa comum, antes de se transferir totalmente com a família para a comunidade da Cinco Mil e passar a prestar sua assistência com o Daime lá. Narrou-me seu filho, o Padrinho Nonato, que o pedido do Mestre Irineu veio após o rompimento com o Centro Esotérico da Comunhão de Pensamento (CECP), em fins dos anos de 1960. Outra informação prestada pelo Padrinho Nonato ocorrida após essa separação, é sobre a mudança e fixação dos dias das “Concentrações”, indo dos dias 17 e 27 para os dias 15 e 30 de todos os meses do ano.

<sup>107</sup>É importante ressaltar que a transferência dava-se aos poucos, durando anos até completar os dois ciclos de mudança – Rio do Ouro e Mapiá -, visto que para receber as famílias, era necessário ter alimentos já plantados para serem colhidos, assim como espaços para residirem. A lógica de organização era das famílias já transferidas se encarregarem de, coletivamente, prover o acolhimento das que recém-chegavam.

<sup>108</sup>Disponível em: <https://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/discipulos/pad-wilson-carneiro>. Acessado em 29 de março de 2022.

**Chave de Ouro**

Eu estou aqui  
 E em todo lugar  
 Que firmar em mim  
 E me acreditar

Eu sou daqui  
 E estou lá  
 Eu sou o Daime  
 É só consagrar

Esta palavra  
 É para afirmar  
 No pé do Cruzeiro  
 Aonde está

É um segredo  
 É um tesouro  
 Que agora recibes  
 Desta chave de ouro

Todo mundo chora  
 O Mestre está sorrindo  
 É felicidade  
 Para quem está seguindo

Nesta Doutrina  
 De Juramidam  
 De Jesus Cristo  
 E da Virgem Mãe

O tempo trouxe  
 Eu afirmei  
 Esta Doutrina  
 Com o Mestre no meio

Deste jardim  
 De formosura  
 Do Pai Eterno  
 E da Virgem Mãe Pura.  
 (*O Cruzeirozinho*, hino 106)

O Padrinho Wilson faleceu em 1998, aos 77 anos, mas tivemos a oportunidade de conversar com seu filho mais velho, o Padrinho Raimundo Nonato Teixeira de Souza, que nos contou algumas das instruções passadas pelo Mestre Irineu ao Padrinho Wilson para os atendimentos aos doentes, algo baseado na sua própria vivência do Mestre em contato com as *Plantas*.

*-Wilson, eu quero que o senhor tome conta dos meus pacientes lá na cidade. Não me ofereça Daime a ninguém, mas também não negue<sup>109</sup>. Se o paciente puder ir até sua casa, o senhor serve o Daime a ele e dê duas horas de assistência. Nesse período dessas duas horas, se o paciente tiver lúcido, o senhor suspende o trabalho. Mas se o paciente tiver em alta miração, o senhor pode prolongar o trabalho. Se o paciente não puder ir até a sua casa, o senhor pega uma garrafinha de Daime, convida dois ou três companheiros, vai lá na casa dele e faz o mesmo trabalho que o senhor faz na sua casa. Então, era assim que papai passou a fazer os trabalhos de cura.<sup>110</sup> (Entrevista)*

Conta o Padrinho Nonato que os primeiros atendimentos eram feitos mediante a cantoria do hinário “O Mensageiro”, da Maria Marques. Por instrução de uma das seguidoras do Mestre Irineu, Dona Percília Matos, que o alertou em “estar começando pelo fim da rama”: “primeiro é O Santo Cruzeiro, Germano Guilherme, Antônio Gomes, João Pereira, Maria Marques”. Em resposta, o Padrinho Wilson disse: “mas eu faço os trabalhos de cura com ele e acontece a cura” (Entrevista).

Apesar disso, “como bem obediente, estudou o Santo Cruzeiro” e os demais hinários dos “Companheiros do Mestre”. Só após concluir esses “estudos” iniciais, o Padrinho Wilson “foi começar a formar o hinário dele da Linha de Arrochim”<sup>111</sup> (Entrevista). Nesse espaço, é dito sobre o acontecimento de muitas curas. O Padrinho Wilson conta sobre uma delas:

Nessa missão de curador eu curei muita gente. A dona Glória foi uma das pessoas que estava desenganada, pois os médicos disseram que ela estava com câncer no ovário. Tinha saído do hospital e estava só esperando a hora de morrer. O pai dela perguntou se ela queria tomar o Daime e como ela quis, ele foi lá em casa. A partir daí eu comecei a tratá-la, com cinco

<sup>109</sup>Por uma norma instrutiva recebida dentro de alguns hinos de membros, como o hino “Eu vim para este mundo”, do João Pereira no hinário *Seis de Janeiro* (nomeado como um dos quatro “Companheiros do Mestre”), a ninguém se confere a autorização para que se convide quem quer que seja para tomar a bebida. Diz a letra: “O Mestre que me ordena/ Que aprendeu para ensinar/ Não é coisa que se ofereça/ É para aqueles que procurar”. Acredita-se, assim, que o próprio Mestre [o Daime] encontra os meios necessários e viáveis para convidar uma nova pessoa para conhecer a religião no tempo devido.

<sup>110</sup>Notamos uma espécie de unicidade em relação ao protocolo desse serviço primordial em atender os enfermos por parte dessa tríade curandeira - o Mestre Irineu, o Padrinho Wilson e o Padrinho Sebastião. Salvo, evidentemente, as muitas diferenças no desenvolvimento dos trabalhos, visto que o Padrinho Sebastião trouxe, podemos assim dizer, outras ferramentas para estes atendimentos, como a *consagração* de outras *Plantas professoras* e as condutas guiadas por espíritos incorporados.

<sup>111</sup> Não faz parte do nosso objetivo intensificar a abordagem sobre os trabalhos da “Linha de Arrochim”, visto a amplitude da história do Padrinho Wilson e as correntes descendentes que seu trabalho trouxe para o Daime. Como os realizados pelo seu filho Padrinho Nonato, constituindo-se também como uma instituição, atualmente com filiais em São Paulo, Minas Gerais, Ceará e Santa Catarina. Suas histórias requerem uma dedicação especial e uma pesquisa mais robusta. Sobre esse assunto, os trabalhos de Eduardo Bayer (2005), Henrique Antunes (2012) e Julia Moura (2018) iniciaram um importante debate sobre a trajetória do Padrinho Wilson Carneiro e a formação do *Centro Pronto Socorro Espiritual Raimundo Irineu Serra*. Nosso interesse, particularmente, é a respeito nas narrativas que nos foram apresentadas e como estas constituem um acervo importante na história da religião e, principalmente, em como muitas pessoas buscaram e encontraram no Daime um espaço para cura de questões intensas e diversas.

trabalhos que eu fiz, no último ela recebeu três operações. Ela estava com câncer no ovário, conforme os médicos já tinham afirmado, inclusive com a ocorrência de pus, tinha as tripas estragadas, cheias de caroço e tinha o rim esquerdo estragado. Depois ela me contou como foi e que tinha assumido um compromisso de amar todos os seres vivos e frequentar a doutrina. Eu pedi a ela um documento por escrito e ela me deu esse grande documento. Ela conta que se desprendeu, conversou com Nossa Senhora, que lhe explicou a causa da doença dela. Lá no alto, viu a igreja do mestre Irineu iluminando o mundo inteiro, então Nossa Senhora disse “-Olha, se tu fosse operar materialmente!” E mostrou ela morta em cima de uma mesa e o caixão do lado. Mas tu vais te operar espiritualmente”. Aí ela recebeu as três operações de cura. (apud FERNANDES, 1986, pp. 77-78)

**Figura 34 – Padrinho Nonato no momento da entrevista, na sala da sua residência, Colônia Cinco Mil - Rio Branco/AC, em maio de 2019.**



Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

Seu filho também relatou esse mesmo caso, acrescentando algumas informações. Lembrou que após o Padrinho Wilson servir “um copo americano cheinho. Cheinho mesmo!” do Daime, e a *miração* acontecer, Dona Glória “desprende-se, foi-se em cima nas alturas”. Em dado momento da sessão, ela disse: “- Bem, meus irmãos, agora chegou a hora de viver ou de morrer”. O comentário levou ao lamento de seu pai, “Seu Cachoeira”: “- A minha filha tá aí se acabando à mingua”. E então, o Padrinho Nonato acrescenta a fala apaziguadora e

confiante de seu pai no direcionamento do trabalho que acontecia: “- Opa! Não é hora de fazer clamor. Essa é uma hora de implorarmos ao Supremo Pai e a Virgem Santíssima e Soberana Mãe pela saúde da moça’. Aquietou-se todo mundo” (Entrevista). Essas falas apresentam o indicativo da experiência da *miração* trazer ao doente não somente a cura, mas apresentar as razões mesmas dela:

*Aí foi e conversou com uma Senhora também. A Senhora falou assim pra ela: “- Minha fia foi pra uma pescaria, num foi?”. “-Foi, fui, sim senhora!”. “-Minha fia, foi fazer necessidades e não tinha com o quê fazer a higiene e fez com uma folha, num foi?”. “-Foi, sim senhora”. “-Pois essa folha ia um vírus”. Ela ficou cheia de caroços por dentro. Aí ela foi e narrou toda a história pra ela. Ela foi e fez uma carta pro meu pai que não tinha tamanho. Uma carta mesmo, um documento e tanto!”<sup>112</sup> (Entrevista)*

Seguindo com os atendimentos no centro urbano, o Mestre Irineu o orientou no seguinte: “-Wilson, nas suas folgas é nas suas folgas. Você tá nas suas folgas. Você pode fazer o que quiser nas suas folgas. Só não o que não é agradável aos olhos de Deus”. Em um desses dias de “folga” indo ao cinema, “no melhor do filme”, chamaram-no na portaria. Nesse espaço corriqueiro, uma mulher chamada Raimunda chama-o para o socorro de seu esposo, José Lima, pedindo para atendê-lo, pois estava “se acabando em cima de uma cama” (Entrevista). O protocolo do atendimento seguiu o mesmo que o do caso anterior:

*Chegou lá o homem tava espumando. Espumando, espumando, espumando. Ele foi e pegou a cabecinha dele, suspendeu e deu o Daime [faz o gesto com as mãos de segurar alguém com a cabeça deitada no antebraço e ministrar um copo na boca]. Passou mais um pouco, deu outro Daime. Eu sei que ele serviu vários Daimés nesse tratamento que ele foi fazer. Daí a pouco ele passou a fazer limpeza<sup>113</sup>. Fazer limpeza, fazer limpeza. Papai disse que ele botava cada pedaço de um ovo pra fora que ele disse: “-Meu filho, eu não sei como é que um ovo cresce tanto dentro de uma pessoa!”. Aí ele desprende-se, foi em cima no astral, esse cidadão. Aí chegou lá, ele conversou com uma senhora. A senhora chegou e falou pra ele assim: “- Meu filho foi numa festa de aniversário, não foi?”. “-Fui sim, senhora”. “-Pois bem, não tinha uma salada, não tinha?”. “-Tinha sim, senhora”. “-Pois nessa salada tinha um ovo estragado e estragou toda salada”. (Entrevista)*

No dia seguinte, tanto o doente quanto o Padrinho Wilson foram “dar ocorrência ao Mestre Irineu” sobre a sessão, a qual parece nos indicar também da popularidade dessa nova

<sup>112</sup> Este documento, segundo contou o Padrinho Nonato, foi perdido mediante o furto da carteira do Padrinho Wilson, sinalizando que ele andava cotidianamente com tal depoimento.

<sup>113</sup>“Limpeza” é o termo utilizado no meio religioso para referenciar o ato de excretar do próprio corpo algo que estaria sendo danoso à pessoa que está em contato com o Daime, podendo ser eliminado através de vômitos ou diarreias, sendo estas substâncias tanto materiais quanto imateriais.

extensão dos trabalhos com o Daime (Entrevista). O Mestre reflete onde residiria a importância tanto do espaço de atendimento, quanto do Padrinho Wilson em atuar como veículo dos *seres astrais*:

*-Wilson, por isso eu quero meu Pronto Socorro lá na cidade. Porque se Wilson não tivesse lá, José Lima teria morrido. Porque pra sair de lá numa rede até chegar aqui, a lama do jeito que tá, chegaria aqui morto. Então, José Lima não queria médico, queria Wilson! Então Wilson foi lá e, graças ao Pai e a Mamãe, José Lima ficou curado. (Entrevista)*

Dentre os narradores, além do Padrinho Nonato, a Marinez talvez tenha sido quem mais mencionou uma convivência direta com o Padrinho o Wilson e seus trabalhos após serem transferidos para a comunidade da Colônia Cinco Mil. Ela nos contou que havia uma seleção de pessoas<sup>114</sup> para participar dos *Trabalhos de Cura na Estrelinha*<sup>115</sup>, onde se faziam esses, os de *Mesa*, de *Cruzes*, de *Estrela* e os de *Arrochim*.

Foi participando ativamente desses trabalhos na *Estrelinha*, que Marinez experienciou um processo pessoal de cura que culminaria no seu fardamento. Sendo moradora do centro da cidade, sua convivência na comunidade era de quem “passava final de semana, tomava Daime e ia embora”, mas assumir um compromisso em definitivo com a religião não era cogitado até esta experiência. Em um desses trabalhos, com *mirações* “muito fortes, muito fortes”, no qual ela teve a sensação de que havia “uma equipe médica dando informações”:

*Tinha ido ao médico ginecologista. Ele falou assim: “-Olha, você tá sentindo tudo isso. Isso é um mioma, tá do tamanho de uma laranja, num sei o quê”. Fez aqueles exames de prevenção e num sei o quê: “-Vai precisar operar!”. A conversa deles era só essa: “-Vai operar! Vai ter que operar! Vai ter que operar!”. Mas eu não aceitava aquilo, né. Primeiro, que eu morria de medo. Quando falava em operar, pra mim, já era “vou morrer”. Dizia assim “você vai se cortar, vai morrer” [risos]. Então eu tinha pavor. Então foi uma coisa que me levou mais ainda pra dentro da comunidade foi isso. Essa busca. Eu digo: “-Não... tem que ter outro jeito!”. (Entrevista)*

<sup>114</sup> Narra: “Não era assim: ‘-Ah, vai ter um trabalho de cura, vai todo mundo’. Não! [...] Ele tinha um quadro, né, lá na casa, que ele colocava o nome dos homens e das mulheres que iam participar dos trabalhos.[...] Aí a gente ia praquela casinha, fecha a porta... Não tinha banheiro, né, na casinha, não tinha nada... Imagina?![risos]. E aí, quando a miração apertava, a gente tinha mania de dizer: ‘-Ai, Padrinho, preciso sair porque eu vou no banheiro’. Querendo meio que, né, driblar o fiscal. ‘-Não, preciso ir no banheiro. Preciso ir ali fazer alguma coisa pra ver se saía dali, né’. E aí, o Padrinho Wilson, muito sábio, né, começou a fechar a porta e dizer: ‘-Não, aqui a chave é no bolso e ninguém sai!’”.

<sup>115</sup> Na trajetória do Padrinho o Wilson, embora o espaço de realização dos trabalhos também seja nomeado de “Estrelinha”, o contexto para sua construção foi diferente da do vivido pelo Padrinho Sebastião. Contou a Marinez: “Estrelinha era a casinha, né, que ele tinha. Porque ele tinha problemas de saúde nos olhos, e aí ele começou a fazer trabalho em casa e aí, no outro dia, ele amanhecia doente. Ele recebia as pessoas, fazia o atendimento na casa e aí ficava doente. Aí ele disse: ‘-Oh, eu quero uma casinha pra eu receber o pessoal e fazer meus trabalhos, né. Porque, em casa, fica tudo dentro de casa!’. Aí foi que foi construída essa casinha fora da igreja que era pro Padrinho Wilson fazer os trabalhos”.

Durante a experiência juntamente com o medo de passar pela intervenção cirúrgica da medicina convencional veio a instrução dada pelas *Plantas* de “tomar o Daime sozinha na mata”. Em seguida, ela conta e pede permissão ao Padrinho Wilson.

*Aí ele disse assim: “- Olha, eu não vou te dar Daime pra você levar pra mata, porque você faz pouco tempo, ainda não é nem fardada e tudo e quer tomar um Daime assim. Mas eu mando a Graça. Você vai com a Graça, ela lhe dá o Daime. Vem pra cá, você faz o trabalho enquanto ela vai lá”. Aí nesse dia aí nós fomos pra mata. Tinha um terreirinho na mata. Cumade Graça foi comigo, me serviu o Daime, falou da companhia pra tomar Daime comigo, pra acompanhar, né. Ficou nós duas lá. (Entrevista)*

Após o *despacho* de Daime, o reduto da mata se transforma pela *miração*:

*E aí, quando foi uma hora, começou a vim a miração, a miração... Quando olhei assim: tudo transformado! Tudo transformado! Aí, aquilo ali tudo parecia uma sala de cirurgia. Eu via tudo, eu via tudo! [fecha os olhos no início da frase e fala gesticulando sobre] Aquelas... Como se fosse uma nuvem, né, num era que é questão de ter parede ou isso não, né. Num era uma sala, que eu digo, com parede... Era um espaço que eu me via ali, era como se o ar tivesse denso, azulado, esfumaçado, uma coisa assim. Mas eu via pessoas, né, os corpos com roupas brancas e aquele tilintar dos instrumentos: clim, clim, tá, tá. E como se eles tivesse conversando e fazendo uma cirurgia normal ali e eu de fora olhando aquilo ali. Era mais ou menos assim. E aí eu fui entendendo que aquilo era uma equipe médica, né, que eu é que tava sendo tratada ali. E aí depois daquilo tudo, quando passou aquilo tudo, né, que eu saia, que eu levantava pra olhar o espaço, eu tava toda de farda azul. A saia azul, a blusa, né, com o lacinho. Aí eu estranhava, né, porque eu não era fardada. Mas só que naquele momento nada foi estranho, tava tudo normal. Eu de farda... Eu olhava eu de farda. Tava tudo normal. [...] Quando terminou, eu já tava de outro jeito. Quando eu sai dali que fui lá pra casa, que foram me dar banho e tudo, que eu fui me trocar e tudo. Eu já olhava pra mim, eu já era outra pessoa. Como se eu tivesse muito suja e dali, aquele banho que levando tudo, sabe. Inclusive, de dentro, que saia aquela secreção, assim, de mim. Coisa que até nunca tinha visto isso. E eu vi, sabe! Foi como eles tivessem mexido tudo dentro de mim e aquilo tudo saiu. [...] Foi a cumade Graça e outra irmã lá me dar banho, me levaram pro banheiro pra me dar banho e tudo. Foi como um tratamento mesmo. Que eu sentava assim e saia aquele monte de coisas de dentro. A secreção, aquelas coisas saindo. Aí eu digo “não tem como, né, eu tenho que continuar o tratamento e tudo”. [...] Mas aí eu não falei nada, fiquei quieta, né. [...] Aí terminou o trabalho, eu fui lá na casa grande, fiquei lá com o Padrinho, casa do Padrinho. Fiquei lá acolhida, tudo. (Entrevista)*

A cirurgia chega ao término, mas a *miração* continuou. Voltando para casa onde estava hospedada, em uma parte alta da varanda:

*Eu olhei assim: a floresta toda se transformava! O verde da palheira se transformava como se fosse um saiote e o verde das fardas. E aí eu olhei, eu vi como uma mulher, né. O cabelo grande, assim, toda fardada. Toda fardada de branco. Aí eu ficava, ficava, né, ainda mirando. Isso tinha terminado o trabalho e eu mirando, mirando. Aí via essa mulher, já era diferente do que eu tinha me visto fardada, né. E aí ela se apresentava como “Luar de Prata”, né, que ela dizia que era o nome. (Entrevista)*

Posteriormente, ao mencionar a visão ao Padrinho Wilson, a resposta (contada aos risos) foi direta: “- Minha filha, você tá esperando o quê?! Cê não viu que isso é pro seu fardamento? Já tem mais de dez anos que você tá tomando Daime aqui e ainda não se fardou”. Na ocasião, sendo também o responsável por presentear-lá com o adorno da “estrela” para ser apreçada na farda: “-Tome! Isso aqui é pro seu fardamento”. Era uma estrela de bronze. “- Isso aqui ainda foi do tempo do Mestre”. [...] Eu só fiz pegar. Digo “É, é... Então vou me fardar no São João” (Entrevista).

**Figura 35 – Marinez Silva no momento da entrevista, no quintal da sua residência, Rio Branco/AC, em maio de 2019.**



Fonte: acervo pessoal construído ao longo da pesquisa de campo.

Marinez Silva fala de como foi importante ver a sua própria cirurgia no trabalho por múltiplos fatores. Primeiro, por isso soar como uma resposta para sua busca em meio à aflição da condição de estar doente, visto não imaginar que “quando me veio no trabalho anterior que era pra eu tomar Daime sozinha na mata, e tudo, estudar, tudo, eu não sabia que era

relacionado a esse tratamento que eu já tava iniciando na medicina comum” (Entrevista). Segundo, ela enfatiza como a experiência lhe atravessou em muitos sentidos, incentivando-a a dedicar integralmente sua vida à comunidade. O processo de cura acendeu diversas lâmpadas internas:

*Aí foi quando eu também tava num período muito difícil porque eu morava aqui, eu vivia todo aquele sistema de cidade. De sair cedo, eu trabalhava pro governo, né, na repartição pública e dava aula também. E tava cansada! Não conseguia mais assimilar as coisas na cabeça. Não tinha mais aquela concentração, aquela harmonia, né, que eu tinha dentro de mim. Tava alguma coisa fora do controle ali, né. A harmonia. [...] Então, aí com esse tratamento que eu fiz no Daime, quando eu voltei pra ir pro médico. Já fui noutros médicos, tudo. Já não apareceu mais esse negócio de mioma, de ter que operar, de tudo. Aí juntou com aquela que foi na época que tava a política do Collor, né. Foi quando naquele movimento do Collor e tudo. Aí, muito desemprego, né. Foi quando veio também na minha repartição, que foi um bocado de gente saiu do emprego. Eu também. Então, nessa época foi um momento, assim, que juntou tudo. Eu queria uma mudança total! Eu digo “né possível que só tem esse caos na minha frente”, né. De eu ver desemprego, doença... Nada tava funcionando mais pra mim na cidade e tava muito esquisito. E aí, quando eu cheguei nesse momento lá, já era tudo diferente. Lá eu já tava achando a minha cura sem precisar de operar, de nada disso, né. Já tava começando contato com a floresta, que já me trazia essa paz, essa harmonização, né. [...] Aí foi quando realmente veio a cura, né, que o Daime foi trabalhando em mim primeiro a minha cura física. Primeiro ele foi me curando fisicamente, tirando as mazelas do corpo, a angústia... De eu tinha momentos de depressão, que aí o Daime foi tratando tudo isso. (Entrevista)*

A coroação das aprendizagens ocorre quando da compreensão do significado do fardamento. Ao vestir a indumentária daimista e reconhecer-se como parte da doutrina, o sentido de coletividade ganhou outros contornos:

*Depois do fardamento, foi também outro momento. Porque, até eu me fardar, eu ia, eu tomava Daime, mas eu via só eu. Né, aquela... Eu curar meu corpo, curar meu espírito, curar meu corpo, tudo. Aquela busca ali. Quando eu me fardei, entrei no salão como fardada, aí eu já vi outra dimensão. Eu com as irmãs. Todos fardados já num batalhão, numa missão junto, né. Pro mundo, né, não era mais só pra mim ou pra li, praquele momento. Mas era, é como eu vejo hoje. Tem dias que eu paro ali na Colônia, tem um ponto lá que eu olho assim, parece que naquele ponto ali, dali se espalha pro mundo inteiro, sabe. Aí eu fico olhando assim. É assim que eu vejo, sabe, a doutrina, o Daime. Pra mim é esse todo que abrangeu. Aquele rumo ali que tá chegando. Sempre tá chegando. Sempre chegando, sempre chegando. Mas eu acredito que ele ainda vá se transformar muito. O Daime não. Mas como o conceito, né, movimento das pessoas na busca. A própria cura do Daime vai abranger mais coisas, como tá abrangendo hoje. Hoje, a gente sabe que o Daime é como uma célula viva, né, dentro da pessoa: ele fala, ele anda, ele é mutante, né [risos]. Se for pensar, né, as*

*moleculazinha dele, né, as mandalinha dele lá vai pro nosso corpo e é bem próximo, né, das nossas células. (Entrevista)*

À semelhança do ocorrido com o próprio Padrinho Wilson - curado junto aos seus filhos nos trabalhos iniciais com o Mestre Irineu - e como menciona o hino que nomeia este tópico, o propósito parece residir também no “curar-se para servir” (Entrevista). Assim, trabalhar espiritualmente no Daime passa pela esfera de se curar para servir a quem chega. Na compreensão dessas narrativas de cura, as possibilidades abertas pelas *Plantas professoras* abrem uma perspectiva de iluminação como processo constante, infinito e renovável. Acende a candeia.

#### 5.4 “Eu brilho na floresta porque ela me pertence”

O título deste tópico é a frase que encerra o hino do Padrinho Sebastião “Brilho do sol”, o último de seu segundo hinário, *Nova Jerusalém*, concluindo, portanto, o recebimento dos seus hinos ao longo de sua passagem material na terra. Parece-me também a tentativa de concluir deixando uma mensagem que não termina nela mesma. Expande-se! Assim também desejo concluir: sem encerrar. Aprendendo em um saber que se faz pelas espirais - como me ensinaram os narradores ao entrarem nessa escola a qual eu também estou [eternamente] matriculada. Assim, para finalizar este trabalho, ao revirar anotações dos cadernos de campo, elenquei alguns pontos narrativos de minha própria experiência, juntando alguns devaneios posteriores a esta imersão em um contexto atravessado pela pandemia da Covid19.

Aparentemente, como se já anunciando o que viria, a viagem por oito horas no “canoão” (como é chamado pelos locais), entre maio e junho de 2019, me dava uma pequena amostra da experiência que tentamos minimamente condensar ao longo desse trabalho. Mesmo com o barulho alto engrenado do motor, parecia ser possível escutar o silêncio da criação retinindo da floresta por trás do grandioso Rio Purus. A exuberância das diferentes tonalidades azuis que o céu do Amazonas consegue compor em uma só paisagem que nos toma de assalto ao adentrar as curvas dos Igarapés. A junção entre mata e rio se emaranhando, onde não se sabe começo ou fim de cada um, trouxe o sentimento de estar atravessando um portal. Era como se estivesse sendo levada para dentro de algo mágico. Mesmo tendo alguns anos de experiências enteógenas, confesso que nada me preparara suficientemente para as vivências que estava prestes a passar.

A cada revoada de pássaros e araras que nos atravessavam cantando, das gigantes borboletas coloridas passadas e sumidas no meio das árvores, dos peixes que, sem querer, pulavam para dentro da canoa, das árvores caídas nos rios pelas suas próprias lógicas de renascimento, além de todos os seres visíveis e invisíveis que nos fitavam, a floresta parecia nos engolir com seu abraço como que me preparando para uma abertura aos grandes mistérios que subjazem no fundo de nossos barulhos internos. Naquele cenário, sabia que estava jogando com todas as incertezas, compreendendo-as como parte de mim mesma, reflexos fugidios de um pássaro livre. Mas, sim, era preciso ter coragem para voar rumo ao desconhecido.

Já imersa na comunidade, em dado momento, dentro dos trabalhos espirituais, percebi que para compreender muitos dos fluxos de saberes que os meus narradores tinham passado e poderiam me contar, eu também deveria adentrar o máximo possível às atividades cotidianas. Era preciso compreender como a vida na floresta foi e era feita colocando-me à sua disposição e com suas ferramentas. A pedagogia do “aqui e agora”.

E quanto mais eu busquei me distanciar da minha realidade urbana, ou da comunicação com as pessoas que não estavam ali, mais eu pude mergulhar em como os saberes estavam justapostos à simplicidade cotidiana. Comecei então a perceber como as coisas aconteciam na sutileza, mesmo que tocassem muito profundamente, seja em um ato de caminhar sentindo a imponência solene da floresta, seja em um terço e *Oração* feita às 18h00 todos os dias; ou em um café com uma das Madrinhas, ao pedir uma *benção* aos mais velhos, na lavagem das roupas no Igarapé. Era justo nesses momentos que a percepção dos temas abordados na pesquisa se abria. As entrevistas adquiriam um brilho próprio como que tecendo a si mesmas. Nesse momento, passei a compreender e aceitar quais eram as minhas principais aliadas em todo o percurso deste trabalho e a quem eu deveria confiar e entregar os caminhos: as *Plantas*.

\*\*\*

Como mencionei, a temática da cura fora algo muito referenciado nas narrativas. Seria impossível passar imune a ela em meu próprio corpo. Em dado momento, me vi na condição de utilizar algumas das ferramentas de atendimento aos doentes na comunidade. Após um trabalho de *São Miguel*, senti fortes sensações do que é compreendido no meio religioso como *obsessão* espiritual, com sentimentos de medo de adentrar muito intensamente à experiência, sobretudo às *mediúnicas*, projeções de perseguição ou vontades inexplicáveis de chorar. O sentimento era de não ter trabalhado e vivenciado tudo o que devia por não ter me entregado plenamente ao trabalho espiritual enquanto *médium* e, por isso, não ter cumprido um *serviço*.

Ao chegar e contar sobre o que estava sentindo há, pelo menos, dois ou três dias após a sessão espiritual, a Madrinha Brilhante disse-me: “Minha filha, tu confia no Daime? Então pronto!”. E, prontamente, me pediu para colher três folhas de ervas com as quais fazia a benzedura. Ao final, instruiu: “venha durante três dias, ao meio dia, pra completar a reza”. Horário esse em que ela também fazia a sua primeira oração do terço católico do dia, informando que este era feito “em nome de Jesus Cristo”, sendo o segundo (às 18h00) “em nome das almas”<sup>116</sup>. E, ao passar das horas e dos dias, os pensamentos de dissiparam. Com folhas de seu quintal sendo passadas na parte da frente e de trás do meu corpo e através de orações, minha perturbação foi sanada pelo mistério através de saberes que fogem à minha compreensão. Interessante que o questionamento da Madrinha não foi sobre minha fé nela, nas suas rezas ou nas ervas escolhidas, mas no Daime, ou seja, na *Planta-mestra*.

Ao mesmo tempo, a utilização do canal comunicativo espiritual através dos hinos e das palavras deixadas pelo Padrinho Sebastião em seu *Evangelho* funcionaram inúmeras vezes como fonte oracular para essa pesquisadora. Como nos dias em que me submeti às rezas canalizadas pela Madrinha Brilhante e suas ervas, fiquei reclusa das atividades mais formais da pesquisa (como as entrevistas), buscando sair de onde estava somente para atividades cotidianas como os terços, as orações e os trabalhos religiosos. Em um dos dias, ao abrir aleatoriamente o livro *O Evangelho Segundo Sebastião Mota* (1998), e deparei-me com a mensagem intitulada “Perdão, medo e culpa: o medo vem da ilusão”. Seguem alguns trechos de suas palavras:

Se a gente vai pra um serviço desse, recebe o perdão e não tira a culpa da mente, o jeito é sofrer (...). Tá sofrendo porque o Eu tá amarrado. Não pode voar porque tá preso, numa besteira de nada! Perdoou, pronto! Tá perdoado! Não tem culpa pra ninguém não! O que você fez foi por inocência, como uma criança que ainda está aprendendo. (...) Aí ele [o Daime] nos acorda, o sujeito passa aquilo tudo, mas tá limpo! Agora, daí pra diante, peça licença! Não tá certo ficar imaginando, nem com medo não! Eu tô só falando de prosa... Lá na Estrela é que a gente conversa, fica mais de perto. Se ficar com medo é a pior miséria, a gente fica com o diabo do medo (...). Não é a melhor coisa do mundo, a gente saber da gente? Mas se a gente tá engaiolado, não vê nem quem está nas gaiolas, então não pode ter mais prazer. (apud ALVERGA, 1998, p. 153)

---

<sup>116</sup> Existem na comunidade alguns pontos de centralidade em que, às 18h00, todos os dias, era realizada a oração do terço, seguida da *Oração* - hinos selecionados pelo Padrinho Sebastião de seu hinário *O Justiceiro* para ser feito cotidianamente. Os espaços eram o túmulo do Padrinho Sebastião (interditado quando da minha passagem na comunidade devido a construção da nova igreja) ou as casas das Madrinhas, como a Madrinha Rita, Madrinha Júlia e também a Madrinha Brilhante.

Essas palavras me reviraram inteiramente em choro, seguido por uma sensação indescritível de consolo e coragem. Neste instante, percebi a experiência do contato com a preleção, muito vivenciada pelos membros da comunidade, fossem durante os trabalhos, nas varandas, nos terços, nos roçados, nos feitos, nas caçadas, na floresta.

Tudo estava ali diante dos meus olhos. Uma mensagem viva que se conectava diretamente com algo sentido e vivido naquele mesmo instante. Fora impossível não compreender como esses elementos funcionam para muitos enquanto meio para clarear e aprender era algo fincado em suas existências, ao mesmo tempo iluminando-as e transmutando-as, a partir de uma ligação sutil e profunda com os elementos vegetais ou espirituais. Sem mencionar a importância do acolhimento, dos cuidados.

Assim, nos trabalhos espirituais e nas curas agenciadas diretamente com as *Plantas professoras*, as pessoas tornavam-se, elas mesmas, elementos de ligação para que essa condução do atendimento formativo-terapêutico-iluminador acontecesse. Durante os trabalhos *bailados*, mais longos, nos intervalos diversas vezes fora-me feita a oferta de chá de erva cidreira seguida da seguinte frase: “era uma das ervas do Mestre Irineu”. Ou ainda em um momento de dores de garganta pelo clima úmido e frio da floresta, aconselharam-me a tomar gotas do óleo vegetal de andiroba e copaíba, por serem anti-inflamatórios.

Além dos óleos vegetais tomados durante o dia, na ocasião, estava acontecendo um dos trabalhos do *Festival Junino*, chamado de “Estrelão”<sup>117</sup>. Durante os trabalhos são servidos alguns *despachos* do Daime. Enquanto as pessoas se levantavam para se enfileirarem, ressoava um hino do Padrinho Sebastião (presente na seleção de *Cura II*) no salão, o qual marcara-me no momento exato de levantar o copo e ingerir a bebida. A instrução passara-me sobre o quê, precisamente, eu deveria lembrar ou invocar naquele trabalho. Desta sessão eu saí não sentindo mais nenhuma das dores ou queixas com as quais cheguei:

**Quando tu estiver doente**

Quando tu estiver doente  
Que o Daime for tomar  
Te lembra do ser divino  
Que tu tomou para te curar

Te lembrando do ser divino  
O universo estremeceu  
A floresta se embalou  
Porque tudo aqui é meu

---

<sup>117</sup>Na impossibilidade de realizar os trabalhos de *Cura* na *Casa de Estrela* pelo grande quantitativo de visitantes na comunidade durante os *festivais*, fora elaborado o “Estrelão” pelo atual presidente da instituição, o Padrinho Alfredo, enquanto uma sessão com a mesma finalidade, mas a ser realizada no espaço maior da igreja.

Eu já te entreguei  
 Agora vou realizar  
 Se fizeres como eu te mando  
 Nunca hás de fracassar

Tu já viste o meu brilho  
 E já sabes quem eu sou  
 Agora eu te convido  
 Para ires aonde estou.  
 (*Hinário de Cura*, II parte, hino 3)

Com isso, não quero imputar sobre uma ausência da medicina comum na comunidade. Ela existe, sendo inclusive extremamente necessária para uma comunidade, a qual tem a grande maioria uma população idosa. Ao que parece, a ausência estatal na garantia do direito à saúde básica dessa população tem uma longa história, podendo ser visto como uma das motivações da procura ao Daime. No entanto, chamo a atenção para o fato de que a sua utilização não exclui, por exemplo, o uso das inúmeras plantas, das *rezas*, *benzeduras*, das *orações* e dos tratamentos receitados pela rede curandeira da comunidade. Para o povo da floresta, o uso dessas ferramentas não se sobrepõe, mas dialogam.

\*\*\*

O penúltimo trabalho feito no Céu do Mapiá foi o do São João, em 23 de junho de 2019. O trabalho trouxe a emoção de fazê-lo no terreiro aberto em meio à floresta pelo Padrinho Sebastião e seu povo, nutrindo o brilho nos olhos por não somente compreender, mas sentir a simbologia que carrega sua presença em relação a este personagem. Durante o trabalho, intenso e bastante forte em comparação as minhas experiências até ali, recordo-me fortemente de ter a sensação de que ardia uma fogueira no meio do salão. Algo que repercutia nos corpos de todos pelo calor sentido com unanimidade e suportável com o auxílio das *medicinas*.

Poucos dias antes, eu havia encerrado todos os levantamentos de entrevistas referentes à pesquisa e sentia-me num misto de alegria, agradecimento e forte expectativa não somente para o trabalho espiritual, mas pela ausência de perspectivas do que viria após a volta da viagem. No que resultariam as abordagens argumentativas a partir daquilo que fora recolhido em campo.

Em meio à sessão, através do limiar das *Plantas*, que me foi anunciada a transformação de que eu mesma seria um portal. Portal de vida, como futura mãe; e portal de saber sobre o desafio de falar a respeito das coisas que aprendia no curso todo da pesquisa. Até ali, à entrega do que viria ao Daime e à Santa Maria tomava ainda contornos de aprendizagens iniciais, ratificado dia após dia. As aprendizagens não se encerrariam ali...

No dia após a sessão, ainda nas brechas sutis da *força* e de atividades espirituais na comunidade - como o batismo de crianças - revelou-se a mim um hino na noite de São João. O qual só tive total clareza do que tratava quando estava em vias do fechamento desta pesquisa, trazendo consigo a noção dessa compreensão ter sido concebida somente agora pela canção carregar um saber de trajetória. Assim fala o hino:

**Recebendo a Missão**

Foi na terra de São João  
Que eu recebi uma missão  
Firma o ponto, cabocla, firma o ponto  
Te levanta e apresenta aos teus irmãos

Meus irmãos eu vos convido  
Para quem quiser seguir  
E aprendendo a trilhar bem o caminho  
Rogando ao Mestre para nunca estar sozinho

Lá no astral ele olha a sessão  
Nos dando a paz e compondo a união  
Minha madrinha, me abençoe, minha madrinha  
Com seu azul me trazendo a alegria

Eu vou seguindo atravessando o caminho  
Levando a cura bendita do nosso vinho  
Com os meus guias trabalhando no astral  
Caminho do bem me livra de todo mal

Que linda a Virgem da Conceição  
Limpai meu corpo e também meu coração  
Ao meu Padrinho eu prometo ser fiel  
Daqui da terra eu me ligo com o céu.

\*\*\*

A Amazônia em sua imensidão e unicidade é capaz de emanar vibrações e nos colocar na situação de não conseguir descrevê-la como é senti-la. Há séculos, as vozes da floresta parecem se expressar em unísono uma constelação de saberes que exercem leituras pedagogicamente sofisticadas. Emergidas por saberes encantados, *Plantas professoras*, espíritos, rios, montanhas, terra, céu, sol, lua e estrelas, constituem os alicerces e alianças que os fazem sair de lógicas hegemônicas, adoecedoras e destruidoras do planeta, onde as forças do imaginar e do sonhar são tolhidas e massacradas pelo “povo da mercadoria”, como nos ensina Kopenawa (2015). Mesmo que por pouco mais de dois meses, vivenciar a Amazônia me colocou defronte a um dos ensinamentos condensados na conversa com a Vó Clara Iura:

*Tem maravilhas, tem entendimentos e compreensões que só a floresta oferece realmente. A gente que vive no meio do cimento, nunca vai poder presenciar isso tudo que a gente presencia. Desde o cupim que come as nossas casas, desde os carapanã que enche o saco da gente, desde o mosquito, desde o piun, desde o mucuin. Tudo, né. Parece que tudo tem um ensinamento, tudo traz uma história, né, se você aguenta ou não estar aqui dentro. (Entrevista)*

Os alertas abertos à discussão pela linha do Daime definem que ser brilho e luz através dos elementos da floresta é reconhecê-la como fonte de tudo e, por ter este lugar, o seu pertencimento a todos não viria pela lógica mercantil e capitalizada, mas pela compreensão do sentido de pertencer a quem brilha dentro dela. É claro o sentimento dessas pessoas pelo lugar em que vivem, mas a sacralidade com que encaram e definem a floresta chama atenção por ganhar contornos de viver dela, para ela, como parte e aprendendo com ela. Há um hino do Padrinho Alfredo que parece definir bem o sentimento-guia dessas pessoas.

#### **Da Floresta**

Da floresta, eu recebo  
Força para trabalhar

Da floresta eu tenho tudo  
Tudo, tudo Deus me dá

É um primor a floresta  
Da maneira que é feita  
Com amor se harmoniza  
E deixa a Terra satisfeita

Devemos viver na Terra  
Com toda satisfação  
E se queremos ter a vida  
Agradecemos a nossa Mãe.  
(O Cruzeirozinho, hino 14)

Ao longo da experiência do fazer desta Tese, vez ou outra, parecia que voltar para dentro da floresta acontecia sem planejamento, sem previsibilidade. No acesso à claridade de qualquer ponto abordado, me parecia ressoar coisas as quais eu já tinha vivenciado, mas que esperavam à espreita certa para se mostrar. Para me ensinar. Este retumbar continuou mesmo após a volta do campo: o trabalho feito com as *Plantas*, as faíscas de luz condutoras deste estudo, potencializavam o intuito de que “para ser bom professor” era necessário “apresentar o seu saber”, como diz o hino 102 do Mestre Irineu. E isto só poderia prosseguir com a sua presença sendo acessada através de idas e vindas por meio das suas encantarias. Abriam-se

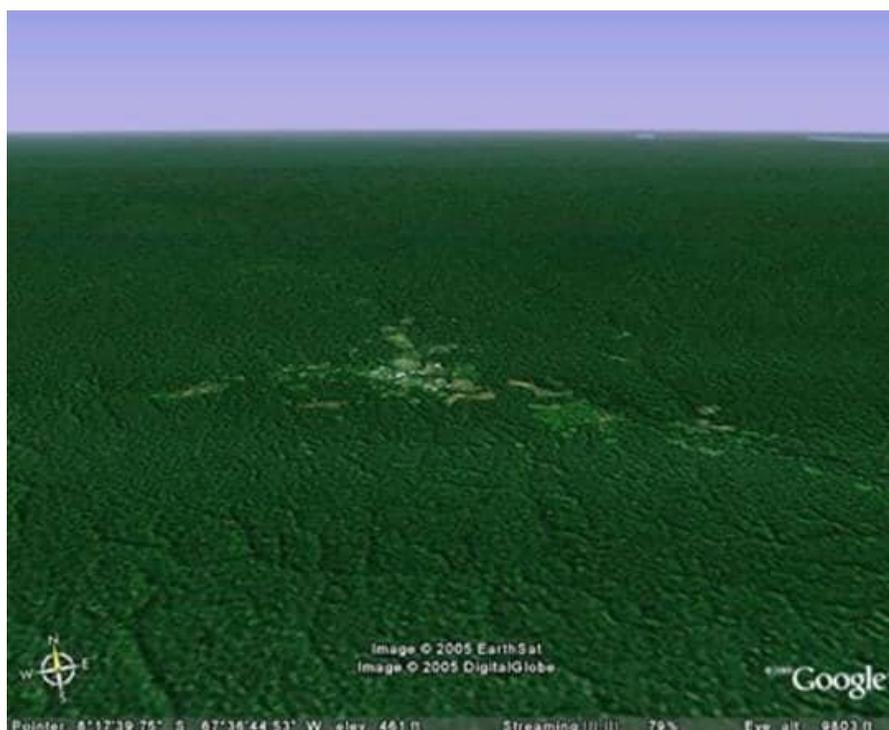
portais sempre que as experiências com as *Plantas*, do lado de cá, ocorriam. Na escolha dos temas, das entrevistas, na elaboração dos argumentos, capítulos, tópicos, análises, hinos.

**Figura 36 - Vista aérea da Vila Céu do Mapiá, 2017.**



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/CeuDoMapia/posts/1196788787114236/>

**Figura 37 - Vista de satélite da Vila Céu do Mapiá, 2005.**



Fonte: <https://www.santodaime.org/site/a-comunidade/a-vila-ceu-do-mapia/a-vila>

Por todos os cantos desse trabalho, é possível descrever como a presença do Daime e da Santa Maria, bem como dos hinos e dos trabalhos espirituais feitos durante esse trajeto foram o ponto mais alto de orientação, de condução e de saber. Na iluminação e na cura dos percalços desse fazer-me como professora e pesquisadora da história que se colocou sob a irradiação desses veículos vegetais enquanto seus professores para enxergar e realizar sua “operação historiográfica”, como acentua Certau (1994). Pelo prisma e com a aliança com sujeitos não-humanos o empenho foi de contar com a possibilidade de ver o micro, o escondido, o submerso da História da Educação. Dos que, aparentemente, foram propositalmente esquecidos.

Disse o Padrinho Sebastião em uma dessas muitas leituras oraculares que fiz na Amazônia de seu hinário ou *Evangelho* em modo aleatório: “Pois é, pessoal, não quero que vocês venham aqui e voltem da mesma forma. Tem de dar um chegazinho e quando voltarem ficar com saudade do nosso paraíso” (apud ALVERGA, 1998, p.153).

O contato com essa experiência, penso, nos permite sair e voltar da floresta. Podemos ir e voltar da experiência com as *Plantas*, mas, indubitavelmente, elas nunca sairão de nós. Os povos da floresta nos abrem os seus céus e nos dão a chance de contemplar essa constelação de [r]existências, de saberes de modos peculiares de olhar, viver e ser no mundo. Apontam-

nos para o que talvez seja uma das poucas alternativas restantes. Sem reduzir-se em religiosidades, paradigmas ou dogmas, mas com uma intensa e ampla espiritualidade de cadência formativa.

Uma espiritualidade de caráter ético-existencial que nos ensina sobre a necessidade e as possíveis vias para curar as nossas relações com o mundo e com a vida que nos cabe viver. Foi com essa compreensão que fui atravessada por momentos muitos genuínos de gratidão.

A “ida ao campo” para obter respostas para uma pesquisa de doutorado me colocou em contato com memórias e vivências que transbordam os limites de um trabalho acadêmico. Ouvir os relatos, compor as narrativas mostrou-me sobre a possibilidade de uma real alteração da nossa relação com as nossas poses e com as nossas crenças. Fui, pouco a pouco, sendo apresentada a uma outra ética de vida que aposta, e se incorpora, a partir dos princípios de integração e de coletivização emanados de uma voz que “planta na terra” seu coro.

“Brilhar na floresta”, portanto, não se compreende apenas no sentido evangelizador da mensagem cristã da maneira tradicional que conhecemos, mas reflete uma condição de *ser*. Iluminar é este efeito de trans-form-ação de si e por si mesmo através das reviradas internas com as *Plantas professoras* calcado na execução do viver, do praticar. É o ato de co-criar outro mundo dentro do que se vive, livra-se do mundo posto estando nele de outra forma. O *brilho* estaria em ser reflexo dos saberes transmitidos, *recebidos*, *revelados* e agenciados por seres não-humanos. Inscrevendo na prática do viver para, à sua luz, seguir aprendendo:

**Mestre Jesus**

O que o poder nos mostra  
É preciso conhecer  
Encostado à minha Mãe Santa  
Pra me defender

**É seguindo e aprendendo**

**A se compor dentro da Luz**

Neste lindo ensinamento  
Do nosso Mestre Jesus

Este Mestre é o Espírito  
O nosso Juramidam  
Vem curar nesta sessão  
Dele e da Virgem Mãe.  
(*O Cruzeirinho*, hino 159, grifo meu)

No meio religioso daimista há a crença de que o Daime só nos *revela* - seja por *mirações* ou hinos - aquilo que as *Plantas*, através do reino e do "espírito de Juramidam", sabem e permitem o acesso ao precisamos (e aguentamos) conhecer no momento devido.

Portanto, a composição individual é infinita e múltipla e, por isso acontece no “se compor em seu lugar”.

O ato de entrega para também compor-se por si mesmo na experiência inclui ainda o silêncio ou o silenciamento através da *força* e dos hinos; curiosamente é esse silêncio que nos permite entrar, de forma sensível e atenta, na escuta das Madrinhas e Padrinhos, bem como compreender sua vivência comunal. Talvez, seja assim, no silêncio, que os inúmeros povos da floresta venham há séculos tentando nos ensinar de onde vem a força que move a vida e as aprendizagens que entremeiam na formação de nossa comum-humanidade.

Também fiquei com a sensação indelével de que a gama de saberes emanados pelas *Plantas professoras* almejam sacudir as estruturas político-econômicas e culturais estagnadas, e que permanecem impulsionadas pela lógica predatória do capital. Esses saberes se fecundam como sementes e inspiram a ação, pois toda festa para ser boa precisa ser realizada junto. Ou, como diz o saber popular: “nenhum de nós é mais forte do que todos nós juntos”.

Os ensinamentos disseminados pelas *Plantas professoras* potencializam uma multiplicidade de elementos formativos-existenciais. O “professor de estrelas”, como é cantado uma referência ao Daime, age primeiramente exaurindo os padrões monocentros de uma racionalidade que pretende controlar o fluxo do futuro amanhecer, e o faz não pela imposição dogmática, mas tal qual uma árvore que brota da semente sem saber se um dia seus galhos alcançarão o topo da floresta. E, assim por insuspeitas veredas, vai produzindo curas e iluminações ao redor do planeta, compondo e agenciando elementos encontrados nas mais variadas tradições espirituais, constituindo um caminho plural de educação do humano, através de alianças com seres não-humanos em uma variedade infinita de espaços ditos não-formais de educação; espaços conduzidos por algo ainda largamente ignorado e subestimado enquanto fonte de conhecimento e aprendizagem; uma insistente e persistente presença clandestina.

Ao que tudo indica, parafraseando Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2017), se “Gaia é a transcendência que *responde*, de modo brutalmente implacável, à transcendência igualmente indiferente, porque brutalmente *irresponsável*, do Capitalismo” (p. 149), arrisco afirmar que as *Plantas professoras* são a imanência que acolhe, de modo sensivelmente vivo, nossos desejos de pensar e viver diferentemente, porque concretamente responsável pela incorporação de um *ethos* do cuidado de si, do outro, do mundo.

Com a experiência da elaboração deste trabalho - juntamente a um campo de pesquisa ainda tímido, mas em crescente ascensão sobre práticas educativas não-formais -, notamos também como as *Plantas professoras* tem *força* para desnudar nossos preconceitos acerca

inclusive do que significa conhecer, estudar, ensinar, aprender, introduzindo nesse processo uma dinâmica de encantamento, de magias e mistérios; reviravoltas formativas que só são possíveis de saber tomando, *pitando*, cantando, *bailando* e, sobretudo, convivendo.

Diante de todos os limites que naturalmente se impõem ao conhecer, aprender, explicar, analisar ou refletir sobre um saber que só pode ser intensa e inteiramente sentido pela experiência, concluo com as palavras de um companheiro ilustre tanto do Mestre Irineu quanto do Padrinho Sebastião. Definido pelo fundador da religião como seu “orador oficial” e popularmente conhecido no meio daimista pelo seu carisma e pelas suas belas mensagens quando surgiam como presentes aos ouvidos e corações durante os trabalhos.

Apesar de todos os esforços, estando certa de que não sou a única a me ver impossibilitada de falar plenamente sobre o vivido, me seguro na escuta e no conhecimento das palavras do Mestre Luiz Mendes<sup>118</sup>: “Tem umas visões que a gente vê. Sente. Guarda. Sabe! Mas, não tem palavras pra traduzir, pra desfrutar. [...] Então, se você quer saber, companheiro: resolva! Liberal... Não se oferece, inclusive. Mas, tome! Que aí você vai saber [risos]...”.

---

<sup>118</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iuuQInjIFOk>. Acessado em 04 de agosto de 2022.

## 6. “É CHEGADO O TEMPO DE AMPLIAR A CIÊNCIA SOBRE O QUE É SER FELIZ”<sup>119</sup> OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração dessa Tese, objetivamos lançar no mundo da educação algumas histórias e experiências que formam a memória e a história coletiva do nosso país, através das vidas responsáveis pela materialização do Santo Daime na vertente inaugurada pelo Padrinho Sebastião Mota de Melo, e sustentada até os dias atuais por suas companheiras e companheiros, tendo como mote principal os processos de ensino e aprendizagem lançados às vidas dessas pessoas enquanto frutos da relação com as *Plantas professoras*.

Aos que foram conduzidos por essas experiências, é perceptível, uma casca foi rompida dentro dessas relações que envolveram sujeitos humanos e não-humanos, exprimindo uma potência de saber-aprender-ensinar carregada nas relações estabelecidas com o Santo Daime. Essas relações foram conduzidas por um líder-educador, reconhecidamente apreendido como um porta-voz, uma espécie de mediador entre as *Plantas professoras* e os seres que falavam e agiam através delas. Padrinho Sebastião encarnou em sua própria existência uma espiritualidade ancorada na *força* das *Plantas sagradas* e em tudo o que emana da floresta, mobilizando outras lógicas e princípios de organização individual e coletiva.

Para compreender os agenciamentos desses seres não-humanos enquanto a força motriz formadora dessas pessoas, inicialmente, apresentamos a formação educativo-existencial do Padrinho Sebastião, destacando seus dizeres e saberes enquanto curandeiro, *médium* e articulador comunitário. A ideia era mostrar como a partir de seu processo de cura vivenciado no Daime do Mestre Irineu, as *Plantas professoras* se uniram aos seus já extensos saberes de morador da floresta, catalisando uma potente experiência comunitária e espiritual.

Em seguida, a partir das falas colhidas mediante convivência em campo com narradoras e narradores, conjuntamente aos relatos escritos de experiências dos membros antigos dessa comunidade colhidos em livros e outras pesquisas, aprofundamos a abordagem sobre a formação do Padrinho Sebastião, destacando, nesse momento, o acolhimento dos andarilhos e viajantes que, ao longo das décadas de 1970 e 1980, cortaram o país em busca de experiências que tocassem e transformassem seus sentidos existenciais. Levantamos, assim, uma análise sobre a presença desse agenciamento dos seres vegetais para o plano de formação das comunidades construídas a partir desse encontro.

---

<sup>119</sup> Trecho da música “Suporto perder”. Composição de Flaira Ferro e Igor de Carvalho, interpretação de Flaira Ferro e Chico César.

Pois, foi junto com a juventude que alimentava sonhos de uma *sociedade alternativa* que a experiência com as *Plantas professoras* adquiriu novos e inusitados contornos, inclusive de luta contra a ditadura militar, fomentando um processo sutil de resistência política, pois como assinala um dos hinos do Padrinho Sebastião: "Para estar junto a esse cruzeiro, é [preciso] mudar de opinião". Diante do contexto que assolava a população trabalhadora, seja em meio a cotidianos de exploração trabalhista, seja diante de uma extensa precarização dos direitos básicos de saúde, educação e moradia, as *linhas de fuga* alavancadas pelas *mirações* permitiu conduzir inúmeras pessoas a outras definições do sentido de bem-viver junto, plantando, cuidando, colhendo, comendo, *bailando*, cantando. Com isso, uma nova comunidade ganhou forma em meio às matas amazônicas, fornecendo um conteúdo simultaneamente político-poético-pedagógico aos saberes e práticas emanados dos povos ancestrais das florestas.

Nesse sentido, ao abrir esta pauta do arquivo da Ditadura Militar brasileira em referência ao uso dos enteógenos no período, o modo como o Padrinho Sebastião lidou com os jovens da contracultura nos abriu a possibilidade de repensarmos formas outras de resistência em nosso próprio presente. Formas mais sutis e mais complexas. Além disso, propiciou olhar para um aspecto comumente invisibilizado e silenciado nos manuais de História da Educação: o papel exercido pelas *Plantas professoras* na resistência ao regime ditatorial-militar. Nesse aspecto, a recuperação, em termos históricos, do movimento *hippie* e contracultural e sua busca pelos enteógenos, em uma associação estreita com a crítica do capitalismo e seus modos de vida, nos parece apontar importantes perspectivas para o dimensionamento da história e da ideia mesma de educação não formal, situando-a para além das capturas do chamado *terceiro setor*.

Nesse sentido, parece-nos extremamente potente a ideia de pensar as práticas educativas não formais para além do protagonismo antropocêntrico dos agentes humanos, a fim de abrir por esse caminho o imaginário sócio-histórico e político da educação, inclusive tendo em vista que, como sabem os pesquisadores da educação popular no Brasil, é parte imanente dos saberes plurais disseminados em várias práticas culturais o contato com saberes emanados não apenas dos humanos e seus mundos. Particularmente, a presente pesquisa nos fez refletir o modo como a História da Educação no Brasil reproduz uma cegueira epistêmica em relação a uma série de experiências e eventos que são vitais para compreender as tensões que estamos vivendo.

Na contramão da historiografia oficial da educação, escutamos muitas histórias carregadas nas mochilas dos *cabeludos* e suas experiências enteógenas. Uma delas inclusive

se destacou por ganhar contornos doutrinários e fundamentais aos processos de formação e cura na própria religião do Daime. Por isso, dedicamos um capítulo para contemplar a história de revelação e consagração da Santa Maria enquanto um dos frutos dessa relação.

Destacamos, nesse processo, como e por quais meios as diferentes *didáticas* que as *Plantas professoras* mobilizam para lidar com a singularidade de pessoas diferentes, em situações existenciais diferentes, evidenciando o caráter imanentemente pedagógico associado aos usos dessas *Plantas*. Pesquisar sobre esse ponto abre toda uma compreensão de como as *Plantas* contribuem para modificar uma extensa gama de pessoas, considerando sua diversidade e os seus estados anímicos, sociais, políticos, culturais e principalmente espirituais. Diferentemente do que tende a ocorrer nas teorias pedagógicas hegemônicas, os processos educativos movidos pelas *Plantas professoras* parecem sempre considerar a condição multidimensional da presença humana, articulando processos de aprendizagem únicos.

Por fim, traçamos um diálogo com o que consideramos ser um dos enlaces vitais para a compreensão formativa no Daime. A perspectiva que aparece e reaparece nos hinários, nos trabalhos espirituais com as *Plantas professoras*, na vida dos participantes das comunidades, enfim na matéria e no espírito de quem se propõe seguir a linha do Padrinho Sebastião Mota de Melo: a cura como processo iluminatório. Nesse aspecto, abordamos a presença das experiências de cura já nos tempos iniciais da religião com o Mestre Irineu, assim como os contornos posteriores desta temática a partir do encontro entre o Padrinho Sebastião e seu povo com a religião da Umbanda. A partir dessa conjuntura abordamos como o atendimento aos doentes se configurou como um campo de experimentação privilegiado das relações construídas, inclusive *mediunicamente*, entre os agentes humanos e não-humanos, sejam esses últimos percebidos como espíritos, animais ou vegetais. Palavra presente em praticamente todas as narrativas, a cura promovida pela experiência com as *Plantas* tem caráter seminal, merecendo investigações mais densas para apreender suas implicações pedagógicas.

Com este trabalho, esperamos então contribuir para elucidar, inspirar e problematizar alguns aspectos desdobrados pelas experiências formativas com as *Plantas professoras*, permitindo enxergar a existências de cadências amplas no conhecer, formar e existir no mundo. Nosso objetivo foi o de trazer à discussão acadêmica algumas reflexões a respeito dos saberes produzidos por coletivos comumente ignorados pela historiografia dominante. Experiências únicas que continuam catalisando inúmeras histórias de vida e seus processos de formação.

Nutrida por um caminho de investigação que não se restringiu aos livros, tentamos elaborar uma Tese na companhia das *Plantas professoras*, as quais podem ser consideradas como coautoras da pesquisa, pois, não poucas vezes, foram elas que me levaram a pensar e problematizar meus pressupostos, minhas escolhas no campo empírico, minhas práticas como docente e até mesmo agindo e chamando minha atenção para a potência pedagógica dos sonhos.

Nesses tempos de brutais epistemicídios é preciso revisitar e reavivar o que foi dado por morto. É preciso que tenhamos coragem para alargar os espaços e as ferramentas para contar e aprender histórias outras sobre o sentido de educar e de ser educado por outrem. O mistério que ainda circunda os usos das *Plantas professoras* e as experiências inscritas não somente no espaço amazônico, ou nas comunidades conduzidas pelo Padrinho Sebastião, não pode servir como desculpa para ignorarmos a intensidade formativo-existencial-espiritual aberta e desdobrada por essas inteligências sensíveis. Ao mergulhar nesse universo, o campo educacional é convidado a se reconhecer em outras potências capazes de inspirar e suscitar outros modos de viver, respirar e conspirar as mudanças que sonhamos. *Forças de luz.*

## 7. REFERÊNCIAS

### Fontes citadas no texto:

#### 1. Entrevistas

Adriano Grione. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Boca do Acre – AM. 21 de maio de 2019. Arquivo com a autora.

Agarrube Mota de Melo. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Rio Branco – AC. 15 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Albina Luíza Autran de Mendonça Pinto. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 12 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Bernardo Albino da Silva. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Colônia Cinco Mil, Rio Branco – AC. 06 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Clara Shonobu Iura. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 31 de maio de 2019. Arquivo com a autora.

Cristina Santos. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 16 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Dalvina Corrente da Silva. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 01 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Edna Maria Souza dos Santos. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 16 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Francisco Chagas de Souza. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 17 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Geraldo Costa. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Colônia Cinco Mil, Rio Branco – AC. 08 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Jean Carlos Moreno da Silva. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Colônia Cinco Mil, Rio Branco – AC. 13 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

João Batista Marciel. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Colônia Cinco Mil, Rio Branco – AC. 09 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Júlia Chagas da Silva. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 25 de maio de 2019. Arquivo com a autora.

Maria Brilhante Pereira. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 24 de maio de 2019. Arquivo com a autora.

Maria de Nazaré Oliveira de Souza. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 16 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Maria Gomes Pinheiro. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Colônia Cinco Mil, Rio Branco – AC. 24 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Maria Sebastiana Bispo Cordeiro. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 11 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Marinez do Socorro Rodrigues da Silva. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Rio Branco – AC. 03 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Maurílio José Reis. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Recife - PE. 27 de abril. de 2019. Arquivo com a autora.

Raimundo Nonato Teixeira de Souza. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Colônia Cinco Mil, Rio Branco – AC. 09 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Severino Amilton Pessoa. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 06 de jun. de 2019. Arquivo com a autora.

Tânia Maria Teixeira de Souza. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Colônia Cinco Mil, Rio Branco – AC. 07 de maio. de 2019. Arquivo com a autora.

Valdete Mota de Melo. Entrevistadora: Nathalia Cavalcanti da Silva. Vila Céu do Mapiá – AM. 26 de maio de 2019. Arquivo com a autora.

## **2. Comunicação Pessoal**

Maria Cristina de Moraes. **XIII Encontro Nossa Cultura: Brilho do Sol.** Igreja Céu de São Lourenço da Mata, Igarassu – PE. 13 de março de 2020.

## **3. Hinários do Santo Daime**

Agarrube Mota de Melo. **Visão do Apocalipse.**

Glauco Vilas Boas. **O Chaveirinho.**

ICEFLU. **Hinário de Cura – Parte II.**

Lúcio Mortimer **Instrução.**

Madrinha Maria Brilhante. **Estrela Brilhante.**

Madrinha Raimunda Nonata de Souza. **Presença Transparente do Beija-flor.**

Maria Nazaré Oliveira Souza. **Caminho de Luz.**

Mestre Raimundo Irineu Serra. **O Cruzeiro.**

Odemir Raulino. **Daime Sorrindo.**

Padrinho Alex Polari de Alverga. **Nova Anunciação.**

Padrinho Alfredo Gregório de Melo. **Nova Era.**

Padrinho Alfredo Gregório de Melo. **O Cruzeirinho.**

Padrinho Paulo Roberto Souza. **Luz na Escuridão.**

Padrinho Sebastião Mota de Melo. **Nova Jerusalém.**

Padrinho Sebastião Mota de Melo. **O Justiciero.**

Padrinho Valdete Mota de Melo. **Livrinho do Apocalipse.**

#### 4. Fontes da Internet

Documento Especial, <https://www.youtube.com/watch?v=x07BMz5ED0c&t=1049s>

Daime Santa Maria, <https://www.youtube.com/watch?v=6TZ1EtaPbXA&t=2763s>

Entrevista com Raimunda Nonata de Souza.  
<https://www.youtube.com/watch?v=y4LzOH6yqhM&t=1060s>

Entrevista Fernando La Rocque,  
<https://www.youtube.com/watch?v=Vv6Gvbo9Qg8&t=3239s>  
Entrevistador: Glauber Assis

Entrevista Vera Fróes, <https://www.youtube.com/watch?v=JuawTCSFMqs&t=1018s>  
Entrevistador: Lucas Kastrup Rehen

<http://www.santodaime.org/site/centro-de-memoria/acervo-de-fotos/fotos/padrinho-sebastio/padrinho-colnia-cinco-mil>

<https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-chega-a-10-781-km%C2%B2-nos-ultimos-12-meses-maior-area-em-15-anos/#:~:text=Nos%20C3%BAltimos%2012%20meses%2C%20de,2020%20e%20julho%20de%202021.>

#### Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto.** O Homem e o Animal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. **O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla.** 231f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Instituto Metodista de Ensino Superior, São Paulo, 1995.

ANTUNES, Henrique Fernandes. Droga, religião e cultura: um mapeamento da controvérsia pública sobre o uso da ayahuasca no Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALBERT, Bruce. KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **ABC do Santo Daime**. Belém: EDUEPA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia e saberes da ayahuasca**. Belém: Eduepa, 2011.

\_\_\_\_\_. Epistemologia da ayahuasca e a dissolução das fronteiras Natureza/cultura da ciência moderna. In: **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 179-193, abr./jun. 2014.

\_\_\_\_\_. A religião como educação. **Rev. educ.** PUC-Camp., Campinas, 21(1):127-137, jan./abr., 2016.

\_\_\_\_\_. Plantas Professoras: dimensões psíquicas, históricas e educativas., **Rev. Antropol.** (Online), 9 (1): 258 - 292, 2017.

\_\_\_\_\_. **Sabenças do Padrinho**. Belém: EDUEPA, 2021.

ALMEIDA, Carla M. C., OLIVEIRA, Mônica R.(orgs.) **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro : FGV, 2009.

ALMEIDA, M. A ayahuasca e seus usos. In: LABATE, Beatriz C. e ARAUJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. pp. 13-17.

ALVES JR., Antônio Marques. **Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime**. 272f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

ALVERGA, Alex Polari. **O livro das mirações: viagem ao Santo Daime**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Guia da Floresta**. São Paulo: Record, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Boca do Acre: CEFLURIS Editorial, 1998.

ARRAIS, Sabrina Augusta da Costa. **Aprender no jardim de belas flores: educação e saberes das mulheres na religião do Santo Daime**. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

ARAÚJO Wladimir Sena; LABATE, Beatriz Caiuby (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BARSÉ, Isabel. **Pérolas do Eu Sou**. São Paulo: Editora Yagé, 2019.

BEZERRA, Manuell Victor Pessoa. “**A escritura de quem não sabe ler**”- **transmissão de conhecimentos no Santo Daime**.137f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

BÍBLIA. ANTIGO TESTAMENTO. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf>> Acessado em 22 de janeiro de 2020.

BÍBLIA. NOVO TESTAMENTO. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf>> Acessado em 22 de janeiro de 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHO, Rodrigo Monteiro de. **A consagração da Santa Maria do Padrinho Sebastião na Colônia Cinco Mil** (1975-1982). 118f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Acre, 2019.

CASTAÑEDA, Carlos. **A Erva do Diabo**. Califórnia: UniversityofCalifornia Press, 1968.

CASTRO, Eduardo V. DANOWSKI, Déborah. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. 2ª ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora: Instituto Socioambiental, 2017.

CASTRO, Ludmila Marinho. **O Santo Daime como catalisador das relações e do estilo e vida dos moradores de uma Ecovila de Viçosa – MG**.116f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

CEI, Victor. **Novo Aeon: Raul Seixas no toverlino do seu tempo**. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

CEMIN, Arneide Bandeira. O “Livro Sagrado” do Santo Daime. Labirinto - **Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário da Universidade Federal de Rondônia**, 1. abril/jul. 2001). Disponível em <<http://www.cei.unir.br/artigo11.html>> . Acesso em 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. Os rituais do Santo Daime: sistemas de montagens simbólicas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002. pp. 275-310.

CERTAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Janaína A. C. da. **O olhar de um ex-guerrilheiro sobre a religião: Alex Polari de Alverga e a história ayahuasqueira**. Disponível em: <<https://neip.info/novo/wp->

[content/uploads/2015/04/capistrano\\_olhar\\_exguerrilheiro\\_reigioalex\\_polari\\_colecao\\_seminrio\\_brasileiro\\_2012.pdf](#)> Acessado em 21 de maio de 2020.

COUTO, Fernando de La Rocque. **Santos e Xamãs**. 252f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, 1989.

\_\_\_\_\_. Santo Daime: rito da ordem. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras, 2002, pp. 385-412.

DIAS Jr., Walter. **O império de Juramidam nas Batalhas do Astral**: uma cartografia do imaginário no culto do Santo Daime. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - PUC-SP, 1992.

FERNANDES, Saulo C. **Xamanismo e Neoxamanismo no circuito do Santo Daime**. XII Encontro da ANPUH/MS, 2014. \_\_\_\_\_. Notas antropológicas sobre o consumo de substâncias psicoativas no circuito do Santo Daime. Disponível em: [https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/fernandes\\_notas\\_consumo\\_psicoativos\\_santo-daime.pdf](https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/fernandes_notas_consumo_psicoativos_santo-daime.pdf) Acessado em: 21 de maio de 2020.

FERREIRA JR. Ubirajara. **Representações sociais da planta Cannabis na religião do Santo Daime**: entre a sagrada Santa Maria e a proibida maconha. 204f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da educação e história cultural. In: VEIGA, C G.; FONSECA, T.N.L. (Org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 43-75.

FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta**. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana. São Paulo: N-1 edições, 2018.

FRANÇA, Jean M. C. **História da maconha no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja; CONCEIÇÃO, Osmildo Silva da. Breves revelações sobre a ayahuasca. O uso do chá entre os seringueiros do Alto Juruá. In: **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002, p.201-230.

FERNANDES, Vera Fróes. **História do povo Juramidam**: a cultura do Santo Daime. Manaus: SUFRAMA, 1986.

GABRICH, Débora Carvalho Pereira. **O trabalho oculto e exotérico de Raimundo Irineu Serra**. 2005. Disponível em <[http://www.neip.info/downloads/debora/oculto\\_exoterico.pdf](http://www.neip.info/downloads/debora/oculto_exoterico.pdf)>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOULART, Sandra Lúcia. **A história do encontro do Mestre Irineu com a ayahuasca:** mitos fundadores da religião do Santo Daime. 1996. Disponível em <[http://www.neip.info/downloads/t\\_sandra\\_encontro.pdf](http://www.neip.info/downloads/t_sandra_encontro.pdf)> . Acesso em 10 de agosto de 2019.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da Floresta:** Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: EdUFSC, 1999.

GUIMARÃES, Maria Beatriz Lisboa. **A “Lua Branca” de Seu Tupinambá e de Mestre Irineu:** estudo de caso de um terreiro de umbanda. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

HARTZ, Bruna O. Cultura, religiosidade e ambientes na Amazônia: a proteção jurídica das práticas e saberes das comunidades ayahuasqueiras. **Revista Eletrônica Direito e Política**, UNIVALI, Itajaí, v.6, n.3, 3º quadrimestre de 2011. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/5709/3094>> Acessado em: 21 de maio de 2020.

HENMAN, Anthony. Pessoa Jr, Osvaldo. **Diamba Sarabamba.** Coletânea de textos brasileiros sobre a maconha. São Paulo: Ground, 1986.

KAHMANN, Ana Paula. **Perspectivismo, corazonar e estar:** educação e sabedorias xamânicas no Santo Daime. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

KAHMANN, Ana Paula; ALBUQUERQUE, Maria Betânia; SILVEIRA, Éder da Silva (orgs.). **Santo Daime e educação:** narrativas, diálogos e experiências. ed. - Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2018.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns.** Araras: Ide, 85º ed., 2008.

\_\_\_\_\_. **O evangelho segundo o Espiritismo.** Araras: Ide, 365º ed., 2009a.

\_\_\_\_\_. **O livro dos espíritos.** Araras: Ide, 182º ed., 2009b.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JENKINS, Keith. **A História Repensada.** São Paulo: Contexto, 2001.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos.** 385p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre o tratamento da dependência por meio da ayahuasca.** Disponível em <[http://www.neip.info/upd\\_blob/0000/456.pdf](http://www.neip.info/upd_blob/0000/456.pdf)> . Acesso em 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca.** Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002. p. 229-271. a

\_\_\_\_\_. Matrizes maranhenses do Santo Daime. **O uso ritual da ayahuasca.** Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002, p. 303 – 346.b

\_\_\_\_\_. A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2004. **Revista Brasileira de História das Religiões.** ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011 - ISSN 1983-2850. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html> ARTIGOS. Acesso em janeiro de 2020.

LABATE, Beatriz Caiuby; ROSE, Isabel Santana de; SANTOS, Rafael Guimarães. Panorama da bibliografia sobre as religiões ayahuasqueiras. **Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia.** Porto Seguro: Associação Brasileira de Antropologia, 2008. pp. 1-14. a

\_\_\_\_\_. **Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico.** Campinas: Mercado das Letras, 2008b.

LEVI, Giovanni. **Centro e periferia di uno Statoassoluto: tresaggisu Piemonte e Liguria in età moderna.** Torino: Rosenberg & Sellier, 1985a.

\_\_\_\_\_. **L'eredità immateriale: carrieradiunesorcistanel Piemontedel Seicento.** Torino: Einaudi, 1985.b

\_\_\_\_\_. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIRA, Wagner Lins. **Daqui nós tira um ouro de chá!** Umbanda, Santo Daime e xamanismo popular no tratamento religioso de patologias físicas, mentais e espirituais: o caso de um Terreiro alagoano. 492f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

LUZ, Pedro. O uso ameríndio do caapi. In: LABATE, Beatriz C. e ARAUJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca.** Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. pp. 35-65.

MACRAE, Edward. Observações sobre o documento do grupo de trabalho do Conselho Federal de Entorpecentes – CONFEN. In: FRÓES, Vera. **Santo Daime: Cultura Amazônica. Manaus: SUFRAMA, 1986.**

\_\_\_\_\_. **Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. Santo Daime e Santa Maria: Usos Religiosos de Substâncias psicoativa lícitas e ilícitas. LABATE, Beatriz C.; GOULART, Sandra L.(orgs.) In: **O Uso ritual das plantas de poder**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. A elaboração de políticas públicas brasileiras em relação ao uso religioso da ayahuasca. In: MACRAE, Edward, GOULART, Sandra L., FIORE, Maurício, CARNEIRO, Henrique, LABATE, Beatriz C. (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. Santo Daime e Santa Maria: usos religiosos de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. In: ALVES, Wagner Coutinho. MACRAE, Edward (org.). **Fumo de angola: cannabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade**. Salvador: Bahia, 2016a.

\_\_\_\_\_. Glauco e a devoção à Santa Maria. In: ALVES, Wagner Coutinho. MACRAE, Edward (org.). **Fumo de angola: cannabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade**. Salvador: Bahia, 2016b.

MACKENNA, D.J. Clinical investigation of the therapeutic potential of ayahuasca: rationale and regulatory challenges. **Pharmacology & Therapeutics**, 102: 111-129. 2004.

MENDONÇA, Fernanda Cougo; NASCIMENTO, Luiz Mendes. **O orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: Diálogos, Memórias e Artes Verbais**. Rio Branco-Acre, Neplan, 2019.

METZNER, Ralfh. (Org.). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza**. Tradução de Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MIZUMOTO, Suely Akimi. **Dissociação, Religiosidade e Saúde: um estudo no Santo Daime e na Umbanda**. 325f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

MOREIRA, Paulo e MACRAE, Edward. **Eu Venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros**. Salvador: EDUFBA, 2011.

MORTIMER, Lúcio. **Bença, Padrinho!** São Paulo: Céu de Maria, 2000.

\_\_\_\_\_. **Nosso Senhor Aparecido na Floresta**. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2001.

MUCOSO, Stefano. **Revolução das plantas**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

NETO, Celso Luz Gusman. **Transgredir é inevitável: pontos de tensão entre Umbanda e Santo Daime**. 210f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, 2012.

NETO, Eduardo Bayer. “Wilson Carneiro de Souza”. In: **Revista Virtual Arca da União**. S/local, Junho de 2005.

OLIVEIRA, Isabela. **Daime:** de droga à sacramento. Como a Ayahuasca deixou de ser considerada uma droga pelos seguidores do Santo Daime e passou a ser vista como um sacramento cristão. Disponível em: <[https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/isabela-oliveira-daime\\_de\\_droga\\_a\\_sacramento\\_neip\\_final.pdf](https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/isabela-oliveira-daime_de_droga_a_sacramento_neip_final.pdf)> Acessado em: 21 de maio de 2020.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. **Santo Daime - o professor dos professores:** a transmissão do conhecimento através dos hinos. 233f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2008.

OLIVEIRA, Lívia P. **Crianças que bailam na floresta:** avaliação psicológica das crianças participantes da doutrina do Santo Daime residentes na Vila Céu do Mapiá, Amazonas. 168f. Tese (Doutorado- Programa de Pós-graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2015.

PELAEZ, Maria Cristina. Santo Daime, transcendência e cura: interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual. In LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO Wladimir Sena (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca. Campinas:** Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002. pp. 427-445.

PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura.** 8ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.

PERES, Marta. BARROS, André. Proibição da Maconha e suas raízes históricas escravocratas. In: **Revista Periferia**, Volume III, Número2. UERJ: 2011. Disponível em: < > Acessado em: 19 de ago. de 2020.

PINTO, Albina Luiza A.de M. **Costurando retalhos.** Crônicas do Mapiá. São Paulo: Editora Reviver, 2021.

RAMOS, Maria de Fátima H. de A. **Santo Daime:** a Colônia Cinco Mil e a contracultura (1977-1983). 113f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

REYNA, Carlos Francisco Perez. **Características Contemporâneas do Rito de Marcação Do Gado Nos Andes Centrais do Peru.** Juiz de Fora, v. 4, n. 1 e 2, p. 87 a 100, jan./dez. 2009.

REGINATO, Andréa D. de A. **Regulamentação de Uso de Substância Psicoativa Para Uso Religioso:** O Caso da Ayahuasca.. São Cristóvão – SE: Revista Tomo. Nº 17, 2010.

REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. **Recebido e Ofertado:** a natureza dos hinos na religião do Santo Daime. 244f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007a.

\_\_\_\_\_. “Receber não é compor”: música e emoção na religião do Santo Daime. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 27(2): 181-212, 2007b.

REVEL, Jacques (org). **Jogos de Escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHA, Jessica. Que viemos – O escrever a História: notas de uma pesquisa sobre o uso de psicoativos lícitos e ilícitos na religiosidade do Santo Daime. **Revista Fato & Versões**, v. 8 n. 15. Historiografia e escrita da História, 2016a.

\_\_\_\_\_. De maconha à Santa Maria: Apontamentos para uma cartografia de um processo de subjetivação acerca do uso religioso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. (1970-2010). **Revista Diversidade Religiosa**, v. 6 n 1, 2016b.

\_\_\_\_\_. **Experimentações Enteogénicas: Santa Maria e Exu no Santo Daime**. 324f. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUSSO JR., Alvaro Antônio. **Na boca da mata: diálogos entre Santo Daime e Umbanda**. 104f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

SIMAS, Luiz. A. RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SEIXAS, Raul. **Krig-ha, Bandolo!** Philips/Phonogram, 1973. 1 disco sonoro.

\_\_\_\_\_. Novo Aeon. Philips/Phonogram, 1975. 1 disco sonoro.

SILVA, Clodomir M da. **O Palácio de Juramidam**. 194f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

\_\_\_\_\_. O uso ritual da ayahuasca e o reencontro de duas tradições: a miração e a incorporação no culto do Santo Daime. In: **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002, p. 413 – 444.

SILVA, Leandro O. **Marachimbé veio para apurar**. Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia, no culto do Santo Daime. Disponível em: <<https://cetadobserva.ufba.br/pt-br/publicacoes/marachimbe-chegou-foi-para-apurar-estudo-sobre-o-castigo-simbolico-ou-peia-no-culto-do>> Acessado em: 21 de maio de 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

ÚJO, Wladimir Sena. Navegando sobre as ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha. In: **Coleção Tempo e Memória**, Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, nº 11, 1999, p. 31-42.

TAVARES, F. R. G., DUARTE, J. P., COGNALATO, R. P. Movimento Nova Era e a reconfiguração do social (da Contracultura à heterodoxia terapêutica). **Revista Antropolítica**. N. 28 Niterói: UFF, 2010. PP. 177-196.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, Edson da Veiga. **Santo Daime e meio ambiente**: uma possibilidade de estudo em Educação ambiental. Monografia de Especialização, Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

## 8. ANEXOS

- Anexo I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, por estado civil de \_\_\_\_\_, RG ou CPF \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha(s) entrevista(s) gravada(s) em áudio e vídeo, em \_\_\_\_\_ à **Nathalia Cavalcanti da Silva, CPF 083955614-40**, aluna do curso de **Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco**, orientada pelo professor **Alexandre Simão de Freitas**, para usá-las integralmente ou em partes (informando o momento do desejo de anonimato durante a sessão de entrevista, quando julgado necessário por mim), sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data, dentro do projeto de tese, que tem por título (podendo sofrer alterações até a conclusão da pesquisa): *Lá vem das matas na direção do mundo: reflexões sobre experiências pedagógicas dos membros do Santo Daime que conviveram com Sebastião Mota de Melo*.

Fui informado(a) que poderei contatar a pesquisadora em qualquer momento que julgar necessário pelos contatos de telefone (81) 995397135 ou e-mail: [nathalia.historia@hotmail.com](mailto:nathalia.historia@hotmail.com).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é o de construir uma análise a respeito das experiências pedagógicas que envolveram/envolvem a vida dos membros da religião do Santo Daime mediante o contato e a convivência com um de seus principais líderes, Sebastião Mota de Melo, entre os anos de 1970 e 1980, no Acre e Amazonas.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, subscrevo (o)a presente.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura do depoente

\_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_

Assinatura de testemunha